

0 JANTAR

HERMAN KOCH



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Info](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



HERMAN KOCH

O JANTAR

Tradução de Alexandre Martins



Copyright © Herman Koch, 2009

TÍTULO ORIGINAL EM HOLANDÊS

Het Diner

Traduzido da edição britânica (The Dinner)

PREPARAÇÃO

Ana Carolina Ramalho

REVISÃO

Taís Monteiro

Bruno Fiuza

REVISÃO DE EPUB

Fernanda Neves

GERAÇÃO DE EPUB

Simplíssimo Livros

E-ISBN

978-85-8057-419-7

Edição digital: 2013

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



APERITIVO

Íamos sair para jantar. Não vou dizer em qual restaurante, porque da próxima vez pode ser que o lugar esteja cheio de gente que foi para ver se estamos lá. Serge fez a reserva. É sempre ele quem cuida disso: a reserva. Esse restaurante em especial é um daqueles que precisa ser reservado com três meses de antecedência — ou seis, ou oito, sei lá. Pessoalmente, não gosto de saber com três meses de antecedência onde vou jantar em determinada noite, mas parece que algumas pessoas não se importam. Daqui a alguns séculos, quando os historiadores quiserem saber que tipo de pessoas malucas viviam no começo do século XXI, só terão de olhar os arquivos digitais dos ditos “grandes” restaurantes. Essa informação é arquivada, eu sei disso por acaso. Se da última vez o Sr. L. estava disposto a esperar três meses por uma mesa junto à janela, desta terá de esperar cinco por uma ao lado do banheiro masculino — é isso que os restaurantes chamam de “administração das relações com o cliente”.

Serge nunca reserva uma mesa com três meses de antecedência. Serge faz a reserva no mesmo dia, ele diz que considera isso um esporte. Existem restaurantes que reservam uma mesa para pessoas como Serge Lohman, e este restaurante, por acaso, é um deles. Um de muitos, eu diria. Isso faz com que você imagine se existe algum restaurante em todo o país onde não desmaiem imediatamente ao ouvir o nome Serge Lohman ao telefone. Não é ele quem telefona, claro; deixa que sua secretária ou um de seus assistentes faça isso. “Não se preocupe”, ele me disse quando nos falamos há alguns dias. “Eles me conhecem, consigo uma mesa para a gente.” Eu só tinha perguntado se não seria uma boa ideia telefonar, para o caso de estarem lotados, e aonde iríamos caso estivessem. Pensei ter ouvido algo como piedade na voz dele. Eu quase podia vê-lo negar com um gesto de cabeça. Era um esporte.

Havia algo que eu não queria naquela noite. Não queria estar lá quando o dono ou o gerente de plantão cumprimentasse Serge Lohman como se fosse um velho amigo; ou ver como a garçonete o conduziria até a melhor mesa com vista para o jardim, ou Serge agindo como se merecesse tudo aquilo, pois no fundo ele ainda era um sujeito comum, e por isso se sentia totalmente à vontade entre outras pessoas comuns.

Exatamente por isso, eu disse a ele para nos encontrarmos no próprio restaurante e não no bar da esquina, como ele sugerira. Era um bar aonde iam muitas pessoas comuns. O modo como Serge Lohman entraria ali como um sujeito qualquer, com um sorriso que dizia que todas aquelas pessoas comuns deveriam acima de tudo continuar a conversar e agir como se ele não estivesse ali, era algo que eu também não queria.

O restaurante fica a poucos quarteirões de nossa casa, então fomos a pé. Isso também nos fez passar pelo bar onde não quis encontrar Serge. Eu tinha colocado o braço ao redor da cintura de minha esposa, a mão dela estava enfiada em algum lugar dentro do meu casaco. O leteiro do lado de fora do bar estava aceso com o vermelho e branco familiar da marca de chope que serviam.

— Ainda está cedo demais — disse eu à minha esposa. — Quer dizer: se formos para o restaurante agora, chegaremos pontualmente.

Minha esposa: eu devia parar de chamá-la assim. O nome dela é Claire. Seus pais a batizaram Marie Claire, mas com o tempo Claire não quis partilhar seu nome com uma revista. Algumas vezes a chamo de Marie só para provocar. Mas quase nunca me refiro a ela como minha esposa — apenas em ocasiões oficiais, ou em frases como “Minha esposa não pode atender ao telefone agora” ou “Minha esposa tem certeza absoluta de que pediu um quarto com vista para o mar”.

Em noites como essa Claire e eu aproveitamos ao máximo os momentos em que estamos a sós. É como se tudo estivesse em jogo, como se o jantar marcado fosse apenas um mal-entendido, como se fôssemos apenas nós dois na cidade. Se eu tivesse que dar uma definição de felicidade, seria esta: a felicidade não precisa de nada além dela mesma, não precisa ser sancionada. “Todas as famílias felizes se parecem, cada família infeliz é infeliz à sua maneira” é a frase de abertura de Anna Karenina, de Tolstói. A única coisa que eu poderia querer acrescentar a isso é que famílias infelizes — e, entre famílias, em especial o marido e a mulher infelizes — nunca são infelizes sozinhas. Quanto mais pessoas para comprovar, melhor. A infelicidade adora companhia. A infelicidade não suporta o silêncio, especialmente o silêncio desconfortável que se instala quando tudo é solitário.

Então, quando o garçom do bar pôs nossas cervejas diante de nós, eu e Claire sorrimos um para o outro, sabendo que logo estaríamos passando uma noite inteira na companhia dos Lohman; sabendo que aquele era o melhor momento da noite, que a partir dali seria ladeira abaixo.

Eu não queria ir ao restaurante. Nunca quero. Um compromisso marcado para o futuro imediato equivale aos portões do inferno; a noite em si é o próprio inferno. Começa em frente ao espelho de manhã: o que você vai vestir e se vai se barbear ou não. Afinal, em momentos como esses tudo é uma declaração, tanto jeans rasgados e manchados quanto uma camisa impecavelmente passada. Se deixa a barba por fazer, é preguiçoso demais para se barbear; já uma barba de dois dias no mesmo instante faz com que

se perguntem se é um novo visual; uma de três dias ou mais está apenas um passo da desintegração total. “Está se sentindo bem? Não está doente, está?” Não importa o que faça, você não é livre. Você se barbeia, mas não é livre. Fazer a barba também é uma declaração. Pelo jeito você considerou a noite importante o suficiente para se dar o trabalho de se barbear, é como você vê os outros pensando — na verdade, fazer a barba já o coloca perdendo por 1x0.

E então sempre tenho Claire para me lembrar de que essa não é uma noite como as outras. Claire é mais inteligente que eu. Não digo isso de um ponto de vista meio feminista e idiota ou de modo a agradar as mulheres. Você nunca me ouvirá dizer que “as mulheres em geral” são mais inteligentes que os homens. Ou mais sensíveis, mais intuitivas, que são mais “conectadas com a vida” ou qualquer outra babaquice que, no fim das contas, os homens ditos “sensíveis” tentam defender mais do que as próprias mulheres.

Claire apenas é mais inteligente do que eu, e posso dizer com honestidade que demorei algum tempo para admitir isso. Durante nossos primeiros anos juntos, eu a considerava inteligente, eu acho, mas inteligente de um modo comum: aliás, exatamente tão inteligente quanto você poderia esperar que minha esposa fosse. Afinal, eu ficaria mais de um mês com uma mulher burra? De qualquer forma, Claire era inteligente o suficiente para que eu continuasse com ela mesmo depois do primeiro mês. E agora, quase vinte anos depois, isso não mudou.

Então Claire é mais inteligente que eu, mas em noites como essa ela ainda pede minha opinião sobre o que vestir, quais brincos usar, se deveria prender os cabelos ou deixá-los soltos. Para as mulheres, brincos são meio como fazer a barba para os homens: quanto maiores os brincos, mais significativa, mais festiva a noite. Claire tem brincos para todas as ocasiões. Algumas pessoas poderiam dizer que não é inteligente ser tão insegura em relação ao que se veste. Mas não é como vejo. A mulher burra é aquela que acha não precisar de ajuda alguma. O que os homens entendem desse tipo de coisa?, pensa a mulher burra, e vai em frente para fazer a escolha errada.

Algumas vezes tentei imaginar Babette perguntando a Serge se está usando o vestido certo. Ou se o cabelo não está comprido demais. O que Serge acha daqueles sapatos. Os saltos não são baixos demais, são? Ou talvez altos demais?

Mas, sempre que faço isso, percebo que há algo errado com a cena, algo que parece inimaginável. “Não, está bem, está perfeito”, ouço Serge dizer. Mas ele não está prestando atenção, isso não interessa a ele de verdade e, além do mais, mesmo que sua mulher usasse o vestido errado, todos os

homens ainda virariam a cabeça quando ela passasse. Tudo fica bem nela. Então, do que está reclamando?

Aquele não era um bar da moda, as pessoas elegantes não iam lá — não era descolado, Michel diria. As pessoas comuns eram de longe a maioria. Não particularmente jovens ou particularmente velhas, na verdade um pouco de tudo misturado, mas acima de tudo comuns. Como um bar deveria ser.

Estava lotado. Ficamos de pé, perto da porta do banheiro masculino. Claire segurava a cerveja com uma das mãos e apertava meu pulso de forma delicada com os dedos da outra.

— Não sei, mas nos últimos tempos tenho tido a impressão de que Michel está agindo de modo estranho — disse ela. — Bem, não exatamente estranho, mas diferente. Distante. Você percebeu?

— É? — respondi. — Acho que é possível.

Eu tinha de tomar o cuidado de não olhar para Claire, nós nos conhecemos bem demais, meus olhos iriam me denunciar. Em vez disso, me comportei como se estivesse observando o bar, fingindo estar profundamente interessado no espetáculo de gente comum em meio a conversas animadas. Fiquei aliviado por ter mantido minha posição, por não encontrarmos os Lohman até chegarmos ao restaurante; eu podia imaginar Serge passando pelas portas de vaivém, seu sorriso encorajando os frequentadores do bar a, acima de tudo, continuarem o que estavam fazendo e não prestarem atenção nele.

— Ele não lhe falou nada? — perguntou Claire. — Digo, vocês dois conversam sobre outras coisas. Acha que poderia ter relação com alguma garota? Algo que ele achasse mais fácil contar a você?

Nesse instante a porta do banheiro masculino se abriu e tivemos de dar um passo para o lado, e ficamos ainda mais colados. Senti o copo de cerveja de Claire batendo no meu.

— Acha que pode ter alguma relação com garotas? — indagou ela de novo.

Se pelo menos isso fosse verdade, não pude deixar de pensar. Algo a ver com garotas... Não seria maravilhoso, maravilhosamente normal, a confusão adolescente normal?

"Chantal/Merel/Rose pode passar a noite aqui?"

"Os pais dela sabem? Se os pais de Chantal/Merel/Rose acham que tudo bem, por nós tudo bem. Desde que você se lembre... Desde que você tenha cuidado quando... Ah, você sabe o que quero dizer, não preciso mais falar com você sobre isso. Certo? Michel?"

Garotas iam à nossa casa com bastante frequência, cada uma mais bonita que a outra, sentavam-se no sofá ou à mesa da cozinha e me cumprimentavam quando eu chegava em casa.

“Olá, Sr. Lohman.”

“Não precisa me chamar de Sr. Lohman. Pode me chamar de Paul.”

E então elas me chamavam de “Paul” algumas vezes, mas dois dias depois eu voltava a ser “Sr. Lohman”.

De vez em quando eu falava com uma delas ao telefone, e enquanto perguntava se queria deixar algum recado para Michel, fechava os olhos e tentava ligar a voz da garota do outro lado da linha (elas raramente diziam seus nomes, iam direto ao assunto: “Michel está?”) a um rosto. “Não, tudo bem, Sr. Lohman. É que o celular dele está desligado, então resolvi tentar esse número.”

Duas vezes, quando entrei sem me anunciar, tive a impressão de tê-los flagrado no meio de algo, Michel e Chantal/Merel/Rose: achei que estavam assistindo a *The Fabulous Life* na MTV com um pouco menos de inocência do que queriam me fazer crer; que estavam dando uns amassos, que se apressaram em ajeitar roupas e cabelos quando me ouviram chegar. Algo no rubor nas bochechas de Michel, algo acalorado, disse a mim mesmo.

Mas, para ser honesto, eu não tinha ideia. Talvez não estivesse acontecendo nada, talvez todas aquelas garotas bonitas apenas vissem meu filho como um bom amigo: um garoto legal, bastante bonito, alguém com quem poderiam ir a uma festa — um garoto em quem podiam confiar, precisamente por não ser do tipo que queria dar uns amassos nelas de cara.

— Não, acho que não tem a ver com uma garota — disse, agora olhando nos olhos de Claire. Essa é a parte opressiva da felicidade, o modo como tudo está na mesa como um livro aberto: se eu evitasse olhar por mais tempo, ela teria certeza de que alguma coisa estava acontecendo; com garotas, ou pior. — Acho que é alguma coisa com a escola. Ele acabou de fazer as provas, acho que está cansado. Acho que subestimou um pouco como seu segundo ano seria duro.

Será que isso soava crível? E acima de tudo: eu parecia crível ao dizer isso? O olhar de Claire passou rapidamente pelo meu olho direito e o esquerdo; depois ela levou a mão ao colarinho da minha camisa, como se houvesse algo fora do lugar que pudesse ser resolvido agora, para que eu não parecesse um idiota quando chegássemos ao restaurante.

Ela sorriu e colocou a palma da mão sobre meu peito. Eu podia sentir as pontas de dois dedos em minha pele, bem onde o último botão de minha camisa estava solto.

— Talvez seja isso — disse ela. — Só acho que nós dois precisamos tomar cuidado para que em algum momento ele não pare de falar sobre as coisas. Quer dizer, que nos acostumemos a isso.

— Não, claro. Mas nessa idade ele meio que tem direito a seus

segredos. Não deveríamos tentar descobrir tudo sobre ele, do contrário pode se fechar totalmente.

Olhei Claire nos olhos. Minha esposa, pensei naquele momento. Por que eu não deveria chamá-la assim? Minha esposa. Passei o braço ao redor dela e a puxei para mais perto. Mesmo que apenas durante aquela noite. Minha esposa e eu, disse a mim mesmo. Minha esposa e eu gostaríamos de ver a carta de vinhos.

— Do que está rindo? — perguntou Claire. Perguntou minha esposa.

Olhei para nossos copos de cerveja. O meu estava vazio, o dela ainda tinha três quartos. Como de costume. Minha esposa não bebia tão rápido quanto eu, outra razão pela qual eu a amava, talvez essa noite mais que em outras.

— Nada — falei. — Estava pensando... Estava pensando em nós.

Aconteceu rápido: em um momento eu estava olhando para Claire, olhando para minha esposa, provavelmente com expressão amorosa, ou pelo menos com um brilho nos olhos, e no momento seguinte senti uma cortina úmida deslizar sobre meus olhos.

Sob nenhuma circunstância ela deveria perceber qualquer coisa estranha em mim, então enfiei o rosto em seus cabelos. Apertei mais sua cintura e funguei: xampu. Xampu e algo mais, algo quente — cheiro de felicidade, pensei.

Como teria sido essa noite se, há pouco menos de uma hora, eu simplesmente tivesse ficado lá embaixo esperando dar a hora de sair em vez de subir as escadas até o quarto de Michel?

Como teria sido o resto de nossas vidas?

O cheiro de felicidade que senti nos cabelos de minha esposa ainda teria cheiro apenas de felicidade e não, como agora, de alguma lembrança distante — como o cheiro de algo que você poderia perder de uma hora para outra?

— Michel?

Eu estava de pé junto à porta do seu quarto. Ele não estava lá. Mas não vamos fazer rodeios: eu sabia que não estava lá. Estava no jardim, consertando o pneu traseiro da bicicleta.

Agi como se não tivesse percebido isso, fingi acreditar que ele estava no quarto.

— Michel?

Bati na porta, que estava entreaberta. Claire estava vasculhando o armário em nosso quarto. Teríamos de sair para o restaurante em menos de uma hora, e ela ainda estava em dúvida se usaria a saia preta com botas pretas ou a calça branca com os escarpins DKNY.

“Quais brincos?”, perguntaria ela mais tarde. “Estes ou estes?” Eu responderia que os pequenos ficariam melhores, tanto com a saia quanto com a calça.

Então, eu estava dentro do quarto de Michel. Vi imediatamente o que eu estava procurando.

Quero deixar claro que nunca havia feito nada como aquilo antes. Nunca. Quando Michel conversava com os amigos pelo computador, eu sempre ficava ao lado dele de modo que, com as costas parcialmente voltadas para a mesa, não pudesse ver a tela. Queria que ele soubesse, pela minha postura, que não estava espionando ou tentando olhar por cima do seu ombro para ver o que havia digitado. Algumas vezes seu celular fazia um barulho como de flauta de pão para anunciar uma mensagem de texto. Ele tinha o costume de deixar o celular largado. Não vou negar que algumas vezes sentia a tentação de olhar, especialmente quando ele havia saído.

“Quem está escrevendo para ele? O que ele/ela escreveu?”

Certa vez cheguei a ficar com o celular de Michel na mão, sabendo que ele não voltaria da academia na próxima hora, que simplesmente havia esquecido ali — era o telefone antigo, um Sony Ericsson sem tampa deslizante: o visor mostrava “1 nova mensagem” embaixo do ícone de um envelope. “Não sei o que me deu, quando vi estava com seu celular na mão lendo a mensagem.” Talvez ninguém nunca descobrisse, mas talvez sim. Ele não diria nada, mas ainda assim suspeitaria de mim ou da mãe; uma fissura que, com o passar do tempo, se transformaria em um grande abismo. Nossa vida como família feliz nunca mais seria a mesma.

Eu estava a poucos passos da escrivaninha dele, diante da janela. Se me inclinasse conseguiria vê-lo no jardim, na varanda de pedras em frente à porta da cozinha onde ele consertava a câmara da bicicleta — e se Michel erguesse os olhos, veria o pai postado na janela do seu quarto.

Peguei o celular dele, um Samsung preto novinho, e o abri. Não sabia a senha, e caso o telefone estivesse bloqueado, eu não conseguiria fazer nada, mas a tela acendeu quase de imediato com uma foto distorcida do símbolo da Nike, provavelmente tirada de uma de suas próprias roupas: os tênis, ou o gorro preto de tricô que ele sempre usava, mesmo no verão ou dentro de casa, puxado quase até os olhos.

Rolei o menu, que era mais ou menos como o do meu próprio telefone, também um Samsung, mas seis meses mais velho e, portanto, já completamente obsoleto. Cliquei em Meus Arquivos e então em Vídeos. Antes do que esperava, encontrei o que estava procurando.

Olhei e senti minha cabeça esfriar aos poucos. Era o tipo de frio que você sente quando toma uma colherada grande demais de sorvete ou dá um gole mais longo em uma bebida gelada.

O tipo de frio que dói — de dentro para fora.

Olhei de novo, e continuei olhando: vi que havia mais, mas era difícil dizer quanto mais.

— Pai?

A voz de Michel vinha do primeiro andar, mas então o ouvi subindo as escadas. Fechei o telefone e o recoloquei na mesa.

— Pai?

Era tarde demais para correr para meu quarto, pegar uma camisa ou paletó do closet e posar diante do espelho; minha única opção era sair do quarto de Michel o mais despreocupada e sinceramente possível — como se estivesse procurando algo.

Como se estivesse procurando por ele.

— Pai.

Ele parara no alto das escadas e olhava além de mim, para o quarto. Depois olhou para mim. Usava o gorro da Nike, o iPod nano preto pendendo de um cordão no peito e fones de ouvido pendurados no pescoço. Uma coisa era preciso reconhecer: moda e status não o interessavam. Em poucas semanas ele substituíra os pequenos fones brancos por fones de ouvido padrão porque o som era melhor.

Famílias felizes são todas iguais: aquilo surgiu na minha cabeça pela primeira vez naquela noite.

— Eu estava procurando... — comecei. — Estava me perguntando onde você estaria.

Michel quase morrera no parto. Mesmo hoje, penso com frequência naquele corpinho azul e enrugado deitado na incubadora logo depois da cesariana: ele estar ali era nada menos que um presente, era também felicidade.

— Eu estava remendando o pneu — falou. — Era o que queria lhe

perguntar. Sabe se temos válvulas em algum lugar?

— Válvulas — repeti.

Não sou o tipo de pessoa que conserta pneus furados, ou que sequer pensaria em fazer isso. Mas meu filho, indo de encontro a todas as evidências, ainda acreditava em uma versão diferente do pai, uma versão que sabia onde ficavam as válvulas.

— O que você estava fazendo aqui em cima? — perguntou ele de repente. — Você disse que estava me procurando. Por que estava me procurando?

Olhei para ele, olhei nos olhos claros sob o gorro preto, os olhos honestos que, eu sempre dissera a mim mesmo, eram uma parte nada insignificante de nossa felicidade.

— Ah, nada — falei. — Só procurando você.

Claro que eles ainda não estavam lá.

Sem revelar muito sobre a localização, posso dizer que o restaurante era escondido da rua por uma fileira de árvores. Já estávamos meia hora atrasados, e, enquanto cruzávamos o caminho de cascalho até a entrada, ladeado por tochas elétricas, eu e minha esposa debatíamos a possibilidade de que, pelo menos uma vez, apenas uma, fossemos nós, e não os Lohman, a chegar por último.

— Quer apostar? — perguntei.

— Por que faria isso? — retrucou Claire. — Estou dizendo: eles não estão aí.

Uma garota de camiseta preta e avental preto que ia até os pés pegou nossos casacos. Outra garota, com os mesmos trajes pretos, folheava o livro de reservas aberto em um púlpito.

Ela estava apenas fingindo não reconhecer o sobrenome Lohman, pude perceber, e fingindo muito mal.

— Lohman, é isso?

Ela ergueu uma sobrancelha e não fez questão de disfarçar a decepção por não ser Serge Lohman quem estava ali de pé, em carne e osso, mas duas pessoas cujos rostos não significavam nada para ela.

Eu poderia ajudar dizendo que Serge Lohman estava a caminho, mas não o fiz.

O púlpito com livro era iluminado por uma fina luminária de leitura cor de cobre: art déco ou algum outro estilo que por acaso tivesse acabado de entrar ou sair de moda no momento. Os cabelos da garota, negros como a camiseta e o avental, estavam amarrados firmemente para trás em um delicado rabo de cavalo, como se também houvesse sido concebido para combinar com o estilo do restaurante. A garota que pegara nossos casacos usava o mesmo rabo de cavalo apertado. Talvez tivesse alguma coisa a ver com regulamentos, pensei comigo mesmo, regras de higiene, como máscaras em uma sala de cirurgia: afinal, aquele restaurante se orgulhava de servir produtos “exclusivamente orgânicos” — a carne vinha de animais de verdade, mas apenas aqueles que haviam tido “uma boa vida”.

Olhei para o salão por cima dos penteados pretos e apertados — ou pelo menos para as duas ou três primeiras mesas visíveis. À esquerda da entrada ficava a “cozinha aberta”. Pela aparência, algo estava sendo flambado naquele exato instante, acompanhado pelas obrigatórias nuvens de fumaça azul e chamas dançantes.

Eu não queria estar fazendo aquilo, me dei conta mais uma vez. Minha aversão à noite que se anunciava se tornou quase física — uma leve

sensação de enjoo, mãos úmidas e o começo de uma dor de cabeça em algum ponto atrás do olho esquerdo —, mas não o suficiente para que realmente ficasse mal ou desmaiasse bem ali.

Fiquei pensando em como as garotas de avental preto reagiriam a um cliente que desmaiasse antes mesmo de ultrapassar o púlpito. Tentariam me tirar do caminho, me arrastar para a chapalaria — de qualquer forma, para algum lugar onde os outros clientes não pudessem me ver? Provavelmente me colocariam em um tamborete atrás dos casacos pendurados. Com educação, mas com firmeza, perguntariam se deveriam pedir um táxi. Fora! Fora daqui com este homem! Como seria maravilhoso deixar Serge de cabeça quente, que alívio seria conseguir dar um novo rumo à noite.

Pensei no que isso significaria. Poderíamos voltar ao bar e pedir um prato de comida de gente normal, o prato do dia era costeletas com fritas, eu vira no quadro-negro acima do bar. “Costeletas com fritas €34,50” — provavelmente um décimo do que teríamos de gastar ali, cada um.

Outra alternativa seria ir direto para casa, com no máximo uma passada rápida para pegar um DVD na locadora, que poderíamos ver na TV do quarto, deitados em nossa confortável cama de casal: uma taça de vinho, biscoitos, alguns queijos para acompanhar (mais uma passadinha na loja 24 horas), e uma noite perfeita estaria completa.

Prometi a mim mesmo que ficaria totalmente em segundo plano, que deixaria Claire escolher o filme, embora isso significasse que seria algum drama de época. Orgulho e preconceito, Uma janela para o amor ou algo ao estilo Assassinato no Expresso do Oriente. Sim, essa era uma possibilidade, pensei, eu poderia desmaiar e iríamos para casa. Mas em vez disso, falei:

— Serge Lohman, a mesa perto do jardim.

A garota ergueu os olhos da página.

— Mas o senhor não é o Sr. Lohman.

Amaldiçoei tudo bem ali: o restaurante, as garotas de avental preto, aquela noite que estava arruinada antes mesmo de começar — mas sobretudo amaldiçoei Serge, por aquele jantar que ele quisera tanto marcar, um jantar para o qual não podia fazer a simples gentileza de chegar no horário. O modo como nunca chegava na hora a lugar algum; pessoas em auditórios de sindicatos por todo o país também tinham de esperar que ele chegasse, o tão ocupado Serge Lohman provavelmente estava apenas atrasado; a reunião no último auditório de sindicato demorara e agora estava preso no trânsito em algum lugar. Ele mesmo não dirigia, não, dirigir seria uma perda de tempo para alguém com o status de Serge, ele tinha um motorista, de modo que pudesse gastar seu precioso tempo de forma produtiva, lendo documentos importantes.

— Ah, sim, sou eu — disse. — Lohman é o nome.

Mantive os olhos fixos na garota, que dessa vez até piscou, e abri a boca para a frase seguinte. Chegara o momento da vitória, mas era uma vitória com gosto de derrota.

— Sou o irmão dele.

— O aperitivo da casa, que gostaríamos de lhes oferecer hoje, é champanhe rosé.

O gerente de salão, ou maître, ou supervisor, ou recepcionista, ou chefe dos garçons, como quer que você chame alguém como ele em restaurantes como aquele, não usava avental preto. Vestia um terno com colete. O terno risca de giz era verde-claro com as listras azuis, e um lenço azul se projetava do bolso do paletó. O que eles chamam de lenço de bolso.

A voz dele era suave — quase suave demais para ser ouvida acima do ruído do salão. Havia algo estranho na acústica daquele lugar, percebemos assim que nos sentamos à nossa mesa (ao lado do jardim! Como pude adivinhar?). Se você não falasse alto, suas palavras eram levadas até o teto de vidro, que também era muito mais alto do que o normal para um restaurante. Ridiculamente alto, você poderia dizer, se não soubesse que o pé-direito tinha tudo a ver com a antiga função do prédio: uma fábrica de laticínios, achei ter lido em algum lugar, ou uma usina de tratamento de esgoto.

O gerente de salão esticou o dedo mínimo e apontou para algo em nossa mesa. O réchaud, pensei de início — em vez de uma ou duas velas todas as mesas ali tinham um réchaud —, mas não, o dedinho estava apontando para o prato de azeitonas que ele aparentemente acabara de colocar ali. De qualquer forma, eu não me lembrava de que estivesse ali antes, não enquanto ele puxara as cadeiras. Quando colocou as azeitonas na mesa? Fui acometido por uma breve mas intensa onda de pânico. Isso estava acontecendo com mais frequência nos últimos tempos: de repente peças do quebra-cabeça desapareciam — pedaços do tempo, momentos vazios durante os quais meus pensamentos deviam ter ido para outro lugar.

— São azeitonas gregas do Peloponeso, ligeiramente mergulhadas em azeite extravirgem de primeira pressão da Sardenha e arrematadas com alecrim de...

O gerente de salão debruçara-se levemente sobre nossa mesa ao falar, mas ainda assim mal conseguíamos escutá-lo: de fato, a última parte da frase se perdeu por completo, deixando-nos no escuro acerca da origem do alecrim. Em geral não dou a mínima para esse tipo de informação — no que me dizia respeito, o alecrim podia vir do Ruhr ou das Ardenas, mas parecia comoção demais para um pratinho de azeitonas, e eu não tinha a intenção de deixá-lo escapar assim tão fácil.

E havia aquele mindinho. Por que alguém apontaria com o mindinho? Isso deveria ser chique? Combinava com o terno com listras azuis, como o lenço de bolso azul-claro? Ou ele simplesmente tinha algo a esconder?

Afinal, os outros dedos estavam ocultos o tempo todo. Ele os mantinha dobrados sobre a palma da mão, fora de vista — talvez estivessem cobertos de eczemas escamosos ou sintomas de alguma doença incurável.

— Arrematadas? — perguntei.

— Sim, arrematadas com alecrim. Arrematado significa que elas...

— Eu sei o que significa — interrompi com sarcasmo, e talvez um pouco alto demais. Um homem e uma mulher na mesa ao lado pararam de falar por um momento e olharam para a gente: um homem com uma barba grande demais, que cobria seu rosto quase por completo, e uma mulher um pouco jovem demais para ele, com vinte e tantos anos, deduzi; sua segunda esposa, pensei, ou talvez uma garota que ele tentava impressionar levando a um restaurante como aquele. Repeti um pouco mais baixo. — Arrematadas. Sei que isso não significa que alguém “arrematou” as azeitonas. No sentido de “comprar em leilão” ou “acabar com elas”.

Vi com o canto do olho que Claire virara a cabeça e olhava pela janela. As coisas não estavam começando bem; a noite já estava arruinada e não havia necessidade de que eu a arruinasse ainda mais, especialmente para minha esposa.

Mas então o gerente fez algo inesperado: eu tinha mais ou menos esperado vê-lo boquiaberto, o lábio inferior começando a tremer, e talvez até mesmo começando a corar, depois do que iria gaguejar alguma desculpa vaga — algo que havia sido ensinado a repetir, um padrão para lidar com clientes rudes e difíceis —, mas em vez disso ele caiu na gargalhada. O pior: era um riso de verdade, não um riso fingido ou educado.

— Perdão — disse ele, levando a mão à boca; os dedos continuavam dobrados como quando ele apontara para as azeitonas um minuto antes, apenas o mindinho se projetando. — Nunca havia pensado nisso dessa maneira.

— O que é aquele terno? — perguntei a Claire depois que ambos dissemos que gostaríamos do aperitivo da casa e o gerente de salão se afastou da mesa.

Claire ergueu a mão e acariciou minha bochecha.

— Querido...

— Não, escute, é estranho, ele está vestindo aquilo por algum motivo, certo? Não vá me dizer que não é de propósito?

Minha esposa me lançou um sorriso amoroso, o sorriso que sempre dava quando achava que eu estava me aborrecendo por nada — um sorriso que dizia que no máximo achava a confusão divertida, mas que eu não deveria pensar por um momento que ela iria levar aquilo a sério.

— E o réchaud — falei. — Por que não um ursinho de pelúcia? Por que não uma vela votiva?

Claire pegou uma azeitona do Peloponeso do prato e a colocou na boca.

— Humm — fez. — Ótima. Mas é uma pena que realmente dê para sentir que o alecrim pegou muito pouco sol.

Foi a minha vez de sorrir. O alecrim, enfim nos dissera o gerente, era de “produção doméstica”, de um herbário envidraçado atrás do restaurante.

— Percebeu que ele aponta com o mindinho o tempo todo? — comentei, abrindo o cardápio.

O que eu de fato planejava fazer era olhar o preço das entradas: os preços de restaurantes como aqueles sempre me fascinam. Permita-me esclarecer de saída que não sou avarento por natureza, não tem nada a ver com isso. Também não vou dizer que dinheiro não é uma questão, mas estou a anos-luz daquelas pessoas que dizem ser “desperdício de dinheiro” comer em um restaurante enquanto “em casa você pode fazer coisas muito melhores”. Não, pessoas assim não entendem nada, nem de comida nem de restaurantes.

Meu fascínio não é desse tipo. Ele tem a ver com o que, por conveniência, chamarei de abismo gigantesco entre o prato propriamente dito e o preço que você tem de pagar por ele. Como se as duas variáveis — dinheiro de um lado, comida do outro — não tivessem qualquer relação, como se habitassem dois mundos distintos e não tivessem por que estar lado a lado no mesmo cardápio.

Era o que estava planejando fazer: leria os nomes dos pratos e depois os preços impressos ao lado, mas algo na página esquerda me chamou a atenção.

Olhei, olhei de novo, depois esquadrinhei o restaurante tentando localizar o terno do gerente.

— O que é? — perguntou Claire.

— Você viu o que diz aqui?

Minha esposa olhou para mim interrogativamente.

— Diz “Aperitivo da casa, trinta euros”.

— Hã?

— Mas isso é loucura, não é? — questionei. — O homem disse: “Gostaríamos de lhes oferecer o aperitivo da casa”, certo? “O aperitivo da casa é champanhe rosé.” Então o que você pensa? Você pensa que estão lhe oferecendo o champanhe rosé, ou eu estou maluco? Se lhe oferecem algo, você aceita, certo? “Podemos lhe oferecer isso ou aquilo da casa?” Então não custa trinta euros, é de graça!

— Não, calma aí, nem sempre. Se o cardápio diz “steak à la maison”, em outras palavras, filé da casa, isso só significa que foi preparado segundo a receita da casa. Não, esse não é um bom exemplo... Vinho da casa! Vinho da casa: não significa que o vinho é de graça, significa?

— Certo, tudo bem, é óbvio. Mas isso é diferente. Eu nem sequer havia olhado o cardápio. Uma pessoa em um terno com colete puxa a cadeira para você, coloca um pratinho vagabundo de azeitonas e depois diz algo sobre lhe oferecer o aperitivo da casa. Isso é no mínimo confuso, não? Então parece que você está ganhando, e não que terá de pagar trinta euros por isso, certo? Trinta euros! Trinta! Veja dessa forma: nós teríamos pedido uma pequena taça de champanhe rosé sem graça se soubéssemos que custava trinta euros?

— Não.

— É o que estou dizendo. Eles pregam uma peça com aquela baboseira sobre o “aperitivo da casa”.

— Você está certo.

Olhei para minha esposa, mas ela retribuiu o olhar com sinceridade.

— Não, não estou debochando de você. Você está certo. Realmente é diferente do steak à la maison ou do vinho da casa. É estranho. Quase como se fizessem de propósito, para ver se você cai.

— Não é?

Eu vi de longe o terno com colete passar, entrando na cozinha aberta; ergui a mão e acenei, mas só uma das garotas de avental preto percebeu. Ela se apressou até a nossa mesa.

— Escute aqui — disse, e enquanto erguia o cardápio para que a garota visse, olhei de relance para Claire, em busca de apoio, de afeto, talvez apenas um olhar compreensivo; um olhar que dissesse “vocês não podem arrumar confusão com a gente, não no que dizia respeito aos ditos aperitivos da casa”, mas os olhos de Claire estavam fixos em algo muito atrás de mim: a entrada do restaurante.

— Eles estão chegando — disse ela.

Em geral Claire se senta de frente para a parede, mas essa noite fizemos o contrário. “Não, não, é sua vez, para variar”, eu disse quando o gerente puxou nossas cadeiras e ela foi automaticamente na direção do lugar voltado apenas para o jardim.

Em geral sou eu que me sento com as costas para o jardim (ou a parede, ou a cozinha aberta), pela simples razão de que quero poder ver tudo. Claire permite que eu tenha meus hábitos. Ela sabe que não gosto de ficar olhando para paredes ou jardins, que prefiro olhar para as pessoas.

“Venha”, disse ela enquanto o gerente de salão continuava esperando educadamente, as mãos no encosto da cadeira, a cadeira que dava para a vista do restaurante que ele puxara para minha esposa, como uma questão de princípios: “É onde você quer se sentar, não é?”

Não é que Claire deixe de fazer o que quer para me satisfazer. É só uma característica dela, uma espécie de calma interior ou profundidade que a deixa à vontade com paredes nuas e cozinhas abertas. Ou, como aqui, com alguns tufos de grama entre caminhos de cascalho, um lago retangular e algumas sebes baixas do lado de fora de uma janela que se estende do teto de vidro até o chão. Também devia haver árvores ali fora, mas a combinação de noite caindo e vidro refletivo tornava impossível dizer.

É tudo do que ela parece precisar: isso, e uma visão de meu rosto.

— Não esta noite — falei.

Esta noite tudo o que quero ver é você, era isso que eu planejava acrescentar, mas não consegui verbalizar em voz alta com o gerente ali de pé com suas listras.

Esta noite tudo o que eu queria era me ater ao rosto familiar de minha esposa, mas havia outra razão, não irrelevante, para que eu quisesse me sentar voltado para o jardim. Isso significava que eu permitiria que a entrada de meu irmão passasse despercebida: a agitação à porta, a previsível subserviência do gerente e das garotas de avental, as reações dos outros clientes. Mas, quando o momento enfim chegou, ainda assim me virei na cadeira e olhei.

Todos, é claro, notaram a chegada dos Lohman. Houve até mesmo algo que poderia ser descrito como um tumulto contido: nada menos que três garotas de avental preto fizeram estardalhaço ao redor de Serge e Babette, o gerente também pairava em torno do púlpito — e havia mais alguém ali: um homenzinho com cabelos grisalhos espetados, que não vestia preto da cabeça aos pés, mas usava apenas jeans e blusa branca de gola rulê. O dono do restaurante, suspeitei.

Sim, tinha de ser o dono, pois ele se adiantava para dar pessoalmente

as boas-vindas a Serge e Babette.

“Eles me conhecem lá”, Serge dissera alguns dias antes para mim. Ele conhecia o homem de gola rulê branca, um homem que não saía da cozinha aberta para apertar a mão de qualquer um.

Os clientes, contudo, fingiram não notar. Em um restaurante onde você tem de pagar trinta euros pelo aperitivo da casa, é provável que as regras de etiqueta não permitam uma demonstração explícita de reconhecimento. Eles pareceram se aproximar alguns milímetros de seus pratos, pelo visto se esforçando ao máximo, ao mesmo tempo, para prosseguir com suas conversas, para evitar ficar em silêncio, porque o volume do ruído geral também aumentou audivelmente.

E enquanto o gerente (o de gola rulê branca tinha desaparecido na cozinha de novo) escoltava Serge e Babette pelas mesas, uma onda quase imperceptível percorreu o restaurante: uma brisa cruzando a superfície suave e imóvel de um lago, um sopro sobre um campo de trigo, não mais que isso.

Serge dava um sorriso largo e esfregava as mãos, enquanto Babette permanecia um pouco atrás. A julgar pelos passos curtos, é provável que seus saltos fossem altos demais para que ela o acompanhasse.

— Claire!

Serge estendeu os braços, minha esposa já se levantara da cadeira e eles se cumprimentaram com três beijos nas bochechas. Não havia nada que eu pudesse fazer a não ser me levantar: permanecer sentado exigiria explicações demais.

— Babette — falei, pegando a esposa de meu irmão pelo cotovelo.

Na verdade, eu esperava que ela virasse as faces na minha direção para os três beijos obrigatórios e então beijasse o ar ao lado da minha bochecha, mas em vez disso senti a pressão macia de sua boca, primeiro em uma face, depois em outra, e na última ela apertou os lábios não exatamente em minha boca, mas bem ao lado dela. Perigosamente perto de minha boca, alguns diriam. Nós nos olhamos. Ela usava óculos, como de costume, mas pareciam diferentes dos que usava na última vez. Eu, pelo menos, não me lembrava de terem lentes tão escuras.

Babette, como já mencionei, é uma daquelas mulheres que ficam bem com qualquer coisa, incluindo óculos. Mas havia algo mais, algo diferente daquela vez, como uma sala de onde alguém tirou todas as flores enquanto você estava fora: uma mudança no interior que você não percebe de imediato, não até ver os caules se projetando do lixo.

Chamar a esposa de meu irmão de uma “presença” seria algo comedido. Eu sabia que havia homens que se sentiam intimidados ou mesmo ameaçados por sua aparência. Ela não era gorda, não; gordura ou magreza

não tinham nada a ver com aquilo. As proporções de seu corpo estavam em perfeita harmonia. Mas tudo nela era grande e largo: as mãos, os pés, a cabeça. Grande demais e largo demais, pensavam esses homens, e prosseguiram fazendo insinuações sobre o tamanho e a largura de outras partes de seu corpo, como se de alguma forma estivessem buscando reduzir a ameaça a proporções humanas.

No ensino médio tive um amigo de dois metros de altura. Lembro-me de como podia ser cansativo estar sempre ao lado de alguém com a cabeça e os ombros acima de você, como se você estivesse literalmente à sombra dele, e como se aquela sombra o impedisse de receber luz do sol suficiente. Menos sol do que eu merecia, pensava às vezes. Claro que havia o torcicolo habitual de estar olhando para cima o tempo todo, mas esse era o menor dos problemas. No verão, passávamos as férias juntos; meu colega do ensino médio também não era gordo, apenas alto, mas ainda assim eu sentia cada movimento dos braços e das pernas dele, e os pés que se projetavam para fora do saco de dormir e pressionavam a parte interna da lona, como se estivesse em uma luta por mais espaço — uma luta pela qual eu me sentia em parte responsável e que me esgotava fisicamente. Algumas vezes, pela manhã, os pés dele saíam pela entrada da barraca, e isso me deixava culpado: culpado pelo fato de que as barracas não eram maiores, de modo que pessoas como ele pudessem caber inteiras nelas.

Quando Babette está por perto, sempre me esforço para me tornar maior, mais alto do que sou de fato. Eu me estico, para que ela possa me olhar direto nos olhos: como iguais.

— Você está bonito — elogiou Babette, dando um pequeno aperto em meus braços.

Para a maioria das pessoas, sobretudo para as mulheres, um elogio sobre a aparência não significa absolutamente nada, mas para Babette significava, como descobri ao longo dos anos. Quando alguém não estava bonito ela também dizia isso.

“Você está bonito” poderia então significar que eu estava mesmo bem, mas também podia ser uma pergunta indireta, para que eu dissesse algo sobre a aparência dela — ou que, seja lá ao que fosse, prestasse mais atenção do que o habitual.

Olhei mais uma vez nos olhos dela, atrás daquelas lentes que refletiam quase o restaurante inteiro: os clientes, as toalhas de mesa brancas, os réchauds... Sim, dezenas de réchauds cintilavam naquelas lentes que, agora vi, só eram escuras na parte de cima. Abaixo disso, eram só um pouco escurecidas, de modo que eu podia ver os olhos de Babette claramente.

Eles estavam avermelhados ao redor das pálpebras e maiores que o

normal: sinais inconfundíveis de um recente acesso de choro. Não um acesso de choro de algumas horas antes. Não, um choro que acontecera agora mesmo, no carro, a caminho do restaurante.

Talvez ela tivesse parado no estacionamento e tentado disfarçar a maior parte, mas na verdade não funcionara. As lentes escuras podiam ter enganado a equipe de aventais pretos, o gerente de terno com colete e o dono esperto de gola rulê branca, mas não me enganavam.

E, no mesmo instante, tive certeza de que Babette não estava, de modo algum, tentando me enganar. Ela chegara mais perto de mim que de costume, quase me beijara nos lábios. Eu não tivera escolha senão olhar nos seus olhos úmidos e tirar minhas próprias conclusões.

Agora ela piscou e deu de ombros, linguagem corporal que só podia significar “Lamento”.

Mas, antes que eu pudesse dizer algo, Serge avançou, quase empurrando a esposa para o lado enquanto tomava minha mão e a apertava com força. Ele nunca tivera um aperto de mão tão potente, mas nos últimos anos percebera que “as pessoas deste país” precisavam ser recebidas com um aperto forte — de que elas nunca votariam em um aperto de mão flácido.

— Paul — disse ele.

Ele ainda sorria, mas não havia sentimento por trás daquilo. Era possível vê-lo pensando: continue a sorrir. O sorriso chegara no mesmo carregamento do aperto de mão. Juntos, em sete meses, eles iriam levá-lo à vitória nas eleições. Mesmo se jogassem ovos podres em sua cabeça, o sorriso tinha de permanecer intacto. Mesmo por trás dos restos de uma torta esmagada em seu rosto por um ativista raivoso, o sorriso nunca, jamais poderia desaparecer da vista dos eleitores.

— Oi, Serge. Como vai? — cumprimentei.

Enquanto isso, atrás de meu irmão, Claire cumprimentava Babette. Elas se beijaram — isto é, minha esposa beijara as faces da cunhada — e se abraçaram, depois olharam nos olhos uma da outra.

Será que Claire viu o que eu tinha visto? Será que viu o mesmo desespero avermelhado por trás das lentes escurecidas? Mas nesse momento Babette deu uma risada alegre, e não pude ver como ela beijou o ar ao lado das faces de Claire.

Nós nos sentamos. Serge na minha diagonal, ao lado de minha esposa, enquanto Babette — com a ajuda do gerente — afundava na cadeira a meu lado. Uma das garotas de avental preto ficou responsável por Serge, que permaneceu de pé com uma das mãos no bolso por um momento, olhando em volta do restaurante, antes de se acomodar.

— O aperitivo da casa hoje é champanhe rosé — disse o gerente.

Respirei fundo, aparentemente fundo demais, pois o olhar que minha

esposa me lançou tentava dizer algo. Ela quase nunca revirava os olhos ou pigarreava sem motivo, e nunca, jamais me chutava sob a mesa para me alertar que eu estava prestes a fazer papel de tolo ou que acabara de fazer isso.

Não, era uma coisa muito sutil em seu olhar, um movimento invisível para os não iniciados, algo entre o deboche e uma sinceridade súbita.

“Não”, dizia o olhar.

— Humm, champanhe — disse Babette.

— Certo, parece bom — concordou Serge.

— Espere um minuto — falei.

ENTRADA

— O lagostim é coberto por um vinagrete de estragão e acompanhado de cebolinha — explicou o gerente. Ele agora estava no prato de Serge, apontando com o mindinho. — E estes são cantarelos dos Vosges.

O mindinho passou sobre o lagostim para apontar para dois cogumelos marrons cortados longitudinalmente; os “cantarelos” pareciam ter sido arrancados alguns minutos antes. Aquilo grudado na base, pensei, só podia ser terra.

Era uma mão bem cuidada, eu havia concluído enquanto o gerente soltava a rolha do Chablis que Serge havia pedido. Apesar de minhas suspeitas anteriores, não havia nada ali que ele precisasse esconder: cutículas bem-feitas sem pele morta, unhas rentes, sem anéis — parecia recém-lavada, nenhum sinal de nada crônico. Para a mão de um estranho, no entanto, estava perto demais da nossa comida; pairava menos de três centímetros acima do lagostim, e o mindinho chegava ainda mais perto, quase roçando os cantarelos.

Eu não estava certo de que conseguiria ficar sentado imóvel enquanto aquela mão, com seu mindinho, flutuava acima do meu prato, mas, pelo bem de uma noite agradável, sabia que seria melhor que eu me contivesse.

Sim, era exatamente isto que eu faria, decidi: iria me conter. Eu iria me segurar, do modo como você segura a respiração debaixo d’água, e agir como se não houvesse nada de estranho no fato de a mão de um completo estranho se agitar sobre a comida no meu prato.

Mas, para ser honesto, havia algo que estava começando a me dar nos nervos: era o tempo que tudo estava levando. Mesmo enquanto abria a garrafa de Chablis o gerente enrolou. Primeiro enquanto instalava o balde — um daqueles baldes com duas alças que você prende na lateral da mesa, como uma cadeira de criança —, depois ao apresentar a garrafa, o rótulo, para Serge, claro. Serge pedira nossa permissão para escolher o vinho, pelo menos foi educado o bastante para fazer isso, mas toda aquela coisa de “eu sei tudo sobre vinhos” me deixou furioso.

Não consigo lembrar exatamente quando ele se apresentou pela primeira vez como um connoisseur. Na minha lembrança parece ter acontecido de repente. De um dia para outro ele se tornou a pessoa que pegava a carta de vinhos e murmurava algo sobre o “retrogosto de terra” dos vinhos portugueses do Alentejo: de fato tinha sido uma espécie de golpe, pois a partir daquele dia a carta de vinhos ia automaticamente para as mãos de Serge.

Após apresentar o rótulo e receber um sinal de aprovação de meu irmão, o gerente começou a desarmar a garrafa. Operar um saca-rolha,

isso ficou claro no mesmo instante, não era seu ponto forte. Ele tentou disfarçar um pouco dando de ombros e rindo da própria falta de jeito, o tempo todo com um ar intrigado que dizia que era a primeira vez que algo assim acontecia a ele, mas era exatamente esse ar que o denunciava.

— Bem, ela parece não querer cooperar — disse ele quando o alto da rolha se partiu e os restos saíram com o saca-rolha.

Nesse momento o gerente estava diante de um dilema. Ele deveria tentar soltar a outra metade da rolha da garrafa ali na mesa, diante de nossos olhares atentos? Ou seria mais sábio levar a garrafa de volta à cozinha aberta para pedir a ajuda de um especialista?

Infelizmente, a solução mais simples era inimaginável: empurrar a metade teimosa da rolha para dentro da garrafa com o cabo de um garfo ou colher. Talvez depois fossem encontradas pequenas migalhas de cortiça em sua taça, mas e daí? Quem se importa? Quanto custava aquele Chablis? Cento e setenta euros? De qualquer forma, o preço não significava nada. Ou no máximo significava que você tinha uma excelente chance de se deparar com exatamente o mesmo vinho na prateleira do supermercado amanhã por vinte e quatro euros, ou menos.

— Desculpem-me — disse o gerente. — Vou pegar outra garrafa para os senhores.

E, antes que pudéssemos dizer uma palavra, ele passou pelas outras mesas a passos largos.

— Bem, suponho que seja como em um hospital — falei. — É melhor você rezar para que seja uma das enfermeiras a tirar seu sangue, e não o próprio médico.

Claire riu alto. Babette também riu.

— Ah, eu senti dó dele — comentou ela.

Já Serge ficou sentado de cara feia. A expressão em seu rosto era quase triste, como se algo tivesse sido tomado dele: seu brinquedinho, seu falatório pretensioso sobre vinhos, safras e uvas terrosas. Indiretamente, a trapalhada do gerente se refletia nele. Ele, Serge Lohman, escolhera o Chablis com a rolha podre. Ele esperara um processo ordeiro: a leitura do rótulo, o aceno afirmativo com a cabeça, o gole que o gerente serviria em sua taça. Esse último, acima de tudo. No momento, era uma coisa que eu não suportava mais ver, não conseguia ouvir: a fungada, o gargarejo, o estalar de lábios, o vinho que meu irmão iria rolar sobre a língua, até a garganta e deslizar de volta. Eu sempre tinha de olhar para outro lado.

— Vamos torcer para que as outras garrafas não tenham o mesmo problema — disse ele. — Isso seria uma pena: é mesmo um excelente Chablis.

Ele nitidamente estava mal. Fora ele quem escolhera aquele restaurante,

as pessoas o conheciam ali, o homem de gola rulê branca o conhecia e saíra da cozinha aberta só para apertar sua mão. Fiquei pensando o que teria acontecido se eu tivesse escolhido o restaurante, um restaurante diferente, um ao qual ele nunca tivesse ido, e se o gerente ou um garçom não tivesse conseguido abrir o vinho de primeira: você pode apostar sua vida que ele teria dado um sorriso pesaroso, balançado a cabeça — ah, sim, a esta altura, eu conheço meu irmão bem o suficiente; ele teria me lançado um olhar com um recado que só eu conseguiria ler: esse Paul, sempre nos leva aos lugares mais bizarros...

Existem grandes políticos que gostam de trabalhar na cozinha, que colecionam revistas em quadrinhos antigas ou possuem um barco de madeira que consertaram sozinhos. O passatempo que escolhem normalmente entra em conflito com o rosto que os acompanha, indo na direção oposta de tudo o que todos pensaram sobre eles até então. Um mané, alguém com tanto carisma quanto um pedaço de cartolina, de repente prepara esplêndidos pratos franceses em casa, durante o tempo livre; o próximo suplemento de final de semana do jornal sai com ele estampado na capa, suas luvas de cozinha de tricô segurando uma travessa com bolo de carne à provençal. O mais marcante no mané, além de seu avental com uma reprodução de um pôster de Toulouse-Lautrec, é seu sorriso totalmente implausível, que tem como objetivo transmitir aos eleitores o prazer de cozinhar. Na verdade nem tanto um sorriso, mas uma medrosa exibição de dentes, o tipo de sorriso que você dá quando alguém acabou de bater na traseira do seu carro e você sobreviveu para contar a história, e que acima de tudo transmite o alívio pelo simples fato de que o bolo de carne à provençal não esturricou no forno.

Em que exatamente Serge estava pensando quando escolheu o vinho como seu hobby? Preciso perguntar a ele um dia desses. Talvez hoje. Fiz uma anotação mental: aquele não era o momento ideal, mas a noite era uma criança.

Quando ainda morávamos com nossos pais, a única coisa que ele bebia era refrigerante, quantidades enormes; não tinha qualquer dificuldade em virar uma garrafa de dois litros no jantar. Depois produzia um daqueles arrotos gigantescos, pelos quais algumas vezes era mandado para o quarto. Arrotos que duravam dez segundos ou mais — como um trovão subterrâneo subindo e explodindo de algum ponto bem no fundo de seu estômago — e pelos quais ele conseguira alguma fama na escola: entre os garotos, claro, pois ele sabia mesmo naquela época que as garotas não se interessavam por arrotos e peidos.

O próximo passo havia sido a transformação do que antes era um closet bagunçado em uma adega de vinhos. Ele comprou prateleiras, nas

quais colocou as garrafas, para deixar o vinho envelhecer, como disse. Quando convidados iam jantar, ele começava a dar palestras sobre o vinho que estava sendo servido. Babette via tudo isso com algum espanto; talvez tenha sido a primeira a enxergar a verdade, a primeira a não acreditar totalmente nele e em seu passatempo. Lembro-me de certa noite telefonar para falar com Serge e ser atendido por Babette. Serge não estava.

“Ele está degustando vinhos no vale do Loire”, disse ela: havia algo em sua voz, algo no modo como ela disse “degustando vinhos” e “vale do Loire” — o tom que uma mulher usa quando diz que o marido está trabalhando até tarde, embora há um ano saiba que ele está tendo um caso com a secretária.

Claire, como já mencionei, é mais inteligente que eu. Mas ela não me culpa por não estar à sua altura. O que quero dizer é que ela nunca me olha com condescendência, não dá um suspiro profundo ou revira os olhos quando não entendo algo de cara. Obviamente, não tenho como saber como ela fala a meu respeito quando não estou por perto, mas tenho muita certeza, tenho absoluta fé, de que Claire nunca usaria o tom que identifiquei na voz de Babette quando ela disse: “Ele está degustando vinhos no vale do Loire.”

Babette, em outras palavras, também é muito mais inteligente que Serge. Isso não quer dizer muito, eu poderia acrescentar — mas não irei: algumas coisas falam por si mesmas. Tudo o que quero falar aqui é sobre as coisas que vi e ouvi durante nossa pequena reunião no restaurante.

— O timo de cordeiro foi marinado em azeite da Sardenha com rúcula — disse o gerente, que havia chegado ao prato de Claire e apontava com o mindinho para dois minúsculos pedaços de carne. — Os tomates secos vêm da Bulgária.

A primeira coisa que chocava no prato de Claire era o vasto espaço vazio. Claro que tenho plena consciência de que nos melhores restaurantes a qualidade tem precedência sobre a quantidade, mas há vazios e vazios. Aqui, o vazio, aquela parte do prato em que não tinha comida alguma presente, claramente havia sido elevado a uma questão de princípios.

Era como se o prato vazio o desafiasse a tirar satisfação sobre ele, ir à cozinha aberta e exigir uma explicação. “Você não ousaria!”, dizia o prato, e ria da sua cara.

Tentei me lembrar do preço. A entrada mais barata custava cinquenta e sete euros, com antepastos variando entre oitenta e quatro e cento e quarenta um. E havia três menus fixos a cento e quarenta e um, cento e setenta e quatro e duzentos e trinta e sete cada um.

— Queijo de cabra quente com pinos e lascas de nozes.

A mão com o mindinho agora estava em cima do meu prato. Lutei contra a vontade de dizer “Eu sei, pois foi o que pedi”, e me concentrei no mindinho.

Era o mais perto que ele havia chegado naquela noite, mesmo quando estava servindo o vinho. O gerente finalmente escolhera a solução mais fácil e voltara da cozinha com uma nova garrafa, a rolha já se projetando.

Depois da adega e da viagem ao vale do Loire, houve o curso de vinhos de seis semanas. Não na França, mas na sala de aula de uma escola noturna. Serge pendurara o diploma no corredor, em um lugar onde ninguém conseguiria deixar de ver. Uma garrafa com a rolha se projetando podia conter algo muito diferente do que estava no rótulo: isso devia ter sido abordado em uma de suas primeiras aulas naquele curso. Ele poderia ter sido adulterado; uma pessoa maldosa poderia ter diluído o vinho com água da torneira ou cuspidão do gargalo.

Mas depois do aperitivo da casa e da rolha partida, Serge Lohman parecia não estar no clima para mais enrolação. Sem olhar para o gerente, limpou os lábios com o guardanapo e murmurou que o vinho estava “excelente”.

Naquele momento, espiei Babette. Os olhos por trás das lentes escuras estavam fixos no marido; era quase impossível dizer, mas eu poderia jurar que erguera uma sobrancelha quando ele dera seu veredito sobre o vinho aberto antes. No carro, a caminho do restaurante, ele a fizera chorar, mas

agora seus olhos pareciam muito menos inchados. Esperei que ela dissesse algo, alguma coisa para se vingar dele: ela era totalmente capaz disso. Babette podia ser muito sarcástica quando quera. “Ele está degustando vinhos no vale do Loire” havia sido uma das manifestações mais discretas disso.

Em minha mente eu a incentivei. Cada família infeliz é infeliz à sua maneira. Quando tudo se resume a isso, a melhor coisa poderia ser: uma enorme briga violenta e demorada entre Serge e Babette antes do prato principal. Eu tentaria acalmar os ânimos, fingiria não escolher um lado, mas ela saberia que podia contar comigo.

Mas, para meu pesar, Babette não disse absolutamente nada. Quase dava para ver o modo como ela engoliu seu comentário, sem dúvida algum matador, sobre a rolha. Ainda assim, havia acontecido algo que manteve viva minha esperança de uma explosão mais tarde. É como uma pistola em uma peça de teatro: quando alguém ergue uma pistola no primeiro ato, você pode apostar seu último centavo que alguém será baleado com ela antes que a cortina se feche. É a lei da dramaturgia. A lei que diz que uma pistola só deve aparecer se alguém for dispará-la.

— Isso é canônico — disse o gerente.

Olhei para o mindinho, que não estava a mais de um centímetro das três ou quatro folhinhas verdes enroladas e do pedaço de queijo de cabra derretido, e depois olhei para a mão toda, que estava tão perto que eu só teria de me inclinar um pouquinho à frente para beijá-la.

Por que eu havia pedido aquela entrada se nem gosto de queijo de cabra? Para não falar em canônico. Dessa vez as parcas porções agiam a meu favor: grande parte do meu prato também estava vazio, embora não tanto quanto o de Claire; eu poderia ter devorado as três folhas em uma única garfada — ou simplesmente tê-las deixado no prato, o que equivalia basicamente à mesma coisa.

Sempre que vejo canônico, me lembro da pequena gaiola com o hamster ou porquinho-da-índia que ficava na janela da minha sala de aula no ensino fundamental. Estava ali porque era bom que as crianças aprendessem sobre animais — aprender a cuidar de animais, eu acho. Não consigo lembrar se as folhinhas que empurrávamos toda manhã por entre as barras da gaiola eram de canônico, mas eram bastante parecidas. O hamster ou porquinho-da-índia mordiscava as folhas e depois passava o resto do dia sentado em um canto da gaiola. Certa manhã, ele estava morto, assim como a tartaruguinha, os dois ratinhos brancos e os bichos-pau que o precederam. O que deveríamos aprender com essa alta taxa de mortalidade nunca foi debatido em classe.

O motivo pelo qual eu tinha um prato de queijo de cabra quente com

canônico diante de mim era mais simples do que parecia. Eu havia sido o último a pedir. Não chegamos a conversar antes sobre o que iríamos pedir — ou talvez tenhamos conversado, e eu perdi. Seja como for, eu me decidira pelo vitello tonnato, mas para meu espanto Babette pedira a mesma coisa.

Nenhum problema: àquela altura eu sempre podia passar para minha segunda opção, o lagostim. Mas a penúltima pessoa a pedir, logo depois de Claire, foi Serge. E quando Serge pediu o lagostim, fiquei encurralado. Não queria pedir a mesma entrada que outra pessoa, e comer a mesma entrada que meu irmão estava fora de questão. Em teoria, eu poderia voltar para o vitello tonnato, mas isso era puramente teórico. Não parecia certo; não apenas daria a impressão de que eu não era original o suficiente para escolher minha própria entrada, mas aos olhos de Serge também poderia levantar a suspeita de que estava tentando fechar parceria com sua esposa. O que era verdade, claro, mas eu não podia ser tão óbvio.

Já havia fechado o cardápio e o colocado ao lado do prato. Então o abri novamente. Lendo como um raio, repassei a lista de entradas, adotando uma expressão reflexiva, como se estivesse apenas procurando o prato que já tinha escolhido para apontá-lo no cardápio, mas a essa altura, claro, já era tarde demais.

— E para o senhor? — perguntou o gerente.

— O queijo de cabra derretido com canônico.

Saiu um pouco rápido demais, um pouco seguro demais para parecer genuíno. Serge e Babette não perceberam nada, mas eu vi, do outro lado da mesa, a confusão no rosto de Claire.

Será que ela tentaria me proteger de mim mesmo? Ela diria “Mas você não gosta de queijo de cabra”? Eu não tinha certeza; naquele momento havia muitos pares de olhos sobre mim para que pudesse balançar a cabeça para ela, mas não iria correr riscos.

— Ouvi dizer que o queijo de cabra é de uma fazenda urbana — comentei. — De cabras que vivem a céu aberto.

* * *

Por fim, após ter dado toda a atenção ao vitello tonnato de Babette, o vitello tonnato que, no melhor dos mundos, poderia ter sido o meu vitello tonnato, o gerente partiu e pudemos retomar a conversa. Mas “retomar” não era exatamente a palavra. Na verdade nenhum de nós tinha a menor ideia do que falávamos antes que as entradas chegassem. Essa era uma das desvantagens dos tais restaurantes chiques: todas as interrupções, como a descrição detalhada de cada pinole presente no prato, o

interminável desenvolver de garrafas de vinho e o enchimento não solicitado de nossas taças, faziam com que a pessoa perdesse o rumo da conversa.

No que diz respeito ao constante enchimento, quero dizer o seguinte: viajei um pouco, frequentei restaurantes em muitos países, mas em nenhum lugar — e quando digo nenhum, estou falando literalmente nenhum — enchem sua taça de vinho sem que você peça. Isso é considerado uma grosseria. Apenas na Holanda vão à sua mesa o tempo todo; não apenas enchem sua taça, mas também lançam um olhar tristonho para a garrafa quando ela está ficando vazia. O que esses olhares querem dizer é: “Não é hora de pedir outra?”

Conheço uma pessoa, um velho amigo, que passou alguns anos trabalhando em “restaurantes finos” holandeses. Certa vez, ele me contou que a tática é empurrar o máximo de vinho possível, vinho que vendem por sete vezes mais do que o importador cobra, e por isso demoram tanto entre levar as entradas e anotar os pedidos de primeiro prato: as pessoas pedirão mais vinho por puro tédio, apenas para passar o tempo, pensam eles. A entrada normalmente chega bem rápido, disse meu amigo, porque, se a entrada demorar muito, as pessoas começam a se queixar. Começam a questionar a escolha do restaurante, mas depois de algum tempo, quando já beberam demais entre a entrada e o primeiro prato, perdem a noção do tempo. Ele sabia de casos em que os primeiros pratos estavam prontos havia muito tempo, mas permaneciam na cozinha porque as pessoas na mesa em questão ainda não estavam reclamando. Só quando houve uma pausa na conversa e os clientes começaram a olhar ao redor impacientes é que os pratos foram colocados no micro-ondas.

Sobre o que estávamos conversando antes que as entradas chegassem? Não que fizesse diferença, não poderia ser nada importante, mas era isso que tornava tão irritante. Eu conseguia me lembrar do que havíamos dito depois de toda a confusão com a rolha e os pedidos, mas não tinha ideia do que acontecera imediatamente antes que os pratos chegassem.

Babette entrara em uma nova academia, e falamos um pouco sobre isso: perder peso, a importância de permanecer ativo e qual esporte era melhor para cada pessoa. Claire estava pensando em frequentar uma academia, e Serge dissera que não suportava a música desagradável da maioria desses lugares. Por isso começara a correr, afirmava, pois era possível ficar por conta própria ao ar livre, e ele agira como se tivesse tido a ideia sozinho. Convenientemente, se esqueceu de que eu tinha começado a correr anos antes, e de como ele nunca perdia uma oportunidade de fazer comentários debochados sobre seu “irmãozinho trotando por aí”.

Sim, foi sobre isso que conversamos de início, por tempo demais para meu gosto, mas com certeza um assunto inocente, um prelúdio bastante

previsível de uma noite comum em um restaurante. Mas pelo resto da noite? Nem se minha vida dependesse disso. Olhei para Serge, para minha esposa e depois para Babette. Naquele momento, Babette enfiou o garfo em seu vitello tonnato, cortou uma fatia e a levou à boca.

— Mas agora eu esqueci totalmente — disse ela, com o garfo parado no ar. — Afinal, vocês já viram o novo do Woody Allen ou não?

Quando a conversa passa rápido demais para filmes, considero um sinal de fraqueza. Quer dizer, filmes são assunto para o final da noite, no momento em que você realmente não tem muito mais sobre o que conversar. Não sei por quê, mas se as pessoas começam a falar sobre filmes, sempre sinto um frio no estômago, como quando você acorda depois de uma noite ruim e descobre que já está ficando escuro do lado de fora.

O pior são aquelas pessoas que descrevem filmes inteiros; elas vão direto ao ponto, não têm pudor de tomar quinze minutos do seu tempo — quinze minutos por filme, claro. Elas de fato não se importam se você ainda não viu o filme em questão, ou se o viu há muito tempo: tais considerações não as incomodam, elas já estão no meio da cena inicial. Para ser educado, você finge interesse no começo, mas logo dá adeus à cortesia, boceja abertamente, olha para o teto e se remexe na cadeira. Faz tudo o que pode para que se calem, mas nada adianta; elas estão longe demais para perceber os sinais. Sobretudo, são viciadas nelas mesmas e na própria opinião idiota sobre filmes.

Acho que foi meu irmão que começou a falar sobre o novo Woody Allen.

— Uma obra-prima — disse ele, sem perguntar se nós, isto é, Claire e eu, já tínhamos visto.

Babette balançou a cabeça enfaticamente. Eles tinham visto juntos no último fim de semana, e para variar concordavam em algo.

— Uma obra-prima — comentou ela. — Vocês precisam ver.

Claire disse que já havíamos visto.

— Há dois meses — acrescentei.

O que de fato era desnecessário; era só algo que eu queria dizer, não dirigido a Babette, mas a meu irmão. Queria que ele soubesse que estava bastante atrasado com suas obras-primas.

Naquele momento, um bando de garotas de aventais pretos chegou com nossas entradas, seguido pelo gerente e seu mindinho, e perdemos o rumo da conversa — até Babette retomar a trama com sua pergunta sobre se já tínhamos ou não visto o novo Woody Allen.

— Achei um grande filme — disse Claire enquanto mergulhava um tomate seco no azeite em seu prato e o levava aos lábios. — Até Paul gostou. Não foi, Paul?

Claire faz isso o tempo todo: me arrasta para coisas de um modo que não posso recuar. Agora, os outros já sabiam que eu havia gostado do filme, com “até Paul” significando algo como “até Paul, que em geral não gosta de filme nenhum, especialmente do Woody Allen”.

Serge olhou para mim, um pedaço de entrada ainda na boca, ele a

mastigava, mas isso não o impediu de se dirigir a mim.

— Uma obra-prima, certo? Não, realmente, fantástico — disse, continuando a mastigar e depois engolindo. — E aquela Scarlett Johansson, eu não a expulsaria da cama por estar comendo biscoitos. Deus do céu, que beleza.

Ouvir seu irmão mais velho se referir como obra-prima a um filme que você mesmo acha muito bom é como usar as roupas velhas dele: as que ficaram pequenas demais para ele, mas que a seus olhos são sobretudo velhas. Minhas opções eram limitadas: admitir que o filme de Woody Allen era uma obra-prima seria como me enfiar naquelas roupas velhas, portanto estava fora de questão; não havia superlativo para “obra-prima”, de modo que o máximo que eu poderia fazer seria tentar provar que Serge não tinha entendido o filme, que o considerava uma obra-prima pelos motivos errados, mas isso implicaria grande esforço; seria pegar pesado com Claire, e provavelmente também com Babette.

De fato, só restava uma opção, e seria detonar o filme de Woody Allen. Não seria muito difícil: havia fraquezas suficientes que eu podia apontar, fraquezas que de fato não importam quando você gosta de um filme, mas que podem ser usadas em uma emergência de modo a não gostar desse mesmo filme. Claire a princípio ergueria as sobrancelhas, depois provavelmente perceberia o que eu estava fazendo: que minha traição à nossa apreciação partilhada do filme estava a serviço da luta contra besteiras frouxas e pretensiosas sobre filmes em geral.

Estiquei a mão para pegar meu Chablis, planejando primeiro dar um gole cauteloso antes de seguir essa estratégia, quando de repente vi outra saída. O que meu irmão idiota dissera afinal? Sobre Scarlett Johansson? “Expulsá-la da cama por estar comendo biscoitos... que beleza.” Eu não sabia o que Babette pensava desse tipo de papo machista grosseiro, mas Claire sempre se encrespava quando homens começavam a falar sobre “bundas” e “peitinhos”. Eu estava olhando para meu irmão quando ele falou aquilo sobre os biscoitos e perdera a reação dela, mas nem era necessário.

Às vezes, nos últimos tempos, eu tinha a impressão de que ele estava começando a perder a noção da realidade, que pensava seriamente que as Scarlett Johansson deste mundo adorariam comer biscoitos na cama dele. Suspeitava que ele via as mulheres mais ou menos da mesma forma como via a comida, particularmente sua refeição quente diária. Era como ele costumava ser, e para ser honesto isso na verdade nunca mudou.

“Preciso comer alguma coisa”, dizia Serge quando estava com fome. Ele fazia isso caminhando por algum ponto de um parque nacional, longe da civilização, ou dirigindo na autoestrada entre duas saídas.

“Claro”, eu respondia, “mas neste exato instante não temos nada para

comer.”

“Mas estou com fome neste exato instante”, devolveu Serge. “Preciso comer agora.”

Era algo digno de pena, essa disposição idiota que o fazia esquecer de todo o resto — o ambiente, as pessoas com quem estava — para se concentrar em um único objetivo: saciar a própria fome. Em momentos como aquele, ele me lembrava um animal que se depara com um obstáculo no caminho: um pássaro que não entende que o vidro na janela é de matéria sólida e se joga contra ele repetidas vezes.

E quando enfim encontrávamos um lugar para comer, nunca era algo bonito de se ver. Ele comia do mesmo modo como alguém enche o tanque de gasolina: devorava o sanduíche de queijo com pão branco ou o bolo de amêndoas depressa e eficientemente, para garantir que o combustível chegasse ao estômago o mais rápido possível; sem combustível ali não havia como seguir em frente. Os jantares finos surgiram muito depois, assim como o conhecimento de vinhos. Em dado momento, ele decidiu que era necessário, mas a velocidade e a eficiência permaneceram: mesmo nos dias atuais, ele sempre era o primeiro a esvaziar o prato.

Eu pagaria uma fortuna para ver e ouvir, só uma vez, como as coisas entre ele e Babette funcionavam no quarto. Por outro lado, há uma parte de mim que de fato resistiria a isso com todas as fibras do meu ser, que pagaria uma fortuna igualmente grande para nunca ter de descobrir.

“Preciso trepar.” E então Babette respondendo que estava com dor de cabeça, que estava menstruada ou que naquela noite não queria nem pensar no assunto, no corpo dele, em seus braços e pernas, sua cabeça, seu cheiro. “Mas eu preciso trepar neste instante.” Aposto que meu irmão fode como come, que ele se enfia em uma mulher do mesmo modo como enfia um croquete de carne na boca — e sua fome é então saciada.

— Então você basicamente ficou lá olhando para os peitos da Scarlett Johansson? — indaguei, de modo muito mais grosseiro do que havia planejado. — Ou você se refere a algo mais quando fala em “uma obra-prima”?

Um tipo milagroso de silêncio se abateu sobre nós, o tipo que você ouve apenas em restaurantes, uma repentina percepção da presença de outros, do zum-zum-zum e dos barulhos de talheres em trinta outras mesas, aquele um ou dois segundos imóveis em que o ruído de fundo se transforma em ruído de frente.

A primeira coisa a romper o silêncio foi o riso de Babette. Olhei para minha esposa, que me encarava alarmada, e depois de volta para Serge; ele estava tentando rir também, mas não era sincero — e ainda tinha comida na boca.

— Vamos lá, Paul, não se faça de santo — falou. — Ela é muito gostosa, e eu não sou cego, certo?

“Muito gostosa.” Eu sabia que Claire também não iria gostar disso. Ela diria que um homem tem “uma boa aparência”, nunca que é “um tesão”, muito menos que tem uma “bela bunda”. “Todo esse papo moderninho sobre ‘belas bundas’ me soa artificial demais quando as mulheres começam a falar assim”, ela me confidenciou uma vez. “É como se as mulheres de repente comessem a fumar cachimbo e a cuspir no chão.”

Em todos os sentidos Serge continuava um caipira, um grosseirão sem modos, o mesmo que costumava ser expulso da mesa por peidar.

— Também acho Scarlett Johansson uma mulher muito atraente — retruquei. — Mas soou como se você achasse isso a parte mais significativa do filme. Corrija-me se estiver errado.

— Bem, as coisas dão totalmente errado com, qual é o nome dele, aquele inglês, professor de tênis, porque não consegue tirá-la da cabeça. Ele até tem de atirar nela só para conseguir o que quer.

— Ei! — reprimiu Babette. — Não diga isso, estraga tudo se vocês ainda não assistiram!

Outro breve silêncio se abateu, durante o qual Babette olhou de Claire para mim.

— Ah, merda, acho que devia estar dormindo, vocês dois já assistiram!

Todos os quatro rimos, um momento de descontração — mas descontração demais não era bom, era preciso permanecer alerta. A verdade era que o próprio Serge Lohman tinha uma bela bunda, era comum ouvir mulheres dizendo isso. Ele tinha plena consciência de que elas o achavam atraente, e não havia nada de errado nisso; ele era fotogênico, era de certa forma — de novo, grosso modo — atraente: um pouco rude demais e um pouco madeira bruta demais, em minha opinião, mas claro que há mulheres que preferem os móveis simples, mesas ou cadeiras feitas de “materiais autênticos”, madeira de demolição de velhas portas de baias do norte da Espanha ou do Piemonte.

As namoradas de Serge em geral desistiam dele após alguns meses; havia algo de enfadonho, um lado sem graça em seu jeito atraente, e elas logo se cansavam de seu “rostinho bonito”. Babette foi a única que ficou mais tempo, cerca de dezoito anos agora, o que era por si só uma espécie de milagre. Eles brigavam havia dezoito anos; estava na cara que realmente não eram feitos um para o outro, mas nós vemos isso o tempo todo: casais para quem o atrito constante é o verdadeiro motor do casamento, cada briga uma prévia do momento em que eles fazem as pazes na cama.

Mas às vezes eu não conseguia deixar de pensar que tudo era muito mais simples do que isso, que Babette simplesmente comprara algo, uma vida ao lado de um político de sucesso, e que parar agora seria desperdiçar todo o tempo que havia investido: da mesma forma como você não desiste de um livro ruim após ter chegado à metade, você o termina mesmo sem vontade; foi assim que ela ficou com Serge — talvez o final compensasse parte disso.

Eles tinham dois filhos legítimos: Rick, que era da mesma idade de Michel, e Valerie, uma menina de treze anos ligeiramente autista, com uma beleza diáfana como a de uma sereia. E havia Beau, cuja idade não sei dizer, mas algo entre quatorze e dezessete anos. Beau veio de Burkina Faso e foi parar nas mãos de Serge e Babette por intermédio de um “projeto de desenvolvimento”: um daqueles nos quais você ajuda crianças em idade escolar no Terceiro Mundo com livros e outras necessidades, e então as “adota”: a princípio a distância, por intermédio de cartas, fotografias e cartões-postais, mas depois também na vida real. A criança escolhida então vive com a família adotiva holandesa por um tempo e, se tudo der certo, é autorizada a permanecer. Uma espécie de contrato de aluguel, em outras palavras. Ou como um gato que você pode pegar de um abrigo de animais; caso o gato faça o sofá em pedaços ou urine na casa toda, você o leva de volta.

Lembro-me de algumas das fotografias e cartões-postais que Beau mandara da distante Burkina Faso. Na foto que mais me marcou, ele estava de pé diante de uma construção de tijolos vermelhos, com teto de zinco, um garoto retinto com uma camisa de pijama listrada que chegava abaixo dos joelhos, como uma camisola, os pés nus em sandálias de borracha.

"Merci beaucoup mes parents par notre école", estava escrito abaixo em uma graciosa caligrafia escolar.

"Ele não é adorável?", perguntou Babette quando nos mostrou a fotografia; Serge e Babette haviam viajado a Burkina Faso e se apaixonado, como eles próprios definem.

Seguiu-se uma segunda viagem, formulários foram preenchidos e algumas semanas depois Beau pousou no aeroporto Schiphol.

"Vocês sabem no que estão se metendo?", perguntou Claire uma vez, na época em que todo o processo de adoção ainda estava na fase dos cartões-postais. Eles reagiram com indignação. Estavam ajudando alguém, não estavam? Uma criança que nunca teria em seu país as oportunidades que teria na Holanda? Sim, eles sabiam muito bem no que estavam se metendo; já havia pessoas demais no mundo pensando apenas em si mesmas.

Você não podia acusá-los de egoísmo explícito. Na época Rick tinha três anos, Valerie, apenas alguns meses de idade; eles não eram como a maioria dos pais adotivos que não podia ter os próprios filhos. De uma forma completamente altruísta, estavam levando para casa uma terceira criança, não do seu próprio sangue, mas uma criança necessitada a quem era oferecida uma vida nova na Holanda.

Então, o que era aquilo? Em que, de fato, eles estavam se metendo?

Serge e Babette deixaram claro para nós que essa questão não devia ser levantada, então também não levantamos outras. Beau ainda tinha pais? Ou era órfão? Pais que consentiam que seu filho fosse embora, ou um órfão sozinho no mundo? Tenho de dizer que Babette estava mais entusiasmada com a adoção do que Serge; desde o início foi um "projeto" dela, algo que planejava concluir com sucesso, não importava o custo. Ela fez de tudo para dar ao filho adotivo o mesmo amor que sentia pelos seus próprios.

No final a palavra adoção se tornou tabu. "Beau é nosso filho, pronto", disse ela. "Não há diferença."

Nesses momentos Serge balançava a cabeça, concordando. "Nós o amamos tanto quanto amamos Rick e Valerie", dizia.

Há uma possibilidade, claro, de que ele já soubesse, mesmo naquela época — não gostaria de julgá-lo ou acusá-lo de agir premeditadamente —, mas depois foi uma vantagem: aquela criança negra de Burkina Faso que ele amava como se fosse seu filho. Era algo diferente de seu conhecimento

de vinhos, mas tinha o mesmo efeito. Dava um rosto a ele: Serge Lohman, o político com o filho adotivo africano.

Ele começou a posar para fotografias de família com maior frequência; era bonito, Serge e Babette no sofá com as três crianças a seus pés. Beau Lohman se tornou prova viva de que havia um político que não agia por puro interesse pessoal; que ele, pelo menos em um momento da vida, não agira por interesse pessoal. Afinal, seus dois outros filhos haviam sido concebidos da forma tradicional, então aquela adoção de uma criança de Burkina Faso não fora um ato de desespero. Essa era a mensagem: talvez, em outras questões, Serge Lohman também não fosse agir por puro interesse pessoal.

Uma garçonete encheu a taça de Serge, depois a minha; as de Babette e Claire ainda estavam pela metade. A garçonete era uma garota bonita, tão loura quanto Scarlett Johansson. Ela levou muito tempo enchendo as taças; dava para notar que era nova nisso e que provavelmente não trabalhava ali havia muito tempo. Primeiro pegou a garrafa no balde e a enxugou com o guardanapo branco colocado sobre o gargalo e a beirada do balde. Servir também não foi fácil; ela ficou ao lado da cadeira de Serge, em tal ângulo que deu uma cotovelada acidental na cabeça de Claire.

— Ah, desculpe-me — disse, corando profundamente.

Claro que Claire respondeu logo que não havia nenhum problema, mas a garota ficara tão transtornada que enchera a taça de Serge até a borda. Nenhum problema também — exceto para um connoisseur.

— Ei, ei, ei — repreendeu meu irmão. — Você está tentando me embriagar ou algo assim?

Ele deslizou a cadeira alguns centímetros para trás, como se a garota não houvesse apenas enchido demais sua taça, mas de fato derramado metade da garrafa em suas calças. Ela então ruborizou ainda mais, piscou, e por um momento achei que iria cair no choro. Assim como as outras garotas de aventais pretos, ela tinha os cabelos presos firmemente no rabo de cavalo regulamentar, mas sua louridão dourada fazia com que parecesse menos severo que o das outras.

Ela tinha um rosto doce. Não consegui evitar: pensei sobre o momento em que ela iria tirar o elástico do rabo de cavalo, sacudir a cabeça para soltar os cabelos, mais tarde, quando o dia no restaurante tivesse terminado — seu dia terrível, como contaria a uma amiga (ou talvez um namorado): “Sabe o que aconteceu hoje? Completamente idiota, é a minha cara! Sabe como eu odeio toda aquela etiqueta rígida com as garrafas de vinho? Bem, hoje perdi totalmente o controle. Isso não seria tão grave, mas sabe quem estava à mesa?”

A amiga ou o namorado olharia para os cabelos louros dourados caindo

soltos e diria: “Conte. Quem estava à mesa?”

Para conseguir o máximo efeito, a garota faria uma pequena pausa. “Serge Lohman.”

“Quem?”

“Serge Lohman! O ministro. Ou talvez ele não seja ministro ainda, mas você entendeu o que quis dizer, ele estava no noticiário ontem, aquele que vai vencer a eleição. Foi completamente idiota, também havia uma mulher à mesa, e dei uma cotovelada na cabeça dela.”

“Ah, ele... Meu Deus! E o que aconteceu depois?”

“Bem, nada, ele foi muito legal, mas eu queria me agachar e morrer!”

Realmente legal... Sim, Serge havia sido bastante legal após ter deslizado a cadeira alguns centímetros para trás, depois erguido a cabeça e visto a garota pela primeira vez. Em um centésimo de segundo, rápido demais para ser percebido a olho nu, vi sua expressão mudar: de espanto e aborrecimento fingidos por causa da falta de habilidade no manuseio de seu Chablis para completa empatia amistosa. Em síntese, como ele derreteu; a semelhança com a recém-debatida Scarlett Johansson não deve ter escapado a ele. Viu uma “coisinha doce”, uma coisinha doce enrubescendo e gaguejando, totalmente à sua mercê. Deu o sorriso mais encantador.

— Mas está tudo certo — disse, levantando a taça e fazendo com que um enorme gole de vinho branco pousasse em seu prato de lagostins pela metade. — Eu conseguiria terminar de qualquer forma.

— Desculpe-me, senhor — repetiu a garota.

— Não se preocupe. Quantos anos você tem? Tem idade para votar?

De início, achei que meus ouvidos estavam me pregando uma peça. Eu estava mesmo escutando aquilo? Mas naquele instante meu irmão se virou na minha direção e me deu uma grande piscadela.

— Tenho dezenove, senhor.

— Certo, então vou lhe dizer. Se você votar no partido certo quando as eleições chegarem, farei de tudo para ignorar suas habilidades ao servir vinho.

A garota corou de novo, a pele do rosto foi ganhando um tom de vermelho ainda mais escuro do que antes — e, pela segunda vez em dois minutos, pensei que ela iria cair no choro. Olhei para Babette, mas nada sugeria que ela desaprovasse o comportamento do marido. Na verdade, parecia se divertir com aquilo: o político de fama nacional Serge Lohman, líder do maior partido de oposição, grande favorito a primeiro-ministro, flertando abertamente com uma garçonete de dezenove anos e a fazendo ruborizar — talvez isso fosse bonitinho, talvez apenas confirmasse o charme irresistível dele, ou talvez ela, Babette, apenas gostasse de estar casada com um homem como meu irmão. No carro, a caminho daqui, ou no

estacionamento, ele a fizera chorar. Mas qual a importância disso, afinal? Ela iria deixá-lo em uma situação difícil agora, dezoito anos depois? Seis ou sete meses antes das eleições?

Tentei restabelecer contato visual com Claire, mas ela parecia entretida pela taça de vinho transbordando de Serge e a gagueira da garçonete. Passou a mão atrás da cabeça, no ponto onde o cotovelo da garota a acertara — quem sabe, talvez com mais força do que parecera, e depois perguntou:

— Vocês irão novamente à França este verão? Ou ainda não planejaram nada?

Todo ano Serge e Babette iam para a casa deles na Dordonha com as crianças. Eles pertenciam àquela classe de holandeses que acham que tudo na França é “magnífico”: de croissants a pão francês com camembert, de carros franceses (eles mesmos dirigiam um Peugeot topo de linha) a canções e filmes franceses. Ao mesmo tempo, não conseguiam perceber que a população francesa da Dordonha tinha ânsia de vômito ao ver holandeses. Slogans anti-holandeses haviam sido rabiscados nas paredes de muitas résidences secondaires, mas, segundo meu irmão, isso era obra de “uma pequena minoria” — afinal, não eram todos gentis com você quando ia a uma loja ou um restaurante?

— Ah... Isso depende — disse Serge. — Ainda está no ar.

Nós fizéramos uma visita pela primeira vez havia um ano, os três, a caminho da Espanha — a primeira e a última vez, como estabeleceu Claire quando retomamos nossa viagem três dias depois. Meu irmão e sua esposa haviam insistido tanto para que passássemos por lá que estava quase ficando constrangedor adiar mais.

A casa ficava em um local adorável, em uma colina, escondida em meio às árvores. Cintilando a distância entre os galhos, no vale abaixo, era possível ver uma curva do rio Dordonha. O lugar estava uma sauna o tempo todo que ficamos lá, sem uma única brisa. Enormes besouros e varejeiras, de um tamanho nunca visto na Holanda, zumbiam alto em meio às folhas ou se lançavam contra as janelas com tanta força que faziam as vidraças estremecerem.

Fomos apresentados ao “pedreiro” que havia construído a cozinha aberta para eles, à “madame” que comandava a padaria e ao dono de um “restaurantezinho bastante simples” à margem de um dos afluentes do Dordonha, “aonde todos os locais vão”. Serge me apresentou a todos como “mon petit frère”. Ele parecia à vontade entre os franceses, todos apenas pessoas comuns, afinal: pessoas comuns eram sua especialidade na Holanda, então por que não seriam ali também?

O que ele mal parecia notar era que essas pessoas comuns estavam ganhando grandes quantias de dinheiro à custa dele, do holandês com casa de veraneio e dinheiro, e era em parte por essa razão que continuavam a demonstrar um mínimo de cortesia.

— Tão gentis — disse Serge. — Tão simples. Onde você encontraria isso na Holanda hoje em dia?

Ele não percebia, ou talvez apenas tivesse fechado os olhos para isso, como o “pedreiro” cuspira um bocado de fumo de mascar verde em seu pátio com piso de cerâmica após mencionar o preço de um carregamento

de legítimas telhas rurais para o telheiro de sua cozinha externa. Como a madame da padaria na verdade queria servir seus clientes, mas ficara esperando enquanto Serge apresentava seu petit frère, e como aqueles mesmos clientes trocavam acenos de cabeça e piscadelas: gestos e piscadelas que diziam muito sobre a rispidez desses holandeses. A maneira como o jovial dono do restaurantezinho se agachou ao lado de nossa mesa e disse, em um tom conspiratório, que havia recebido naquele mesmo dia uma saca de escargots de um fazendeiro local que normalmente os reservava para si. Mas dessa vez conseguira comprar um pouco, e o dono queria oferecê-los com exclusividade a Serge e sua “simpática família” por um “preço especial”; o sabor era algo que não se encontraria em outro lugar. Enquanto isso Serge negligenciava o fato de que todos os clientes recebiam um cardápio simples com o relais du jour, um cardápio barato de três pratos que custava menos da metade do preço de uma única porção de caramujos. E em relação à degustação de vinhos naquele restaurantezinho, prefiro não falar nada.

Eu e Claire ficamos três dias. Nesses três dias também visitamos um châteaueu, onde tivemos de fazer fila em frente a uma casa com centenas de outros estrangeiros, em sua maioria holandeses, antes de sermos conduzidos por doze aposentos insuportavelmente abafados com velhas camas com dossel e poltronas. Passamos o restante do tempo quase todo no jardim sem ventilação. Claire tentou ler um pouco; estava quente demais para que eu sequer abrisse um livro, as páginas brancas faziam os olhos doerem — mas era difícil ficar sem fazer nada: Serge estava sempre ocupado com alguma coisa; havia coisas pela casa que ele mesmo precisava fazer, coisas para as quais não tinha um trabalhador local a seu dispor.

— As pessoas aqui começam a respeitá-lo quando você cuida da própria casa — explicou. — Dá para perceber depois de algum tempo.

E assim ele empurrou seu carrinho de mão quarenta vezes de um lado para outro entre a cozinha externa e a estrada provincial, onde as telhas haviam sido descarregadas. Em nenhum momento lhe passou pela cabeça que esse faça-você-mesmo poderia estar roubando do pedreiro local uma parcela considerável de suas horas de trabalho remunerado.

Também serrou a própria lenha para a lareira; às vezes parecia quase uma foto publicitária para a campanha eleitoral: Serge Lohman, o candidato do povo, com um carrinho de mão, uma serra e grandes blocos de madeira, um homem comum como qualquer outro, com a diferença de que poucos homens comuns podiam ter uma casa de veraneio na Dordonha. Talvez essa fosse a verdadeira razão pela qual ele nunca permitiu uma equipe de filmagem em sua “propriedade”, como gostava de dizer. “Este é meu lugar”,

disse. “Meu lugar, para mim e minha família. Não é da conta de ninguém.”

Quando ele não estava transportando telhas ou serrando madeira, estava colhendo amoras e mirtilos. Amoras e mirtilos com os quais Babette depois fazia geleia. Com os cabelos presos sob um lenço, ela passava dias distribuindo substâncias quentes, pegajosas e doces em centenas de potes. Claire teve que perguntar se ela precisava de ajuda, assim como eu me senti obrigado a ajudar Serge com as telhas.

“Posso dar uma mãozinha?”, perguntei depois do sétimo carroto.

“Bem, já que você tocou no assunto”, reagiu ele.

“Quando poderemos ir embora?”, perguntou-me Claire aquela noite na cama, quando enfim estávamos sozinhos e podíamos nos aconchegar — não perto demais, pois estava muito quente para isso. As frutas tinham deixado seus dedos azuis; havia um tom mais escuro do azul em seus cabelos e em listras em suas bochechas.

“Amanhã. Ah, não, quero dizer depois de amanhã.”

Na nossa última noite, Serge e Babette convidaram amigos e conhecidos para jantar no jardim. Eram amigos e conhecidos holandeses, sem exceção, e todos tinham casas de veraneio próximas. “Nada de mais”, disse Serge. “Só um pequeno grupo de amigos. Todos legais, de verdade.”

Dezessete holandeses, sem contar nós três, estavam em pé no jardim naquela noite com pratos e copos. Havia uma atriz envelhecida (“Sem trabalho e sem marido”, me informou Claire na manhã seguinte), um coreógrafo magrelo que só bebia água Vittel de garrafas de meio litro que ele mesmo levava e um casal de escritores homossexuais que passou a noite inteira implicando um com o outro.

Babette colocara na mesa um bufê de saladas, queijos franceses, pequenas salsichas e pão. Serge se dedicou ao churrasco; usava um avental xadrez vermelho e branco e grelhava hambúrgueres e kebabs com pimentões e cebolas. “O segredo de um bom churrasco é fazer um bom fogo”, dissera ele algumas horas antes do jantar com o pequeno grupo de amigos. “O resto é moleza.”

Meu trabalho era juntar galhos secos. Serge estava bebendo mais que de costume; havia uma garrafa de vinho revestida de vime na grama a seu lado junto à churrasqueira, então talvez ele estivesse mais nervoso em relação à noite do que revelava.

— Na Holanda, neste momento, eles estão se sentando para comer batatas com molho. Dá para imaginar? Isto que é vida, cara! — exclamou ele, apontando com o garfo para as árvores e os arbustos que protegiam o jardim de olhos enxeridos.

Todos os holandeses com os quais conversei naquela noite contaram mais ou menos a mesma história, alguns até usaram as mesmas palavras.

Não invejavam os compatriotas que eram obrigados, por questões financeiras ou outros motivos, a ficar para trás na Holanda. “Aqui somos felizes como Deus na França”, disse uma mulher que me contou que trabalhara por anos no “setor de dietas”. Achei que fosse brincadeira até me dar conta de que ela pronunciara a frase com toda a sinceridade, como se a tivesse concebido sozinha.

Olhei ao redor para as outras figuras segurando suas taças de vinho em meio ao brilho amarelo-dourado dos braseiros e das tochas dispostos estrategicamente pelo jardim, e ouvi em minha cabeça a voz do velho ator que apareceu naquele comercial de TV há dez — ou teriam sido vinte? — anos: “Sim, isso mesmo, também você pode viver a vida que pediu a Deus na França. Com uma boa taça de conhaque e queijo francês de verdade...”

A simples lembrança trouxe com ela um cheiro de Boursin, como se alguém tivesse passado em uma torrada o mais sujo de todos os queijos franceses falsificados e a enfiado sob o meu nariz. Era a combinação das luzes e do cheiro de Boursin que me impedia de ver a festa no jardim de meu irmão e minha cunhada como algo além de um velho comercial de TV antiquado de vinte anos ou mais. Uma imitação de queijo que não tinha absolutamente nada a ver com queijo francês, assim como ali, no coração da Dordonha, todos apenas brincavam de estar na França, enquanto os próprios franceses se destacavam por sua ausência.

Sempre que eu mencionava os grafites contra os holandeses, todos davam de ombros. “Delinquentes juvenis!” foi o veredito da atriz desempregada, enquanto um redator publicitário que vendera sua agência para se instalar na Dordonha me assegurou que os slogans eram basicamente dirigidos a holandeses que acampavam por lá e levavam todos os produtos da Holanda em seus trailers e não gastavam um centavo nas lojas locais.

— Não somos assim — explicou ele. — Nós comemos em seus restaurantes, tomamos Pernod em seus cafés e lemos seus jornais. Sem pessoas como Serge, e muitas outras, haveria vários pedreiros e bombeiros aqui sem trabalho.

— Não vamos nos esquecer dos produtores de vinho! — disse Serge, erguendo sua taça. — Saúde!

Nas sombras, no ponto mais escuro do jardim ao lado da sebe, o coreógrafo magrelo estava se esfregando com o mais jovem do casal de escritores. Vi uma mão deslizar para dentro de uma camisa e desviei o olhar.

Mas fiquei me perguntando: e se os rabiscadores de slogans não parassem nos simples slogans? Provavelmente não seria preciso muito para assustar aquele bando de covardes. Os holandeses tinham uma tendência a

borrar as calças com a simples ameaça de violência real. Você poderia começar jogando algumas pedras em janelas, e, se isso não funcionasse, poderia queimar duas residências secundárias. Não muitas, pois o verdadeiro objetivo era permitir que essas casas voltassem para as mãos das pessoas que tinham direito a elas: os jovens recém-casados franceses que por anos eram obrigados a viver com os pais por causa da disparada nos preços de imóveis. Os holandeses haviam destruído o mercado imobiliário para os locais; quantias astronômicas eram pagas mesmo por ruínas. Com a ajuda de pedreiros franceses relativamente baratos, a ruína era então reconstruída, para permanecer desabitada durante a maior parte do ano. Quando você via as coisas assim, sob uma perspectiva clara e fria, era um milagre que tivesse havido tão poucos incidentes reais, que a população local se contentasse apenas em rabiscar uns grafites.

Deixei meu olhar percorrer o gramado. Alguém colocara um CD de Edith Piaf. Babette, que escolhera para a festa um vestido preto leve e translúcido, arriscava alguns passos de dança desengonçados e um pouco ébrios ao som de "Non, je ne regrette rien...". Se janelas quebradas e incêndios criminosos não resolvessem, você sempre poderia se esforçar um pouco mais, pensei comigo mesmo. Poderia atrair um desses holandeses frescos para longe de casa com a desculpa de que sabia onde havia outro produtor de vinhos ainda mais barato, e então transformá-lo em uma papa em algum milharal — não apenas acertá-lo na lateral da cabeça, não; estou falando de coisas mais fortes, como tacos de beisebol e manguals.

Ou se você visse um deles caminhando sozinho em uma curva da estrada, voltando do supermercado com uma cesta cheia de baguetes e vinho tinto, poderia deixar seu carro derrapar um pouco. Quase por acidente. "De repente ele estava ali, junto ao meu para-choque", você diria depois — ou não diria nada, deixaria o holandês caído à beira da estrada como um animal atropelado, e quando chegasse em casa poderia lavar qualquer prova que estivesse no para-choque ou no para-lama. Tudo era justo, desde que a mensagem fosse transmitida: o lugar de vocês não é aqui! Voltem para o lugar de onde vieram! Vão para casa e brinquem de estar na França em seu próprio país, com suas baguetes e seu vinho tinto, mas não aqui, não no lugar de onde viemos.

— Paul! Paul!

No meio do gramado, com sua túnica esvoaçando perigosamente perto da chama de um dos braseiros, Babette estendia os braços para mim. "Milord" saía alto dos alto-falantes. Dançar. Dançar na grama com a esposa de meu irmão. A vida que eu pedi a Deus na França. Olhei ao redor e vi Claire de pé junto à mesa de queijos — e nesse instante ela me viu.

Estava conversando com a atriz desempregada e lançou-me um olhar

desesperado. Em festas na Holanda, aquilo significava “Podemos ir embora, por favor?”. Mas não podíamos ir para casa, estávamos condenados a ficar até o amargo fim. No dia seguinte. No dia seguinte poderíamos partir. “Socorro” era tudo o que o olhar de Claire dizia agora.

Fiz um gesto na direção de minha cunhada, um gesto que dizia algo como “Não posso agora”, mas que depois eu com certeza iria dançar com ela pelo gramado, e caminhei na direção da mesa com os queijos. “Allez riez! Milord... Allez chantez! Milord!”, cantava Edith Piaf. Havia, claro, pessoas teimosas entre as centenas de holandeses com casas de veraneio na Dordonha, pensei comigo mesmo. Tipos que fechavam os olhos para a verdade, que simplesmente não admitiriam o fato de que não eram bem-vindos ali. Que, apesar de todas as provas apontarem para a direção contrária, continuavam insistindo que eram obra de uma “pequena minoria” as janelas quebradas, os incêndios criminosos e os compatriotas espancados e atropelados. Talvez esses últimos cabeças-duras tivessem de ser libertados de suas ilusões com um pouco mais de força.

Pensei em Sob o domínio do medo e Amargo pesadelo, filmes que me vêm à mente sempre que estou no interior, porém mais do que nunca ali na Dordonha, no alto do morro onde meu irmão e sua esposa haviam criado o que chamavam de “pequeno paraíso francês”. Em Sob o domínio do medo, a população local, após a princípio se limitar a atormentar um pouco, se vinga de forma terrível dos recém-chegados que pensam ter comprado uma graciosa casa no interior da Escócia. Em Amargo pesadelo, são os caipiras americanos que perturbam rudemente um grupo de dândis da cidade em uma excursão de canoagem. Estupro e assassinato se destacam nos dois filmes.

A atriz me olhou da cabeça aos pés antes de falar.

— Sua esposa me diz que vão amanhã — comentou, e sua voz tinha algo artificialmente doce, como a substância no refrigerante light ou o recheio que usam em chocolates dietéticos, cuja embalagem diz que não irão engordá-lo. Olhei para Claire, que revirou os olhos para o céu estrelado. — E que, de todos os lugares, estão indo para a Espanha.

Pensei em uma de minhas cenas favoritas de Sob o domínio do medo. Como aquela voz fingida soaria se sua dona fosse arrastada para um celeiro por uma dupla de pedreiros franceses bêbados? Tão bêbados que não seriam capazes de ver diferença entre uma mulher e as ruínas de uma cabana com apenas as paredes ainda de pé. Ela ainda estaria tagarelando quando os pedreiros comessem a reformar suas fundações? A voz se soltaria espontaneamente assim que fosse arrancada, camada após camada?

Naquele exato instante houve uma agitação na beirada do jardim, não na

margem escura com arbustos onde o coreógrafo estivera agarrando o mais jovem dos dois escritores, mas perto da casa, seguindo o caminho que levava à estrada pavimentada.

Era um grupo de uns cinco homens. Franceses, percebi de imediato, embora tivesse dificuldade em dizer por quê: talvez as roupas, que tinham algo de rural, sem ser tão propositalmente sujas e descuidadas quanto as daqueles holandeses que brincavam de estar na França. Um dos homens tinha uma escopeta pousada no ombro.

Talvez as crianças tivessem mesmo dito algo, talvez de fato tivessem pedido permissão para deixar a festa e ir “à cidade”, como nosso Michel continuou a insistir no dia seguinte. Por outro lado, eu realmente não percebera que haviam sumido nas horas anteriores. A filha de Serge, Valerie, passara a maior parte da noite na cozinha, assistindo à TV; em certo momento saíra, dissera boa-noite para todos nós e dera dois beijos nas bochechas do tio Paul.

Agora Michel estava de pé entre dois franceses, com a cabeça baixa. Os cabelos pretos, que deixara crescer até os ombros naquele verão, caíam escorridos sobre o rosto, e um dos dois homens o segurava pelo braço. O filho de Serge, Rick, também estava sendo segurado, embora com um pouco menos de força; um dos franceses pousava a mão de leve em seu ombro, como se ele já não fosse uma ameaça.

Na verdade, era Beau — o filho adotivo de Burkina Faso que chegara até ali entre os holandeses em Dordonha por intermédio do projeto beneficente para sua escola de teto de zinco e seus novos pais, com uma escala na Holanda — quem tinha de ser contido. Ele chutava e se sacudia. Dois outros franceses haviam torcido seus braços às costas e enfim o colocaram no chão, com o rosto na grama do jardim de meu irmão.

— Messieurs! Messieurs! — chamou Serge, enquanto se apressava com passos gigantescos na direção do grupo.

Mas ele já havia virado uma boa quantidade do tinto local e claramente tinha dificuldade para andar em linha reta.

— Messieurs! Qu’est-ce qu’il se passe?

Fui ao toalete masculino, e quando voltei o prato principal ainda não havia chegado. Entretanto, uma nova garrafa de vinho já estava na mesa.

A decoração do toalete masculino fora pensada um pouco demais; era possível até mesmo questionar se termos como “banheiro” ou “toalete” se adequavam ao lugar. Havia água borbulhando por toda parte, não apenas ao longo do mictório de aço inoxidável, mas também pelos espelhos de parede em suas molduras de granito. Podia-se dizer — corretamente — que era uma parte coerente com o todo: coerente com os rabos de cavalo apertados das garçonetes, seus aventais pretos, a luminária art déco no púlpito, a carne orgânica e o terno de risca de giz do gerente — exceto pelo fato de que o significado dessa totalidade nunca ficou claro. Era um pouco como certos óculos de grife, óculos que não acrescentam nada à personalidade da pessoa que os usa; pelo contrário, chamam atenção primeiro e acima de tudo para eles mesmos: sou um par de óculos, e nunca se esqueça disso!

Não que eu precisasse ir ao toalete, apenas tinha de sair dali por um momento, me afastar da nossa mesa e de todo o falatório sobre filmes e destinos de férias. Mas quando tomei posição no mictório de aço inoxidável puramente por uma questão de formalidade e abri o zíper, a água borbulhante e o pingar de notas de piano ao fundo de repente me deixaram com muita vontade.

Foi nesse momento que ouvi a porta se abrir e um novo visitante entrar no toalete. Não sou um daqueles homens que de repente não conseguem urinar quando há mais alguém no recinto, no entanto demora mais: demora mais, acima de tudo, para que comece. Eu me amaldiçoei por ir ao mictório e não a um reservado.

O novo visitante pigarreou duas vezes. Ele estava cantarolando algo que me soava levemente familiar, uma melodia que apenas um segundo depois reconheci como sendo “Killing Me Softly”.

“Killing Me Softly With His Song”... De... Maldição, qual era o nome da mulher? Roberta Flack! Bingo! Rezei a Deus para que o homem achasse seu próprio toalete, mas com o canto do olho o vi se aproximar da parede do mictório a menos de um metro de mim. Fez os movimentos habituais, e, poucos segundos depois, ouvi o som de um firme e poderoso jato de urina se chocando com a água que escorria pela parede.

Era o tipo de jato que parece bastante satisfeito consigo mesmo, que não quer nada além de exibir a própria saúde sem limites e que provavelmente, durante o ensino fundamental, um dia pertenceu ao garotinho que conseguia urinar mais longe que todos, até o outro lado do

canal.

Ergui os olhos e vi que o dono do jato era o homem de barba, o homem de barba que estivera sentado com sua namorada ofensivamente jovem à mesa ao lado da nossa. Nesse instante, o homem também me olhou. Acenamos com a cabeça de forma vaga, como de costume quando dois homens estão de pé a um metro de distância para urinar. Dentro da barba, a boca do homem formou um sorriso. Um sorriso triunfante, não pude deixar de pensar, o sorriso típico de um homem com um jato poderoso, um sorriso que se divertia à custa de homens que tinham muito mais dificuldade em urinar do que ele.

Afinal, um jato poderoso também não era um sinal de masculinidade? Não dava a seu dono prioridade no que dizia respeito às mulheres disponíveis? E, inversamente, um gotejar covarde não era um indício de que talvez houvesse outras coisas que não fluíam direito ali embaixo? Que a sobrevivência da espécie estaria em risco caso as mulheres fossem indiferentes àquele gotejar e já não se permitissem se sentir atraídas pelo som saudável de um jato poderoso?

Não havia divisórias entre nós. Eu só precisaria baixar os olhos para ter uma visão do pau que acompanhava o homem barbado. A julgar pelo barulho, tinha de ser um pau grande, pensei comigo mesmo, um grande cacete do tipo sem vergonha, com grossas veias azuis logo abaixo da superfície de pele cinza-escura que era rosadamente saudável, mas ainda bastante áspera: o tipo de pau que poderia deixar um homem tentado a passar as férias em um campo de nudismo, ou pelo menos a comprar o menor modelo de slip de bain, feito do material mais fino possível.

O motivo pelo qual eu pedira licença para ir ao toalete masculino era que tudo aquilo estava sendo demais para mim. Depois de destinos de férias e Dordonha acabamos em racismo. Minha esposa me apoiara em minha posição de que velar o racismo e fingir que não existia só piorava o problema. Do nada, e sem sequer olhar para mim, ela saiu em meu auxílio.

— Acho que o que Paul quer dizer é...

Foi como ela começou: colocando em palavras o que ela achava que eu estava tentando dizer. Vindo de qualquer pessoa que não Claire, teria soado humilhante, paternalista ou condescendente, como se eu fosse incapaz de apresentar minhas próprias opiniões em palavras que outra pessoa conseguisse compreender. Mas, vindo de Claire, "Acho que o que Paul quer dizer é..." não significava nada mais nada menos que os outros eram lentos demais na compreensão, embotados demais para entender o que seu marido estava apresentando diante de seus olhos de uma forma extremamente clara e óbvia — e que ela estava começando a perder a paciência.

Depois disso voltamos aos filmes por mais algum tempo. Claire disse que Adivinhe quem vem para jantar? era "o filme mais racista já feito". Todos conhecem a história. A filha de um casal branco rico (interpretado por Spencer Tracy e Katharine Hepburn) leva o noivo em casa para conhecer os pais. Para grande espanto deles, o noivo (interpretado por Sidney Poitier) é negro. Durante o jantar, a verdade aos poucos fica clara: o negro é um bom negro, um negro inteligente vestindo um belo terno, um professor universitário. Em termos intelectuais, ele é muito superior aos pais brancos de sua noiva, que são tipos medíocres de classe média alta cheios de preconceitos contra os negros.

— É exatamente esse o gancho racista, esses preconceitos — dissera Claire. — As pessoas negras que os pais conhecem da TV e dos bairros que temem visitar são pobres, preguiçosas, criminosos violentos. Mas seu futuro genro, felizmente, é um negro bem relacionado, que vestiu o elegante terno com colete do homem branco. De modo a parecer o homem branco o máximo possível.

Serge olhou para minha esposa com a expressão de um ouvinte interessado, mas sua linguagem corporal o traía pelo fato de que ele achava difícil escutar qualquer mulher que não pudesse colocar em categorias simples como "peitos", "bela bunda" ou "não a expulsaria da cama por estar comendo biscoitos".

— Apenas muito depois os primeiros negros inaptos apareceram nos filmes — disse Claire. — Negros que usavam bonés e dirigiam carros espalhafatosos: negros violentos dos piores bairros. Mas pelo menos eram eles mesmos. Não eram uma versão aguada de um homem branco.

Naquele momento meu irmão tossiu e pigarreou. Ele se empertigou e se debruçou sobre a mesa — como se fosse pegar o microfone. Era exatamente o que parecia, pensei comigo mesmo. Em todos os seus movimentos, ele era mais uma vez o político nacional, o favorito a ser o próximo líder do nosso país, e estava prestes a colocar em seu lugar uma mulher da plateia em algum salão de sindicato.

— E o que há de tão ruim em pessoas negras adaptadas, Claire? — perguntou ele. — Quer dizer, ouvindo você falar, tenho a impressão de que preferiria que continuassem a ser eles mesmos, mesmo que isso significasse que irão matar uns aos outros em seus guetos por alguns gramas de crack. Sem nenhuma perspectiva de melhoria.

Olhei para minha esposa. Silenciosamente a encorajei a desferir o coup de grâce em meu irmão; ele levantara, e ela podia cortar, como dizem. O modo como ele tentara inserir a plataforma de seu partido em uma discussão corriqueira sobre pessoas e as diferenças entre elas era repulsivo demais. Melhoria... Uma palavra, nada além: bosta servida ao eleitorado.

— Não estou falando de melhoria, Serge — respondeu Claire. — Estou falando do modo como nós, holandeses, brancos, europeus, vemos as outras culturas. As coisas de que temos medo. Se um grupo de homens de pele escura estiver indo em sua direção pela calçada, você não sentiria um grande impulso de atravessar a rua se por acaso eles usassem bonés em vez de roupas elegantes? Como as suas e as minhas? Ou como as de diplomatas? Ou funcionários de escritório?

— Nunca atravesso a rua. Acredito que devemos tratar a todos como iguais. Você mencionou as coisas de que tenho medo. Concordo com você em relação a isso. Se simplesmente pudéssemos parar de ter medo, poderíamos cultivar mais compreensão uns com os outros.

— Serge, não sou uma colega de debate que você precise impressionar com expressões vazias como melhoria e compreensão. Sou sua cunhada, esposa de seu irmão. Estamos apenas nós quatro aqui. Como amigos. Como família.

— Isso é sobre o direito de ser um cretino — falei.

Um breve silêncio se abateu, o famoso silêncio no qual você conseguiria ouvir um alfinete cair, se isso já não tivesse sido descartado pelo barulho do restaurante agitado. Seria ir longe demais dizer que todas as cabeças se viraram na minha direção, como você às vezes lê. Mas prestavam atenção. Babette deu um risinho.

— Paul! — repreendeu-me ela.

— Não, mas de repente me lembrei de um programa de TV transmitido há alguns anos — falei. — Não consigo lembrar o nome.

Eu lembrava muito bem, mas não tinha qualquer intenção de revelar o programa; seria pura distração. O nome do programa poderia levar meu irmão a fazer algum comentário sarcástico para tentar reduzir a força de minha verdadeira mensagem antes mesmo que fosse transmitida. Não sabia que você assistia a coisas assim... Esse tipo de comentário.

— Era sobre homossexualidade. Entrevistaram uma senhora mais velha que vivia em um apartamento abaixo do de dois homossexuais, dois jovens que viviam juntos e de vez em quando cuidavam dos gatos dela. “Que garotos doces!”, dizia a senhora. O que ela realmente queria dizer era que, embora os dois vizinhos fossem homossexuais, o modo como cuidavam de seus gatos quando ela estava fora mostrava que ainda eram pessoas como você e eu. Aquela senhora ficou ali satisfeita consigo mesma e irradiando orgulho, pois agora todos podiam ver como era tolerante. Seus vizinhos de cima eram doces garotos, embora fizessem coisas sujas um com o outro. Coisas censuráveis, realmente, insalubres e antinaturais. Em outras palavras, perversões, que ainda assim eram mitigadas pelo cuidado desprendido dos garotos por seus gatos.

Fiz uma pausa. Babette sorria. Serge erguera as sobrancelhas algumas vezes. E Claire, minha esposa, olhava entretida — o olhar que ela me lançava quando sabia o rumo que as coisas iriam tomar. Então continuei, pois ninguém falava nada:

— De modo a compreender o que essa senhora estava dizendo sobre seus vizinhos de cima, você precisa inverter a situação. Se os dois doces homossexuais não alimentassem os gatos, e em vez disso os apedrejassem ou jogassem costeletas de porco envenenadas para eles da sua varanda, então seriam apenas bichas nojentas. Acho que foi o que Claire quis dizer em relação a Adivinhe quem vem para jantar?: que o amistoso Sidney Poitier também era um garoto doce. Que a pessoa que fez aquele filme não era, de modo algum, melhor do que a senhora naquele programa. Na verdade, Sidney Poitier deveria servir como um modelo. Um exemplo para todos aqueles outros crioulos sujos, os crioulos folgados. Os crioulos perigosos, os assaltantes, os estupradores e os vendedores de crack. Quando vocês colocarem um terno bom como o de Sidney e começarem a se comportar como o genro perfeito, os caras brancos serão seus amigos.

O homem de barba estava enxugando as mãos. Fechei o zíper, como um sinal de que acabara de urinar, embora não tivesse produzido qualquer som, e fui direto para a saída. Minha mão já estava na maçaneta de aço inoxidável quando ouvi o homem de barba dizer:

— Não é difícil para aquele seu amigo às vezes ir a um restaurante quando tem um rosto tão conhecido?

Eu parei. Sem soltar a maçaneta, me virei e olhei para ele. O homem de barba ainda secava as mãos com um bolo de toalhas de papel. Em meio à barba abundante, sua boca mais uma vez produzira um sorriso — mas dessa vez não um sorriso triunfante, era mais como uma exibição covarde dos dentes. “Eu não tenho más intenções”, dizia o sorriso.

— Ele não é meu amigo — expliquei.

O sorriso desapareceu. As mãos também pararam de se secar.

— Ah, me desculpe. Eu o vi sentado lá. Nós, minha filha e eu, pensamos: apenas continue a agir naturalmente, não vamos ficar olhando para ele boquiabertos.

Eu não disse nada. A revelação sobre a filha me fizera mais bem do que eu queria admitir. O barbudo, a despeito de seu jato incontido, não conseguira fisgar uma mulher trinta anos mais jovem. Ele jogou o bolo de papel molhado em uma lata de lixo de aço inoxidável; era uma daquelas latas com uma tampa acionada por mola, que tornava difícil para ele enfiar tudo de uma só vez.

— Eu estava pensando — disse ele. — Estava pensando se talvez fosse possível, é que minha filha e eu, ambos achamos que nosso país precisa de uma mudança. Ela estuda ciências políticas, e eu pensei se é possível ela tirar uma foto com o Sr. Lohman mais tarde.

Ele sacara do bolso do paletó uma câmera pequena e reluzente.

— Só tomaria um segundo. Sei que é um jantar particular para vocês e tudo o mais, e não quero incomodá-lo. Minha filha... Minha filha nunca me perdoaria se soubesse que ousei pedir isto. Foi ela quem disse que não era certo ficar encarando um político famoso em um restaurante. Que ele devia ser deixado em paz em seus poucos momentos de privacidade. E que decididamente não era certo tentar tirar uma fotografia com ele. Por outro lado, sei como seria maravilhoso para ela. Digo, tirar uma foto com Serge Lohman.

Olhei para ele. Fiquei pensando em como seria ter um pai cujo rosto você não consegue ver. Se enfim chegaria um dia em que, como filha de um pai como aquele, você simplesmente perdia a paciência — ou se acabava se acostumando, como com um tapete feio.

— Nenhum problema — respondi. — O Sr. Lohman sempre fica contente ao entrar em contato com seus partidários. Estamos no meio de uma discussão importante neste exato instante, mas fique de olho em mim. Quando eu lhe der o sinal, será o momento certo para uma foto.

A primeira coisa que percebi quando voltei do toalete foi o silêncio em nossa mesa: o tipo de silêncio tenso que lhe diz de imediato que você perdeu algo importante.

Eu voltara para o salão com o barbudo; ele estava à minha frente, de modo que só percebi o silêncio quando já chegara perto da mesa.

Ou não, houve algo mais que eu percebi primeiro: a mão de minha esposa em diagonal sobre a toalha de mesa, segurando a de Babette. Meu irmão olhava para seu prato vazio.

E só depois que me acomodei em minha cadeira me dei conta de que Babette estava chorando. Um choro silencioso, um tremor dos ombros quase imperceptível, um tremor no braço, o braço ligado à mão que Claire segurava.

Busquei contato visual com minha esposa. Claire ergueu as sobrancelhas e lançou um olhar expressivo na direção de meu irmão. No mesmo instante Serge levantou a cabeça, olhou para mim timidamente e deu de ombros.

— Bem, Paul, você tem sorte — disse. — Talvez devesse ter ficado um pouco mais no banheiro.

Babette arrancou a mão da de Claire, pegou seu guardanapo do colo e o jogou sobre o prato.

— Você é um cretino inacreditável! — xingou ela, empurrando a cadeira para trás.

No instante seguinte ela estava passando pelas outras mesas, em direção ao toalete, pensei, ou à saída. Mas não parecia provável que fosse nos deixar. Sua linguagem corporal, o ritmo derrotado com o qual passava pelas mesas me diziam que esperava que um de nós fosse atrás dela.

E de fato meu irmão começou a se levantar da cadeira. Claire colocou a mão em seu antebraço.

— Deixe-me ficar com ela um momento, Serge — pediu, e se levantou.

Também passou apressada pelas mesas. Àquela altura Babette sumira de vista, de modo que eu não sabia dizer se fora ao toalete ou em busca de ar fresco.

Meu irmão e eu nos olhamos. Ele ensaiou um sorriso franco, mas realmente não funcionou. Começou:

— É... Ela... — disse, olhando ao redor, e aproximando a cabeça da minha. — Não é o que você pensa — continuou, tão baixo que mal consegui entender.

Havia algo na cabeça dele. No rosto. Ainda era a mesma cabeça (e o mesmo rosto), mas era como se estivesse suspensa no ar, sem uma ligação clara com um corpo, sem sequer uma ideia coerente. Ele me

lembrou de um personagem de desenho animado que acabara de ter a cadeira arrancada debaixo dele. O personagem do desenho continua pairando no espaço por um momento antes de se dar conta de que a cadeira não está mais lá.

Caso usasse esse rosto para distribuir panfletos na rua, pensei, panfletos convocando pessoas comuns a votarem nele nas próximas eleições, ninguém o olharia. O rosto o fazia pensar em um carro novo, recém-saído da concessionária, que vira a primeira esquina, raspa em um poste e fica com um grande arranhão na lateral. Ninguém quer um carro assim.

Serge se levantou e passou para a cadeira à minha frente. A cadeira era de Claire, pertencia à minha esposa. Ele sem dúvida agora podia sentir o calor de seu corpo, deixado no assento através do tecido de suas calças. O pensamento me deixou furioso.

— Certo, isso faz com que seja mais fácil conversarmos.

Eu não disse nada. Não vou negar que era como eu gostava de ver meu irmão: atolado. Não ia jogar uma boia salva-vidas para ele.

— Ela tem tido dificuldade nos últimos tempos com, bem, você sabe, sempre odiei essa palavra. A menopausa. Soa como algo que nunca iria acontecer às nossas esposas.

Ele fez uma pausa. Provavelmente era para que eu dissesse algo sobre Claire. Sobre Claire e a menopausa. “Nossas esposas”: era o que ele dissera. Mas isso não era da conta dele. O que estivesse certo ou errado com Claire era privado.

— São os hormônios — continuou. — Primeiro o quarto está quente demais e todas as janelas precisam ser abertas, no momento seguinte ela fica toda chorosa.

Ele virou a cabeça, sua cabeça ainda visivelmente abalada, na direção dos toaletes, da porta e depois de volta para mim.

— Talvez seja bom para ela falar sobre isso com outra mulher. Sabe o que quero dizer: papo de garotas. De qualquer modo, em momentos assim não consigo fazer nada direito.

Ele sorriu. Não sorri de volta. Ele ergueu os braços e sacudiu os pulsos. Depois apoiou os cotovelos na mesa e juntou as pontas dos dedos. Olhou de novo por cima do ombro.

— Mas há outra coisa sobre a qual realmente precisamos conversar, Paul.

Senti algo frio e desagradável por dentro — um sentimento frio e desagradável que estivera ali a noite toda — ficar um pouco mais frio e mais desagradável.

— Precisamos conversar sobre nossos filhos — disse Serge Lohman.

Concordei com a cabeça. Olhei para o outro lado do corredor e assenti de novo. O homem de barba já olhara em nossa direção algumas vezes. Para ser claro, acenei uma terceira vez. O homem de barba acenou de volta.

Eu o vi pousar faca e garfo, se inclinar na direção da filha e sussurrar algo para ela. A filha agarrou a bolsa e começou a mexer dentro dela. Enquanto isso, o pai tirou a câmera do bolso do casaco e se levantou.

PRATO PRINCIPAL

— Uvas — disse o gerente.

O mindinho pairava a meio centímetro de um punhado minúsculo de frutinhas que inicialmente pensei serem frutas silvestres: groselha branca ou algo assim. Na verdade, eu não sei nada sobre frutas silvestres, exceto que a maioria delas não pode ser comida por seres humanos.

As uvas estavam posicionadas ao lado de um pedaço de alface de um roxo profundo, cinco centímetros inteiros de espaço vazio até chegar o verdadeiro prato principal, “filé de galinha-d’angola envolto em bacon alemão fatiado fino como papel”. O prato de Serge também apresentava o pequeno conjunto e o fragmento de alface, mas meu irmão pedira o tournedos. Não há muito que se possa dizer sobre um tournedos a não ser que é um pedaço de carne, mas, como algo precisava ser dito, o gerente ofereceu um breve relato sobre a origem do tournedos. Da “fazenda orgânica” onde os animais “vivem em liberdade” até serem abatidos.

Eu podia ver a impaciência de Serge. Ele estava com fome, do modo como apenas Serge pode sentir fome. Reconheci os sintomas: a ponta da língua lambendo o lábio superior, como a língua de um cão feroz em um desenho animado, o esfregar de mãos que alguém de fora poderia considerar ansiedade prazerosa, mas que era tudo menos isso. Meu irmão não sentia prazer em esperar; havia um tournedos em seu prato e aquele tournedos precisava ser engolido o mais rápido possível: ele precisava comer — agora!

A única razão pela qual eu perguntara ao gerente pelas uvas fora para atormentar meu irmão.

Babette e Claire ainda não haviam voltado, mas ele não se importava. “Elas voltarão a qualquer momento”, dissera quando nada menos que quatro garotas de aventais pretos surgiram com nossos pratos principais, trazendo o gerente em seu rastro. O gerente perguntara se gostaríamos que esperassem pelo retorno de nossas esposas antes de servirem os pratos, mas Serge descartou a ideia imediatamente. “Por favor, apenas sirvam”, ordenou. Sua língua já se movia sobre o lábio superior, e o esfregar de mãos estava fora de controle.

O dedinho do gerente apontou primeiro para meu filé de galinha-d’angola envolto em bacon alemão e depois para o acompanhamento: uma pequena pilha de “fatias de lasanha com berinjela e ricota”, presas por um palito de dentes, que me lembrou uma miniatura de club sandwich, e uma espiga de milho empalada nas duas extremidades por uma mola. A mola provavelmente tinha o objetivo de permitir que você pegasse o milho sem engordurar as mãos, mas tinha acima de tudo algo risível: ou não risível,

mas algo que se pretendia engraçado, um toque irônico do chef, algo assim. A mola era cromada e se projetava cerca de dois centímetros e meio de cada extremidade da espiga, que reluzia de manteiga. Particularmente, não gosto do milho desse jeito. Sempre achei desagradável morder uma espiga de milho; você tem muito pouco para comer e restos demais presos entre os dentes, enquanto a manteiga escorre pelo seu queixo. Além do que, nunca consegui afastar a ideia de que espigas de milho são, por princípio e acima de tudo, comida de porco.

Depois que o gerente descreveu as condições orgânicas da fazenda, a fazenda onde o tournedos de Serge havia sido cortado de uma vaca, e prometido que voltaria pouco depois para elucidar o conteúdo dos pratos de nossas esposas, aponte para o pequeno punhado de frutas.

— Por acaso seria groselha branca? — perguntei.

Serge já havia enfiado o garfo no tournedos. Estava pronto para cortar um pedaço, a mão direita com a faca de carne pairava acima do prato. O gerente já se virara para ir embora, mas então voltou. Enquanto seu mindinho se aproximava do punhado de frutinhas, olhei para o rosto de Serge.

Aquele rosto irradiava impaciência, acima de tudo. Impaciência e irritação com essa nova demora. Ele não tinha pudores de começar a comer seu pequeno pedaço de carne na ausência de Babette e Claire, mas não suportava a ideia de cravar seus dentes nele enquanto um estranho estava por perto.

— O que foi aquilo com as frutas? — perguntou depois que o gerente finalmente fora embora e estávamos a sós. — Desde quando você se interessa por frutas?

Ele cortou um grande pedaço de seu tournedos e o enfiou na boca. A mastigação demorou dez segundos, no máximo. Após engolir, olhou para o espaço por alguns momentos; era como se esperasse que a carne chegasse ao estômago. Depois levou faca e garfo ao prato mais uma vez.

Eu me levantei.

— O que foi agora? — perguntou Serge.

— Vou descobrir por que estão demorando tanto — respondi.

Tentei o toailete feminino primeiro. Com cuidado, para não assustar ninguém, entreabri a porta.

— Claire?

A não ser pela ausência de um mictório, o espaço era idêntico ao dos homens. Aço inoxidável, granito e música de piano. A única diferença era o vaso de narcisos brancos entre as duas pias. Pensei no dono do restaurante, em sua gola rulê branca.

— Babette?

Chamar o nome de minha cunhada foi apenas uma formalidade, uma desculpa por estar à entrada do toailete feminino, caso alguém realmente estivesse em um dos reservados, o que não parecia ser o caso.

Caminhei até a porta da frente, passando pela chapelaria e as garotas junto ao púlpito. Estava fazendo um calor agradável do lado de fora; a lua cheia pairava entre os topos das árvores e havia cheiro de ervas, um aroma que eu não conseguia definir, mas que parecia quase mediterrâneo. Um pouco além, no limite do jardim, vi as luzes dos carros e um bonde passando. E mais além, através dos arbustos, a janela iluminada do bar onde, naquele exato momento, as pessoas comuns estavam comendo suas costeletas.

Desci a trilha de cascalho com suas tochas elétricas e virei à esquerda, seguindo um caminho que contornava o restaurante. À minha direita ficava a ponte sobre o canal que levava à rua com seu trânsito e ao bar que servia costeletas; à minha esquerda, havia um espelho d'água retangular. Mais ao fundo, onde o espelho d'água desaparecia na escuridão, vi algo que inicialmente pensei ser um muro, mas que após um exame mais atento se revelou uma sebe da minha altura.

Virando de novo à esquerda, caminhei pela beirada do espelho d'água; a luz do restaurante refletia na água escura e dali era possível ver os clientes em suas mesas. Avancei um pouco, então parei.

Não havia mais de trinta passos de distância entre nós, mas era possível ver meu irmão sentado à nossa mesa, e ele não podia me ver. Enquanto esperávamos pelo prato principal, eu olhara para fora várias vezes, mas à medida que escurecia via cada vez menos. No entanto, do lugar onde estava agora eu podia ver quase todo o restaurante refletido no vidro. Serge teria de se virar e colar o nariz na janela para talvez me ver ali de pé, e mesmo assim não havia certeza de que conseguisse perceber mais que uma forma escura além da superfície da água.

Olhei ao redor e, pelo que pude perceber, o jardim escuro estava deserto. Nenhum sinal de Claire e Babette. Meu irmão pousara faca e garfo

e estava limpando a boca com um guardanapo. Dali não conseguia ver seu prato, mas poderia apostar que não restava nada nele: a comida acabara, a sensação de fome era coisa do passado. Serge levou a taça aos lábios e bebeu. Naquele instante, o homem de barba e a filha se levantaram da mesa. A caminho da porta, pararam ao lado da mesa de Serge. Vi o homem de barba erguer a mão, a filha sorrir para ele e Serge erguer a taça simulando um brinde.

Sem dúvida queriam agradecer mais uma vez pela gentileza. De fato, Serge fora um exemplo de cortesia. De modo suave e instantâneo, passara do papel de comensal em busca de privacidade para o de rosto nacionalmente conhecido: um rosto nacionalmente conhecido que sempre permanecera ele mesmo, uma pessoa comum, uma pessoa como você e eu, alguém que se podia encontrar e conversar a qualquer momento e em qualquer lugar, porque nunca se colocava em um pedestal.

Suponho que fui o único a perceber o franzir de irritação em seu cenho quando o homem de barba foi até ele pela primeira vez.

— Por favor, me desculpe, mas seu... Seu... Esse cavalheiro me garantiu que não seria um problema se nós...

O franzido não ficou ali mais de um segundo, e depois disso vimos o Serge Lohman em quem qualquer um se sentiria bem ao votar, o candidato a primeiro-ministro que ficava à vontade entre pessoas comuns.

— Claro! Claro! — gritara ele com jovialidade quando o barbudo mostrara a câmera e apontara para a filha. — E qual o seu nome? — perguntara à garota.

Ela não era uma garota exatamente bonita, não do tipo que produzia aquele brilho indecente nos olhos de meu irmão: não era uma garota para quem ele tentaria se exibir, como fizera mais cedo com a garçonne desajeitada, a parecida com a Scarlett Johansson. Mas tinha um rosto bonito, um rosto inteligente, eu me corriji — na verdade, inteligente demais para querer tirar uma foto com meu irmão.

— Naomi — respondera ela.

— Sente-se ao meu lado, Naomi — chamara Serge, e quando a garota se acomodara na cadeira vazia, ele colocara o braço sobre seus ombros. O barbudo recuara alguns passos.

— Agora uma para o álbum — disse depois que a câmera havia disparado uma vez, e tirou outra.

O momento fotográfico causara alguma agitação. É bem verdade que as pessoas às mesas perto de nós agiram como se não tivesse havido um momento fotográfico, mas fora como a entrada de Serge mais cedo: mesmo quando você age como se nada estivesse acontecendo, algo acontece, não sei explicar isso com mais clareza. É como passar direto por

um acidente porque você não gosta de ver sangue, ou não, vamos colocar de outro jeito: como um animal que foi atropelado e está caído morto ao lado da estrada, você sabe, já viu o animal morto, mas não olha mais para ele. Você não quer ver o sangue e as tripas para fora. Então olha para outra coisa, o céu, por exemplo, ou um arbusto florido no campo mais adiante — para qualquer coisa, menos para o acostamento.

Serge havia sido terrivelmente alegre colocando o braço sobre os ombros dela daquela forma: puxara a garota um pouco mais para perto e inclinara a cabeça para o lado. Inclinara tanto a cabeça que elas quase se tocaram. Era provável que o resultado tivesse sido uma foto maravilhosa, a filha do barbudo não poderia ter conseguido uma foto melhor, mas tive a clara impressão de que Serge não teria sido tão jovial se fosse Scarlett Johansson (ou a parecida com Scarlett Johansson) ao lado dele em vez de aquela garota.

— Queremos muito agradecer — dissera o homem de barba. — Não vamos incomodá-lo mais. O senhor está aqui em um momento privado.

A garota — Naomi — não disse uma palavra; empurrou a cadeira para trás e se pôs de pé ao lado do pai.

Mas eles não foram embora.

— Isso acontece com frequência? — perguntou o barbudo, inclinando-se um pouco, de modo que sua cabeça ficasse bem acima de nossa mesa. Ele também falava mais baixo, confidencialmente. — As pessoas vão até o senhor e pedem para tirar foto?

Meu irmão o encarou, o franzido entre as sobrancelhas voltara. O que mais queriam dele? — dizia o franzido. O barbudo e sua filha haviam tido seu momento de descontração, agora era hora de sumir.

Pelo menos dessa vez, eu não podia culpá-lo por aquilo. Eu vira isso acontecer antes, a forma como as pessoas ficavam tempo demais junto a Serge Lohman. Elas não conseguiam se afastar, queriam que o momento durasse mais. Sim, quase sempre queriam um pouco mais; uma fotografia ou um autógrafo não eram o suficiente. Queriam algo exclusivo, um tratamento exclusivo: era preciso haver uma distinção entre elas e todos os outros que iam até ele e pediam uma foto ou um autógrafo. Elas buscavam uma história. Uma história que pudessem contar a todos no dia seguinte: sabem quem conheci noite passada? É, ele mesmo. Muito legal, tão normal... Achamos que depois da foto ele iria querer ser deixado em paz. Mas não, de modo algum! Ele nos convidou a sentar à sua mesa e insistiu que tomássemos um drinque com ele. Não acho que outro famoso faria isso. Mas ele fez. E era tarde quando saímos.

Serge olhou para o homem de barba; o franzido entre as sobrancelhas se tornara mais evidente, mas alguém de fora poderia confundir isso com o

franzido de alguém cujos olhos estavam incomodados por olhar para a luz. Deslizou a faca sobre a toalha de mesa para longe do prato, depois de volta. Eu sabia o dilema que ele enfrentava, vira aquilo com frequência, com mais frequência do que gostaria: meu irmão queria ficar sozinho; ele mostrara o lado mais radiante de seu caráter, deixara o pai imortalizá-lo com o braço sobre os ombros da filha, ele era normal, era humano. Qualquer um que votasse em Serge Lohman estaria votando em um primeiro-ministro normal e humano.

Mas agora, quando o barbudo simplesmente estava ali de pé, esperando por ainda mais conversa fiada com a qual pudesse se exibir diante dos colegas na manhã de segunda-feira, Serge tinha de se controlar. Um comentário afiado ou mesmo levemente sarcástico poderia estragar tudo, e toda a abordagem charmosa teria sido em vão. Na segunda-feira o barbudo contaria a seus colegas como Serge Lohman se revelara um merda arrogante, um homem metido. Afinal, o barbudo e a filha não o estavam incomodando; tudo o que pediram foi uma fotografia, depois o deixaram jantar. Entre aqueles colegas haveria dois ou três que não votariam em Serge Lohman depois de ouvir isso; de fato, era bastante possível que esses dois ou três colegas passassem adiante a história sobre o líder partidário arrogante e inacessível; a chamada “bola de neve”. Como com todas as difamações, a história ganharia um formato mais grotesco cada vez que fosse contada; a fofoca altamente confiável se espalharia como fogo no mato, dizendo como Serge Lohman tratara alguém com desprezo, um pai comum e sua filha que haviam pedido com toda a educação para tirar uma foto com ele; em uma versão avançada, o candidato a primeiro-ministro teria expulsado os dois do restaurante pelas orelhas.

Embora ele só tivesse a si mesmo para culpar por isso, naquele momento senti pena do meu irmão. Eu sempre simpatizara com astros do cinema e ídolos do rock que partiam para cima e quebravam as câmeras dos paparazzi que esperavam por eles do lado de fora da boate. Se Serge tivesse decidido acertar o barbudo na cara, ou no que quer que estivesse escondido por trás daquela desprezivelmente risível, ou risivelmente desprezível, cabeleira de elfo, poderia contar cem por cento comigo. Eu teria torcido os braços do barbudo às costas, pensei comigo mesmo, para que Serge se concentrasse em esmagar o rosto dele. Afinal, ele teria de colocar um pouco mais de peso nos golpes de modo a danificar alguma coisa por trás de todo aquele pelo.

Sem exagerar, pode-se afirmar que Serge tinha duas cabeças no que dizia respeito à atenção popular. Naqueles momentos e naquelas ocasiões em que ele é o queridinho do público, durante seus discursos em reuniões de sindicatos, quando responde a perguntas de uma plateia de “gente

simples”, ou diante de câmeras de TV ou microfones de rádio, quando fica de agasalho na feira livre distribuindo panfletos de campanha e conversando com pessoas comuns, ou quando sobe ao púlpito e se deixa afogar pelos aplausos, o que quero dizer é: a contínua ovação de pé que durou minutos no último congresso do partido (flores foram lançadas sobre o palanque; espontaneamente, disseram, mas na verdade algo encenado com cuidado por seu diretor de campanha): em momentos como esses ele brilha. Não é apenas uma questão de reluzir de orgulho, ou de grandeza, ou porque políticos que desejam avançar precisam brilhar, pois do contrário a campanha poderá terminar amanhã; não, ele de fato brilha: ele irradia algo.

Todas as vezes que vi, fiquei surpreso, é surpreendente e impressionante testemunhar como meu irmão, o idiota, o plebeu grosseiro que “precisa comer agora” e engole seu tournedos sem alegria em três mordidas, o idiota que se entedia com facilidade, cujos olhos começam a vagar no caso de qualquer tema que não tenha a ver com ele, como esse meu irmão, em um palanque, sob os refletores e na TV literalmente começa a brilhar — como, em outras palavras, ele se torna um político carismático.

“É a mágica dele”, disse a apresentadora de um programa jovem em entrevista a uma revista feminina. “Quando você se aproxima de Serge Lohman algo acontece.”

Eu, por acaso, vira esse episódio específico do programa para jovens e era claro o que Serge fazia. Para começar, ele nunca para de sorrir. Ele se educou a fazer isso, embora seus olhos não sorrissem junto, e por isso você sabe que não é real. Ainda assim: sorri, e as pessoas gostam. Depois, durante a maior parte da entrevista, ele ficou de pé com as mãos nos bolsos, não entediado ou blasé, mas à vontade, como se estivesse de pé no pátio de uma escola (pátio de escola, nesse caso, não é uma associação tão distante, já que a entrevista foi feita em algum clube jovem barulhento e mal iluminado, depois de um discurso no mesmo lugar). Era velho demais para passar por estudante, mas era o melhor professor de todos; o professor em quem você pode confiar, que algumas vezes diz “merda” e “legal”, o professor que não usa gravata e que durante a excursão escolar a Paris toma umas no bar junto com todo mundo. De vez em quando Serge tira a mão do bolso para ilustrar com um gesto algum ponto do programa do partido, e então é como se ele fosse passar aquela mão pelos cabelos da apresentadora ou dizer que os cabelos dela são bonitos.

Mas, quando estamos em particular, as coisas mudam. Como todo famoso, ele também tem aquele olhar: sempre que não está em um compromisso público, nunca olha para ninguém; seus olhos vagueiam sem rumo, sem se fixar em lugar algum, ele olha para tetos, para as luminárias

penduradas nesses tetos, para mesas, cadeiras, gravuras emolduradas na parede — na verdade, gostaria era de não olhar para absolutamente nada. E o tempo todo sorri; é o sorriso de alguém que sabe que todos estão olhando para ele — ou intencionalmente não olhando para ele, o que no fim dá no mesmo. Às vezes é difícil para ele manter separadas essas duas coisas — a propriedade pública e as circunstâncias privadas. Então você o observa pensando que talvez não seja uma ideia tão ruim lucrar um pouco do interesse público durante os momentos particulares; como esta noite, no restaurante.

Serge olhou para o homem de barba e depois para mim; o franzido na testa havia desaparecido. Ele piscou, e no instante seguinte enfiou a mão no bolso do paletó e tirou o celular.

— Com licença — disse, olhando para a tela. — Preciso atender.

Ofereceu um sorriso como pedido de desculpas ao barbudo, apertou uma tecla e levou o telefone ao ouvido.

Não houve qualquer som, nenhum toque antiquado, nenhuma musiquinha especial — mas era possível. Havia muito ruído de fundo que poderia impedir o barbudo, Naomi e eu de ouvirmos alguma coisa, ou, quem sabe, ele poderia ter colocado o telefone para vibrar.

Quem poderia dizer? Certamente não o barbudo. Para ele o momento de escapular de mãos vazias chegara: claro que poderia ter dúvidas quanto ao telefonema, tinha todos os motivos para achar que estava sendo embromado — mas a experiência mostrava que as pessoas não faziam isso. Arruinaria a história delas. Haviam tirado a foto com o futuro primeiro-ministro da Holanda, conversado um pouco, mas ele também era um homem ocupado.

“Ah”, disse Serge ao telefone. “Onde?” Ele não olhava mais para o barbudo e sua filha, olhava para fora; no que lhe dizia respeito já haviam partido. Devo admitir que foi uma grande atuação. “No momento estou jantando”, informou, e conferiu o relógio; disse o nome do restaurante. “Não, não conseguirei fazer isso antes de meia-noite”, falou.

Senti que era minha obrigação olhar para o homem de barba. Eu era o recepcionista que acompanhava o paciente à porta, porque o médico tinha de cuidar do paciente seguinte. Fiz um gesto, não de desculpas, mas um que mais ou menos dizia que ele e a filha já podiam se retirar sem perder a dignidade.

— São esses momentos em que você se pergunta o que faz para merecer — disse meu irmão, suspirando quando estávamos de novo sozinhos e ele guardara o telefone. — Jesus, esses são os piores! Aqueles que simplesmente não vão embora. Se a garota pelo menos fosse bonitinha... — falou, piscando. — Ah, lamento, Paul, esqueci. Você gosta das

discretas.

Ele sorriu da própria piada e eu sorri com ele, enquanto olhava na direção da porta para ver se Claire e Babette estavam voltando. Mas então, antes do que eu esperava, Serge ficou sério de novo. Colocou os cotovelos na mesa e uniu as pontas dos dedos. “E aí, do que estávamos falando?”, perguntou.

Em seguida chegaram com o prato principal.

E então? Então eu estava de pé do lado de fora, olhando a distância para meu irmão, sentado completamente sozinho à nossa mesa. Sentia uma grande tentação de passar o resto da noite ali fora — ou pelo menos não voltar para dentro.

Ouvi um bipe eletrônico que a princípio não compreendi, seguido por outros bipes que juntos pareciam formar uma melodia; lembravam o toque de um celular, mas não o meu.

Ainda assim, era inegável que vinha do bolso do meu próprio blazer, o bolso direito: sou canhoto, então sempre coloco o celular no bolso esquerdo. Deslizei a mão — a mão direita — para dentro no bolso e senti, além do habitual chaveiro e de algo duro que sabia ser um pacote aberto de chicletes, um objeto que só podia ser um telefone.

Antes mesmo que tivesse tempo de tirar o aparelho do bolso, eu me dei conta do que estava acontecendo. Como o telefone de Michel acabara em meu bolso era algo que eu não conseguia reconstituir de imediato, mas primeiro tinha de lidar com o simples fato de que alguém estava ligando para Michel — no telefone dele. Agora que já não estava abafado pelo tecido do blazer, o toque era terrivelmente alto, tão alto que eu temia que pudesse ser ouvido em todo o jardim.

— Merda.

A melhor solução, claro, seria deixar o telefone tocar até cair na caixa postal. Por outro lado, queria que ele parasse de fazer barulho imediatamente.

Por outro lado, estava curioso para saber quem ligava.

Olhei para a tela para ver se poderia reconhecer um nome, mas a leitura se mostrou desnecessária. A tela se acendeu no escuro, e embora os traços estivessem um pouco borrados, não tive dificuldade em reconhecer o rosto de minha própria esposa.

Claire, por alguma razão, estava ligando para o filho, e só havia uma forma de descobrir qual era essa razão.

— Claire? — disse, após deslizar a tampa do aparelho.

Não houve nenhum som.

— Claire? — repeti.

Olhei em volta algumas vezes. Não era difícil imaginar que minha esposa fosse de repente sair de detrás de uma árvore: surpresa!, tudo não passou de uma piada, mesmo que fosse uma piada que eu não estava entendendo na hora.

— Pai?

— Michel! Onde você está?

— Em casa. Eu estava... Não conseguia... Mas onde você está?

— No restaurante. Eu lhe disse. Mas como...

Mas como eu estou com seu celular, queria dizer, mas de repente essa não parecia ser uma boa pergunta a fazer.

— O que você está fazendo com meu celular? — perguntou meu filho.

Ele não pareceu aborrecido, mas surpreso, assim como eu.

O quarto dele, mais cedo, o telefone na mesa... O que você estava fazendo lá? Você disse que estava procurando por mim. Por que estava procurando por mim? Eu estava com o celular dele na mão naquele momento? Ou já havia recolocado na mesa? Estava só procurando você. Será que realmente poderia...? Mas eu precisaria já estar usando o blazer. Nunca uso blazer em casa. Tentei pensar em por que teria subido vestindo meu blazer e ido ao quarto do meu filho.

— Não tenho ideia — respondi enquanto isso, parecendo o mais relaxado possível. — Estou tão surpreso quanto você. Quer dizer, eles são meio parecidos, nossos celulares, mas não consigo acreditar que eu...

— Não consegui encontrá-lo em parte alguma — interrompeu Michel. — Então liguei para meu próprio número para ver se conseguia ouvi-lo tocar.

O retrato da mãe na tela. Ele ligara de casa; a tela do telefone exibia um retrato da mãe quando alguém ligava para ele da linha fixa. Não um retrato do pai, passou pela minha cabeça. Ou de nós dois. No mesmo instante me dei conta de como seria ridículo, um retrato dos pais no sofá da sala de estar, sorrindo de braços dados: um casamento feliz. Mamãe e papai estão ligando. Mamãe e papai querem falar comigo. Mamãe e papai me amam mais que qualquer coisa neste mundo.

— Foi mal, cara. Acho que fui burro o bastante para colocar seu telefone no meu bolso. Seu pai deve ter tido um ataque de senilidade — falei. Casa era mamãe. Casa era Claire. Eu não me senti excluído, observei. De alguma forma, na verdade, era um consolo. — Não vamos demorar a chegar. Você estará com ele em duas horas.

— Onde vocês estão? Ah, sim, foram jantar, você já disse. É naquele restaurante em frente ao... — disse Michel, citando o nome do bar de pessoas comuns. — Não é longe.

— Não se preocupe. Você o terá de volta mais rápido do que pensa. Em mais ou menos uma hora, no máximo.

Será que eu ainda soava animado? Alegre? Ou daria para notar pela minha voz que realmente não queria que ele fosse ao restaurante e pegasse o telefone?

— Não posso esperar. Eu tenho... Preciso de alguns números, preciso ligar para alguém.

Eu o ouvi mesmo hesitar, ou foi apenas uma falha na ligação por um

momento?

— Posso procurar para você. Se você me disser de que número precisa...

Não, esse tom era totalmente errado. Eu não queria ser aquele tipo de pai relaxado, com quem era divertido estar: um pai que pode xeretar o celular do filho porque, afinal, pai e filho “não têm nada a esconder um do outro”. Eu já era grato por Michel ainda me chamar de “pai” e não de “Paul”. Havia algo nessa coisa de chamar pelo nome que sempre me chocou: crianças de sete anos chamando o pai de “George” ou a mãe de “Wilma”. Era o tipo errado de liberdade e relaxamento, e no final das contas isso sempre se voltava contra os pais livres e relaxados demais. Era só uma linha tênue de “George” e “Wilma” para “mas eu disse que queria manteiga de amendoim, não disse, George?”. Depois do que o sanduíche com chocolate granulado volta para a cozinha e desaparece no lixo.

Eu já estive no mesmo ambiente que eles, pais que riem um tanto constrangidos quando seus filhos falam com eles nesse tom de voz. “Ah, você sabe, hoje eles chegam à adolescência muito mais cedo” é como tentam disfarçar, mas são míopes demais, ou simplesmente covardes demais, para se dar conta de que invocaram eles mesmos esse reino do terror. No fundo, claro, o que esperam é que seus filhos continuem gostando deles mais tempo como George e Wilma do que gostariam se fossem mamãe e papai.

Um pai que olhasse o conteúdo do celular de seu filho de quinze anos estaria se aproximando demais. Veria no mesmo instante quantas garotas estavam nos contatos, ou que fotos obscenas haviam sido baixadas como papel de parede. Não, eu e meu filho temos coisas a esconder, nós respeitamos a privacidade um do outro, batemos na porta quando ela está fechada. E, por exemplo, não entramos e saímos do banheiro nus, sem toalhas enroladas na cintura, apenas porque não há nada a esconder, como era comum nas famílias George e Wilma — não, isso não, de modo algum.

Mas eu já havia xeretado o celular de Michel. Vira coisas que não eram da minha conta. Do ponto de vista de Michel, era mortalmente perigoso que eu ficasse com seu telefone mais tempo do que o necessário.

— Não, tudo bem, pai. Estou indo buscar agora mesmo.

— Michel? — chamei, mas ele já havia desligado. — Merda! — gritei pela segunda vez naquela noite, e nesse momento vi Claire e Babette saindo de detrás da sebe alta. Minha esposa tinha o braço sobre o ombro da cunhada.

Só demorou algumas piscadelas: durante essas piscadelas pensei em recuar e desaparecer entre os arbustos. Mas então me lembrei de por que fora ao jardim: procurar Claire e Babette. Poderia ter sido pior. Claire poderia ter me visto usando o celular de Michel. Poderia ter pensado em

para quem eu estava ligando ali, fora do restaurante — em segredo!

— Claire! — chamei, acenando.

Então fui na direção delas.

Babette ainda levava um lenço ao nariz, mas não se viam mais lágrimas.

— Paul... — respondeu minha esposa.

Ela me encarou no instante em que dizia meu nome. Primeiro revirou os olhos, depois deu um suspiro imaginário. Eu sabia o que aquilo significava, pois já a vira fazer isso antes — quando, por exemplo, a mãe dela tentou tomar uma overdose de soníferos na casa de repouso.

É muito pior do que pensei, diziam os olhos e o suspiro.

Agora Babette também olhou para mim e afastou o lenço do rosto.

— Ah, Paul — disse ela. — Querido, doce, Paul...

— O... O prato principal chegou — anunciei.

Não havia ninguém no toalete masculino.

Verifiquei todos os três reservados: desocupados.

Você duas vão na frente, eu dissera a Claire e Babette quando chegamos à entrada. Vão na frente e comecem, estarei lá em um minuto.

Fui ao reservado mais distante da porta e o tranquei após entrar. Para manter as aparências, baixei as calças e me sentei: continuei em trajes de baixo.

Tirei o celular de Michel do bolso e o abri.

Vi na tela algo que não tinha visto antes — pelo menos algo que não havia percebido no jardim.

Na base da tela, aparecera uma caixinha branca:

Duas chamadas não atendidas
Faso

Faso? Quem diabo é Faso?

Soava como um nome inventado, um nome que não podia pertencer de verdade a ninguém...

E de repente eu soube. Claro! Faso! Faso era o apelido que Michel e Rick tinham dado ao irmão e primo adotado. Beau. Por causa do país onde havia nascido. E por causa de seu primeiro nome: Beau.

Beau Faso. B. Faso, de Burkina Faso.

Eles tinham começado com isso dois anos antes: pelo menos foi a primeira vez em que os ouvira usar o apelido, na festa de aniversário de Claire. “Quer um pouco, Faso?”, ouvi Michel dizer, estendendo para Beau uma tigela plástica vermelha com pipoca.

E Serge, que estava de pé ali perto, também ouviu e disse: “Por favor. Pare com isso. O nome dele é Beau.”

O próprio Beau parecia ser a última pessoa a se importar com o apelido. “Está tudo bem, pai, de verdade”, disse ele a meu irmão.

“Não, não está”, retrucou Serge. “Seu nome é Beau. Faso! Não sei, só acho que é... Acho que não é gentil.”

Serge talvez quisesse dizer “Acho que é discriminação”, mas mordera a língua no último instante.

“Todo mundo tem apelido, pai.”

Todo mundo. Era o que Beau queria. Ele queria ser como todo mundo.

Depois disso raramente ouvi Michel e Rick usando o apelido quando havia outras pessoas perto. Mas, pelo jeito, ele perdurara: até chegar à lista

de contatos de Michel.

Por que Beau/Faso estava ligando para Michel?

Eu poderia escutar na caixa postal caso ele tivesse deixado uma mensagem, mas então Michel veria de imediato que eu estivera xeretando seu telefone. Nós dois usávamos a mesma operadora, e eu poderia repetir dormindo a mensagem da moça da caixa postal: “Você tem UMA mensagem nova”, substituída, depois de escutada pela primeira vez, por “Você tem UMA mensagem antiga”.

Apertei o botão Selecionar, cliquei em Meus Arquivos e depois Vídeos.

Surgiu um menu: 1. Vídeos, 2. Vídeos baixados e 3. Vídeos favoritos.

Assim como havia feito algumas horas (uma eternidade) antes no quarto de Michel, cliquei em 3. Vídeos favoritos. Mais que uma eternidade, havia sido um momento decisivo: momento decisivo como em antes da guerra e depois da guerra.

Uma cena do vídeo mais recente aparecia em azul; aquele havia sido o clipe que eu vira havia uma eternidade. Voltei um vídeo, apertei Opções e depois Play.

Uma estação. A plataforma de uma estação, aparentemente uma estação de metrô. Sim, uma estação de metrô de superfície em um dos subúrbios, a julgar pelos prédios altos ao fundo. Talvez no sudeste da cidade, ou em Slotervaart.

Sejamos francos. Eu reconheci a estação do metrô. Soube exatamente qual estação de metrô era, onde e de qual linha — apenas não vou berrar isso aos quatro ventos; a esta altura ninguém ganharia nada se eu mencionasse o nome da estação.

A câmera baixou e começou a acompanhar os calcanhares de um par de tênis brancos que seguiam pela plataforma com certa pressa. Após algum tempo, a câmera voltou a subir e mostrou um homem, um homem mais velho, na casa dos sessenta anos, imaginei, embora com pessoas como ele sempre seja difícil dizer; de qualquer forma, estava claro que ele não era o dono dos tênis brancos. Quando a câmera se moveu na direção dele, foi possível ver seu rosto não barbeado, bastante marcado. Provavelmente um mendigo, um sem-teto. Algo assim.

Senti o mesmo frio que sentira mais cedo no quarto de Michel, um frio que vinha de dentro.

O rosto de Rick surgiu ao lado do sem-teto. O filho de meu irmão sorriu para a câmera. Ele disse: “Tomada um. Ação!”

Então, sem aviso, acertou a lateral da cabeça do homem com a palma da mão, na orelha. Foi uma pancada forte; a cabeça foi para o lado, o homem se encolheu e ergueu as mãos para proteger os ouvidos, como se para evitar o golpe seguinte.

“Você é um merda, seu filho da mãe!”, berrou Rick em inglês, com algum sotaque o denunciando, como um ator holandês em um filme inglês ou americano.

A câmera se aproximou mais, o rosto barbado do sem-teto enchendo o pequeno visor. Ele piscou seus olhos vermelhos e aguados, seus lábios murmuraram algo incompreensível.

“Diga ‘Jackass’”, falou outra voz em off, uma voz que reconheci no mesmo instante como sendo a do meu filho.

A cabeça do sem-teto desapareceu e lá estava Rick de novo. Meu sobrinho olhou para a câmera e deu um sorriso intencionalmente idiota. “Não tente isso em casa”, falou, e deu outro golpe, ou pelo menos seu braço fez um movimento de socar. O golpe propriamente dito se deu fora da câmera.

“Diga ‘Jackass’”, falou a voz de Michel.

A cabeça do sem-teto surgiu na tela de novo, dessa vez, a julgar pelo ângulo da câmera — não havia mais prédios ao fundo, apenas uma faixa de concreto cinzento ao longo da plataforma com trilhos atrás —, caído no chão. Os lábios dele tremiam, os olhos estavam fechados.

“Jack... jack... ass”, disse ele.

Então o quadro congelou. No silêncio que se seguiu, ouvi apenas o som da água correndo pelo mictório.

“Precisamos conversar sobre nossos filhos”, Serge tinha dito — há quanto tempo? Uma hora? Duas?

O que eu realmente queria era ficar sentado ali até amanhã de manhã: até os faxineiros me encontrarem.

Eu me levantei.

À entrada do salão, hesitei.

Michel poderia chegar a qualquer momento para pegar seu celular (pelo menos ainda não chegara, observei quando dei alguns passos à frente e depois parei: as únicas pessoas em nossa mesa eram Claire, Babette e Serge).

Eu me escondi atrás de um vaso com uma grande palmeira. Espiando por entre a folhagem, tinha a impressão de que não haviam me visto.

Refleti que, de longe, a melhor opção seria interceptar Michel. Ali na entrada ou na chapelaria; ainda melhor, claro, seria do lado de fora, no jardim. Sim, eu precisava ir para o jardim, dessa forma poderia andar e encontrar Michel no meio do caminho, dar o celular a ele lá. Não sendo atrapalhado por olhares e possíveis perguntas de sua mãe, seu tio e sua tia.

Eu me virei e caminhei para a saída, passando pela garota no púlpito. Não tinha bolado um plano. Teria de dizer algo ao meu filho. Mas o quê? Decidi esperar e ver se ele mesmo diria algo — resolvi que iria prestar muita atenção aos olhos dele, seus olhos honestos que sempre haviam tido tanta dificuldade para mentir.

Seguindo pelo caminho com as tochas elétricas, virei à esquerda, exatamente como fiz mais cedo. A coisa mais óbvia seria Michel pegar o mesmo caminho que nós, atravessando a ponte de pedestres em frente ao bar de pessoas comuns. Havia outra entrada para o jardim, na verdade a entrada principal, mas para isso ele teria de pedalar muito mais no escuro.

Quando cheguei à ponte, parei e olhei ao redor. Não havia ninguém à vista. A luz das tochas do restaurante não era mais que um fraco brilho amarelado, iluminando pouco mais que algumas velas.

A escuridão também tinha uma vantagem. Se não pudéssemos ver os olhos um do outro, Michel poderia ficar mais disposto a dizer a verdade.

E então? O que eu iria fazer com essa “verdade”? Esfreguei os olhos. Pelo menos precisaria parecer lúcido mais tarde. Levando a mão em concha à frente da boca, exalei e cheirei. Sim, meu hálito cheirava a álcool, cerveja e vinho. Mas até agora, calculei, não tomara, no total, mais de cinco drinques. Decidira de antemão manter o controle; não queria dar a Serge a chance de me vencer só por eu ter sido descuidado. Eu me conhecia suficientemente bem, sabia que um jantar fora tinha uma curva de concentração limitada, e que ao final dessa curva não teria mais tesão para retaliar caso ele voltasse a falar sobre nossos filhos.

Olhei para o outro lado da ponte e as luzes do café atrás dos arbustos, do outro lado da rua. Um bonde passou pelo ponto sem diminuir, depois tudo ficou em silêncio de novo.

— Ande logo! — falei.

E foi ali e naquele exato instante, enquanto ouvia o som de minha própria voz — sobressaltei-me com o som de minha própria voz, talvez devesse dizer — que de repente soube o que tinha de fazer.

Tirei o celular de Michel do bolso e deslizei a tampa.

Apertei Exibir.

Li as duas mensagens de texto: a primeira tinha um número de telefone e a observação de que não havia sido deixado recado, a segunda dizia que o mesmo número deixara “uma nova mensagem”.

Comparei os horários das duas mensagens. Entre a primeira e a segunda se passaram apenas dois minutos. Ambas chegaram pouco mais de quinze minutos antes: enquanto eu falava com meu filho ao telefone, naquele mesmo jardim, não muito longe dali.

Apertei Opções duas vezes, depois Apagar.

Depois liguei para o número da caixa postal.

Quando Michel pegasse seu telefone mais tarde, não haveria chamadas não atendidas na tela, raciocinei, portanto nenhuma razão para ele consultar a caixa postal — pelo menos não por ora.

Então ouvi, depois que a moça da caixa postal anunciara que havia uma mensagem nova (e duas antigas): “Qual é! Vai me ligar de volta ou não?!”

Qual é! Seis meses antes, Beau começara a adotar o visual afro-americano, com um boné do New York Yankees e gírias. Ele havia sido tirado da África e trazido para cá, e até pouco tempo antes sempre falara um correto holandês padrão. Não o holandês falado pelas pessoas comuns, mas o holandês do círculo de meu irmão e sua esposa: supostamente bastante neutro, mas na verdade com o sotaque identificado por milhares como sendo o da elite. O holandês que você ouve na quadra de tênis e no salão do clube de hóquei.

Deve ter havido um dia em que Beau se olhou no espelho e decidiu que África era sinônimo de um lugar deplorável e carente. Mas, a despeito de sua dicção elegante, ele também nunca seria um holandês. Então era perfeitamente compreensível que procurasse sua identidade em outro lugar, do outro lado do Atlântico, nos bairros negros de Nova York e Los Angeles.

Mas desde o início houve algo a respeito disso que me aborreceu muito. Era a mesma coisa que sempre me aborrecera em relação ao filho adotivo de meu irmão: algo sobre sua aura de santidade, se podia ser chamada assim, a perspicácia com que ele explorava as diferenças entre ele e os pais adotivos, o irmão adotivo, a irmã e o primo adotivos.

Quando pequeno ele subia no colo da “mãe” com muito mais frequência do que Rick ou Valerie — em geral às lágrimas. Babette acariciava sua cabecinha negra e dizia palavras reconfortantes, mas já estava olhando ao

redor procurando quem culpar pela dor de Beau.

O culpado normalmente não estava longe.

"O que aconteceu com Beau?", cobrava ela de forma acusadora ao filho biológico.

"Nada, mamãe", ouvi Rick dizer uma vez. "Apenas olhei para ele."

"Na verdade, você é racista", disse Claire quando falei que não gostava de Beau.

"Não sou, não!", reagi. "Seria racista se gostasse daquele pequeno hipócrita apenas por causa da cor de sua pele ou de onde ele vem. Discriminação positiva. Só seria racista caso a hipocrisia de nosso sobrinho adotivo me fizesse tirar conclusões sobre a África em geral ou Burkina Faso em particular."

"Só estava brincando", explicou Claire.

Uma bicicleta se aproximava pela ponte. Uma bicicleta com farol. Eu só conseguia ver a silhueta do ciclista, mas seria capaz de localizar meu filho em uma multidão de milhares, mesmo no escuro. O modo como ele se debruçava sobre o guidom como um ciclista de velocidade, a despreocupação flexível com que deixava a bicicleta balançar para a esquerda e a direita enquanto o próprio corpo mal se movia: esses eram modos e movimentos de... De um predador. A ideia brotou em minha cabeça sem que eu conseguisse impedir. "De um atleta" era o que quisera dizer — quisera pensar. Um esportista.

Michel jogava futebol e tênis, e seis meses antes começara a frequentar uma academia. Não fumava, era muito moderado com álcool e em mais de uma oportunidade expressara seu desprezo por drogas, leves ou pesadas. "Aqueles fracassados" era como chamava os maconheiros de sua turma, e nós, Claire e eu, ficamos muito contentes de ouvir isso. Contentes de ter um filho que não era um delinquente, que quase nunca faltava à escola e sempre fazia o dever de casa. Não era um aluno excepcionalmente bom, nunca se esforçava para brilhar, na verdade mal conseguia mais que o mínimo, mas por outro lado nunca havia queixas. Suas avaliações e notas de provas em geral eram "medianas", ele só recebeu um A+ em educação física.

"Mensagem antiga", disse a moça da caixa postal.

Só então me dei conta de que ainda estava com o celular dele junto ao ouvido. Michel já cruzara metade da ponte. Dei as costas a ele e comecei a andar na direção do restaurante; o que quer que acontecesse, eu tinha de interromper a ligação o mais rápido possível e recolocar o telefone no bolso.

"Tudo certo para hoje à noite", disse a voz de Rick. "Vamos fazer hoje à noite. Ligue para mim. Ciao."

Depois disso a moça da caixa postal anunciou a hora e a data em que a mensagem fora deixada.

Ouvi Michel atrás de mim, os pneus da bicicleta esmagando o cascalho.

“Mensagem antiga”, disse ela mais uma vez.

Michel passou por mim. O que ele viu? Um homem vagando sozinho pelo parque? Com um celular no ouvido? Ou viu o pai? Com ou sem o celular?

“Oi, amor”, ouvi a voz de Claire dizer, no mesmo momento em que meu filho passou. Ele pedalou sobre o caminho de cascalho iluminado e saltou da bicicleta. Olhou ao redor rapidamente, depois empurrou a bicicleta para o bicicletário à esquerda da entrada. “Estarei em casa em uma hora. Eu e seu pai iremos ao restaurante às sete e cuidarei para que fiquemos fora até depois de meia-noite. Então vocês dois devem fazer isso esta noite. Seu pai não sabe de nada, e quero que continue assim. Até logo, amor. Vejo você mais tarde. Beijoca.”

Michel trancara a bicicleta e estava indo na direção da porta. A moça da caixa postal mencionou a data (hoje) e a hora (duas da tarde) em que a última mensagem fora deixada.

Seu pai não sabe de nada.

— Michel! — gritei.

Deslizei o celular para meu bolso. Ele parou e virou. Acenei.

E quero que continue assim.

Meu filho foi na minha direção sobre o cascalho. Nós nos encontramos exatamente no alto da trilha. Estava assustadoramente bem iluminada. Mas talvez eu fosse precisar de muita luz, pensei.

— Oi — cumprimentou ele.

Usava seu gorro de tricô preto com o logo da Nike, os fones de ouvido pendiam do pescoço, o cabo descendo pelo colarinho da jaqueta. Uma jaqueta Dolce & Gabbana estofada verde que ele comprara havia pouco tempo com a parte de sua mesada destinada a roupas, depois quase não sobrava dinheiro para meias e cuecas.

— Oi, cara — respondi. — Pensei em dar uma caminhada e receber você.

Meu filho me olhou. Seus olhos honestos. Franco, era como você teria de descrever seu olhar. Seu pai não sabe de nada.

— Você estava falando ao telefone — comentou ele.

Não falei nada.

Ele tentava soar o mais descontraído possível, mas havia um toque de urgência em sua voz. Era um toque que eu nunca ouvira nele antes, e pude sentir os pelos da minha nuca se arrepiando.

— Estava tentando ligar para você — falei. — Pensando em por que

demorava tanto.

Isto foi o que aconteceu. Estes são os fatos.

Certa noite, há cerca de dois meses, três garotos voltavam para casa de uma festa. Era uma festa no refeitório da escola secundária frequentada por dois dos três. Esses dois eram irmãos. Um deles era adotado.

O terceiro garoto frequentava uma escola diferente. Era primo deles.

Embora o primo nunca bebesse álcool, naquela noite tomara duas cervejas. Assim como os outros dois. Os primos haviam dançado com garotas. Não suas namoradas, porque na época não tinham — todas garotas diferentes. O irmão adotivo tinha uma namorada fixa. Ele passou a maior parte da noite beijando essa namorada em um canto escuro.

A namorada não acompanhara os três garotos quando eles saíram; todos tinham que estar em casa à uma da manhã. A garota estava esperando que o pai fosse pegá-la.

Na verdade já era uma e meia, mas os garotos sabiam que isso estava dentro dos limites aceitos pelos pais. Havia sido combinado antes que o primo dormiria na casa dos irmãos — os pais do primo estavam passando alguns dias em Paris.

Eles haviam decidido tomar uma última cerveja em um café na volta. Mas como não tinham dinheiro suficiente, precisavam antes parar em um caixa eletrônico. Algumas ruas depois — estavam mais ou menos na metade do caminho entre a escola e a casa —, eles encontraram um caixa. Era um daqueles com uma porta de vidro de segurança em que a máquina fica dentro, em um cubículo.

Um dos irmãos, o biológico, entra para sacar dinheiro. O irmão adotivo e o primo esperam do lado de fora. Mas o irmão biológico sai quase imediatamente.

Tão rápido?, perguntam os outros dois.

Não, cara, diz o irmão, cara, tomei um susto.

O que há?, os outros perguntam.

Lá dentro, diz o irmão. Tem alguém deitado lá. Tem alguém dormindo lá, em um saco de dormir. Meu Deus, cara, quase pisei na cabeça dele.

Quanto ao que exatamente aconteceu depois disso, e acima de tudo quem foi o primeiro a dar a ideia do plano desastroso, os relatos divergem. Todos os três concordaram que fedia dentro do caixa. Um fedor horrível: mistura de vômito e suor, e mais alguma coisa que um dos três descreveu como o cheiro de um cadáver apodrecido.

Aquele fedor é significativo; uma pessoa que fede não pode esperar muita simpatia; um fedor pode cegar; não importa quão humanos sejam os odores, eles de fato podem dificultar a percepção daquele que fede como

uma pessoa real, de carne e osso. Isso não é desculpa para o que aconteceu, mas também não seria certo simplesmente omitir isso.

Os garotos estão querendo pegar algum dinheiro, não muito, algumas notas de dez euros para uma última cerveja no café. Mas não há como eles ficarem naquele lugar com o fedor. É impossível ficar mais de dez segundos sem sentir ânsia de vômito, era como se houvesse um saco de lixo rasgado caído ali.

Mas o que estava deitado ali era uma pessoa: uma pessoa que respira, sim, que até mesmo ronca e bufa no sono.

Vamos embora, vamos achar outro caixa eletrônico, diz o irmão adotivo.

Nem pensar, dizem os outros dois. Isso é loucura, você não poder sacar dinheiro porque alguém está deitado na frente da máquina, fedendo e desmaiado de bebida vagabunda.

Vamos lá, diz novamente o irmão adotivo, vamos embora.

Mas os outros dois acham que é coisa de frouxo, vão sacar o dinheiro ali, não vão embora e andar sabe-se lá mais quantos quarteirões até outro caixa. O primo entra e começa a puxar o saco de dormir. Ei, ei, acorde! Levante!

Estou indo embora, diz o filho adotivo. Estou fora disso.

Não seja frouxo, dizem os outros dois, acabamos em um minuto, então vamos tomar uma cerveja.

Mas o irmão adotivo diz mais uma vez que está fora, está cansado e não quer mais uma cerveja — então vai embora em sua bicicleta.

O irmão biológico tenta detê-lo. Espere um minuto, grita para ele.

Mas o irmão adotivo simplesmente acena e desaparece virando a esquina.

Deixe ele ir, diz o primo. Ele é um saco. É certinho. Um idiota chato.

Os dois entram de novo. O irmão puxa o saco de dormir. Ei, acorde! Ah, eca, cara, isso fede, diz ele. O primo chuta o pé do saco de dormir. Não é de fato o cheiro de um cadáver, é mais como sacos de lixo, é isso, sacos de lixo cheios de restos de comida, ossos de frango roídos, filtros de café mofados. Acorde! Uma espécie de teimosia toma conta deles agora, o primo e o irmão, eles vão sacar dinheiro ali, naquele caixa eletrônico, em nenhum outro. Claro que beberam um pouco na festa da escola. E essa de fato é aquela mesma teimosia, a teimosia do motorista um pouco embriagado que diz que é perfeitamente capaz de dirigir — e a teimosia do convidado que fica tempo demais na sua festa de aniversário, que pega uma última cerveja (“a saideira”) e depois conta a mesma história pela sétima vez naquela noite.

Você tem de se levantar, senhor, aqui é um caixa eletrônico. Eles continuam educados: apesar do fedor, tão horrendo que leva lágrimas aos

olhos, eles ainda o chamam de senhor. O estranho, o homem invisível no saco de dormir, sem dúvida é mais velho que eles. Em outras palavras, um senhor, provavelmente um vagabundo, mas ainda assim um senhor.

Agora pela primeira vez saem sons de dentro do saco de dormir. O tipo de sons que você espera nas circunstâncias: gemidos, resmungos, murmúrios ininteligíveis. Está ganhando vida. Ainda soa como uma criança que não quer se levantar, que talvez não queira mesmo ir à escola hoje, mas depois os sons são acompanhados por movimentos: alguém ou algo se estica e parece prestes a enfiar a cabeça ou alguma outra parte do corpo para fora do saco de dormir.

Eles não têm um plano claro, o irmão e o primo, eles se dão conta talvez tarde demais de que na verdade não querem saber exatamente o que está escondido dentro do saco de dormir. Até aquele momento aquilo foi apenas um obstáculo, algo que estava no caminho, tinha um fedor monstruoso, não devia estar ali, tinha de ir embora, mas agora eles realmente têm de conversar com algo (ou alguém) que foi acordado contra a vontade, arrancado dos sonhos; quem sabe com o que os sem-teto fedorentos sonham, talvez com um teto sobre suas cabeças, uma refeição quente, mulher e filhos, uma casa com entrada de garagem, um cachorro simpático abanando o rabo e correndo até eles por um gramado com direito a irrigador.

Vá se foder!

Não é o xingamento que de início os choca, mas a voz. Contradiz certas expectativas. Você esperaria ver algo barbado saindo do saco de dormir: cabelos suados grudados na cabeça, uma boca desdentada a não ser por dois cacos escuros. Mas aquilo soa quase como uma mulher.

Mas se era uma... No mesmo instante o saco de dormir começa a se mexer mais: uma mão, outra mão, um braço inteiro e então uma cabeça. Não era possível dizer de imediato, ou sim, era, por causa do cabelo com falhas: cabelos pretos, grisalhos aqui e ali, com o couro cabeludo brilhando. Um homem fica careca de outra forma. O rosto em si é sujo, não barbeado, ou melhor, tem sim pelos faciais, mas claramente não como os de um homem. Vão se foder! Filhos da mãe! A voz é aguda, a mulher sacode um dos braços, do modo como você afasta moscas. Uma mulher. O irmão e o primo se entreolham. Hora de dar o fora. Depois ambos irão recordar exatamente o mesmo instante. A descoberta de que é uma mulher no saco de dormir muda tudo.

Vamos lá, vamos embora, diz o irmão.

Maldição!, a mulher grita. Vão se foder! Vão se foder!

Cala a boca!, diz o primo. Eu mandei calar a boca!

Ele chuta o saco de dormir com força, mas não há muito espaço para

chutar, ele mal consegue manter o equilíbrio e escorrega, o pé vai longe demais, a ponta do calçado raspa o saco de dormir e acerta a mulher abaixo do nariz. Uma mão com dedos engordurados e inchados é levada ao nariz. Há sangue. Filhos da mãe!, eles ouvem, a voz agora é tão alta e aguda que parece tomar tudo. Assassinos! Escrotos! O irmão puxa o primo para a porta. Venha, vamos sair daqui. Então passam pela porta e ficam de pé do lado de fora. Filhos da mãe sujos desgraçados, eles ainda podem ouvir saindo do cubículo do caixa eletrônico, um pouco mais baixo agora, mas provavelmente ainda alto o bastante para ser ouvido na esquina. Mas é tarde e a rua está deserta, só há três ou quatro janelas ainda acesas em toda a região.

Eu não ia... Disse o primo. Meu pé escorregou. Nossa, que piranha suja.

Claro, diz o irmão. Claro que você não ia. Meu Deus, queria que ela calasse a boca.

Ainda sai barulho do caixa, mas a porta se fechou, está mais abafado, um falatório, um vago falatório ofendido.

Então, de repente, eles caem na gargalhada; depois conseguem se lembrar precisamente do modo como olharam um para o outro, os próprios rostos indignados, afogueados. Isso e o resmungo abafado do outro lado da porta de vidro, e como caíram na gargalhada. De maneira incontrolável. Não há como parar, eles são obrigados a se apoiar na parede para não cair, depois se apoiam um no outro. Jogam os braços nos pescoços um do outro, seus corpos sacudindo de rir. Bando de escrotos!, diz o irmão, imitando a voz aguda da mulher. Filhos da mãe! O primo se agacha, depois cai no chão. Pare, por favor! Por favor! Está me matando!

Há alguns sacos de lixo apoiados em uma árvore e outros objetos obviamente colocados ali para o recolhimento de lixo de manhã: uma cadeira de escritório com rodinhas, uma caixa de papelão que um dia conteve uma TV de tela grande, uma luminária de mesa e um tubo catódico. Eles ainda estão rindo quando pegam a cadeira de escritório e a carregam para o caixa. Piranha suja podre de merda! Eles jogam a cadeira, o mais longe que conseguem no cubículo, sobre o saco de dormir, para onde a mulher engatinhou de volta. O primo segura a porta aberta e o outro volta para pegar a luminária de mesa e dois sacos de lixo cheios. A mulher enfia a cabeça para fora do saco de dormir, os cabelos grudados em cachos grossos engordurados, ela tem barba, ou então está coberta de sujeira. Tenta afastar a cadeira com uma das mãos, mas não consegue. Então o primeiro saco de lixo a acerta no rosto, a cabeça é jogada para trás, bate com força na lixeira de aço da parede. Agora o primo joga a luminária de mesa. É antiquada, com cúpula redonda e braço retrátil. A cúpula de metal acerta o nariz da mulher. É talvez estranho que ela tenha parado de gritar,

que o irmão e o primo não estejam mais ouvindo sua voz aguda. Ela fica apenas sentada ali, anuindo grogue quando o segundo saco de lixo acerta seu rosto. Piranha idiota, vai desmaiar em outro lugar! Arrume um emprego! Aquele “Arrume um emprego!” os faz rir novamente. Arrume um emprego!, grita o irmão. Arrume um emprego, emprego, emprego!

O primo está mais uma vez do lado de fora, vai até a árvore onde estavam os sacos de lixo, empurra a caixa da TV para o lado e vê o galão. É um daqueles galões de combustível do exército, um verde como aqueles que existem nas traseiras de jipes. O primo levanta o galão pela alça. Vazio. O que mais ele podia esperar? Quem colocaria um galão cheio no lixo?

Não, não, o que você acha que vamos fazer?, grita o irmão quando vê o primo chegar com o galão.

Nada, cara, está vazio, certo?

A mulher recobra os sentidos um pouco. Seus delinquentes, vocês deveriam se envergonhar, ela diz em uma voz que de repente, de uma forma inesperada, soa elegante, talvez uma voz do passado distante, antes que entrasse em queda livre.

Está fedendo aqui, diz o primo, vamos defumar um pouco. Ele ergue o galão.

Bonito, ela diz, mas posso voltar a dormir agora? O sangue abaixo do nariz já secou. O primo joga o galão vazio — talvez de propósito, quem sabe — ao lado da cabeça dela, a uma distância segura; faz muito barulho, é verdade, mas no final das contas não é tão ruim quanto os sacos de lixo e a luminária de mesa.

Depois — algumas semanas depois — a gravação no Opsporing Verzocht, uma versão holandesa da série americana sobre os mais procurados da polícia, claramente mostrava como os dois garotos, após jogar o galão, saem. Eles permanecem fora do alcance da câmera por um bom tempo. As imagens registradas pela câmera no caixa eletrônico nunca mostram de fato a mulher no saco de dormir. A câmera é apontada para a porta, para as pessoas que entram para sacar dinheiro, você pode ver quem faz uma retirada, mas é uma câmera fixa e o resto do cubículo está fora de vista.

* * *

Na noite em que eu e Claire vimos aquela gravação pela primeira vez Michel estava em seu quarto no andar de cima. Estávamos sentados lado a lado no sofá da sala, com o jornal e o resto de uma garrafa de vinho tinto do jantar. A notícia estava em todos os jornais, passou nos noticiários

várias vezes, mas era a primeira vez que a gravação era exibida. As imagens eram irregulares, fora de foco, imediatamente reconhecíveis como as de uma câmera de segurança. Até então a reação geral havia sido de ultraje. O que estava acontecendo com o mundo? Uma mulher indefesa... Jovens... Sentenças duras — sim, até mesmo a restauração da pena de morte havia mostrado sua cara conhecida de novo.

Tudo isso antes da transmissão daquela noite. Até então havia sido pouco mais que uma matéria, uma matéria chocante, é verdade, mas ainda assim — como todas as notícias — destinada a murchar: com o passar do tempo deixaria de chocar, até que o caso enfim desaparecesse por completo, não sendo importante o suficiente para que guardássemos em nossa memória coletiva.

Mas a gravação da câmera de segurança mudara tudo isso. Os garotos — os criminosos — ganharam rostos, embora rostos difíceis de reconhecer devido à má qualidade das imagens e ao fato de que ambos usavam gorros de tricô afundados até as sobrancelhas. Contudo, o que os telespectadores reconheceram foi outra coisa: eles viram muito claramente que os garotos estavam se divertindo, que quase rolavam de rir enquanto jogavam coisas em sua vítima indefesa — ou pelo menos invisível —, primeiro a cadeira de escritório, depois os sacos de lixo, a luminária de mesa e por fim o galão vazio. Você os via — em imagens saltadas, em preto e branco — comemorando após jogar os sacos de lixo, o modo como eles gritavam coisas, sem dúvida agressões, para a sem-teto fora da câmera, embora não houvesse som.

Acima de tudo, era possível vê-los rindo. Foi esse o momento em que a memória coletiva entrou em ação. Foi o momento determinante: os garotos rindo exigiam seu lugar nessa memória coletiva. No top ten da memória coletiva eles apareciam na oitava posição, provavelmente logo abaixo do coronel vietnamita executando um soldado vietcongue com uma bala na cabeça, mas talvez até mesmo acima do chinês com sacolas de compra tentando deter os tanques na praça da Paz Celestial.

E houve mais uma coisa que desempenhou um papel. Os dois usavam gorros de tricô, mas eram garotos de classe média alta. Eram brancos. Não era fácil explicar como se sabia, era difícil identificar a razão: algo nas roupas, nos movimentos. Os garotos da sua rua. Não o tipo de vagabundo que incendia carros para iniciar um conflito racial. Bastante confortáveis, pais bem de vida. Garotos como aqueles que todos conhecemos. Garotos como nosso sobrinho. Como nosso filho.

Lembro-me do momento exato em que me dei conta de que não era sobre garotos como nosso sobrinho ou nosso filho, mas que era sobre nosso próprio filho (e sobre nosso sobrinho). Foi um momento frio e

mortalmente silencioso. Ainda consigo identificar o segundo exato na gravação em que afastei os olhos da TV e olhei para o perfil de Claire. Como a investigação ainda prossegue, não vou falar aqui sobre o que me fez compreender, com um choque de reconhecimento, que estava sentado no sofá vendo nosso filho jogar sobre uma sem-teto cadeiras de escritório e sacos de lixo. E rindo. Não prosseguirei, porque tecnicamente ainda posso negar tudo. Você reconhece este garoto como Michel Lohman? A esta altura do processo ainda posso balançar a cabeça em negativa. É difícil dizer... As imagens são muito confusas, não poderia jurar.

Mais imagens vieram depois: uma compilação, os momentos em que pouca coisa acontecia foram cortados. Você via os dois garotos voltando ao cubículo repetidas vezes e jogando coisas.

A pior parte chegou no final, a imagem determinante: a imagem que chamou a atenção de metade do mundo. Primeiro é possível ver um galão sendo jogado — o galão vazio — e então, depois que eles haviam saído e voltado mais uma vez, algo mais. Na imagem era difícil ver o que era: um isqueiro? Fósforos? Você via um clarão de luz, um clarão que saturava tudo de repente, que o cegava por alguns segundos. A tela ficava branca. Quando a imagem voltava você só conseguia ver os garotos se afastando, apressados.

Eles não voltaram. As últimas imagens registradas pela câmera de segurança não mostravam muito. Nada de fumaça ou chamas. A explosão do galão não fora seguida por um incêndio. Mas era exatamente esse ver nada que tornava as imagens tão terríveis. Porque a coisa mais importante estava acontecendo fora da câmera, e você mesmo tinha de preencher a lacuna.

A sem-teto estava morta. Talvez tenha morrido na hora. No momento em que os vapores de gasolina do galão explodiram em seu rosto. Ou no máximo dois minutos depois. Talvez tenha tentado sair do saco de dormir — talvez não. Fora da câmera.

Como disse antes, olhei para o perfil de Claire. Se ela virasse a cabeça e olhasse para mim eu saberia. Então ela teria visto o mesmo que eu.

Claire virou o rosto e olhou para mim.

Prendi a respiração — ou melhor, respirei fundo, para poder ser o primeiro a dizer algo. Algo — eu não sabia exatamente quais palavras usaria — que mudasse nossas vidas.

Claire levantou a garrafa de vinho tinto: só havia um restinho no fundo, suficiente para apenas meia taça.

“Você quer?”, perguntou ela. “Ou devo abrir outra?”

Michel colocou as mãos nos bolsos do casaco: era difícil dizer se ele comprara minha mentira. Quando virou a cabeça para o lado, o rosto foi iluminado pelo brilho do restaurante.

— Onde mamãe está? — perguntou.

Mamãe. Claire. Minha esposa. Mamãe dissera ao filho que seu pai não sabia de nada. E queria que continuasse assim.

Mais cedo naquela noite, no bar das pessoas comuns, minha esposa perguntara se eu também achava que nosso filho estivera agindo de modo estranho recentemente. Distante, foi a palavra que ela usara. Vocês dois conversam sobre coisas que eu e Michel não conversamos, dissera. Poderia ter algo a ver com uma garota?

Claire teria fingido preocupação com o comportamento de Michel? Suas perguntas serviriam apenas para que eu revelasse quanto sabia? Se eu tinha alguma ideia do que nosso filho e nosso sobrinho faziam no seu tempo livre?

— Mamãe está lá dentro — expliquei. — Com...

Comecei a dizer “com tio Serge e tia Babette”, mas à luz dos últimos acontecimentos aquilo de repente soava ridículamente infantil. “Tio” Serge e “tia” Babette eram coisas do passado: do passado distante, quando ainda éramos felizes, passou pela minha cabeça, e tive de morder a língua. Precisava tomar cuidado para não deixar meu lábio tremer ou permitir que Michel visse meus olhos úmidos.

— ...Serge e Babette — disse, concluindo a frase. — O prato principal acabou de chegar.

Eu estaria enganado ou vi Michel procurar algo no bolso do casaco? O celular, talvez? Ele não tinha relógio, usava o celular para ver as horas. Vou garantir que fiquemos fora até depois de meia-noite, disse-lhe Claire na mensagem de voz. Então vocês têm de fazer esta noite. Será que ele, naquele momento, depois de meu anúncio de que o prato principal acabara de chegar, sentira necessidade de conferir a hora? O volume de tempo que restava até “depois de meia-noite” para fazer o que eles tinham de fazer?

Quando perguntou pela mãe o tom que me assustara apenas trinta segundos antes desaparecera da voz de Michel. Onde mamãe está? “Tio” e “tia” eram infantis, reminiscências de festas de aniversário e perguntas como “O que você quer ser quando crescer?”. Mas “mamãe” era mamãe. Mamãe sempre permaneceria mamãe.

Sem pensar mais nisso, decidi que chegara o momento. Tirei o telefone de Michel do bolso. Ele olhou para minha mão, depois ergueu os olhos para fixar os meus.

— Você olhou — disse ele; a voz não soava mais ameaçadora, era mais fatigada; resignada.

— É — confirmei. Dei de ombros, do modo como se faz para algo que de qualquer forma não pode ser mudado. Depois comecei: — Michel...

— O que você olhou? — perguntou, tirando o telefone da minha mão, deslizando para abrir e o fechando de novo.

— Bem... O caixa eletrônico... E o vagabundo na estação de metrô.

Eu sorri. Um sorriso bastante idiota, imaginei, e completamente deslocado, mas decidira agir desse modo, essa seria minha abordagem: eu bancaria o ignorante, um pai ingênuo que não achava nada de mais seu filho espancar vagabundos e incendiar sem-teto. Sim, ingenuidade era a forma certa de fazer isso, não deveria ser muito difícil interpretar o pai ingênuo; afinal, eu era isso: ingênuo.

— Jackass... — continuei, ainda com um sorriso.

— Mamãe sabe?

Neguei com um aceno de cabeça.

— Não.

O que mamãe sabia era o que eu realmente queria perguntar, mas ainda era cedo demais para isso. Pensei na noite em que as imagens do cubículo do caixa eletrônico haviam sido transmitidas pela primeira vez. Claire perguntara se eu queria o restinho do vinho ou se ela deveria abrir uma nova garrafa. Então saíra, isso mesmo, para a cozinha.

Enquanto isso a apresentadora do Opsporing Verzocht fizera um apelo urgente aos telespectadores para que telefonassem para o número na parte de baixo da tela caso tivessem alguma informação que pudesse levar à prisão dos culpados. "Vocês também podem, claro, alertar a polícia de sua cidade", disse, voltando a expressão nobre e ofendida para mim. A expressão dizia: "O que está acontecendo com este mundo?"

Naquela noite, depois que Claire se enfiara na cama com um livro, fui ao quarto de Michel. Vi uma faixa de luz sob a porta. Lembro-me de ter ficado de pé no corredor por sessenta segundos. Eu me perguntei seriamente o que aconteceria se não falasse nada. Se apenas seguisse com minha vida, como todos os outros. Pensei em felicidade — em casais felizes e nos olhos do meu filho.

Mas então pensei em todas aquelas outras pessoas que haviam assistido ao programa: alunos da escola de Rick e Beau que estiveram naquela festa na mesma noite, e que poderiam ter visto o mesmo que eu vira. Pensei nas pessoas do bairro, da nossa rua: vizinhos e lojistas que haviam visto o garoto um tanto reservado mas sempre amistoso andando com sua bolsa esportiva, seu casaco estofado e seu gorro de tricô.

Finalmente, pensei em meu irmão. Ele não era um gênio, em certo

sentido você poderia até mesmo chamá-lo de deficiente mental. Se as pesquisas de opinião estivessem certas, depois das próximas eleições ele seria empossado como nosso novo primeiro-ministro. Será que ele tinha assistido? E Babette? Uma pessoa de fora nunca reconheceria nossos filhos pelas imagens da câmera de segurança, disse a mim mesmo, mas há algo nos pais que os torna capazes de reconhecer os filhos entre milhares: em uma praia lotada, um parque, em imagens borradas em preto e branco...

— Michel! Ainda está acordado?

Bati à porta e ele abriu.

— Meu Deus, pai! — exclamou ele ao me ver. — O que foi?

Depois disso, tudo acontecera bastante rápido, pelo menos mais rapidamente do que eu esperara. Na verdade ele pareceu quase aliviado que agora houvesse mais alguém que também sabia.

— Meu Deus — exclamou ele algumas vezes. — Meu Deus, cara. Isso é muito esquisito, sabe, estar conversando sobre isso agora, nós dois.

Ele fez parecer que era apenas isso, esquisito: como se, por exemplo, estivéssemos discutindo os detalhes mais íntimos de como ele tentara ficar com uma garota em uma festa da escola. De certa forma, claro, ele estava certo: eu nunca antes tentara falar de coisas desse tipo. Mas o mais esquisito de tudo foi a reticência que percebi em mim desde o começo. Como se estivesse lhe dando a liberdade de não contar tudo a mim, seu pai, caso isso se mostrasse doloroso demais para ele.

— Nós não sabíamos, entendeu? — falou. — Como poderíamos saber que ainda havia alguma coisa naquele galão? Estava vazio, juro que estava vazio.

Importava se ele e o primo ignoravam mesmo o fato de que galões vazios também podem explodir? Ou se estavam apenas fingindo ignorar algo que poderia ser considerado de conhecimento geral? Gaseificação, vapores de combustível? Nunca leve um fósforo a um tanque vazio. Por que mais você não podia usar o celular junto às bombas nos postos de gasolina? Por causa dos vapores de combustível e do risco de uma explosão.

Certo?

Mas não falei nada disso. Como já disse, não tentei refutar os argumentos com os quais Michel buscou provar sua inocência. Além do mais, quão inocente ele era, afinal? Você é inocente quando joga uma luminária de mesa na cabeça de alguém, mas culpado quando acidentalmente incendeia essa mesma pessoa?

“Mamãe sabe?”, sim, ele me perguntara isso. Mesmo depois de tudo.

Neguei com um aceno de cabeça. E foi assim que ficamos por algum tempo no quarto dele, sem dizer nada, ambos com as mãos nos bolsos.

Não pressionei. Não perguntei, por exemplo, o que dera nele. O que ele e o primo estavam pensando quando começaram a jogar objetos na sem-teto.

De fato, tenho certeza de que, ali, naquele momento, naqueles poucos minutos de silêncio, enquanto ficávamos de pé com as mãos nos bolsos, eu já havia tomado minha decisão. Não conseguia deixar de pensar em quando Michel chutara uma bola na vitrine da loja de bicicletas quando tinha oito anos. Havíamos ido juntos procurar o dono e nos oferecer a pagar pelos danos. Mas o dono não ficou satisfeito. Começou um discurso sobre “a ralé” que jogava bola em frente à sua loja, todos os dias, e que chutava a bola na vitrine “de propósito”. Mais cedo ou mais tarde ela iria quebrar, disse, você podia contar com isso. “E era exatamente o que aqueles vagabundos estavam querendo”, acrescentou.

Eu segurava a mão de Michel enquanto escutávamos o dono da loja de bicicletas. Meu filho de oito anos baixara os olhos para o chão, culpado, e de vez em quando apertava meus dedos.

Foi essa combinação, a combinação do amargo vendedor de bicicletas que incluía Michel entre os vagabundos e meu filho que reagia com tanta culpa ao discurso dele, que apertou o interruptor em minha cabeça.

“Por que você simplesmente não cala a boca?”, falei.

O dono da loja estava de pé atrás do balcão e a princípio pareceu achar que não havia me entendido. “O que você disse?”, perguntou ele.

“Você me ouviu muito bem, babaca. Vim aqui com meu filho me oferecer para pagar sua vitrine de merda, não para escutar sua baboseira sobre garotos jogando bola. Qual o grande problema, idiota? Uma bola na vitrine. Isso não lhe dá o direito de chamar um garoto de oito anos de vagabundo. Vim aqui pagar pelos danos, mas agora você não irá receber um centavo. Vá se virar para arranjar o dinheiro.”

“Desculpe-me, meu bom homem, mas não vou ficar parado aqui e ser insultado”, disse ele enquanto começava a contornar o balcão. “Aqueles garotos quebraram minha vitrine, não foi eu quem fez isso.”

Ao lado do balcão havia uma bomba de encher pneus, um antigo modelo vertical; a bomba em si era presa pela base a uma placa de madeira. Eu me inclinei e peguei-a.

“Eu ficaria aí se fosse você”, falei com calma. “Até agora a única coisa danificada foi a vitrine.”

Ainda me lembro de que havia algo em minha voz que fez o vendedor de bicicletas parar, depois voltar para trás do balcão. De fato, ela soara antinaturalmente calma. Eu não estava no limite, a mão com a qual agarrava a bomba não tremia. O vendedor de bicicletas me chamara de bom homem, e talvez eu parecesse um, mas não era um bom homem.

“Ah, espere aí”, disse ele. “Não vamos fazer nenhuma loucura, certo?”

Senti a mão de Michel em meus dedos. Ele os apertou de novo, com mais força que nas primeiras vezes. Apertei de volta.

"Quanto custa a vitrine?"

Ele piscou.

"Eu tenho seguro. É só que..."

"Não foi isso que perguntei. Perguntei quanto custa a vitrine."

"Cem... Cento e cinquenta florins. Duzentos no total, com mão de obra etc."

Para pegar o dinheiro no bolso, precisei soltar a mão de Michel. Coloquei duas notas de cem florins no balcão.

"Aqui está", falei. "Foi para isso que eu vim. Não para escutar sua baboseira doentia sobre dois garotos chutando uma bola."

Também soltei a bomba. Registrei uma sensação de fadiga. E arrependimento. A mesma sensação de fadiga e arrependimento que você tem quando perde uma bola de tênis: você planeja acertá-la, mas gira com força e erra, o braço que segura a raquete não encontra resistência e acerta selvagememente o ar.

Eu tinha certeza, e no âmagô do meu ser ainda tenho, de que lamentava que o vendedor de bicicletas tivesse recuado tão rápido. Eu me sentiria menos cansado caso tivesse podido usar a bomba.

"Então resolvemos isso bem, não é, companheiro?", falei a caminho de casa.

Michel segurou minha mão mais uma vez, mas não disse nada. Quando olhei para ele, vi que havia lágrimas em seus olhos.

"O que há, companheiro?", perguntei. Parei e me agachei na frente dele. Ele mordeu o lábio inferior, e então realmente começou a chorar.

"Michel! Michel, escute. Não há razão para estar triste. Aquele era um homem nojento. Eu disse isso a ele. Você não fez nada de errado. Tudo o que fez foi chutar uma bola em uma vitrine. Foi um acidente. Acidentes acontecem, mas isso não é motivo para ele falar com você daquele jeito."

"Mamãe", chamou ele entre soluços. "Mamãe..."

Senti algo dentro de meu corpo enrijecer, ou talvez o que tenha sentido foi o modo como algo sem nome e sem definição se desdobrava: uma treliça dobrável, suportes de barraca, um guarda-chuva — eu temia não conseguir ficar em pé de novo.

"Mamãe? Você quer a mamãe?"

Ele fez que sim com a cabeça enfaticamente e limpou as bochechas molhadas com os dedos.

"Então devemos nos apressar e procurar mamãe? Devemos contar tudo à mamãe? O que nós dois fizemos?"

"É", piou ele.

Quando me levantei realmente achei ter ouvido algo estalar, em minha coluna, ou talvez mais fundo que isso. Peguei a mão dele e partimos. Na esquina de nossa rua olhei para baixo; o rosto dele ainda estava vermelho e molhado de lágrimas, mas o choro parara.

"Viu como o cara ficou com medo?", perguntei. "Quase não tivemos de fazer nada. Não teríamos nem precisado pagar aquela vitrine. Mas acho que isso não seria certo. Quando você quebra algo, mesmo que em um acidente, tem de pagar pelos danos."

Michel não disse nada até chegarmos à porta da frente.

"Papai?"

"Sim?"

"Você ia mesmo bater naquele homem? Com a bomba de pneu?"

Eu já colocara a chave na fechadura, mas me agachei diante dele de novo e falei.

"Escute. Aquele homem não é um homem bom. Aquele homem é só um lixo que odeia crianças brincando. Não importa se eu acertasse a cabeça dele com aquela bomba. Além do mais, se tivesse acertado, ele só poderia culpar a si mesmo. Não, o que importa é que ele achou que eu iria acertá-lo, e isso foi o suficiente."

Michel olhou para mim com sinceridade; eu escolhera minhas palavras com cuidado, porque não queria fazê-lo chorar novamente. Mas seus olhos já estavam quase secos, ele escutava com atenção, e então concordou com a cabeça devagar.

Passsei os braços em volta dele e o abracei.

"Que tal se não contarmos à mamãe sobre a bomba? Vamos fazer disso um segredo nosso?"

Ele fez que sim mais uma vez.

Mais tarde naquele dia ele foi à cidade com Claire comprar roupas. À mesa, de noite, ele estava mais silencioso e sério que de costume. Pisquei para ele uma vez, mas ele não piscou de volta.

Quando chegou a hora de dormir, Claire acabara de se sentar no sofá para assistir a um filme que realmente queria ver. "Sente-se e aproveite, eu o levo para cima", falei.

Então deitamos um do lado do outro na cama dele e jogamos conversa fora um pouco: papo inocente, sobre futebol e um novo jogo de computador que ele estava economizando para comprar. Eu resolvera não tocar no incidente na loja de bicicletas, a não ser que ele puxasse o assunto.

Dei um beijo de boa-noite e estava prestes a apagar a luz de cabeceira quando ele se virou e passou os braços a meu redor. Apertou com força; ele nunca antes colocara muita força em um abraço, mas apertou a cabeça em meu peito.

"Papai", disse ele. "Meu velho e querido pai."

“Sabe qual seria a melhor coisa?”, perguntei naquela noite no quarto dele, após ter me contado a história toda e jurado novamente que ele e Rick nunca haviam planejado incendiar ninguém.

“Foi uma brincadeira”, explicou ele. “E foi... Você devia ter sentido como fedia”, disse, fazendo uma careta de desgosto.

Balancei a cabeça, já decidido. Fiz o que achava que tinha de fazer como pai. Eu me coloquei no lugar de meu filho: como ele estava a caminho de casa saindo da festa da escola, com Rick e Beau. E como eles haviam resolvido sacar algum dinheiro — e o que encontraram no caixa eletrônico.

Eu me coloquei no lugar dele. Criei uma ideia de como eu mesmo teria reagido à criatura viva no saco de dormir, deitada no meu caminho; ao fedor; ao simples fato de que alguém, uma pessoa (estou propositalmente evitando palavras como sem-teto ou vagabundo), como uma pessoa acha que cubículos de caixa eletrônico são um lugar onde dormir; uma pessoa que então reage com indignação quando dois garotos tentam convencê-la do contrário; uma pessoa que fica irritada quando perturbada em seu sono; uma reação mimada, em outras palavras, o tipo de reação que você vê com maior frequência em pessoas que acham ter direito a algo.

Michel não me dissera que a mulher soara refinada? Um sotaque refinado, uma boa família, alguém da classe alta. Até o momento pouco havia sido revelado sobre o histórico da sem-teto. Talvez por um bom motivo. Talvez essa fosse a ovelha negra de uma família de posses cujos membros estavam totalmente acostumados a dar ordens às pessoas que trabalhavam para eles.

E havia mais uma coisa. Era a Holanda. Não era o Bronx, não estávamos nas favelas de Joanesburgo ou nas do Rio de Janeiro. Na Holanda você tinha seguridade social. Ninguém precisava deitar e ficar no caminho em um caixa eletrônico.

“Sabe qual seria a melhor coisa?”, interroguei. “Simplesmente esquecer isso por ora. Desde que nada aconteça, nada está acontecendo.”

Meu filho me olhou por alguns segundos. Talvez sentisse que era grande demais para dizer “Meu velho e querido pai”, mas além do medo em seus olhos também vi gratidão.

“Acha que pode ser?”, perguntou.

E agora, no jardim do restaurante, estamos frente a frente de novo, sem dizer uma palavra. Michel abriu e fechou o celular algumas vezes, depois o colocou no bolso do casaco.

— Michel — comecei.

Ele não olhou para mim, estava com a cabeça virada para o outro lado, na direção do parque escuro. Seu rosto também permanecia no escuro.

— Michel. Por que não me contou? Sobre aqueles vídeos? Ou pelo menos sobre aquele vídeo. Antes? Antes, quando ainda havia tempo?

Ele coçou o nariz, raspou os tênis brancos no cascalho e deu de ombros.

— Michel?

Ele olhou para o chão.

— Não faz nenhuma diferença — disse ele.

Por um único momento pensei no pai que eu poderia ser, talvez o que eu deveria ser, o pai que agora diria “Faz muita diferença!”. Mas o tempo de sermões havia passado, aquela ponte já havia sido cruzada: antes, na noite da transmissão na TV, no quarto dele. Ou talvez mesmo antes.

Havia alguns dias, não muito depois de Serge me telefonar sobre o encontro no restaurante, eu assistira novamente ao episódio do Opsporing Verzocht na internet. Parecera uma boa ideia, poderia me deixar mais preparado para o jantar.

“Precisamos conversar”, dissera Serge.

“Sobre o quê?”, retruquei.

Bancar o ignorante, essa me pareceu a melhor coisa.

Do outro lado da linha meu irmão deu um profundo suspiro.

“Acho que já passamos da fase de eu precisar lhe dizer o quê”, falou ele.

“Babette sabe?”

“Sim. Por isso quero que nós quatro conversemos sobre isso. Diz respeito a todos nós. São nossos filhos.”

Fiquei chocado por ele não ter por sua vez perguntado se Claire sabia. Pelo jeito supunha que sim — ou não se importava. Depois citara o restaurante, o restaurante onde era conhecido; a lista de espera de sete meses não seria obstáculo, disse.

Será que Claire também sabia?, pensei enquanto olhava para meu filho indo na direção da bicicleta, preparando-se para partir.

— Michel, espere um minuto — pedi.

Precisávamos conversar, aquele outro pai teria dito, o pai que eu não era.

Assistira à gravação novamente, tendo em mente esta noite, os garotos

rindo que jogaram uma luminária de mesa e sacos de lixo na sem-teto invisível. E enfim o clarão dos vapores de gasolina explodindo, os garotos fugindo correndo, os números de telefone para os quais você podia ligar — ou a polícia de sua cidade que você também poderia alertar.

Assisti mais uma vez, especialmente a parte final, com o galão e o lançamento do que eu agora sabia ser um isqueiro. Um Zippo, um isqueiro com tampa, o tipo de isqueiro que só apaga quando você fecha a tampa. O que dois garotos, nenhum deles fumante, faziam com um isqueiro? Eram perguntas que eu não havia feito, simplesmente porque não sentia necessidade de saber tudo, por uma necessidade urgente de não saber tudo, também se poderia dizer — mas essa eu fizera.

“Para oferecer fogo às pessoas”, respondera Michel sem hesitar. “Garotas”, acrescentou, quando imagino ter olhado para ele sem entender. “Garotas pedem fogo, para um baseado ou um Marlboro Light, e você perde uma chance se não tem nada no bolso.”

Como eu disse, assisti ao trecho final duas vezes. Depois do clarão os garotos desapareceram pela porta de vidro. Você via a porta se fechar, depois a gravação terminava.

Mas na segunda vez eu de repente vi algo que não percebera antes. Voltei o vídeo até o ponto em que Michel e Rick passavam pela porta correndo. A partir do momento em que a porta se fechou, coloquei em câmera lenta, depois mais lenta, quadro a quadro.

Preciso dar detalhes sobre os sintomas físicos que acompanharam minha descoberta? Acredito que eles devem ser óbvios. Coração acelerado, lábios e língua secos, uma estalactite dentro da cabeça, atrás, a ponta pressionando a vértebra mais alta, no espaço vazio sem osso ou cartilagem onde o crânio começa, no momento em que congelei o último quadro da câmera de segurança.

Ali, no canto inferior direito: algo branco. Algo branco que ninguém notaria na primeira vez em que visse, porque todos imaginariam já ter visto o pior. A luminária, os sacos de lixo, o galão... Chegara o momento de balançar a cabeça em negativa e murmurar palavras desaprovadoras: jovens; o mundo; indefesa; assassinato; videocliques; jogos de computador; campos de trabalho; sentenças mais duras; pena de morte.

A imagem congelou e olhei para a coisa branca. Do lado de fora estava totalmente escuro. Era possível ver na porta de vidro o reflexo de parte do interior do caixa eletrônico: o piso de cerâmica cinza, a própria máquina com teclado e tela, e a marca, o logotipo, acredito que diriam, do banco ao qual pertencia o caixa eletrônico.

Em teoria a coisa branca poderia ser apenas um reflexo, o reflexo fluorescente de algo dentro do próprio cubículo — de um dos objetos que os

garotos haviam jogado na mulher sem-teto, por exemplo.

Mas de fato isso era completamente teórico. A coisa branca estava do lado de fora, a câmera deixava claro que era do lado de fora, na rua. Um espectador aleatório nunca teria percebido, sobretudo não na transmissão de Opsporing Verzocht. Você tinha de congelar a gravação, ou vê-la quadro a quadro, como eu fizera, e mesmo assim...

Mesmo assim você tinha de saber o que estava vendo. Era a isso que se resumia. Eu sabia o que estava vendo porque havia reconhecido de imediato o que era a coisa branca.

Cliquei em Tela Cheia. A imagem estava maior, mas também mais borrada e sem forma. Não consegui deixar de pensar em Depois daquele beijo, o filme de Michelangelo Antonioni no qual um fotógrafo, ao ampliar uma fotografia, vê uma pistola caída sob um arbusto: a arma de um assassinato, é revelado posteriormente. Mas ali, naquele computador, a ampliação não ajudava em nada. Cliquei em Minimizar e peguei a lente de aumento que estava em minha mesa.

Com a lente era só uma questão de ajustar a distância. Enquanto eu me aproximava e afastava da tela, a imagem ficava mais nítida. Mais nítida e maior.

Cada vez mais nítida e cada vez maior. Eu tive a confirmação do que vira corretamente na primeira vez em que olhara: um tênis. Um tênis branco do tipo que inúmeras pessoas usam, inúmeras pessoas como meu filho e meu sobrinho.

Esse último pensamento me fez parar por um momento, mas não mais que um décimo de segundo: um tênis podia apontar para dezenas de milhares de usuários de tênis, mas de forma inversa dezenas de milhares de tênis dificilmente seriam reduzidos a um usuário específico.

Não, na verdade não foi aquilo que me fez parar e pensar. Foi o sinal que era dado ou, melhor ainda, o significado do tênis branco do lado de fora da porta de vidro do cubículo. Ou ainda melhor, os significados.

Dei outra olhada atenta; aproximei e recuei com a lente de aumento. A um exame mais atento era possível ver uma mudança de cor acima do tênis; a escuridão da rua do lado de fora era apenas um pouco menos escura. Parecia ser a perna, a perna da calça do usuário do tênis que entrava no quadro.

Eles haviam voltado. Esse era o primeiro significado. O segundo significado era que a polícia, provavelmente em colaboração com os produtores de Opsporing Verzocht, havia decidido não incluir esse momento final na transmissão.

Qualquer coisa era possível, claro. O tênis podia pertencer a alguém que não Michel ou Rick, um pedestre que por acaso tivesse chegado trinta

segundos depois de os garotos terem deixado o cubículo. Mas isso não parecia muito provável, não àquela hora da noite, naquela rua, em algum ponto de um bairro distante do centro. Além do mais, isso faria desse pedestre uma testemunha que poderia ter visto os garotos. Uma testemunha material, alguém que a polícia iria querer convocar por intermédio da transmissão para que contasse o que sabia.

No final das contas só havia uma explicação provável para o tênis branco, exatamente a explicação que eu descobrira de imediato (tudo isso, a aproximação do tênis com a lente de aumento e a chegada à conclusão, na verdade levava menos de dois segundos): eles haviam voltado. Michel e Rick haviam voltado para ver com os próprios olhos o que tinham feito.

Tal fato era bastante perturbador, embora não mais que isso. A coisa assustadora de fato tinha a ver com como esse trecho final havia sido eliminado da transmissão de Opsporing Verzocht. Tentei imaginar qual razão poderiam ter para não mostrar as imagens. Talvez houvesse algo ali que tornasse mais fácil reconhecer Michel ou Rick (ou ambos)? Mas essa não seria mais uma razão para de fato mostrar as imagens?

E se o trecho apenas não fosse importante? Pensei nisso por esperançosos três segundos. Um pensamento banal que não ajudaria em nada o espectador? Não, eu me dei conta no mesmo instante. O fato de que eles haviam voltado era importante demais para ser simplesmente omitido.

Então havia algo a ser visto ali, algo que poderia ser escondido do espectador: algo que apenas a polícia e os culpados saberiam.

Algumas vezes você lia sobre a polícia deixando certos fatos de fora dos comunicados sobre uma investigação: a exata natureza da arma do crime ou um sinal que o assassino deixou ao lado da vítima, ou nela própria. Para impedir que indivíduos mentalmente perturbados reivindicassem um crime — ou o copiassem.

Pela primeira vez em semanas fiquei pensando se Michel e Rick haviam visto eles mesmos a gravação da câmera de segurança. Eu contara isso a Michel na noite da transmissão, dissera a ele que haviam sido filmados pela câmera de segurança, mas que estavam quase irreconhecíveis. Então, por ora, acrescentara, não havia com o que se preocupar. Nos dias que se seguiram também não havíamos tocado no assunto da câmera de segurança. Eu estava agindo segundo a ideia de que era melhor não voltar a nada daquilo, não revirar nosso segredo.

Na verdade, estava esperando que aquilo sumisse, que com o passar do tempo o interesse murchasse, que as pessoas se ocupassem de outras notícias mais novas e que o galão explosivo fosse apagado da memória coletiva. Precisava eclodir uma guerra em algum lugar, um ataque terrorista

seria ainda melhor, cheio de mortes, muitas baixas civis pelas quais as pessoas pudessem balançar as cabeças desalentadas. Ambulâncias passando, o aço retorcido de um trem ou de vagões do metrô, um prédio de dez andares com a fachada explodida — aquela era a única forma de a sem-teto no caixa eletrônico desaparecer, tornar-se uma ocorrência, um incidente menor em meio a incidentes maiores.

Foi o que esperei naquelas primeiras semanas. A notícia iria se tornar notícia velha, talvez não em um mês, mas definitivamente em seis meses — de qualquer forma, após um ano. A essa altura a polícia também estaria ocupada com outras questões mais urgentes. Cada vez menos detetives seriam designados para o caso, como se referiam a isso, e eu não tinha ilusões sobre aquele detetive solitário teimoso que se aferra a um crime não resolvido e não desiste durante anos: tais detetives só existem nas séries de TV.

Depois daqueles seis meses, depois daquele ano, poderíamos continuar a viver como uma família feliz. Continuaria a haver uma cicatriz em algum lugar, era verdade, mas uma cicatriz não precisa impedir a felicidade. Enquanto isso, eu agiria da forma mais normal possível. Faria coisas normais. Sairia para jantar de vez em quando, iria ao cinema, levaria Michel a uma partida de futebol.

À mesa, durante o jantar, eu ficava de olho em minha esposa. Estava em busca de pequenas mudanças de comportamento, qualquer coisa que pudesse mostrar que ela por sua vez suspeitava de uma ligação entre as imagens da câmera de segurança e nossa família feliz.

“O que é isso?”, perguntou ela certa noite; aparentemente eu fora literal demais quanto a ficar de olho. “O que está olhando?”

“Nada”, respondi. “Eu estava olhando para alguma coisa?”

Claire não pôde deixar de rir; colocou a mão sobre a minha e apertou meus dedos com delicadeza.

Em tais momentos eu evitava meticulosamente olhar para meu filho. Não queria nenhum olhar revelador, não iria piscar para ele ou demonstrar de forma alguma que ainda partilhávamos um segredo. Eu queria que tudo fosse normal. Um segredo partilhado teria excluído Claire — mãe dele, minha esposa —, e isso geraria uma ameaça maior à nossa família feliz do que todo o incidente no caixa eletrônico.

Sem olhares reveladores — sem piscadelas — não haveria segredo: esse era meu raciocínio. Podia ser difícil para nós afastar da cabeça os acontecimentos no caixa eletrônico, mas com o tempo eles começariam a existir fora de nós — assim como para as outras pessoas. Mas o que tínhamos de esquecer era o segredo. E a melhor coisa era começar a esquecer o mais rápido possível.

Esse era o plano. Esse havia sido o plano antes de eu rever a transmissão de Opspring Verzocht e ver o tênis branco.

O passo seguinte eu dei por intuição. Talvez houvesse mais imagens para encontrar, pensei comigo mesmo. Ou então talvez as imagens que faltavam, acidentalmente ou não, tivessem acabado em outro site.

Entrei no YouTube. As chances eram pequenas, mas valia tentar. Pesquisei pelo nome do banco ao qual o caixa eletrônico pertencia, adicionando as palavras “sem-teto” e “morte”.

Apareceram nada menos que trinta e quatro opções. Fui vendo as telinhas; em todas elas a imagem inicial era mais ou menos a mesma: as cabeças e os gorros de tricô de dois garotos rindo. Apenas os títulos que acompanhavam e a rápida descrição eram um pouco diferentes. Assassinato por garotos holandeses em [nome do banco] era um dos mais diretos. Não tente isso em casa — bomba incendiária mata sem-teto era outro. Todos os vídeos eram extremamente populares: o contador mostrava que a maioria havia sido vista milhares de vezes.

Cliquei em um qualquer e assisti de novo, embora em uma versão cortada e editada, limitada ao lançamento da luminária de mesa, dos sacos de lixo e do galão. Examinei mais dois. Em uma montagem intitulada Atração turística mais quente de [nome da cidade]: Incendeie seu dinheiro! Alguém acrescentara risos gravados às imagens. Cada vez que um novo objeto era lançado contra a sem-teto havia uma gargalhada. O riso chegava ao clímax histérico quando o isqueiro era jogado, e terminava com uma ovação.

A maioria dos vídeos não incluía a imagem do tênis branco; eles paravam logo depois do clarão e dos garotos fugindo.

Não sei muito bem por que cliquei também no vídeo seguinte. Ele não parecia nada diferente dos outros trinta e três. A imagem de abertura era basicamente a mesma: dois garotos de gorro de tricô rindo, embora ali eles já estivessem pegando a cadeira de escritório.

Talvez fosse o título, Homens de preto III. Não era um título engraçadinho para principiantes, não como a maioria dos outros. Mas também era o primeiro e, descobri depois, o único título que não se referia aos acontecimentos mostrados, mas indiretamente aos próprios culpados.

Homens de preto III começava com o lançamento da cadeira de escritório, depois vinham os sacos de lixo, a luminária e o galão. Mas havia uma diferença fundamental. Sempre que os dois ou um dos dois garotos entrava razoavelmente em foco, o filme ficava mais lento. E sempre que isso acontecia uma música sinistra tocava, mais uma espécie de zumbido,

um barulho grave gargarejante associado sobretudo a filmes catastróficos com submarinos e naufrágios. Como resultado, toda a atenção era voltada para Michel e Rick, e menos para o lançamento das coisas que eles haviam encontrado ao lado da árvore.

As imagens em câmera lenta, combinadas com a música de juízo final, pareciam perguntar: quem são esses garotos? O que eles estão fazendo já sabemos. Mas quem são eles?

O choque foi no final. Depois do clarão e da porta batendo, a tela ficou preta. Eu estava me preparando para passar ao vídeo seguinte, mas o contador na base da tela mostrava que Homens de preto III durava dois minutos e cinquenta e oito segundos, e que estávamos apenas em dois minutos e trinta e oito.

Como disse, quase desliguei. Não esperava nada além da tela preta por mais vinte segundos — a música subira novamente, só faltavam os créditos, pensei, nada além disso.

Como se passaria esta noite, nosso jantar no restaurante, se eu tivesse mesmo desistido naquele momento?

Na ignorância, era a resposta. Pelo menos em relativa ignorância. Eu poderia ter vivido mais alguns dias, ou talvez algumas semanas ou meses, com meus sonhos sobre famílias felizes. Só teria precisado comparar minha própria família com a do meu irmão durante uma noite; poderia ter visto como Babette tentava esconder as lágrimas atrás de óculos escuros e com que falta de prazer meu irmão engolia sua carne em duas mordidas. Então teria voltado para casa com minha esposa, teria colocado meu braço na cintura dela e, sem nos olharmos, ambos saberíamos que as famílias felizes realmente eram todas iguais.

A tela passou de preto para cinza. Você via mais uma vez a porta do caixa eletrônico, mas dessa vez pelo lado de fora. A qualidade das imagens era muito pior, como a resolução da câmera de um celular, percebi de imediato.

O tênis branco.

Eles haviam voltado.

Eles haviam voltado para gravar o que tinham feito.

"Que merda!", disse uma voz fora da câmera. (Rick)

"Cacete!", disse uma segunda voz. (Michel)

A câmera estava apontada para o pé do saco de dormir. O cubículo estava tomado por uma névoa azulada. De um modo excruciantemente lento, a câmera percorreu o saco de dormir.

"Vamos embora." (Rick)

"Pelo menos já não está fedendo tanto aqui." (Michel)

"Michel... Qual é?"

“Qual é você, entre e fique ao lado daquilo. Você tem de dizer Jackass. Pelo menos conseguimos isso.”

“Eu vou...”

“Não, babaca! Você vai ficar!”

A câmera parou no alto do saco de dormir. A imagem congelou ali, depois ficou negra. O seguinte texto surgiu na tela em letras vermelhas:

Homens de preto III

A continuação

Em breve

Esperei alguns dias. Michel saía muito, mas sempre levava o celular, então a oportunidade só surgiu hoje — apenas esta noite, bem antes de irmos para o restaurante. Enquanto ele consertava o pneu no jardim, fui ao quarto dele. Realmente supus que ele teria deletado. Eu esperava, rezava, para que ele tivesse deletado. De alguma forma também esperava que, tendo visto as imagens do YouTube, eu tivesse visto tudo — que tivessem acabado por ali.

Mas não foi o caso.

Fazia apenas algumas horas que eu vira o resto.

— Michel — chamei meu filho, que já se virara para ir embora, que dissera que não faria diferença nenhuma. — Michel, você tem de deletar aqueles filmes. Você deveria ter feito isso há muito tempo, mas agora é realmente importante.

Ele parou. Raspou mais uma vez o Nike branco no cascalho.

— Ah, pai — começou.

Parecia que ele ia dizer algo, mas apenas balançou a cabeça.

Nos dois vídeos eu vira e ouvira como ele pressionara o primo, e algumas vezes até mesmo rosnara para ele. Era exatamente o que Serge sempre insinuara, e que sem dúvida iria se repetir hoje: que Michel era uma influência ruim sobre Rick. Eu sempre negara; sempre considerara isso uma forma fácil de meu irmão evitar a própria responsabilidade pelos atos do filho.

Mas desde algumas horas atrás — na verdade muito mais tempo antes, claro —, eu sabia que era verdade. Michel era o líder dos dois: Michel dava as ordens, Rick era o capanga subserviente. E, no fundo do coração, essa divisão de papéis me agradava. Melhor do que se fosse o contrário, pensava. Michel nunca fora atormentado na escola; mesmo pequeno ele reunia ao seu redor um bando de amigos submissos que não queriam nada além de ficar perto do meu filho. Eu sabia por experiência como os pais podiam sofrer quando os filhos eram perseguidos. Eu nunca havia sofrido.

— Sabe o que seria ainda melhor? — perguntei. — Que você jogasse fora o celular. Em algum lugar onde eles nunca encontrassem. Aqui, por exemplo — disse, apontando para a pequena ponte pela qual ele acabara de pedalar. — Na água. Se você quiser, compramos um novo na segunda-feira. Há quanto tempo você já tem esse? Podemos dizer que ele foi roubado, renovamos a assinatura e na segunda-feira você tem o Samsung mais novo, ou um Nokia, o que você quiser...

Estendi a mão com a palma para cima.

— Quer que faça por você?

Ele me olhou. Vi os olhos que eu passara a vida inteira vendo, mas também algo que preferia não ter visto: ele olhou para mim de um modo que dizia que eu estava ficando agitado por nada, que era apenas um pai ansioso e preocupado, um pai preocupado que quer saber a que horas o filho voltará de uma festa.

— Michel, isto não é uma festa ou algo assim — falei, mais rápido e alto do que pretendia. — É sobre seu futuro...

Outro daqueles termos abstratos: o futuro, pensei, e lamentei imediatamente que tivesse dito aquilo.

— Que inferno, por que você colocou aquela gravação na internet?

Não xingue, eu me censurei. Quando você começa a xingar, soa como um daqueles canastrões de filme B que tanto odeia. Mas eu estava quase gritando agora, qualquer um à porta do restaurante, qualquer um perto do púlpito ou da chapelaria poderia me ouvir.

— Isso também foi legal? Ou durão? Isso também não faz diferença nenhuma? Homens de preto III? Deus do céu, no que vocês dois estavam pensando?

Ele tinha as mãos nos bolsos do casaco e baixou a cabeça, de modo que eu mal podia ver seus olhos sob a beirada do gorro de tricô preto.

— Não fomos nós — falou.

A porta do restaurante se abriu, houve risos e um grupo de pessoas saiu. Dois homens e uma mulher. Os homens vestiam ternos elegantes e tinham as mãos nos bolsos, a mulher usava um vestido prateado com um grande decote nas costas e levava uma bolsa de ombro combinando.

— Você realmente disse isso? — perguntou a mulher, dando dois passos inseguros com os sapatos de salto alto, igualmente prateados. — Ao Ernst? Um dos homens tirou um chaveiro do bolso e o jogou no ar.

— Por que não? — retrucou.

Ele teve de esticar o braço para pegar as chaves de novo.

— Você deve ser louco — retrucou a mulher com um gritinho.

Os sapatos dela rangeram no cascalho quando eles passaram.

— Qual de nós ainda está em condições de dirigir? — perguntou o outro homem, e os três começaram a rir.

— Certo, espere um minuto — pedi depois que os três haviam chegado ao fim da trilha de cascalho e virado à esquerda na direção da ponte de pedestres. — Vocês dois incendiaram uma sem-teto, e depois você filmou isso. Com o seu celular. Assim como com o alcoólatra na estação de metrô.

Percebi que o homem que havia sido agredido na plataforma se tornara um alcoólatra. Em minhas palavras. Talvez um alcoólatra realmente merecesse ser agredido mais do que alguém que bebe dois ou três copos por dia.

— E de repente tudo está na internet porque é o que vocês querem, certo? Para o maior número de pessoas possível ver?

Então me ocorreu: eles também colocaram o alcoólatra no YouTube? E perguntei no mesmo instante, para garantir:

— O alcoólatra também está lá?

Michel suspirou.

— Pai! Você não está escutando!

— Estou escutando. Eu escuto demais. Eu...

A porta do restaurante se abriu de novo, um homem de terno saiu e olhou ao redor, deu alguns passos para o lado para ficar perto da porta mas fora da luz e acendeu um cigarro.

— Maldição — xinguei.

Michel se virou e andou até a bicicleta.

— Michel, aonde está indo? Ainda não terminei.

Mas ele continuou andando, tirou uma chave do bolso e enfiou no cadeado, que se abriu com um estalo. Olhei rápido para o homem fumando ao lado da entrada.

— Michel, você não pode simplesmente fugir — falei, baixo mas com urgência. — O que vamos fazer quanto a isso? Há mais desses filmes que eu não tenha visto? Terei de vê-los antes no YouTube? Ou você vai me contar agora se...

— Pai! — chamou Michel, girando e agarrando meu antebraço; ele puxou com força e disse: — Cale a boca!

Chocado, olhei nos olhos do meu filho. Seus olhos honestos nos quais — não havia como negar — eu agora só via ódio. Também me vi olhando para o lado, na direção do fumante.

Sorri para meu filho; não podia ver, mas deve ter sido um sorriso idiota.

— Certo, eu calo a boca — concordei.

Michel soltou meu braço, mordeu o lábio inferior e balançou a cabeça.

— Meu Deus! Quando você vai começar a agir normalmente?

Senti uma pontada fria no peito. Algum outro pai teria dito algo como “Quem está agindo normalmente? Ahn? Quem? Quem está agindo normalmente?” Mas eu não era um pai como os outros pais. Eu sabia o que ele estava sugerindo. Desejei poder colocar meus braços em volta dele e puxá-lo para mim. Mas ele talvez me empurrasse, enojado. Eu tinha certeza de que uma rejeição física como aquela seria demais, que eu iria cair em lágrimas ali mesmo e não conseguiria parar.

— Ah, companheiro — falei.

Eu precisava ficar calmo, disse a mim mesmo. Tinha de escutar. Lembrei que Michel dissera que eu não estava escutando.

— Certo, sou todo ouvidos.

Ele balançou a cabeça de novo. Então tirou sua bicicleta do bicicletário de forma resoluta.

— Espere um minuto! — falei.

Eu me controlei, até mesmo me coloquei de lado como se não quisesse ficar no caminho dele. Mas, antes que me desse conta, estava com a mão no antebraço dele.

Michel olhou para a mão como se um inseto estranho tivesse pousado em seu braço, depois olhou para mim.

Aquela altura estávamos perto de alguma coisa, percebi. Algo que não poderia ser desfeito depois. Tirei a mão do braço dele.

— Michel, há mais uma coisa — disse.

— Pai, por favor.

— Alguém ligou para você.

Ele me encarou; não teria me surpreendido sentir o punho dele em meu rosto um momento depois: os nós dos seus dedos duros sobre meu lábio superior, ou mais acima, meu nariz, sangue correndo, isso deixaria as coisas mais claras. Mais explícitas.

Mas nada aconteceu.

— Quando? — perguntou ele em voz baixa.

— Michel, espero que me perdoe, eu não deveria, mas... Foi por causa daqueles filmes, eu queria... Eu estava tentando...

— Quando?

Meu filho tirou o pé do pedal e plantou os dois com firmeza no cascalho.

— Ainda agora, era uma mensagem. Escutei a mensagem.

— De quem?

— De B... De Faso — disse, dando de ombros e sorrindo. — É como vocês o chamam, certo? Faso?

Vi claramente, não havia como confundir: a expressão de meu filho endureceu. Não havia luz suficiente ali, mas eu poderia jurar que o rosto dele também ficou alguns tons mais pálido.

— O que ele queria?

Ele soava calmo. Ou não, não calmo. Estava tentando parecer relaxado, quase entediado, como se o fato de o primo adotivo ligar esta noite não tivesse significado.

Mas ele se traía. O significado estava em algo muito diferente: no fato de que o pai estivera escutando suas mensagens. Isso não era normal. Qualquer outro pai teria pensado duas vezes antes de fazer isso. De fato, era o que eu teria feito. Teria pensado duas vezes. Michel deveria ter ficado furioso, deveria ter gritado: o que lhe dá o direito de escutar minhas mensagens? Isso teria sido normal.

— Nada — respondi. — Pediu que você ligasse para ele.

Naquele fingido tom amistoso dele, quase acrescentei.

— Certo — disse Michel. Ele calmamente fez que sim com a cabeça. — Certo — repetiu.

De repente me lembrei de algo. Pouco antes, quando ligara para o próprio telefone e eu atendera, Michel dissera que estava procurando um número. Que estava indo pegar o celular porque precisava de um número. Achei que agora sabia qual era esse número. Mas não perguntei a ele. Porque houve outra coisa de que também me lembrei.

— Você disse que eu não estava escutando — falei. — Mas eu escutei. Quando estávamos conversando sobre vocês dois colocando aquele vídeo no YouTube.

— É.

— Você disse que não foram vocês.

— Isso.

— Então quem foi? Quem colocou lá?

Às vezes você responde a uma pergunta perguntando em voz alta.

Olhei para meu filho. E ele olhou de volta.

— Faso? — perguntei.

— É — confirmou ele.

No silêncio que se seguiu, os únicos sons eram os do parque e da rua além da água: o bater breve de asas dos pássaros nos galhos, um carro acelerando, um sino de igreja badalando uma vez — um silêncio durante o qual meu filho e eu nos olhamos.

Eu não podia ter certeza absoluta, mas pensei ter visto os olhos de Michel cheios de lágrimas. Seja como for, seu olhar não dava espaço para dúvida. Ele dizia: entendeu finalmente?

Durante o mesmo silêncio um celular começou a tocar em meu bolso esquerdo. Tocar e zumbir. Minha audição parecia estar piorando, então eu escolherei Telefone antigo como meu toque, um som anacrônico que lembra um clássico telefone de baquelita preta, e que eu conseguia ouvir em qualquer situação.

Tirei o telefone do bolso, pretendendo recusar a chamada, até ver o nome na tela: Claire.

— Alô?

Fiz um gesto para que Michel não fosse embora, mas ele já havia cruzado os braços e se apoiado no guidom; de repente não parecia ter pressa alguma de partir.

— Onde você está? — perguntou minha esposa. A voz dela era baixa, mas insistente, os barulhos de fundo do restaurante quase a afogando. — Por que está demorando tanto?

— Estou aqui fora.

— Fazendo o que aí fora? Quase terminamos o prato principal. Achei que você voltaria logo.

— Estou aqui com Michel.

Eu na verdade quisera dizer “nosso filho”, mas não o fiz.

Ficamos em silêncio por um instante.

— Estou saindo — disse Claire.

— Não, espere, ele tem de... Michel estava se aprontando para...

Mas ela já havia desligado.

Seu pai não sabe nada, e quero que continue assim. Pensei em minha esposa, que estaria passando pela porta principal do restaurante a qualquer momento e sobre o modo como então eu iria olhar para ela. Ou melhor, se eu seria capaz de olhar para ela do mesmo modo como olhara duas horas antes, no bar de pessoas comuns, quando ela perguntara se eu também achava que Michel estava agindo de modo estranho nos últimos tempos.

Estava pensando, em outras palavras, se ainda éramos uma família feliz.

Meu pensamento seguinte foi sobre o vídeo da sem-teto que havia sido

incendiada. E então, acima de tudo, como ele acabara no YouTube.

— Mamãe está saindo? — perguntou Michel.

— Está.

Talvez estivesse imaginando coisas, mas achei ter ouvido alívio em sua voz quando perguntou se “mamãe” estava saindo. Como se já tivesse ficado tempo demais ali de pé com o pai. Seu pai não poderia mesmo fazer nada por ele. Mamãe está saindo? Mamãe está saindo. Eu precisava ser rápido. Precisava chegar até ele, no único ponto em que ainda podia chegar até ele.

— Michel — chamei, colocando novamente minha mão no antebraço dele. — O que Beau... Faso... Como ele descobriu o vídeo? Ele já tinha ido para casa, certo? Quer dizer...

Michel olhou para a entrada, como se esperando que a mãe já estivesse saindo para salvá-lo daquele diálogo doloroso com o pai. Eu também olhei para a porta. Algo mudara, mas não soube de imediato o que era. O fumante, percebi logo depois. O fumante sumira.

— Descobrimo — disse Michel.

Descobrimo. A mesma explicação que ele costumava usar quando perdia o casaco ou esquecia a pasta de livros em algum lugar de um parque e perguntávamos como conseguira fazer isso. Perdendo... esquecendo.

— Mandeí aqueles vídeos para o Rick por e-mail. E então Faso também os viu, baixou do computador de Rick. Colocou alguns no YouTube, e agora diz que vai colocar o resto se não pagarmos a ele.

Havia várias perguntas que eu poderia ter feito: por um segundo inteiro me perguntei o que outros pais teriam perguntado.

— Quanto? — perguntei.

— Três mil.

Olhei para ele.

— Ele quer comprar uma scooter — explicou.

— Mamãe.

Michel jogou os braços em volta do pescoço de Claire e enterrou o rosto em seus cabelos.

— Mamãe — repetiu.

Mamãe saíra. Olhei para minha esposa e meu filho. Pensei nas famílias felizes. Sobre com que frequência eu olhara para Michel e sua mãe — e como nunca tentara me colocar entre eles; aquilo também era parte da felicidade.

Depois que acariciara as costas e a nuca dele — sobre o gorro de tricô —, Claire ergueu os olhos e me fitou.

Aquele olhar perguntava: quanto você sabe?

Tudo, retribuí o olhar.

Quase tudo, me corriji, pensando na mensagem de voz de Claire para o filho.

Claire o pegou pelos ombros e beijou sua testa.

— O que está fazendo aqui, querido? Achei que iria se encontrar com alguém.

Os olhos de Michel buscaram os meus; Claire, eu entendi naquele momento, não sabia nada sobre os vídeos. Ela sabia muito mais do que eu pensara, mas não sabia nada sobre os vídeos.

— Ele veio pegar dinheiro — falei, mantendo os olhos em Michel. Claire ergueu as sobrancelhas. — Peguei algum dinheiro com ele. Ia devolver esta noite antes de sairmos para o restaurante, mas esqueci.

Michel baixou os olhos e raspou os pés no cascalho. Minha esposa me encarou, mas não disse nada. Procurei dentro do bolso.

— Cinquenta euros — anunciei, tirando a nota e entregando-a a Michel.

— Obrigado, pai — disse ele, enfiando o dinheiro no bolso do casaco.

Claire suspirou fundo, depois pegou a mão de Michel.

— Você não ia... — falou, e olhou para mim. — É melhor entrarmos. Eles estão se perguntando por que você está demorando tanto.

Abraçamos nosso filho, Claire o beijou mais três vezes nas bochechas, então nos recompusemos e observamos enquanto ele pedalava pela trilha até a ponte. No meio do caminho pareceu que ele iria virar e acenar, mas só ergueu um braço no ar.

Depois que Michel desapareceu de vista em meio aos arbustos e além do canal, Claire perguntou:

— Há quanto tempo você sabe?

Reprimi minha ansiedade inicial de responder com um “E você?”. Em vez disso respondi:

— Desde o Opsporing Verzocht.

Ela tomou minha mão, exatamente como acabara de fazer com Michel.

— Ah, querido — falou.

Eu me virei ligeiramente para poder ver seu rosto.

— E você? — perguntei.

Agora minha esposa também pegou minha outra mão. Olhou para mim e fez uma triste tentativa de um sorriso: foi um sorriso que, mesmo sabendo que era impossível, queria voltar no tempo.

— Quero que saiba que, antes e acima de tudo isso, eu estava pensando em você, Paul. Não queria... Achei que talvez fosse demais para você. Estava com medo... Estava com medo de que isso o fizesse passar por tudo de novo... Bem, você sabe.

— Desde quando? — indaguei em voz baixa. — Quando você descobriu?

Claire apertou meus dedos.

— Na mesma noite — disse ela. — Na mesma noite em que eles estiveram no caixa eletrônico.

Eu a encarei.

— Michel ligou para mim. Tinha acabado de acontecer. Queria saber o que eles deviam fazer.

Certo dia, quando eu ainda trabalhava, parei no meio de uma frase sobre a Batalha de Stalingrado e olhei para a sala de aula.

Todas essas cabeças, pensei. Todas essas cabeças em que tudo desaparece.

— Hitler estava de olho em Stalingrado — falei. — Embora, estrategicamente falando, fosse mais sábio ir direto a Moscou. Mas para ele o que importava era o nome da cidade. Stalingrado, a cidade com o nome de seu grande oponente, Josef Stalin. Aquela cidade tinha de ser conquistada primeiro. Por causa do impacto psicológico que a vitória teria sobre Stalin.

Parei e olhei para a sala de aula outra vez. Alguns alunos anotavam o que eu dizia, outros olhavam para mim; havia tanto olhares interessados quanto olhares vazios em minha direção — um número maior de interessados, tentei dizer a mim mesmo, percebendo no mesmo momento que aquilo já não fazia diferença para mim.

Pensei na vida deles, nas vidas que simplesmente seguiriam.

— É com base em considerações irracionais como esta que guerras são vencidas. — expliquei. — Ou perdidas.

Quando eu ainda trabalhava — até hoje é difícil para mim dizer essa frase em voz alta. Eu poderia continuar e explicar que um dia, em um passado distante, tivera outros projetos para minha vida. Mas não vou fazer isso. Esses outros planos de fato existiam, mas o que eles envolviam exatamente não é da conta de ninguém. “Quando eu ainda trabalhava...” pelo menos me parece mais que “Quando eu ainda me colocava diante de uma turma...” ou — o mais horrível de todos, a frase preferida dos piores de todos, os ex-professores que dizem a si mesmos que o magistério está em seu sangue — “Quando eu ainda era militante da educação...”

Eu teria preferido não mencionar qual disciplina ensinava. Isso também não é da conta de ninguém. Torna-se um rótulo bem rápido. “Ah, ele é um professor de...”, dizem as pessoas. Isso explica muito. Mas quando você pergunta o que isso de fato explica, elas em geral não conseguem dizer. Eu ensino história. Ensinava história. Naquela época, não mais. Parei há cerca de dez anos. Tive de parar — embora ainda acredite que tanto “parei” quanto “tive de parar” sejam igualmente distantes da realidade. Em extremos iguais e opostos dela, de fato, mas a distância entre elas e a verdade é quase a mesma.

Começou no trem, o trem para Berlim. O começo do fim, digamos: o começo de (ser obrigado a) parar. Lembrando-me agora, parece que o processo todo demorou apenas dois ou três meses. Uma vez iniciado, foi

rápido. Como alguém que recebe um diagnóstico de doença maligna e desaparece seis semanas depois.

Em retrospecto, o que mais sinto é prazer e alívio; meus dias diante de uma turma haviam durado o bastante. Eu me sentei à janela de meu compartimento sem mais ninguém e olhei para fora. A única coisa que passou durante a primeira hora foram bétulas, mas naquele momento cruzávamos a periferia de uma cidade. Olhei para as casas e os prédios, as casas com seus jardinzinhos que com frequência iam até os trilhos do trem. Em um desses jardins havia lençóis brancos pendurados a secar. Em outro havia um balanço. Era novembro e estava frio. Não havia pessoas nos jardins.

"Talvez você devesse tirar umas férias curtas", sugerira Claire. "Uma semana, mais ou menos." Ela dissera que havia notado algo em mim: eu reagia a tudo rápido demais, e com demasiada irritação. Tinha de ser o trabalho, a escola. "Algumas vezes fico pensando em como você aguenta. Não há realmente motivo para se sentir culpado." Michel ainda tinha apenas três anos, ela poderia cuidar das coisas, ele ia à creche três dias por semana e ela tinha esses dias só para si.

Eu pensara em Roma e Barcelona, em palmeiras e cafés ao ar livre, e enfim me decidira por Berlim, sobretudo porque nunca havia estado lá. No começo senti uma excitação alegre. Fiz uma mala pequena. Levaria comigo o mínimo possível: viajar leve, disse a mim mesmo. A excitação durou até chegar à estação, onde o trem para Berlim esperava na plataforma. A primeira parte da viagem foi suave. Sem tristeza, vi os quarteirões residenciais e as propriedades industriais desaparecendo. E quando chegamos às primeiras vacas, aos diques e às torres de transmissão, meus pensamentos ainda se voltavam para o que estava à frente. O que viria. Mas então a alegria dera lugar a outra coisa. Pensei em Claire e Michel. Na distância entre nós, que aumentava a cada momento. Vi minha esposa à porta da creche, a cadeirinha de criança na bicicleta em que ela levava Michel, e então em sua mão enfiando a chave na fechadura de nossa porta da frente.

Quando o trem entrou em território alemão eu já havia ido ao vagão-restaurante algumas vezes pegar mais cerveja. Mas era tarde demais, passara do ponto em que não havia mais retorno.

Foi então que vi as casas e os jardins. Pessoas por toda parte, pensei. Há tantas delas que eles constroem suas casas até os trilhos da ferrovia.

Telefonei para Claire do quarto de hotel. Tentei fazer minha voz parecer normal.

"O que há de errado?", ela perguntou imediatamente. "Você está bem?"

"Como está Michel?"

"Bem. Fez um elefante de argila na creche. Mas talvez ele possa contar a você. Michel, é papai ao telefone."

Não, tentei dizer. Não.

"Papai..."

"Oi, amigão. O que foi que sua mãe disse? Você fez um elefante?"

"Papai?"

Eu tinha de dizer algo. Mas não saiu nada.

"Você está resfriado, papai?"

Nos dias que se seguiram me esforcei ao máximo para interpretar o papel do turista interessado. Caminhei pelos restos do Muro, comi nos restaurantes aos quais o guia que comprei informava que apenas berlinenses comuns iam. As noites eram piores. Eu ficava à janela de meu quarto de hotel e olhava para o trânsito e os milhares de luzinhas e as pessoas que pareciam estar todas a caminho de algum lugar.

Eu podia escolher entre duas possibilidades: ficar ali à janela e observar, ou sair e me juntar aos outros. Poderia fingir que também estava a caminho de algum lugar.

"Como foi?", perguntou Claire uma semana depois, quando eu a abracei de novo. Abracei com mais força do que pretendia. Mas, por outro lado, não forte o suficiente.

Alguns dias depois começou também na escola. A princípio eu pudera dizer a mim mesmo que era porque eu havia estado fora.

Mas então algo acontecera, e esse algo eu levava para casa comigo.

"Vocês podem se perguntar quantas pessoas haveria no mundo caso a Segunda Guerra Mundial não tivesse acontecido", disse enquanto escrevia o número 55.000.000 no quadro. "Se todos simplesmente pudessem ter continuado a foder. Quero que façam a conta para mim para a próxima aula."

Tinha consciência de que havia mais alunos que o normal me encarando, talvez todos eles: do quadro para mim e de volta ao quadro. Sorri. Olhei pela janela. O prédio da escola tinha sistema de ventilação central. As janelas não abriam.

"Vou tomar um ar fresco", falei, e saí da sala.

Não sei se àquela altura algum dos alunos já havia se queixado, se pais chamaram a atenção da escola para isso ou se só aconteceu depois. Seja como for, certo dia fui chamado ao gabinete do diretor.

Era um tipo de homem que você raramente vê hoje em dia: cabelos repartidos para o lado, um terno marrom espinha de peixe.

"Recebi algumas queixas sobre o conteúdo das aulas de história", disse-me ele após me fazer sentar na única cadeira em frente à sua escrivaninha.

"De quem?"

O diretor olhou para mim. Na parede atrás de sua cabeça havia um mapa escolar da Holanda mostrando todas as treze províncias.

"Isso realmente não é relevante", respondeu. "A questão é..."

"Isso é relevante. As queixas foram feitas por pais ou pelos próprios alunos? Pais estão sempre resmungando sobre coisas que não incomodam os alunos."

"Paul, a verdade é que é sobre algo que você falou sobre vítimas. Por favor, corrija-me se eu estiver errado. Sobre as vítimas da Segunda Guerra Mundial."

Eu me recostei, ou pelo menos tentei me recostar, mas era uma cadeira dura de espaldar reto que não cedia.

"Disseram que você se expressou em termos bastante depreciativos sobre essas vítimas", continuou o diretor. "Supostamente falou que elas só podiam culpar a si mesmas por serem vítimas."

"Nunca apresentei dessa forma. Afirmei apenas que nem todas as vítimas são automaticamente vítimas inocentes."

O diretor olhou para uma folha de papel em sua escrivaninha.

"Diz aqui...", começou ele, mas depois balançou a cabeça, tirou os óculos e apertou a ponte do nariz com polegar e indicador. "Você precisa compreender, Paul, que de fato foram pais que reclamaram. Pais sempre reclamam, diga algo que eu já não sei sobre pais queixosos. Em geral não é nada. Sobre se seus filhos podem ter maçãs na lanchonete da escola. Qual é nossa política quanto à ginástica durante o período menstrual? Banalidades. Raramente sobre o conteúdo das aulas. Mas desta vez é. E isso não é bom para a escola. Seria melhor para todos nós se você se ativesse ao currículo."

Pela primeira vez durante nossa reunião eu senti um leve arrepio na nuca.

"E de que forma eu supostamente não me ative ao currículo?", perguntei com calma.

“Diz aqui...”, retrucou o diretor, de novo remexendo no papel sobre a escrivaninha. “Mas por que você mesmo não me conta? O que exatamente você disse, Paul?”

“Nada especial. Deixei que eles fizessem uma conta simples. Em um grupo de cem pessoas, quantos babacas há? Quantos pais que humilham os filhos? Quantos idiotas cujo hálito fede a carne podre, mas se recusam a fazer algo a respeito? Quantos casos sem esperança que passam a vida reclamando das injustiças imaginárias que tiveram de suportar? Olhem ao redor, disse. Quantos de seus colegas de turma deixariam vocês contentes se não voltassem às suas carteiras amanhã de manhã? Pensem naquele parente, naquele tio irritante com suas histórias idiotas e sem sentido nas festas de aniversário, naquele primo feio que maltrata seu gato. Pense em como ficaria aliviado — e não apenas você, mas praticamente a família inteira — se aquele tio ou primo pisasse em uma mina terrestre ou fosse atingido por um peso de duzentos e cinquenta quilos jogados de grande altitude. Se aquele parente fosse eliminado da face da terra. E agora pense em todos aqueles milhões de vítimas de todas as guerras do passado — nunca mencionei a Segunda Guerra Mundial de maneira específica, só a usei como exemplo por ser a que mais fala à imaginação deles — e pense nos milhares, talvez dezenas de milhares de vítimas que precisamos ter por perto tanto quanto precisamos de um buraco na cabeça. Mesmo de um ponto de vista puramente estatístico, é impossível que todas aquelas vítimas fossem pessoas boas, quem quer que elas fossem. A injustiça está mais no fato de que os babacas também são incluídos na lista de vítimas inocentes. Que seus nomes também sejam gravados nos memoriais de guerra.”

Parei por um momento para recuperar o fôlego. Afinal, quão bem eu conhecia aquele diretor? Ele me deixara falar, não havia me interrompido, mas o que isso significava? Talvez já tivesse ouvido o bastante. Talvez fosse só do que ele precisava para me dar uma censura por escrito.

“Paul...”, começou ele; havia recolocado os óculos, mas não olhava para mim, mas para um ponto de sua escrivaninha. “Posso lhe fazer uma pergunta pessoal, Paul?”

Não respondi.

“Será que você chegou ao limite, Paul?”, perguntou o diretor. “No que diz respeito ao magistério, quero dizer. Por favor, quero que me entenda, não o estou culpando por nada, às vezes acontece a todos nós, mais cedo ou mais tarde. Não queremos mais. Começamos a pensar na falta de sentido de nossa profissão.”

Eu dei de ombros.

“Ah, bem...”, retruquei.

"Eu também passei por isso. Quando eu mesmo estava diante de uma turma. É uma sensação horrível. Derruba a base de tudo. De tudo em que você acreditava. É esse o tipo de coisa pela qual você está passando agora, Paul? Você ainda acredita nisso?"

"Sempre tive em mente os alunos, acima de tudo", respondi com sinceridade. "Sempre tentei tornar os assuntos o mais interessantes possível para eles. Ao fazer isso, sempre me baseei em mim mesmo. Nunca tentei seduzi-los com histórias melosas da moda. Sempre pensei em como eu era no ensino médio. O que realmente me interessava. Isso sempre foi o mais importante para mim."

O diretor sorriu e recostou em sua cadeira. Ele consegue recostar, pensei. E eu estou sentado aqui com um espaldar reto.

"Do que mais me lembro de minhas aulas de história no ensino médio são os antigos egípcios, os gregos e romanos", contei. "Alexandre o Grande, Cleópatra, Júlio César, Aníbal, o Cavalo de Troia, os elefantes marchando através dos Alpes, as batalhas marítimas, as lutas de gladiadores, os assassinatos e suicídios espetaculares, a erupção do Vesúvio, mas por outro lado também a beleza, a beleza de todos aqueles templos, arenas e anfiteatros, os afrescos, os banhos, os mosaicos, o tipo de beleza que dura para sempre, as cores que ainda hoje fazem com que prefiramos férias no Mediterrâneo a Manchester ou Bremen. Mas então aparece o cristianismo e tudo começa a desmoronar e desabar. No final você fica realmente contente quando os bárbaros chegam e arrasam com tudo. Essas são as coisas de que me lembro com clareza como se tivesse aprendido ontem. E do que também mais me lembro é que, depois disso, por um longo tempo, não houve nada. A Idade Média, quando você examina bem, foi um repulsivo período de atraso durante o qual, com a exceção de alguns poucos cercos violentos, muito pouco aconteceu. E a história holandesa! Na Guerra dos Oitenta Anos eu me lembro de sempre esperar que os espanhóis acabassem vencendo. Houve um sopro de esperança quando Guilherme de Orange foi assassinado, mas no final aquele clube de fanáticos religiosos conseguiu se dar bem. E as trevas baixaram sobre os Países Baixos. Também me lembro de como, ano após ano, nosso professor de história agitava a perspectiva da Segunda Guerra Mundial diante de nossos narizes, como uma salsicha. 'Eu trato da Segunda Guerra na última série', dizia ele, mas assim que você chegava à última série ele continuava a falar sobre Guilherme I e a secessão belga. Na melhor das hipóteses ele nos dava um pouco de guerra de trincheiras para nos manter interessados. Mas, a não ser pela destruição em massa de vidas humanas, a Primeira Guerra Mundial foi fundamentalmente tediosa. Não teve animação, por assim dizer. Não teve ímpeto. Depois me disseram que é sempre assim. Você nunca chega à

Segunda Guerra Mundial. Você nunca chega ao período mais interessante dos últimos quinhentos anos, mesmo para a Holanda, onde, depois que os romanos decidiram não ser seu lugar preferido, nada interessante de fato aconteceu até maio de 1940. Quer dizer, quando conversam sobre a Holanda em outros países, do que falam? Rembrandt. Vincent van Gogh. Pintores. A única figura histórica holandesa a ter carreira internacional, se podemos dizer assim, foi Anne Frank."

Pelo que pareceu a enésima vez, o diretor começou a remexer em papéis em sua escrivaninha e folhear algo que me pareceu familiar. Era uma pasta, uma pasta com capa clara, o tipo de pasta que alunos usam para entregar trabalhos.

"O nome [...] significa algo para você, Paul?", perguntou ele.

Ele citou uma das alunas de minha turma. Não estou omitindo o nome aqui de propósito. Na época jurei esquecê-lo. E consegui.

Balancei a cabeça, confirmando.

"E se lembra do que disse a ela?"

"Mais ou menos", respondi.

Ele fechou a pasta e a recolocou na escrivaninha.

"Você dá três a ela, e quando ela pergunta por quê, você diz..."

"Que era totalmente adequado", interrompi. "Era lixo completo. Não o tipo de coisa que espero que os alunos entreguem."

O diretor sorriu, mas era um sorriso cansado, um sorriso estranho, como leite talhado.

"Tenho de admitir que também não fiquei especialmente impressionado, mas não é sobre isso. É sobre..."

"Além da Segunda Guerra Mundial, também lido com uma boa parte da história posterior", interrompi de novo. "Coreia, Vietnã, Kuwait, Oriente Médio e Israel, a Guerra dos Seis Dias, a Guerra do Yom Kippur, os palestinos. Abordo tudo isso em minhas aulas. Então, você não pode esperar entregar um trabalho sobre o estado de Israel em que as pessoas basicamente colhem laranjas e dançam de sandálias ao redor da fogueira. Pessoas alegres e felizes por toda parte e toda aquela baboseira sobre o deserto onde as flores brotam de novo. Quer dizer, pessoas são baleadas e mortas lá todo dia, ônibus são explodidos. O que é tudo isso?"

"Ela veio aqui chorando, Paul."

"Eu também choraria se entregasse um lixo daqueles."

O diretor olhou para mim. Vi em seus olhos algo que não vira antes; algo neutro, ou melhor, algo não comprometido, tão não comprometido quanto seu terno espinha de peixe. Ele se reclinou novamente, mais que na primeira vez.

Ele está se distanciando, pensei, não se distanciando, eu me corriji de

imediatamente: ele está dizendo adeus.

"Paul, você simplesmente não pode dizer coisas assim para uma menina de quinze anos."

A voz dele também ganhou um tom mais neutro. Ele não iria iniciar uma discussão comigo; estava dando sua sentença. Eu estava certo de que se naquele momento perguntasse a ele por que não podia dizer coisas assim, sua resposta teria sido: "Porque não."

Pensei na garota por um breve instante. Ela tinha um rosto doce, mas alegre demais. Alegre sem um bom motivo. Uma leveza contente mas assexuada, tão alegre e assexuada quanto a página e meia que ela dedicara em seu trabalho à colheita de laranjas.

"Coisas assim podem ser algo que você grita das arquibancadas em um jogo de futebol, mas não em uma escola", continuou o diretor. "Pelo menos não na nossa escola, e com certeza não se você é um professor."

O que eu disse exatamente àquela garota não interessa agora, vamos deixar isso claro. Apenas nos distrairia da verdadeira questão. Não acrescentaria nada. Algumas vezes saem de sua boca coisas de que você depois se lamenta. Ou não, não se lamenta. Você diz algo tão contundente que a pessoa a quem você diz isso leva com ela pelo resto da vida.

Pensei no rosto alegre. Quando falei a ela o que falei, ele se partiu ao meio. Como um vaso. Ou um copo que se estilhaça com uma nota aguda.

Olhei para o diretor e senti minha mão se cerrando. Não consegui evitar. Eu não queria continuar com a discussão. Qual é a expressão... Nossas posições haviam se tornado irreconciliáveis. Era o que estava acontecendo. Um abismo se abria. Algumas vezes a conversa chega ao fim.

Olhei para o diretor e me imaginei enfiando o punho no meio daquele rosto pálido. Bem abaixo do nariz, os nós dos dedos sobre a área vazia entre narinas e lábio superior. Dentes se partiriam, sangue correria do nariz, minha posição ficaria clara. Mas duvidava que isso ajudasse a resolver nossas diferenças. Eu não teria de parar após aquele primeiro soco, claro, poderia reconstruir por completo aquele rosto sem graça, mas na melhor das hipóteses faria algo igualmente sem graça. Minha posição na escola se tornaria insustentável, como eles dizem, embora essa fosse a última de minhas preocupações naquele momento. Com toda a sinceridade, minha posição era insustentável havia muito tempo. Desde o primeiro dia em que eu cruzara a porta da frente daquela escola, é possível falar de uma posição insustentável. O resto era um adiamento. Todas as horas que passara diante das turmas ali nunca haviam sido nada além de um adiamento.

A questão era se eu devia fazer ao diretor o favor de espancá-lo. Se deveria fazer dele uma vítima. Alguém de quem as pessoas teriam pena a

partir de então. Imaginei os alunos nas janelas enquanto ele fosse levado de ambulância. Sim, uma ambulância teria de ser chamada; eu não iria parar após o fim do serviço. No final os alunos sentiriam pena dele.

"Paul?", chamou o diretor, ajeitando-se na cadeira. Ele podia farejar algo. Farejava perigo. Estava procurando uma postura da qual rolar ao primeiro golpe o melhor que pudesse.

E se a ambulância fosse embora sem as luzes piscando? Respirei fundo, depois exalei devagar. Tinha de decidir logo, do contrário seria tarde demais. Eu podia espancá-lo até a morte. Com meus próprios punhos. Seria um trabalho sujo, reconhecidamente, mas não mais sujo do que esfolar um animal selvagem. Esfolar um peru, me corrigi. Ele tinha uma esposa em casa, eu sabia disso, e filhos mais velhos. Quem sabe, talvez estivesse fazendo um favor a eles. Era bastante possível que tivessem se cansado daquele rosto sem graça dele. No funeral, eles exibiriam sua dor, mas depois, no saguão de entrada, o alívio logo tomaria conta deles.

"Paul?"

Olhei para o diretor. Sorri.

"Posso fazer uma pergunta pessoal? Pensei que talvez haja algo... Quer dizer, estou apenas perguntando. Como estão as coisas em casa, Paul? Está tudo bem em casa?"

Em casa. Continuei sorrindo, mas estava pensando o tempo todo em Michel. Michel tinha quase quatro anos. Na Holanda você podia pegar oito anos de prisão por espancar um ser humano até a morte, calculei. Não era muito. Com bom comportamento, trabalhando na cadeia, você sairia em cinco. Michel teria então nove.

"Como estão as coisas com sua esposa... Com Carla?"

Claire, corrigi silenciosamente o diretor. O nome dela é Claire.

"Maravilhosas", respondi.

"E os filhos? Como estão?"

Os filhos. Mesmo isso era demais para o babaca lembrar? Era impossível se lembrar de tudo sobre todos, claro. Que a professora de francês morava com a namorada era uma exceção. Porque se destacava. Mas todos os outros? Os outros não se destacavam. Todos tinham marido, ou esposa, e filhos. Ou sem filhos. Ou apenas um filho. A bicicleta de Michel ainda tinha rodinhas. Se eu estivesse na prisão não veria o momento em que as rodinhas fossem retiradas. Só ouvia falar.

"Ótimos", respondi. "Às vezes é impressionante como as coisas acontecem rápido. Como eles crescem rápido."

O diretor cruzou as mãos e as colocou sobre a escrivaninha, ignorando o fato de que acabara de escapar por pouco.

Por Michel. Por Michel eu iria conter minhas mãos.

“Paul. Você pode não gostar de ouvir isto, eu sei, mas tenho de dizer de qualquer maneira. Acho que seria bom se você marcasse uma consulta com Van Dieren. O psicólogo da escola. E se tirasse uma licença, em breve. Para que possa recarregar as baterias. Acho que precisa disso. Todos precisamos, de tempos em tempos.”

Eu estava impressionantemente calmo. Calmo e fatigado. Não haveria violência. Era como uma tempestade se formando: as cadeiras são levadas para dentro do café, o toldo é levantado, mas nada acontece. A tempestade passa. E ao mesmo tempo isso é muito ruim. Afinal, todos preferiríamos ver os telhados arrancados das casas, as árvores desenraizadas e jogadas no ar; documentários sobre tornados, furacões e tsunamis têm um efeito calmante. Claro que é terrível, todos aprendemos a dizer que achamos terrível, mas um mundo sem desastres e violência — seja violência da natureza ou a de músculo e sangue — seria algo realmente insuportável.

O diretor poderia ir para casa depois, incólume. À noite ele se sentaria com a esposa e os filhos. Iria ocupar com sua presença sem graça a cadeira que do contrário teria permanecido vazia. Ninguém iria para a UTI ou para a funerária, muito simplesmente porque havia sido decidido assim.

Na verdade, eu sabia desde o início. Desde o momento em que ele começara a falar sobre casa. Como estão as coisas em casa? É outra forma de dizer que querem se livrar de você, que vão jogar você fora. Não é da conta de ninguém como estão as coisas em casa. É como “Gostou da sua refeição?”. Isso também não é da conta de ninguém.

Quando concordei sem protestar em conversar com o psicólogo da escola o diretor pareceu verdadeiramente surpreso. Não, eu não daria a ele o menor motivo para me colocar de lado sem luta. Eu me levantei para indicar que, no que me dizia respeito, nossa reunião chegara ao fim.

À porta, estendi a mão. E ele a apertou. Apertou a mão que poderia ter dado um novo rumo à sua vida — ou acabado com ela por completo.

“Fico contente por você estar levando isso de forma tão...”, disse, sem completar a frase. “E, por favor, mande minhas lembranças a... À sua esposa.”

“A Carla”, falei.

E então, alguns dias depois, fui ao psicólogo da escola. Van Dieren. Conteí a verdade em casa. Disse a Claire que queria levar as coisas mais devagar por um tempo. Falei a ela sobre a medicação que o psicólogo receitara, por intermédio do médico de família. Foi depois de uma primeira consulta que durara menos de trinta minutos.

"Ah, sim", disse a Claire. "Ele recomendou que eu usasse óculos escuros."

"Óculos escuros?"

"Ele falou que chegavam muitas coisas a mim e isso poderia ajudar a reduzir os estímulos."

Eu só estava escondendo uma pequena parte da verdade, raciocinei. Escondendo apenas uma pequena parte eu podia evitar ter de contar uma grande mentira.

O psicólogo mencionara um nome. Um nome que soava alemão. O sobrenome do neurologista que batizara esse distúrbio específico.

"Com terapia posso influenciar um pouco, mas você deveria ver isso basicamente como uma questão neurológica", dissera Van Dieren olhando para mim com sinceridade. "Com a medicação certa, é algo que pode ser controlado com bastante eficácia."

Ele então me perguntou se eu tinha conhecimento de outros membros da família com queixas ou sintomas similares. Pensei em meus pais, depois em meus avós. Repassei toda a lista de tios, tias e primos, tentando ter em mente o que Van Dieren dissera, especificamente que a síndrome costumava ser difícil de identificar: as pessoas tendiam a viver normalmente, eram no máximo um pouco distantes, disse. Em um ambiente social eram os falastrões ou não falavam nada.

Enfim balancei a cabeça. Não conseguia pensar em ninguém.

"Mas você perguntou sobre minha família. Significa que é hereditário?"

"Algumas vezes, sim. Outras, não. Sempre tentamos levar em conta o histórico familiar. Você tem filhos?"

Levei um momento para compreender as implicações. Até aquele momento só pensara sobre de onde vinham os meus genes. Então, pela primeira vez, pensei em Michel.

"Sr. Lohman?"

"Só um momento."

Pensei em meu filho, que tinha quase quatro anos. Sobre o chão de seu quarto, coberto de carrinhos de brinquedo. Pela primeira vez na vida pensei em como ele brincava com aqueles carros. No instante seguinte pensei se, a partir de então, seria capaz de ver aquilo de forma diferente.

E quanto à creche? Não haviam percebido nada na creche? Vasculhei o cérebro, tentando me lembrar se alguma coisa fora dita, uma observação de passagem sobre Michel se afastar do grupo ou demonstrar algum outro comportamento aberrante — mas não consegui nada.

“Está levando tanto tempo para descobrir se tem filhos?”, perguntou o psicólogo com um sorriso.

“Não. É só que...”

“Talvez esteja pensando em ter.”

Até hoje tenho certeza de que nem sequer pensei ao responder.

“Isso mesmo”, disse. “O senhor não recomendaria? No meu caso?”

Van Dieren apoiou os cotovelos na mesa e cruzou as mãos sob o queixo.

“Não. Quero dizer, atualmente é bastante possível identificar defeitos como esse antes do nascimento. Com um teste de gravidez ou amniocentese. Claro que você tem de saber no que está se metendo. Interromper uma gravidez não é algo banal.”

Várias coisas passaram pela minha cabeça então. Uma a uma, eu as analisei. Só podia lidar com uma delas de cada vez. Não havia mentido quando respondi à pergunta do psicólogo dizendo que estávamos pensando em ter filhos. No máximo omitira que já tínhamos um. Havia sido um parto muito difícil. Nos primeiros anos após o nascimento de Michel, Claire se recusara até mesmo a pensar em engravidar de novo, mas ultimamente o assunto estava sendo levantado com maior frequência. Ambos percebemos que teríamos de decidir logo, do contrário a diferença de idade entre Michel e um irmão ou irmã seria grande demais — caso já não fosse.

“Então um exame como esse poderia dizer se a criança herdou o distúrbio?”, perguntei, percebendo que minha boca estava mais seca do que alguns minutos antes e que eu tinha de umedecer os lábios com a ponta da língua antes de conseguir falar com normalidade.

“Bem, talvez deva me corrigir. O que acabei de dizer foi que a doença poderia ser identificada mesmo no fluido amniótico, mas não é exatamente assim. Na verdade, é o oposto. A amniocentese pode mostrar que algo está errado, mas precisamente o que só pode ser definido com outros exames.”

Notei que já se tornara uma doença. Hávamos começado com um defeito, depois passado por um distúrbio e uma síndrome e terminado com uma doença.

“Mas de qualquer forma é motivo suficiente para um aborto”, falei. “Mesmo sem outros exames?”

“Veja bem. No caso da Síndrome de Down, por exemplo, ou no que eles chamam de espinha bífida, podemos ver sinais claros no fluido amniótico. Nesses casos sempre aconselhamos os pais a encerrarem a gravidez. No caso desta doença estamos em uma zona cinzenta. Mas sempre alertamos

os pais. Na prática, a maioria das pessoas decide não correr o risco.”

Van Dieren começou a usar a palavra “nós”. Como se ele representasse toda a classe médica. Mas ele era apenas um velho psicólogo. Um psicólogo escolar. Aquilo era o mais baixo que você podia ficar na pirâmide.

Será que Claire havia feito um exame de fluido amniótico? A coisa idiota era que eu não sabia. Eu fora com ela quase todas as vezes: a primeira ultrassonografia, a primeira aula de exercícios pré-natais — apenas a primeira, graças a Deus; Claire achava ainda mais ridículo que eu que o marido devesse arfar e bufar junto —, a primeira visita à parteira, que também foi a última. “Não quero nenhuma parteira me apalpando!”, dissera ela.

Mas Claire também fora ao hospital sozinha algumas vezes. Não fazia sentido eu perder metade do dia de trabalho para uma consulta de rotina com o ginecologista no hospital, ela dissera.

Estava prestes a perguntar a Van Dieren se todas as grávidas faziam exame de fluido amniótico, ou apenas um determinado grupo de risco, mas engoli a pergunta de imediato.

“Havia exames de fluido amniótico há trinta ou quarenta anos?”, perguntei em vez disso.

O psicólogo escolar pensou durante algum tempo.

“Acredito que não. Não, agora que você mencionou. De fato, estou cem por cento certo. Com certeza não havia algo que fizessem na época, não.”

Nós nos encaramos; naquele momento eu também estava cem por cento certo de que Van Dieren e eu pensávamos o mesmo.

Mas ele não disse. Provavelmente não ousou dizer, então eu disse por ele.

“Em outras palavras, o estado inadequado da ciência médica há quarenta anos é a única razão para eu estar sentado aqui na sua frente hoje? Para eu estar aqui”, acrescentei; era uma coisa supérflua a acrescentar, mas eu queria ouvir de minha própria boca.

Van Dieren balançou a cabeça em um lento aceno afirmativo, um sorriso divertido surgindo em seu rosto.

“Se quer colocar assim”, disse. “Caso esse teste estivesse disponível à época, não é totalmente imaginável que seus pais tivessem se decidido pela segurança, não pelo arrependimento.”

Tomei os comprimidos. Nos primeiros dias nada aconteceu. Mas eu havia sido prevenido: que nada iria acontecer, que os efeitos só seriam percebidos após duas semanas. Ainda assim me perturbou que Claire tivesse começado a me olhar de forma diferente desde o começo.

“Como está se sentindo?”, perguntava, várias vezes por dia.

“Bem”, era minha resposta-padrão.

E era verdade. Eu me sentia bastante bem, gostava da mudança, acima de tudo gostava do fato de não ter de ficar de pé na frente da turma todo dia: todos aqueles rostos olhando para mim, por uma hora inteira, e depois outros rostos que entravam para a aula seguinte, e assim por diante, uma aula depois da outra; se você nunca ficou de pé diante de uma turma não sabe como é.

Após pouco mais de uma semana, antes do previsto, a medicação começou a fazer efeito. Não esperava que fosse assim. Tive medo; temera sobretudo a ideia de que começaria sem que eu percebesse. Mudança de personalidade, esse era meu maior medo: que minha personalidade fosse afetada, que eu me tornasse, embora mais suportável para aqueles ao meu redor, estranho para mim mesmo. Eu lera a bula, e ela trazia efeitos colaterais alarmantes. “Náusea”, “pele ressecada” e “redução do apetite” eram coisas com as quais você podia conviver, mas também falava em “sensações de medo”, “hiperventilação” e “perda de memória”.

“É uma coisa realmente forte”, contei a Claire. “Vou tomar, não tenho escolha, mas quero que prometa que irá me avisar se der errado. Se eu começar a esquecer coisas ou agir de forma estranha você tem de me contar. Então vou parar.”

Mas meus medos se revelaram infundados. Foi numa tarde de domingo, uns cinco dias depois de ter tomado os primeiros comprimidos, eu estava deitado no sofá da sala de estar com o jornal gordo de sábado no colo. Olhava através das portas corrediças de vidro para o jardim, onde acabara de começar a chover. Era um daqueles dias de nuvens brancas fofas e espaços azuis entre elas, o vento soprava forte.

Eu deveria mencionar que, nos meses que se passaram antes disso tudo, minha própria casa, minha própria sala de estar e, com ela, acima de tudo, minha própria presença naquela casa e naquela sala haviam me atemorizado com frequência. O medo estava diretamente ligado à existência de tantas outras pessoas em casas e salas de estar similares. Sobre tudo à noite, depois de escurecer, quando a maioria das pessoas estava “em casa”, esse medo tomava conta rapidamente. De onde eu estava deitado no sofá podia ver, através dos arbustos e das árvores, as

luzes de janelas do outro lado da rua. Quase nunca via as pessoas propriamente ditas, mas aquelas janelas acesas traíam sua presença — assim como minha própria janela acesa traía minha presença. Não quero dar a impressão errada, não estava com medo das pessoas, de pessoas como uma espécie. Não tenho ataques de pânico em grandes multidões, e também não sou o convidado antissocial nas festas, o solitário com quem ninguém quer conversar, cuja própria linguagem corporal anuncia bem alto seu desejo de ser deixado sozinho. Não, é algo diferente. Tinha a ver com o status provisório de todas aquelas pessoas em suas salas, em suas casas, seus quarteirões, seus bairros de ruas ordeiramente traçadas, cada uma delas levando direto a outra, cada praça ligada por ruas à praça seguinte.

Era como algumas vezes me deitava no sofá de nossa sala de estar à noite e pensava sobre coisas. Algo sussurrava para mim que eu precisava parar de pensar, que acima de tudo não devia ir longe demais pensando. Mas isso nunca funcionava; eu sempre pensava nas coisas até o fim, sua consequência mais extrema. Neste exato momento, pensava, há pessoas em toda parte, deitadas em sofás em salas de estar como esta. Depois elas irão para a cama, irão revirar um pouco, dizer algo gentil uma para a outra, ou permanecer teimosamente em silêncio porque acabaram de ter uma discussão e nenhuma quer ser a primeira a admitir que estava errada. Então a luz se apaga. Eu pensava sobre o tempo, sobre a passagem do tempo, para ser mais preciso, quão vasta, quão interminável, quão longa, escura e vazia pode ser uma hora. Qualquer um que pensa assim não tem necessidade de pensar sobre o espaço infinito. Eu pensava sobre a quantidade de pessoas, seu número, nem mesmo em termos de superpopulação, poluição ou se no futuro haveria o suficiente para que todos comam, mas estritamente sobre a própria quantidade. Sobre se três milhões ou seis bilhões serviam a algum propósito.

Assim que chegava a esse ponto surgiam as primeiras sensações de desconforto. Não que houvesse pessoas demais, eu pensava comigo mesmo, mas havia um volume medonho delas. Pensava sobre os alunos em minha sala. Todos tinham de fazer algo: todos tinham de começar a vida, tinham de viver a vida. Embora uma única hora de aula possa ser tão longa. Eles tinham de arranjar empregos e formar casais. Crianças viriam, e essas crianças também assistiriam a aulas de história na escola, embora não mais dadas por mim. De certo ponto de vista você podia ver apenas a presença das pessoas, não mais as próprias pessoas. Era quando eu começava a entrar em pânico. Exteriormente você não teria percebido muito, exceto que o jornal ainda estava não lido em meu colo.

“Quer uma cerveja?”, perguntaria Claire, entrando na sala naquele momento com uma taça de vinho tinto na mão.

Então eu tinha de dizer “quero”, sem que o tom de minha voz desse motivo para preocupação. Tinha medo de que minha voz soasse como a de alguém que acabara de ser acordado, que saíra da cama e ainda não falara. Ou simplesmente uma voz estranha, não de todo identificável como a minha, uma voz assustada.

Claire ergueria as sobrancelhas e perguntaria: “Há algo errado?”

E eu negaria, claro, balançaria a cabeça, mas com muita veemência, o que iria me trair, enquanto eu, com uma voz estranha, assustada, esganiçada, que não se parecia nada com a minha, diria: “Não, está tudo bem. O que poderia estar errado?”

E então? Então Claire se sentaria a meu lado no sofá, pegaria minha mão, talvez também colocasse a mão na minha testa, como se faz com uma criança para verificar a temperatura. E então acontece. Eu sabia que a porta para o normal estava escancarada: Claire perguntaria mais uma vez se não havia nada errado, e eu balançaria a cabeça negativamente de novo (com menos veemência dessa vez); ela continuaria preocupada, mas logo colocaria de lado a preocupação: afinal estava reagindo com normalidade, minha voz parara de guinchar e eu estava respondendo às perguntas com calma. Não, apenas estivera perdido em pensamentos.

Sobre o quê?

Nem lembro mais.

Vamos lá, sabe quanto tempo ficou sentado aí com o jornal no colo? Uma hora e meia, talvez duas!

Estava pensando no jardim, que talvez pudéssemos construir um barracão nos fundos.

Paul...

Ahn?

Ninguém pensa no jardim durante uma hora e meia.

Não, claro que não, quero dizer, estava pensando no jardim nos últimos quinze minutos.

E no que antes disso?

Mas naquela tarde de domingo, uma semana depois de minha consulta com o psicólogo escolar, olhei para o jardim pela primeira vez em muito tempo sem pensar em nada. Ouvi Claire na cozinha. Estava cantando alguma coisa junto com o rádio, uma música que eu não conhecia, mas que ficava repetindo as palavras “rosas de dia”.

“Do que você está rindo?”, perguntou ela quando entrou na sala um pouco depois com duas canecas de café.

“Ah, apenas rindo”, falei.

“O que quer dizer com apenas rindo? Você deveria ver sua cara. Parece um daqueles cristãos renascidos. Uma grande bola de felicidade.”

Olhei para ela, me senti quente, mas de uma forma agradável, o calor de um edredom.

“Só estava pensando”, comecei, mas parei rapidamente.

Eu estava planejando falar sobre um segundo filho. Não tínhamos tocado no assunto nos últimos meses. Pensei na diferença de idade, que na melhor das hipóteses seria de cinco anos. Era agora ou nunca. Mas havia uma voz me dizendo que não era o momento, talvez em alguns dias, mas não naquela tarde de domingo quando a medicação começara a fazer efeito.

“Estava pensando que talvez pudéssemos construir um pequeno barracão no jardim dos fundos.”

Aquele domingo também foi o ponto alto. A novidade de levar uma vida sem pensamentos escondidos logo passou. A vida se tornou mais constante, mais abafada, como uma festa em que você pode ver todos conversando e gesticulando, mas não consegue ouvir o que está sendo dito. Sem mais altos e baixos. Algo estava faltando. Às vezes você ouve falar de pessoas que perderam o olfato e o paladar: para essas pessoas um prato da comida mais deliciosa não significa absolutamente nada. Era como a vida às vezes parecia para mim, como uma refeição quente que esfriava. Eu sabia que tinha de comer, do contrário morreria, mas havia perdido o apetite.

Algumas semanas depois fiz uma última tentativa de recuperar a euforia daquela primeira tarde de domingo. Michel acabara de ir para a cama. Eu e Claire estávamos deitados no sofá, vendo um programa sobre condenados no corredor da morte nos Estados Unidos. Temos uma poltrona grande, e com jeito cabíamos os dois. Como estávamos deitados lado a lado, eu não tinha de olhar nos olhos dela.

— Estava pensando — falei. — Se tivermos outro filho agora, Michel estará com cinco anos quando ele nascer.

— Eu estava pensando na mesma coisa há pouco tempo — disse Claire. — Realmente não é uma boa ideia. Devíamos ficar felizes com o que temos.

Senti o calor de minha esposa, meu braço sobre seus ombros poderia tê-la puxado para mais perto por um momento. Pensei em minha conversa com o psicólogo escolar.

Você fez exame de fluido amniótico?

Eu poderia perguntar assim, da forma mais descontraída possível. Uma desvantagem era o fato de que não poderia ver seus olhos quando perguntasse. Uma desvantagem, e uma vantagem.

Então pensei em nossa felicidade. Em nossa família feliz. Nossa família feliz que deveria ser feliz com o que tinha.

— Que tal irmos a algum lugar no próximo fim de semana? — sugeri. — Alugar um bangalô ou algo assim? Sabe, só nós três?

E então? Então Claire ficou doente. Claire, que nunca ficava doente, pelo menos não mais que um nariz escorrendo, que de qualquer forma nunca passou um dia na cama gripada, terminou no hospital. De um dia para outro: nada poderia ter nos preparado para sua hospitalização, não houve tempo para, como eles dizem, ajeitar as coisas. Pela manhã ela se sentia um pouco “trêmula”, mas saiu mesmo assim, me deu um beijo de despedida, nos lábios, e montou na bicicleta. Naquela tarde eu a vi de novo, mas com uma série de tubos no braço e um monitor apitando à cabeceira da cama. Ela tentou sorrir, mas claramente foi um esforço. Um cirurgião de pé no corredor acenou para que fosse até ele. Precisava falar comigo sozinho.

Não vou dizer o que havia de errado com Claire, não aqui, considero isso algo particular. Não é da conta de ninguém que tipo de doença alguém teve, e de qualquer forma cabe a ela falar sobre isso caso queira, não a mim. Vamos apenas dizer que ela não corria risco de morrer, pelo menos não àquela altura. Essa era uma palavra usada algumas vezes por amigos, parentes, conhecidos e colegas quando ligavam. Eles perguntavam: “Ela corre risco de morrer?” Perguntavam isso em voz baixa, mas era possível ouvir sua animação — quando as pessoas têm uma oportunidade de chegar perto da morte sem que ela as toque pessoalmente, nunca perdem a oportunidade.

Do que também me lembro bem é da urgência que eu sentia de responder afirmativamente à pergunta: “Sim, é mortal.” Queria ouvir o silêncio que se faria do outro lado após uma resposta como essa.

Então, sem entrar em detalhes sobre a doença de Claire, só quero contar aqui o que o cirurgião me disse no corredor após me falar sobre a cirurgia iminente.

“Não, não é banalidade”, afirmou, tendo feito uma pequena pausa para que eu lidasse com a notícia. “Sua vida inteira muda de um dia para outro. Mas fazemos tudo o que podemos.”

A última frase foi dita em tom quase alegre, um tom que se chocava com a expressão no rosto dele.

E depois disso? Depois disso, tudo deu errado. Ou melhor, tudo o que podia dar errado deu errado. Uma segunda cirurgia se seguiu à primeira, depois uma terceira. Mais e mais monitores foram reunidos ao redor da cama, tubos saíam de seu corpo e entravam nele em outros pontos. Tubos e monitores que deveriam mantê-la viva, mas depois do primeiro dia o cirurgião abandonou o tom alegre. Continuava dizendo que estavam fazendo todo o possível, mas àquela altura Claire perdera quase vinte quilos e não

conseguia sequer se levantar para se acomodar sobre os travesseiros.

Fiquei contente por Michel não tê-la visto daquele jeito. No início, eu agira de forma animada e sugerira que fôssemos juntos vê-la nas horas de visita, mas ele reagiu como se não tivesse me ouvido. No primeiro dia, o dia em que a mãe dele saía pela porta mas não voltara à noite, eu enfatizara o aspecto festivo, o ineditismo da situação, como dormir na casa de um amigo ou uma viagem da escola. Fomos comer no bar-restaurante para pessoas comuns, costeletas com fritas era o prato preferido dele na época, e fiz de tudo para explicar-lhe o que acontecera. Expliquei e ao mesmo tempo me evadi. Omiti coisas, principalmente meus próprios medos. Depois do jantar alugamos um filme; deixei que ele ficasse acordado até um pouco mais tarde, embora tivesse aula no dia seguinte (ele não estava mais na creche, mas no primeiro ano do ensino fundamental).

"Mamãe vai voltar mais tarde?", perguntou ele quando fui dar o beijo de boa-noite.

"Vou deixar a porta entreaberta", respondi. "Vou ficar assistindo à TV, assim você pode me ouvir."

Não liguei para ninguém naquela primeira noite. Claire me fizera prometer isso.

"Não há motivo para alarme", dissera. "Talvez não seja nada e eu volte para casa em dois dias."

A essa altura eu já conversara com o cirurgião no corredor.

"Certo", disse. "Não há motivo para alarme."

Na tarde seguinte, depois da escola, Michel não perguntou pela mãe. Pediu para tirar as rodinhas da bicicleta. Eu fizera isso alguns meses antes, mas então, após algumas tentativas desajeitadas, ele acabara pedalando para a cerca baixa ao redor do parque.

"Tem certeza?", perguntei. Era um dia adorável de maio e ele saiu pedalando, sem se desequilibrar uma só vez, até a esquina e voltou. Quando passou por mim, soltou o guidom e ergueu as mãos no ar.

"Eles querem operar amanhã", Claire me disse naquela noite. "Mas o que exatamente vão fazer? Eles lhe contaram algo?"

"Contei que Michel pediu para tirar as rodinhas da bicicleta hoje?"

Claire fechou os olhos por um momento; a cabeça estava afundada nos travesseiros, como se fosse mais pesada que o habitual.

"Como ele está?", perguntou ela em voz baixa. "Sente uma falta terrível de mim?"

"Está ansioso para vir ver você", menti. "Mas acho que seria melhor esperar um pouco mais."

Não vou citar o nome do hospital onde Claire estava. Era bastante perto

de nossa casa, eu podia ir até lá de bicicleta, ou de carro se o tempo estivesse ruim, mas de qualquer forma nunca levava mais de dez minutos. Nas horas de visita, Michel ficava com a vizinha do lado, que também tinha filhos; algumas vezes eu chamava a baby-sitter, uma garota de quinze anos que morava virando a esquina. Não quero entrar em detalhes sobre tudo o que deu errado no hospital, só gostaria de recomendar com urgência a quem dá algum valor à vida — a sua ou a de parentes e entes queridos — que nunca vá lá. Esse é igualmente o meu dilema: não é da conta de ninguém em qual hospital Claire estava, mas ao mesmo tempo quero alertar a todos para que fiquem o mais distante possível dele.

“Como você está indo?”, perguntou Claire certa tarde, acho que depois da segunda ou terceira operação. A voz estava tão fraca que tive de levar meu ouvido aos seus lábios. “Não precisa de nenhuma ajuda?”

À palavra “ajuda” um músculo ou nervo sob meu olho esquerdo começou a tremer. Não, não precisava de nenhuma ajuda, podia dar conta de tudo sozinho, ou talvez devesse dizer: fiquei impressionado, acima de tudo, com quão bem conseguia dar conta de tudo. Michel ia para a escola na hora certa, dentes escovados e roupas limpas. Mais ou menos limpas: eu era menos preocupado com algumas manchas em suas calças do que Claire teria sido, mas era seu pai. Nunca tentei ser “pai e mãe” dele, do modo como um pai solteiro incompetente vestindo um suéter feito em casa disse em um programa idiota que vi na televisão à tarde. Eu estava ocupado, mas ocupado no bom sentido. A última coisa de que precisava era que gente, com ou sem as melhores intenções, tirasse trabalho de minhas mãos para que eu tivesse mais tempo para outras coisas; estava grato por ter todos os momentos ocupados.

Algumas vezes eu me sentava na cozinha à noite com uma cerveja, após ter dado o beijo de boa-noite em Michel, o lava-louça zumbindo e sacudindo, o jornal não lido na mesa diante de mim, e de repente me sentia animado, não sei de que outra forma definir: era acima de tudo uma sensação de leveza, de extrema leveza; se alguém franzisse os lábios e me sopsasse ali, eu sem dúvida iria flutuar até o teto, como a pena de um travesseiro. Sim, era isto: falta de peso; eu deliberadamente não estou usando palavras como felicidade ou mesmo satisfação. Algumas vezes ouvira os pais dos colegas de Michel suspirando sobre como, após um dia agitado, eles de fato precisavam de “um momento para si mesmos”. As crianças enfim estavam na cama, e chegava o momento mágico, e não um minuto antes.

Eu sempre achava isso estranho, pois para mim aquele momento começava muito antes. Quando Michel voltava para casa da escola, por exemplo, e tudo era como deveria ser. Minha própria voz, acima de tudo,

perguntando o que ele queria no sanduíche, também soava como devia ser. A despensa estava cheia, eu fizera compras naquela manhã. Eu também cuidava de mim mesmo, olhava no espelho antes de sair de casa: me assegurava de que minhas roupas estavam limpas, que havia feito a barba, que meus cabelos não pareciam os cabelos de alguém que nunca se olhava no espelho — as pessoas no supermercado não teriam notado nada de incomum, eu não era um pai divorciado fedendo a álcool, um pai que não conseguia cuidar das coisas. Lembro-me claramente do objetivo que estabeleci para mim: queria manter a aparência de normalidade. Na medida do possível, tudo tinha de continuar igual para Michel enquanto sua mãe não estivesse por perto. Uma refeição quente todo dia, para começar. Mas também em outros aspectos de nossa temporária família de pai solteiro, não deveria haver muitas mudanças visíveis. Em geral não era meu hábito fazer a barba todo dia; não me incomodava ficar com barba de um dia. Claire também nunca se importara muito com isso, mas naquelas semanas fiz a barba todas as manhãs. Eu sentia que meu filho tinha o direito de se sentar à mesa com um pai barbeado cheirando a limpeza. Um pai barbeado e cheirando a limpeza não o levaria a pensar coisas erradas, não o levaria a duvidar do caráter temporário de nossa família de pai solteiro.

Não, por fora não havia nada que alguém pudesse perceber em mim. Eu continuava a ser um pilar da trindade, outro pilar estava apenas temporariamente (temporariamente! temporariamente! temporariamente!) deitado no hospital, eu era o piloto de uma aeronave de três motores, um desses motores parara: não há razão para pânico, não vamos cair, o piloto tem milhares de horas de voo, ele irá pousar o avião em segurança.

Certa noite, Serge e Babette apareceram. Claire seria operada de novo no dia seguinte. Eu me lembro bem: naquela noite tinha feito macarrão, macarrão à carbonara, para ser honesto o único prato que dominei nos mínimos detalhes. Junto com as costeletas do bar-restaurant de pessoas comuns, era o prato preferido de Michel, motivo pelo qual eu fazia todo dia durante as semanas que Claire passou no hospital.

Estava prestes a colocar a comida na mesa quando a campainha tocou. Serge e Babette não pediram para entrar; antes que eu percebesse, eles já estavam na sala de estar. Vi como particularmente Babette olhava ao redor da sala, depois da casa toda. Naquelas semanas não comemos na cozinha, como em geral fazíamos; eu colocara bandejas na sala de estar, diante da televisão. Babette olhou para as bandejas e os talheres e então para a televisão, que já estava ligada, pois o noticiário esportivo semanal ia começar logo. Depois olhou para mim, com uma expressão especial, que não sei de que outra forma descrever.

Aquela expressão especial, como ainda lembro, me fez sentir como se tivesse algo a explicar. Murmurei alguma coisa sobre o aspecto festivo das refeições que fazíamos juntos; afinal, havia ocasiões em que eu me afastava da rotina, a casa não tinha de ser uma cópia perfeita do modo como Claire a comandava, desde que não houvesse traços visíveis de declínio. Acredito que ao explicar isso a Babette usei a expressão “casa masculina” e mesmo “clima de feriado”.

Aquilo foi bastante idiota; pensando agora, eu poderia chutar meu próprio traseiro. Não devia explicações a ninguém. Mas àquela altura Babette subira as escadas e estava junto à porta do quarto de Michel. Michel estava sentado no chão em meio a seus brinquedos, no processo de enfileirar centenas de dominós, imitando o Dia Mundial do Dominó, mas ao ver a tia levantou-se de um pulo e saltou para os braços estendidos dela.

Um pouco entusiasticamente demais, se quer saber. Ele gosta muito da tia, é verdade, mas o modo como passou os dois braços pelas pernas dela, fazendo parecer que nunca a deixaria ir, ainda deu a impressão de que sentia falta de uma mulher na casa. Uma mãe. Babette o acariciou e passou os dedos por seus cabelos. Enquanto ela olhava ao redor do quarto, eu olhava com ela.

O espaço no chão não estava ocupado por completo pelas peças de dominó. Havia brinquedos por toda parte, brinquedos jogados por toda parte, talvez fosse melhor assim: quase não havia onde colocar um pé. Dizer que o quarto de Michel era uma bagunça seria amenizar, eu mesmo vi isso quando olhei com os olhos de Babette. Havia a explosão de brinquedos,

claro, mas não era só isso. As duas cadeiras, a poltrona e a cama de Michel estavam cobertos de roupas, limpas e sujas, e na mesinha dele e no banco ao lado da cama (desarrumada) havia pratos com migalhas e copos de leite e refrigerante pela metade. Pior de tudo, talvez, era o miolo de maçã que não estava em um prato, mas sobre uma camiseta do Ajax com o nome de Kluivert. O miolo de maçã, como todos os miolos de maçã expostos por mais de alguns minutos a luz e ar, estava marrom. Lembro-me de ter dado a Michel uma maçã e um copo de refrigerante naquela tarde, mas não havia como dizer que o miolo de maçã só estava ali havia duas horas, pois como todos os miolos de maçã ele parecia ter passado dias sobre aquela camiseta, apodrecendo.

Também me lembro de ter dito a Michel naquela manhã que depois limparíamos o quarto dele juntos. Mas por uma série de razões, ou melhor, em função da ideia reconfortante de que havia muito tempo para limpar depois, isso não acontecera.

Enquanto ela ficava ali, ainda segurando meu filho e passando uma das mãos afetuosamente por suas costas, olhei nos olhos de Babette e vi de novo aquela expressão especial. Eu me senti gritando para ela: vou limpar! Se você tivesse vindo amanhã poderia ter comido no chão deste quarto. Mas não fiz isso. Apenas olhei para ela e dei de ombros. Está um pouco bagunçado, diziam meus ombros, mas quem liga? Há coisas mais importantes nas quais pensar neste momento do que em um quarto bagunçado ou arrumado.

De novo, aquela necessidade de explicar! Eu não queria explicar, não eram necessárias explicações, disse a mim mesmo. Eles haviam aparecido sem avisar. Vamos inverter isso, pensei comigo mesmo, vamos inverter e imaginar o que aconteceria se eu aparecesse de repente à porta de meu irmão e cunhada, enquanto Babette raspava as pernas, por exemplo, ou enquanto Serge cortava as unhas dos pés. Então também veria algo que era essencialmente privado, que em geral não seria para os olhos de gente de fora. Não devia tê-los deixado entrar, pensei. Deveria ter dito que era um momento ruim.

Na descida, após Babette ter prometido a Michel que mais tarde, quando ele tivesse terminado, voltaria para ver os dominós caindo, e após eu ter dito a ele que o jantar estava quase pronto, que iríamos comer em um minuto, passamos pelo banheiro e pelo quarto, meu e de Claire. Babette olhou rápido para cada um deles, mal tentando disfarçar os olhares, em especial para a cesta de roupa suja transbordando e a cama desfeita coberta de jornais. Mas dessa vez não olhou para mim — e talvez isso tenha sido ainda mais doloroso, mais humilhante, que a expressão especial. Eu fora muito claro ao dizer a Michel, e apenas a Michel, que iríamos comer

em um minuto, pois queria dar um sinal inequívoco de que meu irmão e sua esposa não seriam convidados a jantar conosco. Eles haviam chegado em um momento ruim, e era hora de partir.

Embaixo, na sala de estar, Serge estava de pé diante da televisão com as mãos nos bolsos; o noticiário esportivo semanal já havia começado. Mais que todo o resto — mais que o modo insolente como meu irmão estava de pé ali, mãos nos bolsos, os pés fincados no carpete, como se a sala de estar fosse dele, não minha; mais que os olhares especiais de minha cunhada para o quarto de Michel, nosso quarto e a cesta de roupa suja — foi a imagem no noticiário esportivo, de um grupo de jogadores de futebol dando voltas em um campo ensolarado, que me disse que meu plano para a noite estava prestes a desmoronar; não, que já havia desmoronado. Minha noite com Michel diante da TV, nossos pratos de macarrão à carbonara no colo, uma noite normal, sem a mãe dele, claro, sem minha esposa, mas ainda assim uma noite festiva.

“Serge...”, disse Babette, que havia caminhado até meu irmão e colocado a mão no ombro dele.

“É”, retrucou Serge, virando-se e olhando para mim sem tirar as mãos dos bolsos. “Paul...”, começou, antes de parar e olhar desamparado para a esposa.

Babette deu um suspiro profundo. Então tomou minha mão e a segurou entre seus adoráveis dedos compridos e elegantes. Ela já não tinha aquela expressão especial nos olhos. Seu olhar agora era amistoso, mas decidido, como se eu já não fosse o iniciador do caos completo na casa, mas eu mesmo uma cesta de roupa suja transbordando ou a cama desarrumada, uma cesta de roupa que ela sem demora iria esvaziar na máquina de lavar, uma cama que faria em um piscar de olhos, mais arrumada do que já fora antes: uma cama de hotel, na suíte real.

“Paul”, chamou ela. “Sabemos como isso é difícil para você. Para você e para Michel. Com Claire no hospital e tudo o mais. Claro que esperamos o melhor, mas a esta altura ninguém sabe quanto tempo pode levar. E por isso pensamos que, por você, mas também por Michel, seria uma boa ideia que ele ficasse um tempo conosco.”

Senti algo, uma fúria quente, uma onda de pânico gelada. O que quer que fosse, provavelmente estava claro em meu rosto, porque Babette apertou minha mão com delicadeza e disse:

“Calma, Paul. Só estamos aqui para ajudar.”

“Isso mesmo”, confirmou Serge. Ele deu um passo à frente, por um momento pareceu que iria segurar meu outro braço ou colocar a mão no meu ombro, mas mudou de ideia.

“Você tem coisas demais na cabeça”, disse Babette com um sorriso,

correndo um dedo sobre as costas de minha mão. “Se Michel ficar algum tempo conosco, você conseguirá relaxar. E isso também será uma folga para Michel. Ele é corajoso, uma criança pode não dizer certas coisas em voz alta, mas realmente percebe tudo.”

Respirei fundo algumas vezes; a coisa mais importante agora era não deixar minha voz falhar.

“Eu adoraria convidar os dois a jantar conosco, mas não estava esperando visitas”, falei.

O dedo de Babette parou nas costas de minha mão, o sorriso permaneceu suspenso em seu rosto, mas era como se tivesse sido desconectado da emoção por trás — se tivesse havido alguma emoção por trás.

“Não planejávamos jantar com você, Paul”, explicou ela. “Só pensamos que, com Claire sendo operada amanhã e tudo o mais, seria melhor para Michel ir conosco esta noite...”

“Eu estava prestes a sentar e jantar com meu filho”, falei. “A visita foi em um momento ruim. Então gostaria de pedir que ambos fossem embora agora.”

“Paul...”, disse Babette apertando minha mão, o sorriso desaparecido, substituído por algo mais súplice, que absolutamente não combinava com ela.

“Paul”, ecoou meu irmão. “Tenho certeza de que se dá conta de que estas não são as condições ideais para uma criança de quatro anos.”

Arranquei minha mão do aperto de Babette.

“O que você disse?”, perguntei. Minha voz não vacilou, soou calma, talvez calma demais.

“Paul!”

Babette soou alarmada, talvez tivesse visto algo que eu mesmo não podia ver. Talvez me considerasse capaz de fazer algo imprudente, fazer algo a Serge, mas eu nunca daria essa satisfação a ele. Verdade que a onda de pânico frio dera lugar a uma fúria quente, mas o punho que teria adorado enfiar bem no meio do nobre rosto dele, tão cheio de preocupação por mim e meu filho, teria sido a prova decisiva de que já não conseguia controlar minhas emoções. E uma pessoa que não consegue controlar as emoções não é a mais adequada para comandar uma família (temporária) de pai solteiro. No último instante ouvi meu próprio nome ser repetido — com que frequência? — cinco vezes. Pela minha experiência, quando as pessoas continuam a repetir seu nome, querem algo de você, e em geral não é algo que você queira dar.

“Serge só está tentando dizer que talvez seja um pouco demais para você, Paul” — seis vezes —, “nós, acima de todos, sabemos que você está

fazendo de tudo para que as coisas pareçam da forma mais normal possível para Michel. Mas não é normal. A situação não é normal. Você precisa estar com Claire e com seu filho. Em uma situação assim, não se pode esperar que alguém comande uma casa normal”, dizia ela, o braço erguido, as mãos e os dedos apontando para o andar de cima: para os brinquedos espalhados, a cesta de roupa suja e a cama bagunçada coberta de jornais. “Neste momento, para Michel, o pai é a coisa mais importante que ele tem. A mãe está doente. Ele não pode ter a impressão de que o pai não consegue cuidar das coisas.”

Eu queria dizer que já ia começar a arrumar a casa. Se vocês tivessem vindo uma hora depois... Mas não disse. Não iria ser colocado na defensiva. Eu e Michel arrumamos a casa quando nos dá na telha.

“Realmente tenho de pedir que vão embora agora”, falei. “Eu e Michel íamos comer há quinze minutos. Eu dou muita importância à regularidade nessas coisas. Nesta situação”, acrescentei.

Babette suspirou, por um momento pensei que iria dizer “Paul” mais uma vez, mas olhou de mim para Serge, e de volta para mim. Da televisão veio a música que anunciava o fim do noticiário esportivo semanal, e de repente fui tomado por uma profunda tristeza. Meu irmão e minha cunhada haviam aparecido em um momento ruim, para meter os narizes no modo como eu comandava minha casa, mas agora acontecera algo que nunca poderia ser desfeito. Parece absurdo, é absurdo, mas a conclusão simples de que eu e meu filho não iríamos ver o noticiário esportivo naquela noite quase levou lágrimas aos meus olhos.

Pensei em Claire no quarto de hospital. Nos últimos dias, felizmente, ela tivera um quarto particular; antes disso partilhara um cômodo com uma vaca velha flatulenta que dava grandes peidos ribombantes. Durante as horas de visita os dois fazíamos o máximo para fingir não ouvir, mas após alguns dias Claire ficou tão cansada daquilo que toda vez que a mulher peidava jogava um desodorante aerossol no ar. Dava vontade de rir e chorar ao mesmo tempo, mas, depois do horário de visita naquele dia, procurei a enfermeira-chefe e insisti para que Claire fosse para um quarto particular. O novo quarto dava para uma ala lateral do hospital; quando estava escuro e as luzes se acendiam, era possível ver os pacientes daquela ala deitados em suas camas, se ajeitando em seus travesseiros para fazer a refeição da noite. Havíamos combinado que naquela noite, a noite antes da operação, eu não iria visitá-la; ficaria em casa com Michel. Tudo o mais normal possível. Mas agora pensei em Claire, em minha esposa sozinha em seu quarto, na escuridão caindo e a visão das janelas acesas e dos outros pacientes, e pensei se fizera a coisa certa; talvez devesse ter chamado a baby-sitter para que naquela noite, de todas as noites, eu pudesse estar com minha

esposa.

Decidi telefonar assim que pudesse, mais tarde. Mais tarde, depois que Serge e Babette tivessem ido embora e Michel ido para cama. De fato era hora de eles sumirem, para que Michel e eu pudéssemos enfim começar nosso jantar, nossa noite, que de qualquer forma agora estava totalmente arruinada.

E então, de repente, um novo pensamento nasceu. Um pensamento de pesadelo. Um pensamento do qual você acorda suado: a colcha está caída no chão, o travesseiro está encharcado com sua transpiração, seu coração acelerado — mas há luz passando pela janela do quarto, não aconteceu realmente, foi apenas um sonho.

“Vocês dois por acaso visitaram Claire hoje?”, perguntei, adotando um tom amistoso e descontraído, um tom alegre; a qualquer custo eu tinha de impedir que eles vissem de que forma eu estava.

Serge e Babette olharam para mim; as expressões nos rostos deles me disseram que minha pergunta os apanhara de surpresa. Mas isso não significava nada, talvez estivessem surpresos com a mudança de humor repentina; afinal, alguns instantes antes eu ordenara que partissem.

“Não”, respondeu Babette. “Quer dizer...”, interrompeu-se, os olhos buscando apoio nos de meu irmão. “Mas conversei com ela esta tarde.”

Então realmente acontecera. O inimaginável de fato acontecera. Não era um sonho. A ideia de levar Michel dali havia sido de minha própria esposa. Ela conversara com Babette ao telefone naquela tarde, e a ideia surgira. Talvez não fosse da própria Claire, talvez Babette tivesse sugerido, mas Claire, quem sabe enfraquecida por seu quadro, simplesmente para encerrar o tormento, concordara. Sem falar antes comigo.

Nesse caso, estou pior do que imaginava, pensei. Se minha esposa acha uma boa ideia tomar decisões importantes sobre nosso filho sem me consultar, talvez eu tenha dado razões para pensar assim.

Eu deveria ter arrumado o quarto de Michel, pensei. Deveria ter esvaziado a cesta de roupa suja, a máquina de lavar deveria estar funcionando quando Serge e Babette tocaram a campainha, eu deveria ter colocado os jornais que estavam sobre a cama em sacos plásticos, e os sacos plásticos deveriam estar alinhados no hall, ao lado da porta da frente, como se eu estivesse prestes a levá-los para a lata de lixo do lado de fora.

Mas era tarde demais para isso. Percebi que provavelmente teria sido tarde demais de qualquer forma, que Serge e Babette tinham aparecido com um plano em mente; mesmo se eu e Michel estivéssemos sentados à mesa vestindo ternos com colete, com toalha de mesa damasco e prataria, eles teriam arrumado alguma outra desculpa para tirar meu filho de mim.

E esta tarde vocês duas por acaso conversaram sobre Michel? Não

cheguei a fazer a pergunta, deixei-a pairando no ar. Meu silêncio deu a Babette a chance de preencher as lacunas.

"Por que Michel nunca vai ao hospital com você?", perguntou Babette.

"Como?", reagi.

"Por que Michel nunca vai visitar a mãe? Há quanto tempo Claire já está lá? Não é normal um filho que não quer ver a mãe."

"Eu e Claire conversamos sobre isso. No início ela não queria. Não queria que Michel a visse daquele jeito."

"Isso no início. Mas depois. Depois deve ter havido um momento, certo? O que estou dizendo é que a própria Claire não entende mais, ela acha que o filho já a esqueceu."

"Não seja ridícula. Claro que Michel não se esqueceu da mãe. Ele..." Eu ia dizer "Ele está sempre falando dela", mas isso não era verdade. "Ele simplesmente não quer vê-la. Não quer ir ao hospital. Pergunto a ele o tempo todo: 'Vamos ao hospital amanhã ver a mamãe?' E então ele começa a parecer em dúvida. 'Pode ser...', ele diz, e quando pergunto de novo no dia seguinte ele nega com um gesto de cabeça. 'Amanhã.' Quer dizer, não posso obrigá-lo, certo? Não, não é isso: eu não quero obrigá-lo. Não nesta situação; não vou arrastá-lo para o hospital contra a vontade. A mim parece que seria uma lembrança errada para ele. Tenho certeza de que ele tem seus motivos. Ele tem quatro anos, talvez saiba ele mesmo a melhor forma de lidar com tudo isso. Se neste momento quer reprimir o fato de que a mãe está no hospital, que seja. É o que penso. Isso me parece muito adulto. Adultos também reprimem tudo."

Babette fungou algumas vezes e ergueu as sobrancelhas.

"Isso não é...?", questionou, e no mesmo momento também senti. Assim que me virei e corri para a cozinha pude ver a fumaça no corredor.

"Droga!"

Enquanto eu desligava o gás sob o macarrão e abria a porta do jardim, senti lágrimas em meus olhos.

"Droga! Droga! Droga!"

Agitei os braços, mas a fumaça apenas girou na cozinha sem sair.

Olhei para a panela com olhos úmidos. Peguei a colher de madeira no balcão e tentei mexer a gosma preta e dura.

"Paul..."

Os dois estavam de pé no umbral. Serge com um pé na cozinha, Babette com a mão no ombro dele.

"Ah, olhem isso!", gritei. "Olhem isso!"

Bati a colher de madeira no balcão. Tentava conter as lágrimas, mas não estava funcionando.

"Paul...", disse meu irmão, colocando o outro pé dentro da cozinha, e eu

vi uma mão se estender e me encolhi de lado.

“Paul, tudo isso faz muito sentido. Primeiro seu emprego, agora Claire. Não há motivo para você não admitir isso para si mesmo.”

Do modo como lembro, houve um chiado audível quando agarrei os pegadores ardentes da panela e a pele de meus dedos começou a queimar. Não senti dor, pelo menos não naquele momento.

Babette gritou. Serge tentou se agachar, mas o fundo da panela o acertou bem no rosto. Ele cambaleou para trás e, quando o acertei uma segunda vez, meio que caiu sobre Babette. Houve um estalo, e também sangue: respingou sobre os azulejos brancos da parede da cozinha e os pequenos potes de temperos ao lado do fogão.

“Papai.”

Nesse momento, Serge estava caído no chão da cozinha, a área ao redor da boca e do nariz uma massa macia e ensanguentada. Eu já estava possuído, panela no ar: pronto para baixá-la novamente sobre a parte mais macia e ensanguentada de seu rosto.

Michel estava de pé no umbral, olhando não para o tio no chão, mas para mim.

“Michel”, falei. Tentei sorrir e larguei a panela. “Michel”, repeti.

SOBREMESA

— As amoras são do nosso jardim — explicou o gerente. — O parfait é feito com chocolate caseiro e aqui temos lascas de amêndoas misturadas com castanhas raladas.

Seu dedinho apontava para algumas irregularidades no molho marrom, um molho que em minha opinião era ralo demais — no mínimo mais ralo do que se imaginaria um “parfait” — e escorrera por entre as amoras para o fundo da tigela.

Eu vi o modo como Babette olhou para a tigela. No começo, apenas decepcionada — uma decepção que durante a explicação do gerente deu lugar a um legítimo desgosto.

— Não quero isto — disse ela quando ele terminou.

— Perdão? — reagiu o gerente.

— Não quero isto. Por favor, leve embora.

Por um momento, pensei que ela iria empurrar a tigela, mas, em vez disso, recostou-se na cadeira, como se para estabelecer a maior distância possível entre ela e a sobremesa aguada.

— Mas foi o que a senhora pediu.

Pela primeira vez desde que o gerente colocara as sobremesas diante de nós ela ergueu a cabeça e olhou para ele.

— Sei que foi o que pedi. Mas não quero mais. Quero que leve embora.

Serge começou a remexer no guardanapo, apertando a ponta sobre o canto dos lábios e limpando algo que não existia: enquanto isso, tentava atrair o olhar da esposa. Ele escolhera a dame blanche. Talvez o comportamento de Babette o tivesse constrangido; contudo, o mais provável é que ele não conseguisse suportar outra demora. Ele precisava comer a sobremesa imediatamente. Meu irmão sempre escolhia as sobremesas mais banais do cardápio. Sorvete de baunilha com chantili, crepes com calda, coisas assim. Algumas vezes eu achava que tinha relação com seu nível de açúcar no sangue, o mesmo nível de açúcar no sangue que o deixava desamparado no meio do nada nos momentos mais inoportunos. Mas também tinha a ver com sua falta de imaginação; nesse sentido a dame blanche estava na mesma categoria do tournedos. De fato, eu ficara surpreso ao ver uma sobremesa tão simples no cardápio daquele lugar.

— Essas serão as framboesas mais saborosas que a senhora já provou — garantiu o gerente.

“Por Deus, homem, pegue a tigela e desapareça!”, disse eu em silêncio.

Isso era outra coisa. Em qualquer lugar normal — ou, é possível dizer, em qualquer restaurante digno em qualquer lugar da Europa, com exceção

da Holanda —, garçons e gerentes nem sequer tentam discutir, seguindo o lema: “O cliente tem sempre razão!” Claro que existem clientes difíceis em toda parte, desagradáveis e mimados, que exigem uma descrição minuciosa de cada prato do cardápio, independentemente de qualquer conhecimento real de comida. “Qual a diferença entre tagliatelle e espagete?” — perguntam eles de forma serena. No que diz respeito a pessoas assim o garçom tem todo o direito de enfiar o punho bem no meio de suas questionadoras bocas mimadas, os nós dos dedos firmes sobre os dentes da frente, quebrando-os perto da raiz. Deveriam mudar a lei, para que funcionários de restaurantes pudessem alegar defesa pessoal nesses casos. Mas em geral acontecia o contrário. As pessoas tinham medo de dizer qualquer coisa. Elas se desculpavam mil vezes antes, mesmo se estivessem apenas pedindo sal. Ervilhas marrons com gosto de alcaçuz, carne enopada cheia de nervos borrachudos e pedaços de cartilagem, um sanduíche de queijo com pão mofado e pontos verdes no queijo. Sem uma palavra, o cliente holandês transforma tudo em uma pasta entre os dentes e engole. E quando o garçom vai perguntar se estão gostando da refeição, eles passam as línguas sobre as fibras e o mofo preso entre os dentes e balançam a cabeça afirmativamente.

Havíamos retomado nossa disposição inicial na mesa, com Babette à minha esquerda, em frente a Serge, e Claire na minha frente. Eu só precisava erguer os olhos do meu prato para encará-la. Claire olhou de volta e arqueou as sobrancelhas.

— Ah, não tem problema algum — disse Serge. — Eu fico com as amoras — falou, esfregando a barriga e sorrindo, primeiro para o gerente e depois para a esposa.

Houve um segundo inteiro de silêncio. Um segundo durante o qual deixei meu olhar baixar para meu prato. No momento parecia sábio não olhar para ninguém, então olhei para meu prato: havia três fatias de queijo, para ser exato, ainda pousadas ali, intocadas. O mindinho do gerente pairara sobre cada um dos três pedaços sucessivamente e eu escutara os nomes que os acompanhavam sem registrá-los. O prato não tinha mais que a metade do tamanho daqueles nos quais as entradas e pratos principais haviam sido servidos, mas de novo era o vazio que mais se destacava. As três pequenas fatias haviam sido dispostas de modo a apontar uma para a outra, talvez para fazer a coisa toda parecer mais do que de fato era.

Eu pedira queijo porque não gosto de sobremesas doces: nunca gostei, nem quando criança, mas enquanto olhava para o prato — sobretudo para a parte vazia dele — de repente fui tomado por uma espécie de fadiga pesada que estivera tentando combater a noite toda.

O que eu mais gostaria era de ir para casa. Com Claire, ou talvez

mesmo sozinho. Sim, pagaria o resgate de um rei para poder desmaiar no sofá de casa. Penso melhor na horizontal, então poderia considerar os acontecimentos da noite, colocar os pingos nos is, como dizem.

— Fique fora disso! — disse Babette a Serge. — Talvez devamos chamar Tonio, se é tão difícil pedir outra sobremesa.

Tonio, saquei, era o homem de gola rulê branca, o dono do restaurante que os cumprimentara pessoalmente à entrada por estar tão contente de ter pessoas como os Lohman entre seus clientes.

— Isso não será necessário — disse o gerente rápido. — Posso falar eu mesmo com Tonio, e estou certo de que a cozinha será capaz de lhe oferecer outra sobremesa.

— Querida... — disse Serge, mas aparentemente sem ter ideia do que dizer em seguida, pois tudo o que fez foi sorrir para o gerente mais uma vez e fazer um gesto de desamparo com as mãos no ar, palmas para cima, como se dizendo: "Mulheres. Quem entende?"

— O que é esse sorriso idiota? — perguntou Babette.

Serge baixou as mãos, e havia uma espécie de súplica no modo como olhava para Babette.

— Querida... — repetiu.

Eu me dei conta de que Michel também nunca gostara de sobremesas doces: quando criança, se os garçons tentavam conquistá-lo oferecendo sorvete ou pirulito, ele sempre negava com um resolutivo gesto de cabeça. Nunca tentamos influenciá-lo, deixamos que ele escolhesse a sobremesa, então não é possível atribuir isso à criação. Era hereditário. Sim, essa é a única palavra para isso. Se existia hereditariedade, se algo era hereditário, então tinha de ser nossa aversão comum a sobremesas doces.

O gerente enfim tirou da mesa a tigela de amoras.

— Voltarei logo — murmurou ele, e saiu apressado.

— Meu Deus, que babaca! — xingou Babette.

Ela limpou a mão na toalha de mesa com raiva, sobre o ponto onde a sobremesa estivera, como se tentando eliminar qualquer traço que a tigela de amoras pudesse ter deixado ali.

— Babette, por favor — suplicou Serge, mas agora também havia uma genuína irritação em sua voz.

— Você viu a expressão no rosto dele? — replicou Babette, esticando-se sobre a mesa para tocar a mão de Claire. — Viu a rapidez com que recuou ao ouvir o nome do patrão? Seu mestre, ha, ha!

Claire também riu, mas não com sinceridade, eu vi.

— Babette! — interrompeu Serge. — Por favor! Acho que você perdeu o controle. Quer dizer, a gente vem muito aqui, nunca...

— Ah, é disso que você tem medo? — interrompeu Babette. — Que da

próxima vez talvez não consiga uma mesa?

Serge olhou para mim, mas desviei os olhos com rapidez. O que meu irmão sabia sobre hereditariedade? Certo, talvez no que dissesse respeito aos próprios filhos, seu sangue. Mas e quanto a Beau? Quando você simplesmente tinha de admitir que algo parecia ter sido herdado de outra pessoa? Dos pais biológicos que ficaram na África? Em que medida Serge poderia se distanciar dos atos do filho adotivo?

— Não tenho medo de nada — respondeu Serge. — Apenas fico chocado quando você fala com alguém nesse tom arrogante. É exatamente o tipo de gente que nunca quisemos ser. Aquele homem só está fazendo seu trabalho.

— Quem começou com o tom arrogante? — perguntou Babette. — Ahn? Quem começou?

A voz dela subira alguns decibéis. Olhei ao redor; nas mesas vizinhas, todas as cabeças estavam viradas em nossa direção. Aquilo, claro, era muito interessante, uma mulher erguendo a voz à mesa de nosso futuro primeiro-ministro.

Serge também parecia consciente do perigo que pairava no ar. Debruçou-se sobre a mesa e falou em voz baixa.

— Babette, por favor. Vamos parar. Vamos conversar sobre isso depois.

Em todas as discussões domésticas — assim como, aliás, em todas as brigas físicas e em todos os conflitos armados —, chega um momento em que um dos lados, ou ambos, dá um passo atrás na tentativa de impedir que a situação piore ainda mais. Esse era um desses momentos. Pensei rapidamente sobre o que eu esperava. Como parentes e companheiros de mesa, era nosso papel intervir, dizer palavras que colocassem as coisas em perspectiva e permitissem que as partes se reconcilassem.

Mas, com toda a sinceridade, eu queria fazer isso? Queríamos fazer isso? Olhei para Claire, e no mesmo instante ela olhou para mim. O modo como mexia os lábios era algo que pessoas de fora nunca teriam reconhecido como um sorriso, mas que de fato era um. Ele podia ser encontrado em um tremor nos cantos da boca, invisível a olho nu. Eu conhecia bem aquele tremor invisível. E sabia o que significava: Claire também não tinha qualquer vontade de agir como árbitro. Não mais que eu. Não faríamos nada para interferir. Pelo contrário, faríamos tudo ao nosso alcance para permitir que as coisas piorassem ainda mais. Porque seria interessante para a gente nesse momento.

Pisquei para minha esposa. E ela piscou de volta.

— Babette, por favor...

Dessa vez não era Serge, mas a própria Babette. Ela o imitava, em um tom exageradamente afetado, como se ele fosse uma criança de nariz

escorrendo choramingando para ganhar um sorvete. Ele não tinha motivo para choramingar, pensei comigo mesmo olhando para a dame blanche na mesa diante dele. Já tinha seu sorvete. Quase caí na gargalhada. Claire deve ter lido isso em meu rosto, pois balançou a cabeça enquanto piscava para mim de novo. Seus olhos diziam: não comece a rir agora! Isso estragará tudo. Então nós ficaremos com a culpa e a briga acabará.

— Você é um covarde! — gritou Babette. — Você deveria me apoiar em vez de pensar na sua imagem, no que pode parecer. No que as outras pessoas poderiam pensar sobre o fato de sua esposa achar sua sobremesa repulsiva demais para sequer colocar em palavras. O que seu amiguinho poderia pensar de você. Tonio! Tony ou Anton provavelmente é comum demais para ele! Provavelmente soa demais como couve ou sopa de ervilha! — falou, jogando o guardanapo na mesa com força demais, porque acertou a taça de vinho, que virou. — Nunca mais quero voltar a este lugar!

Babette parara de gritar, mas sua voz ainda ecoava por pelo menos quatro mesas. As pessoas haviam baixado os talheres. Os olhares tinham se tornado menos discretos. Teria sido quase impossível não olhar.

— Quero ir para casa — disse Babette, um pouco mais baixo agora, quase de volta ao volume normal.

— Babette — chamou Claire, segurando a mão dela. — Querida...

A noção de tempo de Claire foi perfeita. Sorri de admiração por minha esposa. Vinho tinto se espalhara pela toalha de mesa, a maior parte indo na direção de Serge.

Meu irmão se levantou da cadeira. Inicialmente pensei que tinha medo de que o vinho escorresse para suas calças, mas ele empurrou a cadeira para trás e se ergueu.

— Estou farto disso — falou.

Os três olhamos para ele. Ele tirara o guardanapo do colo e o colocara sobre a mesa. Vi que o sorvete em sua dame blanche estava começando a derreter, um pequeno fio de baunilha escorrera pelo alto da taça (jarra? cálice? — como se chama aquilo onde vem uma dame blanche?) e chegara à base.

— Vou sair um pouco. Estou indo lá fora.

Ele deu um passo para o lado, longe da mesa, depois um passo de volta.

— Lamento — disse, olhando primeiro para Claire, depois para mim. — Lamento que isso tenha acontecido. Espero que no momento em que eu voltar possamos tratar com calma dos assuntos sobre os quais precisamos conversar.

Eu realmente esperara que Babette começasse a gritar de novo. Algo como "Isso mesmo, vá embora! Pode ir! Escolha a saída mais fácil!" Mas ela não disse nada — o que, para ser honesto, achei péssimo. Isso teria

tornado o escândalo mais completo: um político famoso deixando o restaurante de cabeça baixa, enquanto a esposa grita atrás que ele é um babaca, ou um covarde — mesmo que nunca chegasse aos jornais, a história se espalharia como fogo no mato, de boca a boca, dezenas, centenas, quem sabe até mesmo milhares de possíveis eleitores descobrindo que Serge Lohman, o homem comum, também tinha problemas conjugais muito comuns. Como todos. Como nós.

Você poderia até especular se uma briga entre marido e mulher, caso vazasse, custaria a ele votos, me dei conta, ou se na verdade iria atrair mais eleitores. Uma briga doméstica poderia torná-lo mais humano, seu casamento infeliz o deixaria mais perto dos eleitores. Olhei para a dame blanche. Um segundo riacho de sorvete ultrapassara a base da taça e escorrera para a toalha de mesa.

— O aquecimento global é uma verdade — disse, apontando para a sobremesa de meu irmão; pensei que a melhor coisa seria dizer algo descontraído. — Estão vendo, não é apenas papo furado. Realmente é verdade.

— Paul...

Claire olhou para mim e revirou os olhos na direção de Babette; acompanhando o olhar de minha esposa, vi que Babette começara a chorar: a princípio quase sem ruído, tudo o que se podia ver era o tremor de costas e ombros, mas em pouco tempo os primeiros soluços já podiam ser escutados.

As pessoas em algumas mesas haviam parado de comer de novo. Um homem de camisa vermelha se inclinou na direção de uma mulher mais velha (sua mãe?) e sussurrou algo como: não olhe agora, mas aquela mulher chorando — tinha de ser algo assim — é a esposa de Serge Lohman...

Enquanto isso, Serge ainda não saía; estava ali de pé com as mãos no encosto da cadeira, como se, com a esposa chorando assim, ele não conseguisse decidir se honrava a palavra com a ação.

— Serge, sente-se — orientou Claire, sem olhar para ele, sem sequer erguer a cabeça. Depois virou para mim. — Paul.

Claire tomara minha mão. Ela a apertou, e levei um momento para compreender o que estava tentando dizer: queria que eu me levantasse para que pudéssemos trocar de lugar e ela ficasse ao lado de Babette.

Levantamos ao mesmo tempo. Enquanto cruzávamos, Claire agarrou minha mão de novo; seus dedos se enrolaram com firmeza em meu pulso, e ela deu um pequeno puxão. Nossos rostos estavam a poucos centímetros; não sou muito mais alto que minha esposa, tudo o que teria de fazer era curvar minha cabeça de modo a enfiar o rosto em seus cabelos — algo que

naquele momento eu sentia mais necessidade de fazer que qualquer outra coisa.

— Temos um problema — murmurou Claire.

Eu não disse nada, apenas balancei a cabeça discretamente.

— Com seu irmão — acrescentou.

Esperei para ver se ela diria mais, mas pelo jeito ela sentiu que já tínhamos passado tempo demais de pé ao lado da mesa; continuou e se sentou em minha cadeira ao lado da chorosa Babette.

— Como estão as coisas aqui?

Eu me virei e olhei para o rosto do homem de gola rulê branca. Tonio! Serge deslizara a cadeira para trás e ainda estava ocupado em se sentar de novo, de modo que o dono do restaurante provavelmente decidira se dirigir primeiro a mim. Qualquer que fosse o caso, não era apenas a nossa diferença de altura — ele era uma cabeça mais baixo que eu — que me fazia sentir que estava prostrado; ele estava um pouco curvado, as mãos entrelaçadas diante do corpo, cabeça virada para um lado, o que o deixava olhando para mim obliquamente e por baixo: mais baixo do que o necessário.

— Soube que houve problemas com a escolha de sobremesas — disse ele. — Gostaríamos de oferecer outra sobremesa de sua escolha.

— A sobremesa da casa? — perguntei.

— Desculpe-me?

O restaurateur era quase careca, os poucos fios grisalhos que restavam junto às orelhas haviam sido penteados com cuidado, a cabeça bronzeada demais se projetava da gola branca de seu suéter como uma tartaruga de seu casco.

Mais cedo me ocorrera, quando Serge e Babette entraram, que ele me lembrava de algo ou de alguém, e de repente soube o que era. Anos antes, morara, perto de nós, um homem com aquele mesmo ar subserviente. Provavelmente era ainda menor que “Tonio”, e não era casado. Certa noite, Michel, que na época tinha uns oito anos, chegara em casa com uma pilha de LPs e perguntara se ainda tínhamos um toca-discos em algum lugar.

— Onde você conseguiu os discos? — perguntei.

— Com o Sr. Breedveld — respondera Michel. — Ele tem pelo menos quinhentos discos, cara! E eu vou ficar com estes.

Levei um tempo para ligar o nome “Breedveld” ao homenzinho solteiro que vivia algumas casas depois. Michel me contou que eles iam à casa dele o tempo todo, um bando de garotinhos do bairro, para escutar seus velhos discos.

Lembro muito bem como minhas tâmporas começaram a latejar, primeiro de medo, depois de fúria. Tentando manter minha voz o mais

normal possível, perguntei a Michel o que o Sr. Breedveld fazia enquanto os garotos escutavam os discos.

— Ah, você sabe. Ficamos sentados no sofá. Ele tem sempre amendoins, batata frita e refrigerante.

Naquela noite, depois que escureceu, toquei a campainha do Sr. Breedveld. Não perguntei se poderia entrar; eu o empurrei de lado e fui direto à sala de estar. Notei que as cortinas já estavam fechadas.

O Sr. Breedveld se mudou algumas semanas depois. A lembrança final que tenho da época é das crianças do bairro vasculhando caixas de LPs quebrados para ver se sobrara algum intacto. O Sr. Breedveld colocara as caixas na calçada em frente a sua casa no dia antes de se mudar.

Olhei para “Tonio” e agarrei o braço da cadeira com a mão.

— Desapareça daqui, seu pervertido! — falei. — Desapareça antes que as coisas fiquem realmente feias.

Serge pigarreou, colocou os cotovelos dos dois lados de sua *dame blanche* e juntou as pontas dos dedos das mãos.

— Agora todos sabemos o que aconteceu — disse ele. — Os quatro temos conhecimento dos fatos.

Olhou para Claire, depois para Babette, que havia parado de chorar, mas ainda pressionava a ponta do guardanapo sobre a bochecha, logo abaixo do olho, por trás das lentes escuras de seus óculos.

— Paul?

Ele virou a cabeça e olhou para mim: sua expressão era de preocupação, mas fiquei pensando se era a preocupação do homem ou a preocupação do político Serge Lohman.

— Sim, o que é? — respondi.

— Suponho que também esteja ciente dos fatos.

Todos os fatos. Não pude deixar de sorrir: depois olhei para Claire e apaguei o sorriso do rosto.

— Sim, claro — falei. — Embora isso dependa de o que você quer dizer com fatos.

— Chegarei a isso depois. O que importa é como vamos lidar com isso. Como apresentaremos tudo.

De início não tive certeza se tinha ouvido corretamente. Olhei de novo para Claire. Temos um problema, fora o que ela dissera. Esse é o problema, seus olhos diziam agora.

— Espere um minuto.

— Paul — disse Serge, colocando a mão em meu antebraço. — Dê uma chance para que eu termine. Depois será sua vez. Quando eu terminar.

Os clientes nas mesas próximas haviam voltado a jantar, mas as coisas estavam agitadas na cozinha. Vi três garçonetes de pé ao redor de “Tonio” e do gerente, que não olharam uma só vez em nossa direção, mas eu apostaria meu prato de queijo que conversavam sobre nós — sobre mim, quero dizer.

— Eu e Babette falamos com Rick esta tarde — disse Serge. — Nossa impressão é de que ele está sofrendo muito com tudo isso. Ele acha terrível o que os dois fizeram. Isso o mantém acordado à noite, literalmente. Parece perturbado. Está afetando seu desempenho acadêmico.

Quis dizer algo, mas me contive. Tinha alguma coisa no tom de voz de Serge: como se, desde o princípio, ele estivesse tentando comparar seu filho com o nosso, favorecendo o dele. Rick não conseguia dormir. Rick parecia perturbado. Rick achava terrível. Parecia que eu e Claire tínhamos de defender Michel — mas o que deveríamos dizer? Que Michel também

achava terrível? Que ele dormia ainda menos que Rick?

Simplesmente não era verdade, percebi. Michel tinha outras coisas na cabeça além da sem-teto incinerada no caixa eletrônico. E o que era todo aquele queixume sobre desempenho acadêmico? Quando você pensava nisso, era repulsivo.

Se Claire dissesse algo eu a apoiaria, decidi. Se Claire dissesse que era inadequado, considerando-se o que havia acontecido, ficar falando sobre desempenho acadêmico, eu me adiantaria e diria que queríamos deixar os estudos de Michel fora disso.

No instante seguinte me perguntei: os estudos de Michel estavam sendo afetados? Eu não tinha essa impressão. Pelo jeito ele era mais pé no chão do que o primo.

— Acima de tudo, desde o começo tentei ver o que aconteceu de forma isolada de meu futuro político — prosseguiu Serge. — O que não significa que nunca tenha pensado nisso.

Aparentemente Babette recomeçara a chorar em silêncio. Tive a sensação furtiva de que estava presente a algo a que preferiria não estar. Aquilo me fazia pensar em Bill e Hillary Clinton. Em Oprah Winfrey.

Seria assim? Aquilo era o ensaio geral para a entrevista coletiva em que Serge Lohman anunciaria que o garoto captado pela câmera em Opsporing Verzocht era seu filho, mas que ainda assim ele esperava contar com a confiança que os eleitores haviam depositado nele? Ele não podia ser tão ingênuo, podia?

— Para mim, a coisa mais importante é o futuro de Rick — disse Serge. — Claro que é bastante possível que toda essa coisa nunca seja solucionada. Mas você conseguiria conviver com isso? Rick poderia conviver com isso? Nós poderíamos conviver com isso?

Ele olhou para Claire, depois para mim e perguntou:

— Vocês dois conseguem conviver com isso? — falou, e acrescentou, sem esperar nossa resposta: — Eu não consigo. Eu posso me ver nas escadarias do palácio com a rainha e os ministros do gabinete. Sabendo que a qualquer momento, em qualquer coletiva, um jornalista poderia erguer a mão e perguntar: “Sr. Lohman, há alguma verdade no boato de que seu filho esteve envolvido no assassinato de uma sem-teto?”

— Assassinato? — gritou Claire. — Então agora é assassinato? De onde você tirou isso de repente?

Um breve silêncio se abateu; a palavra “assassinato” devia ter sido ouvida a quatro mesas de distância. Serge olhou por sobre o ombro e depois para Claire.

— Lamento — disse ela. — Falei alto demais. Mas não interessa. Acho que é levar as coisas um pouco longe chamar de “assassinato”. O que

estou dizendo? Longe demais!

Olhei para minha esposa com admiração. A raiva a deixava mais bonita, especialmente os olhos; era um olhar que envergonhava os homens. Outros homens.

— Então como você chamaria, Claire? — perguntou Serge, que pegara sua colher de sobremesa e mexia o sorvete derretido.

Era uma daquelas colheres de cabo muito comprido, mas ainda assim ele conseguira sujar os dedos de sorvete e chantilly.

— Um acidente — respondeu Claire. — Uma série de acontecimentos infelizes. Ninguém em seu juízo pensaria em dizer que estavam na rua naquela noite para assassinar uma sem-teto.

— Mas é o que a câmera de segurança mostra. Foi o que toda a Holanda viu. Quero dizer, não estão chamando de assassinato, estão chamando de homicídio culposo, mas, no que me diz respeito, aquela mulher nunca levantou um dedo contra eles. Aquela mulher teve uma luminária, uma cadeira e enfim um galão de combustível jogados no rosto.

— O que ela estava fazendo no caixa eletrônico?

— Isso não importa. Importa? Há sem-teto em toda parte. Infelizmente. Eles dormem onde conseguem se manter aquecidos. Talvez estivesse quente e seco lá dentro.

— Mas ela estava deitada no caminho, Serge. Quer dizer, ela poderia ter ido dormir no hall da nossa casa. Provavelmente também é quente e seco lá.

— Vamos tentar nos ater ao ponto — disse Babette. — Eu realmente não acho que...

— Este é o ponto, querida — disse Claire, que colocara a mão no antebraço de Babette. — Espero que me perdoe, mas quando ouço Serge falar assim soa como se estivéssemos lidando com um pobre passarinho, um filhotinho que caiu do ninho. Estamos falando de uma adulta. Uma mulher adulta que, de posse de seus sentidos, vai dormir em um caixa eletrônico. Não me entenda mal: só estou tentando me colocar na posição dos outros. Não na da sem-teto, mas na de Michel e Rick. Eles não estão bêbados, não estão drogados, só querem sacar dinheiro. Mas alguém está deitado no caixa eletrônico, fedendo horrivelmente. Então sua primeira reação não é: eca, dê o fora?

— Mas eles poderiam ir a algum outro lugar sacar dinheiro, certo?

— Algum outro lugar? — repetiu Claire, começando a rir. — Algum outro lugar? Sim, claro, você sempre pode se afastar para evitar as coisas. Quero dizer, o que você faria, Serge? Você abre a porta de sua casa e tem de passar por cima de um vagabundo dormindo. O que você faria? Daria meia-volta e entraria de novo? Ou imagine que alguém estivesse ali de pé

urinando em sua porta. Você iria simplesmente fechar a porta? Iria fazer as malas e se mudar para outra casa?

— Claire... — disse Babette.

— Certo, tudo bem — falou Serge. — Entendo o que quer dizer. Não era o que eu estava tentando argumentar. Claro que não devemos fugir de problemas ou situações difíceis. Mas você pode, você precisa, tentar encontrar soluções para os problemas. Só que... — e nesse ponto ele hesitou por um momento — tirar a vida de uma sem-teto não nos deixa mais perto da solução.

— Jesus, Serge! — exclamou Claire. — Não estou falando de uma solução para o problema dos sem-teto. Estou falando sobre uma sem-teto. E mais que sobre essa sem-teto, acho que deveríamos estar conversando sobre Rick e Michel. Não vou negar o que aconteceu. Não estou tentando dizer que não houve nada de errado. Mas temos de manter as proporções. É um incidente. Um incidente que pode ter um grande impacto na vida de nossos filhos, no futuro deles.

Serge suspirou e pousou as mãos na mesa, dos dois lados de sua sobremesa; vi que ele estava tentando fazer contato visual com Babette, mas ela colocara a bolsa no colo e procurava alguma coisa — ou fingia procurar.

— Exatamente — concordou ele. — Esse futuro. É exatamente sobre isso que eu queria conversar. Não me entenda mal, Claire, estou tão preocupado com o futuro de nossos garotos quanto você. A diferença é que não acho que eles possam viver com isso, com um segredo desses. A longo prazo, isso irá acabar com eles. Rick, pelo menos, já está em frangalhos, eu estou em frangalhos — disse, suspirando.

Mais uma vez tive a sensação de que testemunhava algo que apenas de longe tinha alguma relação com a realidade. Pelo menos com a nossa realidade, a realidade de dois casais — dois irmãos e suas esposas — que haviam ido jantar juntos para conversar sobre os problemas dos filhos.

— Cheguei a uma conclusão sobre o futuro do meu filho — continuou Serge. — Mais tarde, quando tudo isto tiver ficado para trás, quero que ele possa seguir em frente com a vida. Deixe-me enfatizar que tomei essa decisão sozinho. Minha esposa... Babette — disse, olhando para Babette, que pegara um maço de Marlboro Light na bolsa e agora rasgava o celofane. — Babette não concorda comigo. Mas tomei uma decisão. Ela soube apenas hoje à tarde.

Ele respirou fundo. Depois olhou para nós. Só então percebi a umidade brilhando em seus olhos.

— Pelo bem do meu filho, e também pelo país, vou retirar minha candidatura.

Babette colocara um cigarro entre os lábios, mas o tirou. Olhou para mim e para Claire.

— Claire, querida — falou ela. — Paul, querido... Vocês dois precisam dizer algo. Por favor, digam a ele que não pode fazer isso. Digam que ele perdeu o juízo.

— Você não pode fazer isso — disse Claire.

— Ele não pode, pode? Está vendo, Serge? O que você acha, Paul? Não acha que é uma ideia ridícula? Não tem razão para fazer algo assim, tem?

Pessoalmente, parecia-me uma excelente ideia meu irmão colocar de lado a carreira política, aqui e agora; seria a melhor coisa para todos — para todos nós, para o país. O país seria poupado de quatro anos de uma administração de Serge Lohman: quatro anos caros. Pensei no impensável, nas coisas que eu quase conseguira suprimir: Serge Lohman de pé ao lado da rainha nos degraus do palácio real, posando para a foto oficial com seu gabinete recém-formado; com George Bush em uma poltrona diante de uma lareira; com Putin em um barco no Volga... “Após a conclusão da cúpula europeia, o primeiro-ministro Lohman fez um brinde ao sucesso com o presidente francês...”

Antes de tudo, era a sensação de constrangimento por tabela, a ideia insuportável de que líderes de governo de todo o mundo conheceriam a presença vazia de meu irmão. Como, mesmo na Casa Branca e no palácio do Eliseu, ele iria engolir seu tournedos em três bocados porque precisava comer agora. Os olhares significativos que os líderes de governo trocariam. “Ele é da Holanda”, diriam — ou talvez apenas pensassem, o que seria ainda pior. Aquela sensação de vergonha por tabela era uma constante. Sentir vergonha de nossos primeiros-ministros era o único sentimento que criava uma ligação impecável entre uma administração holandesa e a seguinte.

— Talvez ele devesse ter algum tempo para repensar com cuidado — disse a Babette, dando de ombros.

A imagem mais terrível de todas era a de Serge sentado em nossa mesa de jantar em casa, em algum momento no — até recentemente — futuro próximo, contando histórias sobre suas reuniões com os governantes mundiais. Seriam histórias sem graça, histórias repletas de banalidades. Eu e Claire conseguiríamos ver através delas. Mas Michel? Gostasse ou não, meu filho ficaria fascinado com as histórias, os cantos do véu que meu irmão levantaria para sua honra e glória, os bastidores das questões internacionais com os quais justificaria sua presença à nossa mesa. “Do que está reclamando, Paul? Seu filho acha interessante, não consegue ver?”

Meu filho. Michel. Eu pensara em um futuro, sem me perguntar se haveria um.

— Repensar com cuidado? — questionou Babette. — É exatamente isso. Se ele pelo menos parasse às vezes e pensasse com cuidado!

— Não foi o que eu quis dizer — falou Claire. — Quero dizer que Serge não é livre para decidir isso por conta própria.

— Sou a esposa dele! — rebateu Babette, e voltou a soluçar.

— Também não foi o que eu quis dizer, Babette — corrigiu-se Claire, olhando para Serge. — Quero dizer que todos nós temos interesse nisso. Estamos nisso juntos. Todos os quatro.

— Por isso queria que nos encontrássemos — explicou Serge. — Para que pudéssemos conversar juntos sobre como faremos.

— Como faremos o quê? — perguntou Claire.

— Como iremos apresentar isso. De um modo que ofereça uma chance aos nossos filhos.

— Mas você não está oferecendo uma chance a eles, Serge. O que você planeja fazer para apresentar isso é se retirar da política. E não querer mais ser primeiro-ministro. Porque você não consegue conviver com isso, como disse.

— Você consegue conviver com isso?

— A questão não é se eu consigo conviver com isso. É se Michel consegue. Michel tem de ser capaz de viver com isso.

— E ele é?

— Serge, não seja obtuso. Você toma uma decisão. Com essa decisão, você também decide o futuro do seu filho. Cabe a você. Embora eu me pergunte se você percebe o tipo de dano que irá causar. Mas sua decisão também irá destruir o futuro do meu filho.

Meu filho. Claire dissera meu filho; poderia ter olhado então para mim em busca de apoio, mesmo se apenas por um olhar de solidariedade, depois o recompensado dizendo nosso filho — mas não fez isso; nem sequer olhou na minha direção, manteve os olhos fixos em Serge.

— Ah, qual é, Claire — falou meu irmão. — Esse futuro já foi arruinado. O que quer que aconteça. Não tem mais nada a ver com o que eu decida ou não.

— Não, Serge. Esse futuro só será arruinado caso você sucumba à sua ânsia de bancar o político nobre. Só porque você não pode viver com algo, supõe que isso também se aplica ao meu filho. Talvez você consiga se entender com Rick; espero, pelo seu bem, que consiga explicar a seu filho o que está prestes a fazer com a vida dele, mas, por favor, deixe Michel fora disso.

— Como posso deixar Michel fora disso, Claire? Como poderia fazer isso? Explique. Quer dizer, os dois estavam lá, se bem me lembro. Ou você também está tentando negar isso? — perguntou, e ficou em silêncio um momento, como se chocado com o próprio pensamento incompleto. — É isso que está tentando fazer?

— Serge, tente ser realista. Não há nada acontecendo. Ninguém foi preso. Não há qualquer suspeita. Somos os únicos que sabem o que

aconteceu. Simplesmente não é o bastante para justificar o sacrifício do futuro de dois garotos de quinze anos. E não estou nem falando de seu futuro. Você pode fazer o que achar melhor. Mas não pode arrastar outras pessoas com você. Sobretudo seu próprio filho. Que dirá o meu. Você apresenta isso como um ato de puro sacrifício pessoal: Serge Lohman, o político ambicioso, nosso próximo primeiro-ministro, desiste da carreira política por não poder conviver com um segredo assim. Na verdade ele nem sequer quer dizer um segredo, quer dizer um escândalo. Tudo parece muito nobre, mas na verdade é puramente egocêntrico.

— Claire — interrompeu Babette.

— Calma aí, calma aí — disse Serge, silenciando a esposa com um gesto e se virando de novo para Claire. — Quero terminar, ainda não acabei. É egocêntrico dar ao seu filho uma oportunidade justa? É egocêntrico um pai desistir do próprio futuro pelo futuro do filho? Você pelo menos tem de me explicar o que há de egocêntrico nisso.

— E de que consiste um futuro como esse? O que ele deveria fazer com relação a um futuro no qual seu pai o leva a julgamento? Como o pai explica que foi seu próprio ato que colocou o filho atrás das grades?

— Mas isso pode ser por apenas dois anos. É só o que você pega por homicídio culposo neste país. Não nego que será difícil, mas depois de dois anos eles terão cumprido suas penas e poderão retomar a vida cuidadosamente e seguir em frente. Quer dizer, o que mais você propõe, Claire?

— Nada.

— Nada. — Serge repetiu a palavra como uma conclusão neutra, não uma pergunta.

— Coisas assim somem. Já está sumindo. As pessoas dizem que é uma desgraça. Mas no final seguem em frente com a vida. Em dois ou três meses ninguém falará mais sobre o assunto.

— Estou me referindo a outra coisa, Claire. Eu... Nós percebemos que isso está começando a deixar Rick em frangalhos. As pessoas poderão esquecer, mas ele não.

— Mas podemos ajudá-los nisso, Serge. Ajudá-los a esquecer. Só estou dizendo que você não deveria tomar decisões apressadas como esta. Em alguns meses, talvez mesmo em algumas semanas, tudo poderá ter mudado. Então será possível discutir isso calmamente. Nós. Os quatro. Com Rick. Com Michel.

Com Beau, quis acrescentar, mas me contive.

— Temo que não — disse Serge.

No silêncio que se seguiu só o que se ouvia eram os soluços baixos de Babette.

— Amanhã haverá uma entrevista coletiva na qual irei anunciar que estou desistindo da candidatura. Ao meio-dia de amanhã. Será transmitida ao vivo. O noticiário das doze horas irá passar. Ah, já é tão tarde? — perguntou, conferindo o relógio e aparentemente indiferente a se soava natural ou não. — Tenho de... Tenho outro compromisso. Em breve. Em meia hora.

— Um compromisso? — perguntou Claire. — Mas temos de... Quem você irá encontrar?

— O diretor quer confirmar o local de minha coletiva e repassar algumas coisas antes. Não me pareceu uma boa ideia fazer algo assim em Haia, uma coletiva desse tipo. Isso nunca foi realmente meu estilo. Então estava pensando em um lugar menos formal...

— Onde? — perguntou Claire. — Não aqui, espero.

— Não. Sabem o bar que serve refeições do outro lado da rua, ao qual vocês nos levaram há alguns meses? Também comemos lá. O... — disse, após fingir tentar se lembrar do nome do bar. — Quando estava pensando em um lugar adequado ele de repente me ocorreu. Um bar comum. Pessoas comuns. Posso ser eu mesmo lá, mais do que em um centro de imprensa frio. Sugerir a Paul tomar uma cerveja lá hoje, antes de irmos para cá, mas ele não quis.

— Poderia oferecer um café?

O gerente aparecera do nada junto à nossa mesa, tinha as mãos às costas e se inclinava levemente para a frente; seus olhos foram atraídos por um momento pela *dame blanche* desabada de Serge, depois olhou para cada um de nós em sequência, de forma inquisitiva.

Eu poderia estar equivocado, mas achei ter notado certo vigor nos movimentos e na expressão facial do gerente.

As coisas costumam ser assim em restaurantes como aquele: a partir do momento em que você terminou sua refeição e não há mais nenhuma chance real de que vá pedir outra garrafa de vinho, então é melhor que suma.

Mesmo que você se torne o novo primeiro-ministro em sete meses, pensei. Havia um tempo de chegar e um tempo de partir.

Serge conferiu o relógio de novo.

— Bem, eu acho... — disse, olhando primeiro para Babette e depois Claire. — Por que não pedimos um café no bar?

Ex, eu me corriji. Ex-primeiro-ministro. Ou não... Como você chama alguém que nunca foi primeiro-ministro, mas decidira concorrer? Ex-candidato?

De qualquer forma, o prefixo “ex” não soava bem. Ex-jogadores de futebol e ex-ciclistas sabem como é.

Eu tinha dúvida se, depois da coletiva de amanhã, meu irmão ainda conseguiria reservar uma mesa naquele restaurante. No mesmo dia. Parecia mais provável que um ex-candidato fosse colocado na lista de espera por três meses, no mínimo.

— Você pode nos trazer a conta? — pediu Serge.

Talvez eu tivesse perdido alguma parte, mas não conseguia me lembrar de ele ter esperado para descobrir se Babette e Claire também achavam uma boa ideia passar para o bar.

— Eu vou querer café. Um espresso — falei. — E algo para acompanhar.

Pensei nisso algum tempo: eu fora comedido a noite toda, simplesmente não sabia de imediato o que beber.

— Também vou tomar um espresso — disse Claire. — E uma grapa.

Minha esposa. Senti um calor, gostaria de estar sentado ao lado dela e poder tocá-la agora.

— Uma grapa para mim também — acrescentei.

— E o senhor? — perguntou o gerente, parecendo um tanto confuso de início e olhando para meu irmão.

Mas Serge negou com um gesto de cabeça.

— Apenas a conta — respondeu ele. — Eu e minha esposa... Temos de... Ele olhou para a esposa, um olhar de pânico, eu pude ver mesmo de onde estava. Não teria me surpreendido se Babette também tivesse pedido um espresso.

Mas ela parara de soluçar e limpou o nariz com a ponta do guardanapo.

— Nada para mim, obrigada — falou, sem olhar para o gerente.

— Então serão dois espressos e duas grapas — confirmou ele. — De qual grapa gostariam? Temos sete tipos, de envelhecida em madeira até a jovem...

— A comum — interrompeu Claire. — A branca.

O gerente fez uma pequena medida quase invisível a olho nu.

— Uma grapa jovem para a dama. E do que o senhor gostaria?

— O mesmo — falei.

— E a conta — repetiu Serge.

Depois que o gerente partiu apressado, Babette se voltou para mim com uma tentativa de sorriso.

— E você, Paul? Não ouvimos nada de você. O que acha?

— Acho ridículo que Serge tenha escolhido nosso bar para isso.

O sorriso, ou pelo menos a tentativa de um, desapareceu do rosto de Babette.

— Paul, por favor — disse Serge, olhando para Claire.

— É, eu acho isso ridículo. Nós levamos vocês dois àquele bar. É um lugar aonde eu e Claire vamos o tempo todo, para comer o prato do dia. Você não pode simplesmente entrar lá e conceder uma coletiva.

— Paul — repetiu Serge. — Não sei se você percebe quão sério...

— Deixe que ele termine — pediu Babette.

— Eu havia terminado — falei. — Se alguém não consegue entender algo assim eu não sei como explicar.

— Também achamos que era um lugar legal — disse Babette. — Só temos lembranças agradáveis daquela noite.

— Costeletas! — completou Serge.

Esperei para ver se haveria algo mais, mas eles ficaram em silêncio.

— Precisamente. Lembranças agradáveis. Que tipo de lembranças Claire e eu teremos depois disso?

— Paul, não seja tolo — retrucou Serge. — Estamos falando sobre o futuro de nossos filhos. Isso para não falar de meu próprio futuro.

— Mas ele está certo — disse Claire.

— Ah, não, por favor — reagiu Serge.

— Não, sem por favor — rebateu Claire. — Estamos falando sobre a maneira relaxada como você se apropria de tudo o que é nosso. É o que Paul está dizendo. Você fala sobre o futuro de nossos filhos. Mas não está

interessado de fato neles, Serge. Você escolheu esse futuro. Tão relaxadamente quanto escolheu um bar como cenário de sua coletiva. Só porque isso fará com que pareça mais autêntica. Nem sequer ocorreu a você perguntar o que pensamos disso.

— Do que vocês estão falando? — reagiu Babette. — Vocês falam sobre a coletiva como se ela fosse acontecer. Eu esperava mais de vocês dois, esperava que fossem pelo menos tentar dissuadi-lo dessa maluquice. Sobretudo você, Claire. Depois do que me disse no jardim.

— Então esse é o problema? — indagou Serge. — Eu usar o bar de vocês? Eu não havia me dado conta de que era de vocês. Achei que fosse um estabelecimento público, aberto a todos. Por favor, me perdoem.

— É nosso filho — disse Claire. — E, sim, também é nosso bar. Talvez não tenhamos nenhum controle sobre como ele é usado, mas é assim que nos sentimos. Mas Paul está certo quando diz que não é possível explicar algo assim. Ou você entende, ou não.

Serge tirou o celular do bolso e olhou para a tela.

— Desculpem-me, mas tenho de atender — falou, levando o telefone ao ouvido, deslizando a cadeira para trás e começando a se levantar. — Alô, Serge Lohman falando... Alô.

— Que merda! — xingou Babette, jogando o guardanapo na mesa. — Que merda — repetiu.

Serge se afastara alguns passos da mesa, estava curvado, tapando a outra orelha com dois dedos.

— Não, não é isso — consegui ouvir. — É mais complicado que isso.

Depois ele passou pelas outras mesas, na direção dos toaletes ou da entrada.

Claire pegou o celular na bolsa.

— Preciso falar com Michel — disse ela, olhando para mim. — Que horas são? Não quero acordá-lo.

Eu não uso relógio de pulso. Desde que eles me colocaram de licença, tentei viver segundo a posição do sol, a rotação da Terra e a intensidade da luz.

Claire sabia que eu parara de usar relógio.

— Não sei ao certo — respondi.

Senti algo, um arrepio na nuca, por causa do modo como minha esposa continuava a olhar para mim — continuava a me encarar, era mais assim —, tive a sensação de que estava sendo arrastado para algo, embora àquela altura não tivesse a menor ideia do quê.

Era melhor que ser arrastado para o nada, pensei. Era melhor do que “Seu pai não sabe de nada”.

Claire se inclinou na direção de Babette.

— O que é? — perguntou Babette.

— Sabe que horas são?

Babette tirou o celular da bolsa e olhou a tela. Então disse a hora. Não guardou o telefone, o colocou na mesa diante dela. Não disse a Claire: mas você pode ver a hora no seu próprio telefone, não?

— O coitadinho passou a noite inteira sozinho em casa — disse Claire.

— Pode ter quase dezesseis, tenta agir como adulto, mas ainda assim...

— Mas para algumas coisas eles não são tão jovens assim — retrucou Babette.

Claire ficou em silêncio por um momento, passou a ponta da língua sobre o lábio inferior: ela sempre faz isso quando está ficando com raiva.

— Algumas vezes acho que é exatamente nisso que estamos errados. Talvez não levemos isso a sério o suficiente, Babette. Quão jovens eles são. Para o mundo eles de repente são adultos porque fizeram algo que nós, adultos, consideramos um crime. Mas sinto que eles reagiram a isso mais como crianças. Era exatamente o que estava tentando dizer a Serge. Que não temos o direito de tomar a infância deles apenas porque, segundo nossas normas de adultos, é um crime pelo qual você teria de pagar pelo resto da vida.

Babette deu um suspiro profundo.

— Temo que você esteja certa, Claire. Algo desapareceu, algo... A espontaneidade dele. Ele era sempre tão... Bem, vocês sabem como Rick era. Mas aquele Rick não existe mais. Nas últimas semanas ele não saiu do quarto. Quando estamos à mesa, ele quase não fala. É algo na aparência dele, algo infeliz, como se estivesse o tempo todo preocupado. Ele não costumava fazer isso: se preocupar.

— Mas é realmente importante o modo como você lida com isso. Como os dois lidam com isso. Quero dizer, talvez ele esteja tão preocupado por achar que é isso que esperam dele.

Babette continuou em silêncio. Colocou a mão na mesa, dedos esticados, e afastou o celular alguns centímetros.

— Não sei, Claire. O pai dele... Acho que o pai espera que ele se preocupe mais do que eu, embora possa não ser totalmente justo dizer isso. Mas Rick costuma ter problemas por causa disso, pelo fato de o pai ser quem é. Na escola. Nas amizades. Quero dizer, ele só tem quinze anos, ainda é muito o "filho de". Mas junto com isso ele também é filho de alguém cujo rosto todos veem o tempo todo na TV. Ele às vezes fica pensando nas amizades. Acha que as pessoas são legais com ele por causa do pai famoso. Ou o contrário: os professores às vezes o tratam de forma injusta por terem um problema com isso. Lembro claramente que, quando ingressou no ensino médio, ele me disse: "Mamãe, é como poder começar

tudo de novo!” Ele estava muito feliz. Mas após uma semana todos na escola já sabiam quem ele era.

— E logo a escola inteira saberá de mais uma coisa. Se depender de Serge.

— É o que fico dizendo a ele. Que Rick já sofreu muito por quem o pai é, mais do que poderia ser bom para ele. E agora Serge quer arrastá-lo para essa confusão. Ele não vai superar.

Pensei em Beau, no filho adotivo africano que aos olhos de Babette não podia fazer nada de errado.

— No caso de Michel, percebemos que ele ainda tem o que você chama de espontaneidade. Claro que ele não tem um pai famoso, mas... Isso não o incomoda demais. Algumas vezes até me preocupo, porque ele parece não ter se dado conta do que isso poderia significar para o futuro dele. Nesse sentido, de fato reage mais como uma criança. Uma criança sem compromissos, não um adulto preocupado, maduro para sua idade. Esse é o verdadeiro dilema para mim e para Paul. Como podemos torná-lo consciente de sua responsabilidade sem, ao mesmo tempo, prejudicar sua inocência infantil.

Olhei minha esposa. Para mim e para Paul... Há quanto tempo Claire e eu ainda achávamos que o outro não sabia nada? Há uma hora? Cinquenta minutos? Olhei para a *dame blanche* intocada de Serge: tecnicamente, assim como funcionava com os anéis de uma árvore ou com o carbono-14, tinha de ser possível medir a passagem do tempo pelo derretimento do sorvete de baunilha.

Olhei nos olhos de Claire, os olhos da mulher que para mim representava felicidade. Sem minha esposa eu não estaria em lugar algum, é como às vezes se ouve homens sentimentais dizendo, “dependentes” é como eles costumam se chamar: e na verdade o que eles querem dizer é que suas esposas passaram a vida ali cuidando deles e continuaram a levar para eles xícaras de café a toda hora do dia. Eu não iria tão longe; não é que sem Claire eu não estaria em lugar algum, mas estaria em algum outro lugar.

— Eu e Claire repetimos para nós mesmos que Michel precisa ser capaz de seguir com a vida. Não queremos criar nele um complexo de culpa. Quero dizer, em certo sentido ele é culpado de algo, mas isso não significa que um sem-teto que se deita no meio do caminho em um caixa eletrônico de repente se tornasse exemplo de inocência. Esse é o veredito a que você logo chegará caso siga a noção de justiça que prevalece aqui. E é também o que ouve o tempo todo: o que foi feito de nossa juventude egoísta, nunca nenhuma palavra sobre vagabundos egoístas e sem-teto que apagam onde querem. Não, eles querem dar um exemplo, espere e verá, os juízes estão

preocupados com os próprios filhos. Que talvez eles também já não controlem. Não queremos entregar Michel a uma multidão de linchadores sedenta de sangue, a mesma multidão que pede aos berros a volta da pena de morte. Michel é precioso demais para nós para que o ofereçamos a esse tipo de reação instintiva. Mais ainda: ele mesmo é inteligente demais para isso. Está muito acima disso.

Durante todo o meu pequeno discurso Claire manteve os olhos em mim, a expressão e o sorriso que ela me lançou agora eram parte de nossa felicidade. Uma felicidade que podia sobreviver a muito, em que estranhos não podiam interferir tão facilmente.

— Ah, quase esqueci! — disse ela, levantando o celular. — Eu ia ligar para Michel. Que horas você disse que eram? — perguntou a Babette enquanto apertava o primeiro botão, mas mantendo os olhos em mim ao dizer isso.

De novo Babette conferiu a tela do celular e informou a hora a Claire.

Não vou dizer exatamente que horas eram. Horas exatas podem se voltar contra você depois.

— Oi, querido! — falou Claire. — Como está? Não está entediado demais, está?

Olhei para o rosto de minha esposa. Havia algo naquele rosto, seus olhos, que começaram a brilhar enquanto ela conversava com nosso filho ao telefone. Não, ela estava sorrindo e falando alegremente — mas não estava brilhando.

— Certo, vamos tomar nosso café agora e estaremos em casa em cerca de uma hora. Então você tem tempo para arrumar sua bagunça. O que você jantou?

Ela escutou, balançou a cabeça, disse sim e não algumas vezes e então, após um último “Tchau, querido, amo você”, desligou.

Ao me lembrar desse momento agora, não sei se foi porque seu rosto não brilhou ou se foi por ela não ter se referido uma só vez a termos visto nosso filho no jardim do restaurante que de repente tive a certeza de que havíamos acabado de assistir a uma bela atuação.

Mas para quem era a encenação? Para mim? Não parecia provável. Para Babette? Mas com que objetivo? Em duas oportunidades Claire pedira enfaticamente a Babette que lhe dissesse as horas — como se para garantir que Babette não iria esquecer depois.

Seu pai não sabe de nada.

E de repente seu pai sabia.

— Os espressos são para...

Uma das garotas de preto que servia. Levava uma bandeja de prata com duas xícaras de espresso e dois copinhos minúsculos de grapa.

E foi enquanto ela pousava xícaras e copos diante de nós que minha esposa juntou os lábios, como se para um beijo.

Olhou para mim — e então beijou o ar entre nós.

DIGESTIVO

Não havia sido muito tempo antes que Michel escrevera um texto sobre a pena de morte. Um trabalho para a aula de história. Foi inspirado por um documentário sobre assassinos que cumpriam suas penas, retornavam à sociedade e com frequência em pouco tempo cometiam outro assassinato. Defensores e contrários à pena de morte davam suas opiniões. Houve uma entrevista com um psiquiatra americano que argumentou que algumas pessoas nunca deveriam voltar a ser livres. “Temos de aceitar que há monstros de verdade”, disse o psiquiatra. “Monstros que nunca, sob nenhuma condição, deveriam ser libertados.”

Alguns dias depois vi as primeiras páginas do trabalho de Michel sobre a mesa. Como ilustração da capa ele baixara uma imagem da internet, uma fotografia da maca na qual, em alguns estados americanos, é administrada a injeção letal.

“Se eu puder ajudar com alguma coisa...” eu oferecera; e alguns dias mais tarde ele me mostrou o primeiro rascunho.

“O que realmente quero saber de você é se posso fazer isso”, disse ele.

“Fazer o quê?” perguntei.

“Não sei. Algumas vezes eu penso coisas... E não sei se é permitido pensar coisas assim.”

Eu li o rascunho. E fiquei impressionado. Para um garoto de quinze anos Michel tinha um modo revigorante de abordar vários aspectos de crime e castigo. Ele analisara vários dilemas morais até as consequências mais radicais. Entendi o que queria dizer sobre coisas que você não deveria poder pensar.

“Muito bom”, falei, devolvendo o trabalho a ele. “Eu não me preocuparia se fosse você. Você pode pensar o que quiser. Não há motivos para recuar a esta altura. Você escreveu tudo muito claramente. Deixe que os outros tentem encontrar furos, caso consigam.”

A partir de então ele também me deixou ler as versões posteriores. Discutimos os dilemas morais. Tenho boas lembranças daquele período: apenas boas lembranças.

Menos de uma semana após ele ter entregado o ensaio fui chamado ao gabinete do diretor, ou pelo menos recebi um convite para comparecer em determinado dia e determinada hora para conversar sobre meu filho, Michel. Ao telefone perguntei ao diretor se havia algo especial que devesse saber. Embora suspeitasse que fosse sobre seu trabalho a respeito da pena de morte, queria ouvir da boca do homem — mas ele evitou a questão: “Há algumas coisas sobre as quais gostaria de conversar, mas não ao telefone”, disse.

Na tarde em questão, apareci no gabinete. O diretor me convidou a sentar em uma cadeira diante de sua escrivaninha.

“Quero lhe falar sobre Michel”, começou, indo direto ao ponto.

Cruzei as pernas e lutei contra a ânsia de dizer “Claro, quem mais seria?”, e assumi a pose de ouvinte atento.

Na parede atrás dele havia um enorme pôster de uma organização humanitária, não lembro se Oxfam Novib ou Unicef: via-se um campo seco, aparentemente estéril; no canto inferior esquerdo havia uma criança vestindo trapos, erguendo a mãozinha esquelética.

O pôster me deixou ainda mais alerta. Era provável que o diretor fosse contra o aquecimento global e as injustiças em geral. Talvez não comesse carne de mamíferos e fosse antiamericano, ou pelo menos anti-Bush — sendo que essa última postura dava às pessoas carta branca para não pensar em mais nada. Qualquer um que fosse contra Bush tinha um coração bom o suficiente e podia se comportar como um babaca tedioso em qualquer outra situação.

“Até agora estivemos muito satisfeitos com Michel”, disse o diretor.

Farejei algo peculiar; não era o que você chamaria de cheiro de suor, era mais como o cheiro de lixo separado para coleta — ou, para ser preciso, o lixo separado que em geral termina no recipiente verde, o de matéria orgânica. Eu não conseguia evitar a impressão de que o cheiro vinha do próprio diretor; talvez ele não usasse desodorante para proteger a camada de ozônio, ou então a esposa lavava as roupas com detergente ecologicamente correto; como todos sabem, detergentes como esses transformam roupas brancas em cinza depois de algum tempo — limpas é algo que elas nunca mais serão.

“Mas há pouco tempo ele escreveu para a aula de história um texto que achamos bastante alarmante”, continuou o diretor. “Ou pelo menos chamou a atenção de nosso professor de história, que então me procurou com o trabalho em questão.”

“Sobre pena de morte”, falei, apenas para acabar com os circunlóquios.

O diretor olhou para mim por um instante; seus olhos tinham algo embotado, sem expressão, o olhar entediado de uma inteligência medíocre que equivocadamente supõe que “viu tudo isso antes”.

“De fato”, disse ele, pegando algo na escrivaninha e começando a folhear. Pena de morte, eu li em familiares letras brancas sobre fundo preto, e abaixo a foto da maca.

“São sobretudo estas passagens”, continuou o diretor. “Aqui: ‘considerando a desumanidade envolvida na pena de morte praticada pelo Estado, seria de se pensar se, para alguns criminosos, não seria melhor se eles, em um estágio muito anterior...’”

"Não precisa ler em voz alta, eu sei o que está escrito."

O olhar no rosto do diretor dizia que ele não estava acostumado a ser interrompido.

"De fato. Então você está ciente do conteúdo?"

"Não apenas isso, eu ajudei meu filho aqui e ali. Alguns pequenos conselhos, mas claro que ele escreveu a maior parte."

"Mas aparentemente o senhor não viu qualquer necessidade de aconselhá-lo com relação ao trecho ao qual eu me refiro como 'fazer justiça com as próprias mãos'."

"Não. Mas eu protesto contra a frase 'fazer justiça com as próprias mãos'."

"Então como o senhor chamaria? Isto claramente é sobre aplicar a pena de morte antes de um julgamento."

"Mas é também sobre a desumanidade da pena de morte. A fria pena de morte clínica levada a cabo pelo Estado. Com uma agulha hipodérmica ou a cadeira elétrica. Sobre todos aqueles detalhes horripilantes da última refeição que o condenado pode escolher. Seu prato preferido, uma última vez, seja caviar com champanhe ou um Whopper Duplo do Burger King."

O dilema que eu enfrentava no momento era um que todo pai enfrenta mais cedo ou mais tarde: você quer defender seu filho, claro, quer protegê-lo, mas não pode fazer isso com muita veemência, e acima de tudo não com muita eloquência — você não pode encurralar o outro. Os educadores, os professores, permitirão que você fale, mas depois irão se vingar do seu filho. Você pode apresentar os melhores argumentos — não é difícil apresentar argumentos melhores que os de educadores e professores —, mas no final seu filho irá pagar por isso, a frustração deles por serem desmascarados é algo que descontarão no aluno.

"Todos pensamos assim", disse o diretor. "Pessoas normais com mentes saudáveis consideram a pena de morte desumana. Não é sobre isso que estou falando, Michel apresentou o tema muito bem. Só estou falando sobre o trecho em que ele tenta justificar a eliminação de suspeitos, por acidente ou não, antes que tenham direito ao tribunal."

"Eu me considero normal e saudável. E também considero a pena de morte desumana. Mas infelizmente também dividimos este mundo com humanos desumanos. Esses humanos desumanos deveriam poder, após reduzir alguns anos por bom comportamento, retornar à sociedade? Acho que é disso que Michel está falando."

"Então você pode simplesmente atirar neles ou, como ele coloca", disse o diretor, fazendo uma pausa e folheando o trabalho mais uma vez, "jogá-los pela janela"? A janela do décimo andar do quartel-general da polícia, acredito. Esse não é, para dizer o mínimo, exatamente o modo como as

coisas funcionam no primado da lei.”

“Não, mas agora o senhor está tirando de contexto. Isso é sobre o pior tipo de ser humano; Michel está falando sobre homens que estupram crianças, que as mantêm prisioneiras por anos. E também há outros fatores que desempenham um papel. Durante um julgamento, toda aquela sujeira tem de ser revirada em nome de um ‘processo legal justo’. Mas quem de fato espera que isso aconteça? Os pais daquelas crianças? Esse é o ponto fundamental que o senhor de certa forma negligencia agora. Não, pessoas civilizadas não jogam outras pessoas pela janela. E elas também não deixam que uma pistola dispare por acidente a caminho da delegacia para a prisão. Mas não estamos falando aqui de pessoas civilizadas. Essas são pessoas que todos ficariam aliviados de não ter mais por perto.”

“Sim, era isso. Atirar na cabeça de um suspeito, supostamente por acidente. Na traseira de uma viatura da polícia, agora me lembro”, disse o diretor, baixando o trabalho. “Esse foi um dos seus ‘pequenos conselhos’, Sr. Lohman? Ou seu filho teve essa ideia sozinho?”

Algo no tom de voz dele me causou arrepios na nuca; ao mesmo tempo senti uma vibração na ponta dos dedos, ou, para ser mais preciso, as pontas dos meus dedos ficaram dormentes. Eu estava de guarda. Queria dar a Michel todo o crédito por seu texto — afinal, ele era mais inteligente do que a pilha de compostagem idiota sentada à minha frente —, mas por outro lado precisava impedir que fosse atormentado no futuro. Eles poderiam suspendê-lo, me ocorreu, poderiam expulsá-lo da escola. Michel se sentia em casa ali, era onde seus amigos estavam.

“Tenho de admitir que ele pode ter sido um tanto influenciado por minhas opiniões sobre a questão”, falei. “Tenho ideias bastante sinceras sobre o que deveria acontecer com suspeitos de certos crimes. De forma consciente ou não, talvez, posso de certo modo ter transmitido essas ideias a ele.”

O diretor olhou para mim de forma inquisitiva, se é possível chamar de inquisitivo um olhar subinteligente.

“Mas o senhor disse que ele escreveu a maior parte.”

“Isso mesmo. Por ‘maior parte’ eu quis dizer basicamente as passagens nas quais a pena de morte pelo Estado é definida como desumana.”

Em minha opinião, quando diante de inteligências inferiores, a estratégia mais eficiente é contar uma mentira completa: com uma mentira você dá aos idiotas uma chance de se retirar sem passar vexame. E sobretudo, eu ainda me lembrava de fato de quais partes do trabalho haviam sido ideia minha e quais haviam sido de Michel? Eu podia me lembrar de uma conversa, uma conversa à mesa do jantar, sobre um assassino em condicional, um assassino que havia sido libertado havia alguns dias e que

muito provavelmente já tinha assassinado mais alguém.

"Eles nunca deveriam soltar alguém assim", dissera Michel.

Nunca soltar alguém ou nunca colocá-lo na prisão?, eu perguntara; Michel tinha quinze anos, conversávamos com ele sobre tudo, ele se interessava por tudo: a guerra no Iraque, terrorismo, Oriente Médio — na escola mal lidavam com tudo aquilo, ele dizia, apenas falavam por alto.

"O que quer dizer com 'nunca colocá-lo na prisão?'", perguntara ele.

"Bem, apenas isso. Exatamente o que eu disse."

Olhei para o diretor. Aquele ser viscoso que acreditava em aquecimento global e na total erradicação de toda guerra e injustiça também devia partilhar a crença de que era possível curar estupradores e assassinos em série; que após anos jogando conversa fora com um psiquiatra eles podiam ser autorizados a dar seus primeiros passos inseguros de volta ao mundo real.

O diretor, que até então estivera ligeiramente reclinado em sua cadeira, se inclinou para a frente e colocou os dois antebraços — palmas para baixo, dedos espalhados — sobre a escrivaninha.

"Se não estou enganado, o senhor também já lecionou", disse ele.

Os pelos em minha nuca e meus dedos vibrando não haviam me traído: quando as inteligências inferiores estão perto de perder uma discussão, buscam outros pontos, de modo a se justificar.

"Ensinei durante alguns anos, sim", respondi.

"Foi na [...], não?"

Ele mencionou o nome da escola, um nome que ainda produzia em mim sentimentos dúbios, como o nome de uma doença da qual você está oficialmente curado, mas que sabe que a qualquer momento pode reaparecer em outra parte do corpo.

"Sim", respondi.

"E foi colocado de licença."

"Não exatamente. Fui eu que sugeri reduzir um pouco o ritmo por algum tempo, que eu voltaria depois, quando tudo tivesse mais calma."

O diretor pigarreou e olhou para um papel pousado diante dele.

"Mas na verdade o senhor não voltou. Na verdade, está desempregado há quase dez anos."

"De licença. Eu poderia voltar a trabalhar amanhã em algum outro lugar."

"Mas, segundo minha informação, a informação que [...] me enviou, isso depende de um relatório psiquiátrico. Para que possa ou não voltar ao trabalho. Em outras palavras, a decisão não é sua."

De novo o nome daquela escola! Senti os músculos abaixo de meu olho esquerdo começarem a tremer, o que não era nada, mas outros poderiam interpretar como um tique. Por isso agi como se tivesse algo no olho e o

esfreguei com os dedos, mas o tremor só pareceu pior.

“Ah, isso na verdade não significa muito”, falei. “Eu lhe asseguro que não preciso da assinatura de um psiquiatra para exercer minha profissão.”

O diretor olhou de novo para o papel.

“Não é o que diz aqui... Aqui diz...”

“Eu poderia ver o que o senhor tem à sua frente?”

Minha voz era seca, autoritária, e não deixava margem a dúvidas. Ainda assim, o diretor não fez o que eu disse de imediato.

“Se puder permitir que eu termine...”, falou. “Há algumas semanas encontrei um antigo colega, que agora trabalha na [...]. Não me lembro exatamente de como surgiu, mas acredito que estávamos conversando a respeito da pressão sobre os professores em geral. Sobre síndrome de burnout e colapsos nervosos. Ele mencionou um nome que me soou familiar. A princípio não soube por quê, mas depois pensei em Michel. E no senhor.”

“Eu nunca tive síndrome de burnout. Isso é só uma expressão da moda. E decididamente nunca tive um colapso nervoso.”

Foi a vez do diretor de piscar, vi, e embora não fosse o que você chamaria de tique, nem com grande esforço, ainda foi um sinal de súbita fraqueza. Ou, na verdade, de medo. Eu mesmo não tinha consciência, mas talvez houvesse algo em minha voz — eu dissera as três últimas frases bem devagar, ou pelo menos mais devagar que antes —, algo que fez as luzes de alerta começarem a piscar na cabeça do diretor.

“Mas eu não disse que o senhor teve síndrome de burnout”, retrucou.

Ele tamborilou na escrivaninha. E piscou de novo! Sim, algo mudara, o tom pedante com o qual tentara me vender suas teorias insípidas sobre pena de morte também havia desaparecido.

Agora eu conseguia sentir claramente, acima do odor de compostagem: medo. Do modo como um cachorro pode farejar quando alguém tem medo, detectei um vago cheiro azedo que não estava ali antes.

Acredito que foi nesse momento que comecei a me levantar da cadeira, não lembro com exatidão, há um vazio em algum ponto, uma lacuna no tempo. Não lembro se algo mais foi dito. Seja como for: eu de repente estava de pé. Eu me levantara da cadeira e olhava para baixo, para o diretor.

O que aconteceu depois disso teve tudo a ver com a diferença de posição, com o fato de que o diretor ainda estava sentado e que eu olhava para baixo para encará-lo — me elevando acima dele, seria mais assim. É uma espécie de lei não escrita, assim como a água corre para o ponto mais baixo ou, para empregar uma analogia canina, o fato de que o diretor estava em desvantagem em sua cadeira, que ele se encontrava em uma posição

de vulnerabilidade submissa. Cachorros fazem a mesma coisa: durante anos permitem que seus donos os alimentem e acariciem, são gentis como cordeiros, são de fato animais adoráveis, mas um dia o dono de repente perde o equilíbrio, tropeça e cai. Em segundos os cães estão sobre ele, cravam os dentes em seu pescoço e o mordem até a morte, algumas vezes até o fazem em pedaços depois disso. É instinto: aquele que cai é fraco, aquele que está no chão é presa.

“Insisto em que me mostre isso”, disse por pura formalidade, apontando para o papel pousado diante do diretor, e que ele no momento cobria com as duas mãos. Pura formalidade, porque era tarde demais para ajeitar qualquer coisa.

“Sr. Lohman”, retrucou ele.

Então eu o soquei no nariz. De imediato, havia sangue, muito sangue: jorrou das narinas e caiu sobre a camisa e a escrivaninha, e depois sobre os dedos com os quais segurou o nariz.

Àquela altura eu havia contornado a escrivaninha e o acertado no rosto de novo, dessa vez mais baixo, seus dentes machucando os nós de meus dedos quando se quebraram. Ele berrou, gritou algo ininteligível, mas eu já o havia arrancado da cadeira. Sem dúvida as pessoas seriam alertadas pelo grito do diretor, em trinta segundos a porta do escritório seria escancarada, mas em trinta segundos você pode causar muitos danos, trinta segundos pareciam suficientes para mim.

“Seu porco sujo, imundo, fedorento”, falei, antes de enfiar, ao mesmo tempo, um punho em seu rosto e um joelho em sua barriga. Mas cometi um erro. Não achara possível que o diretor ainda tivesse alguma força; achei que poderia fazê-lo em pedaços com toda a calma antes que os professores invadissem e acabassem com o espetáculo.

Com grande velocidade ele ergueu a cabeça e me acertou no queixo, depois passou os braços pelas minhas panturrilhas e puxou, fazendo com que eu perdesse o equilíbrio e caísse de costas.

“Merda!”, gritei.

O diretor correu não para a porta, mas para a janela. Abriu antes que eu conseguisse ficar de pé.

“Socorro!”, gritou ele para fora. “Socorro!”

Mas eu já estava sobre ele. Eu o agarrei pelos cabelos, puxei a cabeça para trás depois a baixei com força sobre o parapeito.

“Ainda não terminamos!”, gritei no ouvido dele.

Havia muitas pessoas no pátio da escola, a maioria alunos; devia ser hora do recreio. Todos olharam para cima — para nós.

Identifiquei o garoto de gorro preto na multidão quase de imediato; houve algo reconfortante, algo tranquilizador em ver um rosto familiar no

meio de todos aqueles outros rostos. Ele estava de pé no meio de um pequeno grupo, de lado, perto dos degraus que levavam à entrada da frente, com duas garotas e um garoto em uma scooter. O garoto de gorro preto da Nike tinha fones de ouvido pendurados no pescoço.

Acenei. Lembro-me disso com clareza. Acenei para Michel e tentei sorrir. O aceno e o sorriso deviam mostrar que, de lá, provavelmente parecia pior do que era. Que eu tivera uma discussão com o diretor sobre o texto dele, o de Michel, mas que nesse meio-tempo tudo chegara perto de ser resolvido.

— Era o primeiro-ministro — disse Serge voltando à mesa; ele se sentou e recolocou o celular no bolso. — Queria saber sobre o que seria a entrevista coletiva de amanhã.

Qualquer um de nós três poderia ter perguntando: “Então? O que você disse?” Mas ninguém à mesa disse uma palavra. Algumas pessoas permitem silêncios assim: quando não querem dizer o óbvio. Talvez, se Serge tivesse contado uma piada, uma piada que começasse com uma pergunta (Por que dois chineses não podem ir ao barbeiro ao mesmo tempo?), um silêncio comparável tivesse se seguido.

Meu irmão olhou para sua *dame blanche*, que, provavelmente por educação, ainda não havia sido retirada.

— Disse que não queria contar nada, não ainda, não esta noite. Ele esperava que não fosse nada sério. Como eu me retirando da disputa. Foram suas palavras exatas: “Seria um desapontamento para mim, para nós dois, caso você jogasse a toalha a esta altura, sete meses antes das eleições.”

Serge fez uma tentativa de imitar o sotaque do primeiro-ministro, mas tão mal que parecia mais uma versão grosseira, um cartum político mal desenhado em vez do próprio cartum.

— Disse a ele a verdade, que ainda estava conversando com minha família. Que estou mantendo em aberto algumas opções.

Logo que o primeiro-ministro tinha sido eleito, as piadas eram constantes: sobre sua aparência, sua forma rígida de falar em público, seus numerosos deslizos — muitos literais. Mas desde então começara o processo de familiarização. Você se acostumava com isso, como uma mancha no papel de parede. Uma mancha que simplesmente pertence àquele lugar, e que poderia deixá-lo surpreso se um dia não estivesse lá.

— Ah, isso é interessante — disse Claire. — Então você está mantendo suas opções em aberto. Achei que estivesse tudo resolvido para você. Para todos nós.

Serge tentou fazer contato visual com a esposa, mas ela agiu como se estivesse mais interessada no celular na mesa diante dela.

— Sim, estou mantendo minhas opções em aberto — concordou ele com um suspiro. — Quero que façamos isso juntos. Como... Como uma família.

— Do modo como sempre fizemos as coisas — completei.

Pensei no macarrão à carbonara queimado, na panela que eu enfiara no rosto dele quando tentou levar meu filho embora, mas pelo visto a memória de Serge não era tão alerta quanto a minha, pois ele sorriu calorosamente.

— Sim — confirmou, e conferiu o relógio. — E tenho de... Nós temos

mesmo de ir. Babette... Por que a conta está demorando tanto?

Babette se levantou.

— Sim, vamos embora — disse ela, depois se virando para Claire. — Vocês dois vêm?

Claire ergueu seu copo de grapa pela metade.

— Vão indo. Estaremos lá daqui a pouco.

Serge estendeu a mão para a esposa. Achei que Babette iria ignorá-lo, mas não o fez. Até ofereceu o braço a Serge.

— Podemos... — falou ele. Sorria, sim, quase brilhava ao conduzir a esposa pelo cotovelo. — Podemos conversar mais sobre isso depois. Podemos tomar outro drinque no bar, e então conversaremos um pouco mais.

— Tudo bem, Serge — concordou Claire. — Apenas se apressem, vocês dois. Paul e eu terminaremos nossa grapa e iremos para lá.

— A conta — disse Serge, apalpando os bolsos do casaco, como se procurando carteira ou cartão de crédito.

— Não se preocupe — retrucou Claire. — Nós cuidamos disso.

E então eles de fato partiram. Observei enquanto caminhavam na direção da saída, meu irmão segurando a esposa pelo braço. Apenas alguns clientes ergueram os olhos ou viraram as cabeças quando passaram. Um processo de familiarização parecia estar se dando também ali; se você ficava tempo suficiente em um lugar, se tornava um rosto como todos os outros.

Enquanto passavam pela cozinha aberta, o homem de gola rulê branca foi apressado até eles: Tonio — o nome no passaporte tinha de ser Anton. Serge e Babette pararam. Apertos de mão se seguiram. Garçonetes se apressaram com os casacos deles.

— Eles já foram? — perguntou Claire.

— Quase — respondi.

Minha esposa virou o resto da grapa. Colocou a mão sobre a minha.

— Você precisa fazer algo — disse ela, aplicando alguma pressão com os dedos.

— Você está certa — falei. — Temos de impedi-lo.

Claire tomou minha mão.

— Você tem de impedi-lo — corrigiu ela.

Olhei para ela.

— Eu? — reagi, embora pudesse antecipar algo: algo a que eu não seria capaz de dizer não.

— Você tem de fazer alguma coisa para ele — disse Claire.

Apenas a encarei.

— Algo que o impeça de conceder aquela coletiva amanhã — explicou

Claire.

Foi precisamente naquele momento, em algum lugar próximo, que um celular começou a tocar. Primeiro alguns apitos, que ficaram mais altos e se transformaram em uma melodia.

O telefone de Babette estava em parte escondido sob seu guardanapo. Eu olhei primeiro para a saída: Serge e ela haviam partido. Estendi a mão, mas Claire foi mais rápida.

Ela deslizou a tampa do aparelho e olhou para a tela. Depois a fechou. O apito parou.

— Beau — disse.

— A mãe dele está ocupada demais para falar no momento — explicou Claire, recolocando o celular onde estivera. Até mesmo o enfiou sob o guardanapo.

Eu não respondi. Esperei. Esperei para ver o que minha esposa iria dizer.

Claire deu um suspiro profundo.

— Você sabe que ele... — começou, sem terminar a frase. — Ah, Paul, Paul...

Ela balançou a cabeça e jogou os cabelos para trás. Vi umidade em seus olhos, algo brilhando, lágrimas não de tristeza ou desespero, mas de fúria.

— Você sabe que ele o quê? — perguntei.

Claire não sabia nada sobre os vídeos, eu dissera a mim mesmo a noite toda. Ainda esperava estar certo.

— Beau está fazendo chantagem — respondeu ela.

Senti uma punhalada gelada no peito. Esfreguei as bochechas para que, se corasse, não me denunciasses.

— Sério? Como assim?

Claire suspirou novamente. Cerrou os punhos e bateu no tampo da mesa.

— Ah, Paul, eu queria muito manter você fora disso. Não queria que isso acontecesse... Que você ficasse aborrecido. Mas agora tudo mudou. Já é tarde demais, de qualquer maneira.

— O que quer dizer com ele está fazendo chantagem? Beau? Com o quê?

Um bipe saiu de sob o guardanapo. Um único bipe desta vez. Uma luzinha azul piscava na lateral do celular de Babette: parecia que Beau deixara uma mensagem.

— Ele estava lá. Pelo menos é o que alega. Diz que planejava ir para casa, mas mudou de ideia e decidiu voltar. Foi quando os viu. Enquanto saíam do caixa eletrônico, ele diz.

O frio em meu peito sumira. Eu sentia algo novo, um sentimento quase de felicidade: tive de tomar cuidado para não começar a sorrir.

— E agora ele quer dinheiro. Ah, o nojentinho hipócrita! Eu sempre... Você também, certo? Você achava que ele era repulsivo, disse uma vez. Eu me lembro claramente.

— Mas ele tem provas? Pode provar que os viu? Pode provar que Michel e Rick jogaram aquele galão?

A última pergunta foi apenas para me tranquilizar de uma vez por todas: uma última verificação. Dentro de minha cabeça uma porta se abriu. Uma fresta. E através dessa fresta a luz brilhava. Luz quente. Atrás

da porta estava a sala com a família feliz.

— Não, ele não tem provas — respondeu Claire. — Mas talvez não precise delas. Se Beau procurar a polícia e apontar Michel e Rick como culpados... As imagens daquela câmera de segurança são extremamente vagas, mas se eles as compararem com pessoas de verdade... Não sei.

Seu pai não sabe de nada. Vocês dois precisam fazer isso hoje.

— Michel não estava lá, estava? Quando você ligou para ele há pouco. Quando continuou perguntando a Babette que horas eram.

Surgiu um sorriso no rosto de Claire. Ela tomou minha mão de novo e a apertou.

— Liguei para ele. Vocês todos me ouviram falar com ele. Conversei com ele. Babette é a testemunha imparcial que me ouviu conversar com meu filho em um momento específico. Eles podem verificar a memória do meu telefone para ver que o telefonema foi dado e quanto tempo durou. Só precisamos apagar o recado na secretária eletrônica de casa quando voltarmos.

Olhei para minha esposa. Devia haver em meu rosto admiração por ela. Eu nem sequer tinha de simular. Realmente a admirava.

— E agora ele está com Beau — refleti.

Ela confirmou com um gesto de cabeça.

— E com Rick. Não na casa de Beau. Eles acertaram de se encontrar em outro lugar. Algum lugar na rua.

— E o que vão conversar com Beau? Vão tentar fazer com que mude de ideia?

Minha esposa colocou a outra mão sobre a minha.

— Paul, eu já lhe disse que queria deixá-lo fora disso. Mas agora não podemos recuar. Você e eu. É o futuro de nosso filho. Disse a Michel que ele deveria tentar argumentar com Beau. E que, se isso não funcionasse, deveria fazer o que parecesse melhor. Disse a ele que não preciso saber o que é. Ele vai completar dezesseis anos semana que vem. Não precisa esperar que a mãe lhe diga tudo. É adulto e inteligente o suficiente para decidir sozinho.

Eu a encarei. Ainda devia haver admiração em minha expressão, mas era um tipo de admiração diferente daquele de alguns minutos antes.

— Qualquer que seja o caso, é melhor que eu e você possamos dizer que Michel passou a noite toda em casa — explicou Claire. — E que Babette possa confirmar isso.

Chamei o gerente.

— Ainda estamos esperando a conta — disse.

— O Sr. Lohman cuidou dela, senhor.

Talvez tenha sido minha imaginação, mas ele pareceu ter prazer de poder me dizer aquilo. Algo nos olhos dele, como se estivesse rindo de mim apenas com os olhos.

Claire vasculhou a bolsa, sacou o celular, olhou para ele e o guardou novamente.

— É um pouco demais, não é? — falou depois que o gerente havia partido. — Ele rouba nosso bar. Nosso filho. E agora isso. E o pior é que não significa nada. O fato de ele poder pagar uma conta não significa porcaria nenhuma.

Claire pegou minha mão direita, depois a esquerda.

— Você só precisa feri-lo — disse. — Ele não vai conceder uma coletiva com o rosto ferido. Ou um braço quebrado na tipoia. Seria muita coisa para explicar de uma vez. Mesmo para Serge.

Olhei nos olhos de minha esposa. Ela acabara de me pedir para quebrar o braço de meu irmão. Ou machucar o rosto dele. E tudo isso por amor, amor a nosso filho. Por Michel. Eu tive de pensar naquela mãe, anos antes, na Alemanha, que matara a tiros o assassino do filho no tribunal. É o tipo de mãe que Claire era.

— Não tenho tomado minha medicação — contei.

— Sim — disse Claire não parecendo surpresa, correndo a ponta de um dedo com delicadeza sobre as costas de minha mão.

— Quer dizer, não faz muito tempo. Meses.

Era verdade: eu parara pouco depois daquele episódio de Opsporing Verzocht. Tivera a sensação de que seria menos útil a meu filho se minhas emoções estivessem embotadas todos os dias. Minhas emoções e meus reflexos. Se eu queria ajudar Michel com toda a minha capacidade, primeiro precisava recuperar meu velho eu.

— Eu sei — repetiu Claire.

Olhei para ela.

— Talvez você ache que as outras pessoas não percebem. Bem, quer dizer, outras pessoas... Sua própria esposa. Sua própria esposa percebe de imediato. Havia coisas... Que estavam diferentes. O modo como você olhava para mim, como sorria para mim. E então houve uma vez em que você não conseguiu encontrar seu passaporte. Lembra? Quando começou a chutar as gavetas da escrivaninha? Desde aquele momento comecei a prestar atenção. Você levava seu remédio quando saía e jogava em algum

lugar. Não é? Uma vez tirei suas calças da máquina e o bolso estava totalmente azul! Comprimidos que você se esquecera de jogar fora.

Claire teve de rir — riu por um momento, depois me encarou séria de novo.

— E você não disse nada — falei.

— No começo, pensei: o que ele pretende? Mas de repente vi meu antigo Paul de volta. E então soube: eu queria meu velho Paul de volta. Incluindo o Paul que faz as gavetas da própria escrivaninha em pedaços a pontapés, e daquela outra vez, quando aquela scooter o fechou na estrada. Quando você foi atrás e...

E daquela vez em que mandou o diretor da escola de Michel para o hospital, foi o que achei que Claire fosse dizer. Mas não disse. Ela disse outra coisa.

— Esse era o Paul que eu amava... Que amo. Esse é o Paul que eu amo. Mais que qualquer coisa ou pessoa no mundo.

Vi algo brilhando nos cantos dos olhos dela, e meus próprios olhos agora também ardiam.

— Você e Michel, claro — completou minha esposa. — Você e Michel, eu amo muito vocês dois. Juntos vocês são o que me faz mais feliz.

— É — falei; minha voz parecia rouca, meio como um guincho. Pigarreei.

Ficamos sentados um diante do outro em silêncio por algum tempo, as mãos de minha esposa ainda segurando as minhas.

— O que você disse a Babette? — perguntei.

— Como assim?

— No jardim. Quando vocês foram dar uma volta. Babette pareceu muito feliz ao me ver. "Querido, doce Paul..." foi como me chamou. O que você disse a ela?

Claire respirou fundo.

— Disse a ela que você faria algo. Que você faria algo para garantir que a coletiva não acontecesse.

— E Babette achou que tudo bem?

— Ela quer que Serge vença as eleições. Mas o que mais machuca Babette é que ele só falou a ela sobre isso no carro vindo para cá. Para que ela não tivesse tempo suficiente de convencê-lo a desistir desse absurdo.

— Mas aqui à mesa, agora mesmo, ela disse...

— Babette é inteligente, Paul. Não seria bom que Serge suspeitasse de algo depois. Quando Babette se tornar primeira-dama, talvez dê sopa em um abrigo para sem-teto. Mas há uma sem-teto com a qual ela se importa tão pouco quanto eu ou você.

Afastei minhas mãos. Quer dizer, tirei minhas mãos das de minha esposa e as cruzei.

— Não é uma boa ideia — falei.

— Paul...

— Não, escute. Sou eu. É quem eu sou. Não estou tomando os comprimidos. Neste instante, eu e você somos as únicas pessoas que sabem disso. Mas essas coisas são descobertas. Eles vão revirar e vão descobrir. O psicólogo escolar, o fato de eu estar de licença e depois aquele diretor da escola de Michel... Estaria tudo na mesa como um livro aberto. Para não falar de meu irmão. Meu irmão seria o primeiro a dizer que algo assim, vindo de mim, não o surpreendia nem um pouco. Talvez ele não diga isso em voz alta, mas seu irmão mais novo já fez coisas a ele antes. Seu irmão mais novo que sofre de algo que precisa de medicação. Comprimidos, que ele joga no vaso.

Claire não disse nada.

— Ele não vai deixar que nada que eu faça atrapalhe seus planos, Claire. Seria o sinal errado.

Esperei um momento. Tentei não piscar.

— Seria o sinal errado caso eu fizesse isso — completei.

Cerca de cinco minutos após Claire ter saído ouvi outro bipe vindo de sob o guardanapo de Babette.

Ambos havíamos levantado ao mesmo tempo. Eu e minha esposa. Coloquei os braços ao redor dela e a apertei junto a mim. Enterrei o rosto em seus cabelos. Muito lentamente, sem fazer ruído, respirei pelo nariz.

Depois voltei a me sentar. Vi minha esposa partir, até ela desaparecer de vista em algum ponto além do púlpito.

Peguei o telefone de Babette, abri a tampa e olhei para a tela.

“Duas novas mensagens”. Apertei Mostrar. A primeira era uma mensagem de texto de Beau. Tinha apenas uma palavra. Uma palavra, sem maiúscula e sem ponto final: “mamãe”.

Apertei Apagar.

A segunda mensagem dizia que havia um recado na caixa postal.

Babette usava uma operadora diferente. Eu não sabia o número para acessar a caixa postal. Resolvi arriscar olhando em Contatos, e na letra C encontrei Caixa postal. Não consegui conter um sorriso.

Depois do aviso da moça da caixa postal de que havia uma mensagem nova, ouvi a voz de Beau.

Escutei. Enquanto escutava fechei os olhos brevemente uma vez, depois os abri. Fechei a tampa. Não recoloquei o telefone de Babette na mesa; enfiei-o no bolso.

— Seu filho não gosta de restaurantes como este?

Fiquei tão sobressaltado que me sentei ereto.

— Ah, me desculpe — disse o gerente. — Não queria assustá-lo. Mas eu o vi conversando com seu filho no jardim. Pelo menos imaginei que fosse seu filho.

A princípio, por um momento não tive ideia de sobre o que ele falava. Mas então soube de imediato.

O fumante. O homem fumando do lado de fora do restaurante. O gerente vira a Michel e a mim esta noite, no jardim.

Não entrei em pânico — aliás, para ser honesto, não senti absolutamente nada.

Só então vi que o gerente estava segurando um pires, um pires com a conta.

— O Sr. Lohman esqueceu de levar a nota fiscal. Então pensei em entregá-la ao senhor. Talvez o veja logo.

— Sim — confirmei.

— Eu o vi de pé com seu filho, havia algo em sua postura — continuou o gerente. — Na postura de ambos, devo dizer, algo idêntico. Algo que só se

vê em pai e filho, eu acho.

Olhei para o pires, o pires com a nota. O que ele esperava? Por que não ia embora, em vez de ficar ali tagarelando sobre a postura dos outros?

— Sim — repeti; não significava uma confirmação das suposições do gerente, era apenas uma forma educada de preencher o silêncio.

De qualquer forma, eu não tinha nada a dizer a ele.

— Também tenho um filho — prosseguiu o gerente. — Tem apenas cinco anos. Mas algumas vezes me surpreendo com quanto ele se parece comigo. Como faz certas coisas exatamente como eu. Pequenos gestos. Costumo tocar meu cabelo, por exemplo, enrolá-lo entre os dedos quando estou entediado ou preocupado com algo... Eu... Eu também tenho uma filha. Tem três anos e é como a mãe. Em tudo.

Peguei a nota fiscal no pires e olhei o total. Não vou relacionar todas as coisas que você poderia fazer com uma quantia como aquela ou quantos dias uma pessoa normal teria de trabalhar para ganhar aquilo — se não fossem obrigados pela tartaruga de gola rulê branca a passar semanas lavando pratos na cozinha aberta. Não vou mencionar a quantia propriamente dita, o tipo de quantia que o faria cair na gargalhada. Que foi exatamente o que fiz.

— Espero que tenha tido uma noite agradável — disse o gerente, mas ainda assim não foi embora.

Ele esfregou a beirada do pires vazio com a ponta dos dedos, deslizou-o alguns centímetros sobre a toalha de mesa, ergueu-o e pousou-o de novo.

— Claire?

Pela segunda vez naquela noite eu abria a porta do toalete feminino e chamava seu nome. Mas não houve resposta. Em algum lugar do lado de fora ouvi uma sirene de polícia.

— Claire? — chamei novamente.

Avancei alguns passos até ficar além do vaso de narcisos brancos e notei que todos os reservados estavam vazios. Ouvi a segunda sirene ao passar pela chapelaria e o púlpito na direção da saída e alcançar o lado de fora. Agora podia ver através das árvores as luzes piscando diante do bar de pessoas comuns.

Uma reação normal teria sido eu caminhar mais rápido, começar a correr — mas não fiz isso. Na verdade, senti algo escuro e pesado no lugar onde deveria estar meu coração, mas o peso era um peso calmo. A sensação escura em meu peito também tinha tudo a ver com uma noção de inevitabilidade.

Minha esposa, pensei.

Mais uma vez senti uma forte ânsia de começar a correr. Chegar sem fôlego ao bar — onde sem dúvida não permitiriam que eu entrasse.

“Minha esposa!”, eu arfaria. “Minha esposa está aí dentro!”

E foi exatamente essa cena projetada dentro de minha cabeça que me fez desacelerar. Cheguei à trilha de cascalho que levava à ponte. Quando cheguei lá não estava mais andando devagar em um sentido normal, eu podia dizer pelo som que minhas solas faziam no cascalho, pelas pausas entre os passos: eu estava andando em câmera lenta.

Coloquei a mão na balaustrada e parei. As luzes piscando refletiam na superfície escura abaixo dos meus pés. Pela abertura entre as árvores no lado mais distante eu agora tinha uma clara visão do bar. Estacionados junto ao meio-fio, diante das mesas externas, havia três Volkswagen da polícia e uma ambulância.

Uma ambulância. Não duas.

Era agradável sentir tal calma, ser capaz de ver todas as coisas dessa forma — de maneira quase independente umas das outras — e chegar às minhas próprias conclusões. Eu me sentia do modo como me senti antes de momentos de crise (a hospitalização de Claire; a tentativa fracassada de Serge e Babette de levar meu filho embora; a gravação da câmera de segurança); eu sentira, e estava sentindo de novo, que a partir da minha calma eu poderia agir. Prontamente e com eficiência.

Olhei de volta para a entrada do restaurante, onde algumas garçonetes haviam se reunido, pelo jeito atraídas pelas sirenes e luzes piscantes. Achei

também ter visto o gerente ali, ou pelo menos vi um homem de terno acendendo um cigarro.

Eles provavelmente não podiam me ver de lá, pensei por um momento, mas então me dei conta de que algumas horas antes eu vira Michel cruzar pedalando aquela mesma ponte.

Tinha de avançar. Não podia ficar mais tempo imóvel ali. Não podia correr o risco de que uma das garçonetes testemunhasse que vira um homem na ponte. "Muito estranho. Ele estava só de pé ali. Acham que isso pode ser importante?"

Tirei o celular de Babette do bolso e o segurei acima da água. Ao som do aparelho batendo lá embaixo, um pato apareceu nadando. Depois me afastei da balaustrada e comecei a andar. Não mais em câmera lenta, mas no ritmo mais normal que pude: não devagar demais, não rápido demais. Do outro lado da ponte cruzei a ciclovia, olhei para a esquerda e fui até o ponto do bonde. Alguns espectadores já haviam se reunido, não realmente uma multidão àquela hora, não mais que vinte pessoas. À esquerda do bar havia um beco. Fui até ele.

Eu mal havia chegado ao meio-fio quando as portas de vaivém do café se abriram, literalmente escancararam com duas batidas. Saiu uma maca, uma maca sobre rodas, empurrada e puxada em cada ponta por dois paramédicos. Um dos paramédicos atrás segurava uma bolsa de soro. Atrás dele vinha Babette, que não usava mais óculos e levava um lençol aos olhos.

A cabeça da pessoa na maca era a única coisa saindo de sob o lençol verde. Eu sabia o tempo todo, de fato, mas ainda assim dei um suspiro de alívio. A cabeça estava coberta de compressas e gaze. Compressas e gaze sujas de sangue.

Os paramédicos empurraram a maca para a traseira da ambulância, que já estava aberta e esperando. Dois deles subiram na frente, os outros dois, atrás, com Babette. A porta se fechou, a ambulância se afastou do meio-fio em disparada e virou à direita, na direção do centro da cidade.

A sirene foi ligada, o que era um bom sinal.

Ou não: dependia do ponto de vista.

Mas não tive muito tempo para pensar no futuro imediato, porque as portas de vaivém se abriram de novo.

Claire caminhou para fora entre dois policiais uniformizados; não estava algemada, na verdade eles nem sequer a seguravam. Ela olhou ao redor, examinou os rostos no pequeno grupo procurando aquele conhecido.

Então o encontrou.

Olhei para ela, que olhou para mim. Dei um passo à frente, ou pelo menos meu corpo traiu o fato de que queria dar um passo à frente.

Foi nesse momento que Claire balançou a cabeça.

Não, ela dizia. Ela já estava quase em uma das viaturas, e a porta de trás era mantida aberta por um terceiro policial. Olhei ao redor para ver se alguém no grupo teria percebido para quem Claire balançara a cabeça, mas ninguém tinha olhos para outra coisa que não a mulher sendo levada para o carro de polícia.

Quando chegou à patrulha, Claire parou por um momento. Procurou e encontrou meus olhos mais uma vez. Fez um movimento com a cabeça que para um estranho teria parecido que ela apenas se abaixava para não bater no teto do carro, mas para mim a cabeça de Claire apontava inconfundivelmente em determinada direção.

Para algo logo atrás dela e do lado, para o beco, o caminho mais curto para casa.

Casa, minha esposa dissera. Vá para casa.

Não esperei que o carro de polícia partisse. Virei e saí andando.

Que tipo de gorjeta você deixa em um restaurante onde a conta faz com que caia na gargalhada? Lembro-me de conversarmos sobre isso antes, com frequência, não apenas com Serge e Babette, mas também com outros amigos com os quais havíamos comido em restaurantes holandeses. Digamos que após um jantar para quatro pessoas você tenha de pagar mil e duzentos euros — e, veja bem, não estou dizendo que nosso jantar custou mil e duzentos euros — e pense em dar uma gorjeta de dez a quinze por cento. A consequência lógica é que se espera que você deixe para trás uma quantia de não menos de cem e não mais que cento e sessenta euros.

Uma gorjeta de cento e sessenta euros — não consigo evitar, me faz rir. Eu tinha de ser cuidadoso em momentos assim, caso contrário cairia na gargalhada de novo. Um riso bastante nervoso, como rir em um funeral, ou em uma igreja onde você deveria ficar em silêncio.

Mas nossos amigos nunca riam. “Essas pessoas vivem das gorjetas, não é?”, disse um bom amigo durante uma refeição em um restaurante comparável.

Na manhã de nosso jantar eu sacara mil e quinhentos euros em um caixa eletrônico. Jurara pagar a conta inteira, incluindo a gorjeta. Faria isso rapidamente, colocaria as trinta notas de cinquenta euros no pires antes que meu irmão pudesse sacar seu cartão de crédito.

No final da noite, quando de qualquer forma coloquei os mil quatrocentos e cinquenta euros remanescentes no pires, o gerente de início achou que eu não havia entendido. Ele estava prestes a dizer algo. Quem sabe, talvez fosse dizer que uma gorjeta de cem por cento era realmente boa demais, mas eu me adiantei.

— Isto é para você — expliquei. — Se me prometer que nunca me viu com meu filho no jardim. Nunca. Não agora. Não em uma semana. E também não daqui a um ano.

* * *

Serge perdeu a eleição. No começo houve alguma simpatia dos eleitores pelo candidato com o rosto arrasado. Uma taça de vinho branco — uma taça de vinho branco quebrada logo acima da haste, deveria dizer — deixa ferimentos peculiares. O modo como cicatrizam é particularmente peculiar, deixando muitas saliências e áreas vazias onde o antigo rosto nunca se recupera. Nos primeiros dois meses o operaram três vezes. Depois da última operação ele usou barba por algum tempo. Ao pensar nisso agora,

acho que a barba determinou a virada. Ele esteve em feiras livres, canteiros de obras, diante de portões de fábricas, usando jaquetas e distribuindo panfletos — de barba.

Serge Lohman começou a despencar nas pesquisas. O que parecera um fato alguns meses antes se tornou uma queda livre. Um mês antes das eleições Serge raspou a barba. Foi o gesto final de desespero. Os eleitores viram o rosto com cicatrizes. Mas também viram as áreas vazias. É impressionante, e de certa forma injusto, o que um rosto danificado pode fazer a uma pessoa. Você olha para as áreas vazias e não consegue deixar de pensar no que costumava haver ali.

Mas a barba decididamente foi o coup de grâce. Ou melhor, primeiro a barba, depois raspá-la. Quando já era tarde demais. Serge Lohman não sabe o que quer, foi a conclusão dos eleitores, e eles votaram naquilo que já conheciam. Na mancha no papel de parede.

Serge, claro, nunca prestou queixa. Prestar queixa contra a cunhada, esposa do irmão, isso de fato teria enviado o sinal errado.

“Acho que ele agora entende”, comentou Claire algumas semanas depois, no bar. “Ele mesmo disse: queria resolver isso em família. Acho que ele agora entende que certas coisas simplesmente têm de ficar em família.”

Como quer que fosse, Serge e Babette tinham outras coisas na cabeça. Coisas como o desaparecimento do filho adotivo, Beau. Eles fizeram um grande esforço. Uma campanha publicitária em jornais e revistas, cartazes por todo o país e uma aparição no programa de TV Desaparecido.

Durante o programa foi tocada a mensagem que Beau deixara na caixa postal da mãe antes de desaparecer. O celular de Babette nunca foi recuperado, mas a mensagem havia sido salva, embora ela ganhasse um sentido diferente do que tinha na noite de nosso jantar.

— Mamãe, o que quer que aconteça... Só quero que saiba que eu a amo...

É possível dizer que eles moveram céus e terra para encontrar Beau, mas também havia dúvidas. O editorial de uma revista semanal foi o primeiro a sugerir que Beau poderia ter se cansado dos pais adotivos, que retornara ao país natal. “Com frequência, durante os ‘anos difíceis’, crianças adotivas procuram os pais naturais”, escreveu a revista. “Ou pelo menos ficam curiosas sobre o lugar onde nasceram.”

Um jornal dedicou um artigo de página inteira ao caso, no qual era apresentada publicamente, pela primeira vez, a questão de se pais biológicos se esforçariam mais cuidando dos filhos do que os adotivos. Foram dados exemplos de pais adotivos com filhos problemáticos que acabavam se distanciando das crianças. Os problemas que acompanhavam a criação dessas crianças costumavam ser fruto de uma combinação de fatores. A incapacidade de encontrar um lugar em uma cultura estranha foi

mencionada como o primeiro, seguido pelos aspectos biológicos: as “falhas” que essas crianças haviam herdado dos pais naturais. E, no caso de adoção em uma idade mais avançada, as coisas que poderiam ter acontecido à criança antes que ela fosse absorvida pela nova família.

Pensei sobre aquela época na França, a festa no jardim do meu irmão. Quando os fazendeiros franceses pegaram Beau roubando uma de suas galinhas e Serge dissera que seus filhos nunca fariam tal coisa. Seus filhos, ele dissera, sem fazer qualquer distinção.

Eu me lembrei novamente de um abrigo para animais. Também nele você não tem ideia do que aconteceu a um cachorro ou gato antes de levá-lo para casa, se ele foi espancado ou trancado por dias em uma adega escura. Nesse caso não importa muito. Se o cachorro ou gato se revelar intratável, você o devolve.

No final do artigo o autor especulava se pais biológicos tenderiam a ter menos probabilidade de se distanciar de um filho intratável ou problemático.

Eu sabia a resposta, mas antes dei o artigo a Claire para que lesse.

— O que você acha? — perguntei quando ela terminou.

Estávamos sentados à mesinha da cozinha, com os restos do café da manhã. A luz do sol batia em nosso jardim e no balcão da cozinha, Michel saía para um treino de futebol.

— Muitas vezes fiquei me perguntando se Beau teria tentado chantagear o irmão e o primo se realmente fosse parte da família — respondeu Claire. — Claro que irmãos naturais às vezes brigam, às vezes até mesmo se recusam a se ver de novo. Ainda assim... No final das contas, em questões de vida ou morte, eles ainda estão lá caso o outro precise.

Claire começou a rir.

— O que foi? — indaguei.

— Eu simplesmente me ouvi falando — disse ela, ainda rindo. — Sobre irmãos e irmãs. E veja com quem estou falando.

— É — respondi. Também estava rindo.

Depois, não dissemos nada por algum tempo. Apenas nos olhamos de vez em quando. Como homem e mulher. Como duas partes de uma família feliz, pensei. Claro que coisas haviam acontecido, mas nos últimos tempos eu me lembrava com mais frequência de um naufrágio. Uma família feliz pode sobreviver a um naufrágio. Não estou tentando dizer que a família será mais feliz depois, mas de qualquer forma não será mais infeliz.

Claire e eu. Claire, Michel e eu. Partilhávamos algo. Algo que não estivera ali antes. Certo, não partilhávamos todos a mesma coisa, mas talvez isso não seja necessário. Você não precisa saber tudo sobre o outro. Segredos não impedem a felicidade.

Pensei sobre aquela noite, depois de nosso jantar. Eu ficara um tempo

sozinho em casa antes que Michel chegasse. Em nossa sala de estar há uma antiga arca de madeira com gavetas onde Claire guarda suas coisas. No mesmo instante em que abria a primeira gaveta, tive a sensação de que iria fazer algo de que iria me arrepender depois.

Não conseguia deixar de pensar em quando Claire estivera no hospital. Em dado momento, fizeram um exame nela enquanto eu estava lá. Eu me sentei em uma cadeira ao lado do leito e segurei sua mão. O médico me convidou a olhar o monitor enquanto inseria algo em minha esposa — um tubo, um cateter, uma câmera —, e eu olhei só por um momento antes de desviar os olhos. Não que as imagens fossem demais para mim ou que tivesse medo de desmaiar; não, foi outra coisa. Achei que não tinha o direito.

Já estava prestes a interromper minha busca quando encontrei o que estava procurando. A gaveta de cima continha óculos velhos, prendedores de cabelos e brincos que ela não usava mais. Mas a gaveta seguinte estava cheia de papéis: carteirinha de sócio do clube de tênis, apólice de seguro da bicicleta, uma autorização de estacionamento vencida e um envelope com o nome de um hospital no canto inferior esquerdo.

O nome do hospital no qual Claire havia sido operada, mas também o hospital onde Michel nascera.

“Exame de fluido amniótico” estava impresso no alto da folha de papel que tirei do envelope. Bem abaixo havia dois quadradinhos, um com “menino”, o outro com “menina”.

O quadradinho com “menino” fora marcado.

Claire sabia que teríamos um menino, foi a primeira coisa que passou pela minha cabeça. Mas nunca me dissera. Continuamos a pensar em nomes de meninas até o dia em que ela entrou em trabalho de parto. Nunca houve nenhuma dúvida acerca do nome de menino: seria “Michel” anos antes de Claire engravidar. Mas, no caso de uma menina, ainda estávamos em dúvida entre “Laura” e “Julia”.

Havia toda uma coluna de números escritos à mão na folha. Algumas vezes também vi a palavra “bom”.

Perto do final, sob o título “detalhes”, havia uma caixa de aproximadamente cinco por dez centímetros. Essa caixa estava quase toda tomada pela mesma caligrafia quase ilegível que escrevera os números e marcara a caixinha que dizia “menino”.

Comecei a ler. E parei imediatamente.

Dessa vez não era que eu achasse não ter o direito. Não, era algo diferente. Eu pensei: precisava saber isso? Quero saber isso? Isso nos tornará mais felizes como família?

Abaixo da caixa com o relato manuscrito havia duas caixas menores. Ao

lado de uma estava impresso "Decisão médico/hospital" e, ao lado da outra, "Decisão pais".

A caixa com "Decisão pais" havia sido marcada.

Decisão pais. Não dizia "Decisão pai" ou "Decisão mãe". Dizia "Decisão pais".

São as duas palavras que levarei comigo a partir de agora, pensei enquanto dobrava o formulário de novo, colocava no envelope e o enfiava sob a autorização de estacionamento vencida.

"Decisão pais", disse a mim mesmo em voz alta enquanto fechava a gaveta.

Depois que ele nasceu, todos, incluindo os pais de Claire e outros parentes próximos dela, disseram que Michel era a minha cara. "Uma cópia!", gritavam os visitantes assim que Michel era levantado do berço.

Claire também tivera de rir disso. A semelhança era forte demais para negar. Depois as coisas mudaram um pouco; à medida que ele crescia era possível, com algum esforço e uma dose de boa vontade, identificar também alguns dos traços da mãe. Particularmente os olhos, e algo no pequeno espaço entre nariz e lábio superior.

Uma cópia. Após fechar a gaveta, fui escutar a secretária eletrônica.

"Oi, querido!", ouvi a voz de minha esposa dizer. "Como está? Não está entediado demais, está?" No silêncio que se seguiu pude ouvir claramente os sons do restaurante: o murmúrio de seres humanos, pratos sendo empilhados. "Certo, vamos tomar nosso café agora e estaremos em casa em cerca de uma hora. Então você tem tempo para arrumar sua bagunça. O que você juntou?"

De novo, silêncio.

"Sim..." Silêncio. "Não..." Silêncio. "Certo."

Eu conhecia o manual do aparelho de telefone de casa. Se você apertasse três, a mensagem seria apagada. Meu polegar já estava apoiado na tecla três.

"Tchau, querido, amo você."

Apertei.

Meia hora depois Michel chegou em casa. Ele me beijou no rosto e perguntou onde mamãe estava. Disse que ela chegaria um pouco mais tarde e que eu logo explicaria tudo. Notei que os nós dos dedos da mão esquerda de Michel estavam esfolados; ele era canhoto como eu, e nas costas da mão havia um fio de sangue seco. Só então o examinei da cabeça aos pés. Também vi sangue em sua sobrelhaça esquerda, lama seca em seu casaco e ainda mais lama em seus tênis brancos.

Perguntei como havia sido.

E ele me contou. Contou que Homens de preto III havia sido removido

do YouTube.

Ainda estávamos de pé no corredor. Em dado momento, na metade de sua história, Michel parou e olhou para mim.

— Pai! — disse ele.

— O quê? O que é?

— Você está fazendo de novo!

— O quê?

— Está rindo! Você também fez isso da primeira vez que contei sobre o caixa eletrônico. Lembra? No meu quarto? Quando contei sobre a luminária de mesa, você começou a rir, e quando cheguei ao galão você ainda estava rindo.

Ele olhou para mim. Olhei para ele. Olhei nos olhos do meu filho.

— E agora você está rindo de novo — falou. — Quer que continue? Tem certeza de que quer ouvir tudo?

Eu não falei nada. Apenas olhei.

Então Michel deu um passo à frente, passou os braços ao redor de mim e me abraçou.

— Meu velho e querido pai — disse.

Sobre o autor



Herman Koch, nascido em 1953, na Holanda, é escritor, ator e colunista de jornal em seu país. O jantar, seu sexto romance, foi vencedor do

prestigiado prêmio holandês Publieksprijs, em 2009. Herman Koch mora em Amsterdã.